

VII SBPE

VII SIMPÓSIO
BRASILEIRO DO
PENSAMENTO
ESPÍRITA



TEMAS DO PENSAMENTO ESPÍRITA III
11 A 14 DE OUTUBRO
DE 2001 = CAJAMAR = SP



Instituto Cultural
Kardecista de Santos

Série SBPE

Anais do VII SBPE

Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita

1ª Edição

ICKS– 2001 – Edição Impressa

2ª Edição

Editora ICKS – abril de 2024

ICKS – Revisão ortográfica, inclusões e edição – Alexandre Cardia Machado

Editora

ICKS – Instituto Cultural Kardecista de Santos

Introdução à edição digital

O ICKS tem a forte intenção de disponibilizar todos os anais dos Simpósios Brasileiros do Pensamento Espírita – SBPE. A consecução desta tarefa, neste momento tem uma motivação especial que reproduzo aqui.

Na edição de maio de 2024, no Jornal Abertura escrevi o seguinte:

“Abrindo a mente

Os anais cor de rosa do SBPE - Possível Comunicação Mediúnica

Coincidência ou não? Na noite de 27 para 28 de abril, Marcelo Henrique me comenta por WhatsApp que havia se comunicado com Jaci Régis por via mediúnica. Jaci se mostrou feliz pelo trabalho que ele e o ECK estão desenvolvendo e por manter o interesse pelas obras dele.

Pensei, pena que hoje no ICKS não temos mais trabalhos mediúnicos, ou mesmo médiuns, tínhamos uma sócia já desencarnada que nos passava “recados e demonstração de alegria de Jaci, com a continuidade do ICKS”, era ela - Lizette Silva Saldanha Conde. Sabemos que Jaci trabalha hoje no grupo de apoio espiritual no CEAK e também com outros grupos, mas nunca nos manda recado.

Vamos aos fatos, nesta mesma noite tive, em sonho, tive uma intuição que atribuo a Jaci, vejamos o que me lembro “ veja os anais do SBPE de capa cor de rosa”, ao despertar conversei com a Cláudia, minha esposa e disse, mas não tem Anais de capa rosa? São azuis e tem um que é verde. Fiquei com a pulga e fui checar. Surpresa, a capa do VII -SBPE era rosa, não me lembrava. Puxa, fiquei com um problema. O que haveria ali para revisar? Dei uma olhada, muitos trabalhos bem interessantes e pelo menos o trabalho que Jaci apresentou foi – “Papel do Perispírito na reencarnação” – trabalho este que havíamos considerado um dos de maior impacto dos SBPEs, lá atrás no XIV SBPE em 2013. Seria isso? Difícil saber.

Esta é uma das grandes dificuldades do processo mediúnico, inspiração? Insight? Ou só desejo?”

Posteriormente, no dia 8 de junho de 2024, dia do sepultamento de Eugenio Lara, fui buscar nos meus backups, fotos do Eugenio, nos diversos SBPEs, foi quando ao abrir a pasta do VII SBPE, encontrei os anais em formato pdf. Não tive como voltar à história acima relatada e concluí, acho que era isso que Jaci estava tentando me lembrar!

Seja como for, aqui está, disponível para o público os anais deste Simpósio.

Desfrutem, usem como referência os diversos trabalhos muito interessantes apresentados naquele evento de 2001.

Nosso empenho em divulgar, se dá por esta razão, permitir o compartilhamento desta enorme produção, diversa e profunda.

Alexandre Cardia Machado

Presidente do ICKS

Introdução original

A sétima edição do Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita, neste ano de 2001, inaugurando as atividades do ICKS- Instituto Cultural Kardecista de Santos, representa mais um esforço e mais um avanço no propósito de dar ao Espiritismo uma oportunidade de debater temas e ideias que o vitalizem e darão seguimento ao seu constante processo de atualização.

Os trabalhos aqui reunidos são fruto da inteligência e do pensamento de espíritas que reproduzem suas inquietações e trazem sua contribuição para a reflexão e o esclarecimento de dúvidas, abrindo novas perspectivas para o entendimento do complexo humano.

Cada autor teve total liberdade de exposição de suas ideias e recolherão nos debates durante o VII SBPE sugestões, contradições e acréscimos, ampliando suas próprias ideias.

É salutar registrar que dois terços dos trabalhos são de autores que não haviam apresentado teses nos Simpósios anteriores

Índice dos Autores

ADEMAR ARTHUR CHIRO DOS REIS-Médico sanitaria, professor universitário, escritor e expositor espírita, presidente do CE Allan Kardec-Santos, SP, membro do CPdoc.

BERTHA M. DE ANDRADE VIDILI- Professora, pesquisadora e escritora. Formação em Música com pós-graduação em Musicoterapia. Tem livros publicados, destinados a musicalização infantil e à infância espírita. Trabalha, junto com a família, na educação espírita infantil.

CARLOS ALBERTO FARACO GROSSINI- Administrador hospitalar, Diretor do Departamento de Estudos da Mediunidade do Centro Cultural espírita de Porto Alegre, Coordenador de Grupos de Estudos no CCEPA tendo iniciado seus estudos em 1991 neste mesmo local.

EUGENIO LARA- Arquiteto, jornalista e expositor espírita, editor gráfico do jornal ABERTURA-Santos, SP.

JACI RÉGIS- Psicólogo clínico, jornalista e economista, escritor e expositor espíritos, editor do jornal ABERTURA- Santos e presidente do ICKS- Instituto Cultural Kardecista de Santos.

LUIZ FUCHS- Jornalista e articulista espírita. Diretor do Departamento de Mocidades e Comunicação Social da USE- União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo.

MARIA CRISTINA ZAIDA- Médica radiologista, professora universitária, coordenadora do Centro Cultural Espírita Livre-Pensar e membro do CPDoc.

ORLANDO VILARRAGA- Engenheiro, escritor e editor espírita.

RUI PAULO NAZÁRIO DE OLIVEIRA- Promotor de Justiça, vice-presidente do CCEPA, coordenador de grupo de estudos.

SADY CARLOS DE SOUZA JUNIOR -Graduação: em Licenciatura Plena em Filosofia pela Universidade de Caxias do Sul, Pós-Graduação: Especialista em Ciências Sociais e Agrárias pela Universidade de Caxias do Sul, Mestre em Letras pela Universidade de São Paulo. Participa das atividades Doutrinárias do Centro Espírita Casa de Emmanuel -Butantã/SP; realiza estudos na FEESP Federação Espírita do Estado de São Paulo.

SAULO DE MEIRA ALBACH- Advogado, Procurador do Município de Curitiba, membro do Centro Cultural Espírita "Livre pensar", de Curitiba-PR, membro do CPDOC-Santos/SP.

Membro do Conselho Executivo da CEPA, integrante da banda "Alma Sonora", de Curitiba-PR

Índice

1 - Pesquisas Genéticas: Implicações Bioéticas e Espirituais - Ademar Arthur Chioro dos Reis	Página 7
2 - Musicoterapia: Uma opção para o Tratamento de Problemas Físicos, Psicológicos e Espirituais - Bertha M. De Andrade Vidili	Página 29
3 - A Mediunidade de Hoje - Carlos Alberto Faroco Grossini	Página 35
4 - O Sono – “Uma Abordagem Médica e Espírita” - Maria Cristina Zains	Página 53
5 - Amélie, Uma Mulher de Verdade - Eugenio Lara	Página 74
6 - Papel do Perispírito na Gestação - Jaci Régis	Página 88
7 - O Pensamento Pós- Moderno e o Espiritismo - Luiz Fuchs	Página 97
8 - A Ação de Deus na Concepção Espírita - Rui Paulo Nazário de Oliveira	Página 108
9 - Uma Abordagem Comparativa do Discurso numa Perspectiva Semiótico-linguística em Leonardo Da Vinci e Thomas A. Edison. Com o Fim de Aperfeiçoamentos uma Hipótese Científica da Reencarnação - Sady Carlos de Souza Júnior	Página 132
10 - Panorama da Canção Espírita no Brasil - Paulo de Meira Albach	Página 143
11- Apometria - Sebastião Catai	Página 162
12 - Seremos Todos Espíritas? Da utopia ao Sonho - Wilson Garcia	Página 182
13 - Sobre o ICKS - Instituto Cultural Kardecista de Santos - Livros e outros aspectos práticos para os leitores	Página 189

1 - Pesquisas Genéticas:

Implicações Bioéticas e Espirituais

Ademar Arthur Chioro dos Reis

“Alguns dizem que sequenciar o genoma humano vai diminuir a humanidade por tirar o mistério da vida. Os poetas argumentam que o sequenciamento do genoma é um exemplo de reducionismo esterilizante que vai lhes roubar a inspiração. Nada poderia estar mais longe da verdade. As complexidades e a maravilha de como as substâncias químicas inanimadas, que são o nosso código genético, dão origem ao imponderável do espírito humano devem manter os poetas e os filósofos inspirados durante milênios.”

Craig Venter (Celera Genomics)

“Captamos o primeiro vislumbre de nosso livro de instruções, antes só conhecido por Deus”

Francis Collis (Projeto Genoma Humano- Publico)

Introdução

Entre os eixos que compõem a agenda para o processo de atualização do espiritismo, encontra-se o conjunto de questões relacionadas ao mundo contemporâneo para as quais o espiritismo não possui posições claramente definidas que possam produzir uma contribuição para a sociedade. Ou cuja versão, difundida publicamente, restringe-se às opiniões de algumas lideranças encarnadas ou de um espírito (muitas vezes legitimadas não pelo seu conteúdo, mas sim pelo reconhecimento moral e projeção do médium) sem que sejam submetidas a análise crítica e ao método da concordância universal.

Atualmente, uma das mais inquietantes polemicas estabelecida diz respeito aos avanços obtidos no campo de genética e suas implicações éticas, médicas, econômicas e sociais. Procuramos nesse estudo desenvolver o “estado da arte” desse tema no contexto acima apresentado, construindo uma reflexão que priorizasse o levantamento de problemas, sem a pretensão de formular respostas definitivas.

As questões relativas às experiências genéticas lidam com a expressão material da vida, mas também as suas relações com o espírito. Sendo assim, entendemos que é possível formular uma contribuição espírita para as chamadas questões de vida, como assim designou BERLINGUER (1993), que têm sido objeto de estudo de uma nova ciência intitulada bioética, que surge a partir de 1978 e estuda as dimensões morais das ciências da vida e do cuidado da saúde, utilizando uma variedade de metodologias éticas num contexto multidisciplinar (PESSINI e BARCHIFONTAINE, 1991).

Os avanços tecnológicos nesse campo trazem verdadeiras inquietações porque manipulam a própria vida. Em se tratando do Projeto Genoma Humano, mais ainda, porque seu objetivo é decifrar a própria pessoa humana, sua história como espécie e sua potencialidade evolutiva, avançando numa velocidade surpreendente. Mas restam ainda muitas dúvidas. Entre os dilemas éticos encontram-se os interesses

econômicos que movem as pesquisas (diagnósticos genéticos, patenteamento de exames, medicamentos e do próprio ser humano, restrição pelas seguradoras), o risco de estigmatização e a inexistência de legislações específicas.

Nesse estudo refletimos, à luz da filosofia espírita, alguns princípios éticos que devem nortear a pesquisa genética. Identificamos e discutimos, ainda, questões éticas que se colocam na dimensão do espiritismo apresenta, potencialmente, capacidade de produzir uma importante contribuição.

Além das já aqui apontadas, destacamos: a terapia genética, a clonagem de órgãos e seres humanos, a utilização de embriões para a pesquisa e propósitos eugênicos, o controle da natalidade, a fecundação artificial e a reprodução assistida, a necessidade de vínculo matrimonial, a doação de gametas, a criopreservação de gametas e embriões, o sexo e outras características morfológicas do bebê, a gravidez de substituição, o aborto (eugênico, terapêutico, seletivo ou voluntário) e a eutanásia.

Outro desafio fundamental nesse debate é estabelecer os limites e definir até onde avançar nas pesquisas, pois se lida com duas questões extremamente intrigantes (BERLINGUER 1993;GARRAFA 1998):

- a) a manifestação de vida e os temas do “limite” em sistemas em sistemas complexo de realidade,
- e
- b) o endeusamento/demonização da ciência.

A liberdade científica é moralmente justificada na medida em que as consequências do seu uso, além de serem benéficos para a humanidade, estejam dentro das fronteiras éticas. O papel da sociedade (e dos espíritos) é garantir a vigilância necessária para a manutenção e inquietude e da liberdade científica sem, contudo, provocar a emergência de um terror que impeça a reflexão e a ponderação cuidadosas frente às novas descobertas (que se tornam antiéticas quando são utilizadas de forma atentatória aos valores que cultivamos, como respeito a vida, à individualidade, à diferença, compreensão e solidariedade). Quando Kardec perguntou aos espíritos se o aperfeiçoamento das raças animais e vegetais pela ciência eram contrários a lei natural (Kardec, 1998), por não permitir que as coisas sigam seu curso natural, obteve como resposta que tudo deveria ser feito para alcançar a perfeição, e que o próprio homem seria um instrumento do qual Deus se serviria para alcançar seus fins.

É exatamente sob prisma que desenvolvemos a abordagem deste tema. A grande contribuição do espiritismo, nesse debate, é apontar para a existência do espírito, a imortalidade da alma e a evolução infinita. Nós, espíritos imortais, somos os construtores do universo, do nosso destino e felicidade. E duas questões centrais se impõem nesse debate: o que é um indivíduo?

Quando/onde começa a vida?

A BIOÉTICA COMO REFERENCIAL

Bioética pode ser definida como reflexão de caráter transdisciplinar, focalizada prioritariamente no fenômeno vida humana ligada aos grandes avanços da tecnologia, das ciências biomédicas e dos cuidados à saúde das pessoas, independente de sua condição social e se funda no pluralismo ético ou a diversidade de

valores morais dominantes (e o Brasil é um exemplo de diversidade axiológica). Numa definição mais atual, bioética é o “estudo sistemático das dimensões morais das ciências da vida e do cuidado da saúde, utilizando-se uma variedade de metodologias éticas num contexto multidisciplinar” (REICH 1995, p.21).

A formulação de princípios éticos básicos surge efetivamente a partir de 1978/79, através da publicação do Relatório Belmont e da obra *Principles of Biomedical Ethics*, por Beauchamps e Childress (KIPPER e CLOTET 1998).

O Relatório Belmont apresenta os três princípios éticos básicos que podem ajudar na solução dos problemas éticos surgidos nas pesquisas com seres humanos: respeito pelas pessoas (autonomia e proteção), a beneficência (não como caridade, mas como uma obrigação, sem causar dano e maximizando os benefícios e minimizando os possíveis riscos) e a justiça (imparcialidade na distribuição dos riscos e benefícios). Tal documento, tomando como base o

Código de Nuremberg (1947) e a Declaração de Helsinque (1964), foi fruto do trabalho da Comissão Nacional para a Proteção dos Sujeitos Humanos da Pesquisa Biomédica, constituído pelo Congresso americano, provocando a partir das denúncias de grande repercussão pública obtidas a partir de três escândalos (PESSINI e BARCHIFONTAINE 1998):

- a) em 1963, no Hospital Israelita de doenças crônicas, em Nova York, foram injetadas células cancerosas vivas em idosos doentes para fins de pesquisa médica;
- b) entre as décadas de 50 e 70 do século passado, em um hospital público de Nova York, injetou-se vírus da hepatite em crianças com deficiência mental;
- c) desde os anos 30 (mas só em 1972 divulgado), no Estado do Alabama (EUA), 400 negros sífilíticos foram deixados sem tratamento para realização de um estudo sobre a história natural da doença, apesar do descobrimento da penicilina.

Beauchamps e Childress, com a publicação de sua obra em 1979, aplicam para a área clínico-assistencial o sistema de princípios, livrando-a do velho enfoque baseado em códigos e juramentos. Essa obra transformou-se na principal fundamentação teórica do novo campo da ética biomédica, estendendo o alcance do Relatório Belmont para quatro princípios: da beneficência; da não-maleficência; do respeito à autonomia; e, da justiça.

- a) princípio da beneficência.

No seu significado moral quer dizer “o dever de fazer o bem”. É uma manifestação da benevolência, uma disposição emotiva que tenta fazer o bem aos outros, de forma correta que todos os seres humanos normais possuem.

Alguns filósofos creem que a benevolência é um princípio natural, que faz com que façamos o bem, cuidemos da vida e da saúde. Outros, que a natureza humana é dominada pelas forças do egoísmo, da autoconservação e da competição (Thomas Hobbes e os teóricos do neoliberalismo, por exemplo). Mas o egoísmo não é o único dinamismo natural do ser humano, pois temos um senso moral ou sentido moral.

É uma dupla obrigação que nos impede a não causar danos, maximizar o número de possíveis benefícios e minimizar os prejuízos. A medicina como atividade humana é por necessidade uma forma de beneficência, o que lhe impõe uma finalidade moral, coerentemente com a filosofia espírita, calcada na

solidariedade, fraternidade e amor ao próximo e em contraposição a concepções como a de Nietzsche que diz que toda a ajuda é insulto, um grande equívoco.

b) princípio da não-maleficência segundo Hipócrates, a função da medicina é socorrer ou, ao menos não causar danos. Já para FRANKENA (1969): “O princípio da beneficência requer não causar danos, prevenir danos e retirar os danos ocasionados”. Segundo BEAUCHAMPS E CHILDRESS (1994), é a obrigação de não causar danos. Acaba envolvendo abstenção, ou seja, o que deixar de fazer para não causar dano, devido a todas as pessoas. Exige prudência (virtude que facilita a escolha dos meios certos para a produção de um bom resultado). Ou seja, pautar o agir pelo princípio da busca do que é bom e pela recusa do que é mau. É uma pena que muitos profissionais de saúde pensem em não causar danos a sua imagem e a de sua profissão. Entretanto, não pode ser exercido absolutamente, aniquilando a manifestação da vontade, dos desejos e dos sentimentos do paciente.

c) princípio da autonomia e do consentimento e livre esclarecido

apresenta um dilema ético: quem deve decidir? O ideal hipocrático contém uma lacuna no que se refere ao livre-arbítrio do paciente para decidir (a vontade não é mencionada). Só com o Renascimento e a Revolução Francesa é que os direitos humanos passam a ser considerados como inerentes à democracia. O movimento pluralista e democrático, trazido pelas revoluções democráticas a partir do século XVIII, só muito recentemente chegou à Medicina.

Os pacientes sempre foram considerados incompetentes físicos e morais. Desta forma, a relação tem sido paternalista e absolutista. Só em 1969 surgiu nos EUA, numa luta entre sociedades de consumidores e donos de hospitais, a primeira carta de Direitos do Paciente. A partir da década de 70, vários países passaram a adotar Cartas de Direitos do Paciente (hospitalizados). O Código de Saúde de São Paulo e a legislação que garante os direitos dos pacientes em nosso país possuem menos de cinco anos de existência legal.

Em bioética, a relação pode reduzir-se a três tipos de agentes, cada um com um significado moral específico: o profissional de saúde, guiado pelo princípio de beneficência (fraternidade); o paciente, pelo da autonomia (liberdade); e, a sociedade, pelo da justiça (igualdade).

Autonomia significa autogoverno, autodeterminação da pessoa para tomar decisões que afetam sua vida, sua saúde, sua integridade físico-psíquica, suas relações sociais (MUÑOZ e FORTES 1998). Refere-se a capacidade do ser humano decidir o que é bom, ou o que é seu bem-estar. Requer o respeito à liberdade de pensamento, existência de alternativas de ação, liberdade de ação e ao pluralismo ético-social (desde que não constituam ameaça a outras pessoas ou à coletividade).

Expressa-se como: “Princípio de liberdade moral, pois todo ser humano é agente moral autônomo e como tal deve ser respeitado por todos os que mantêm posições morais distintas(...)nenhuma moral pode impor-se aos seres humanos contra os ditames de sua consciência” (GRACIA 1990)

Não se espera que a autonomia seja total, pois é apenas um ideal. Como refere CHAUI (1995), a deliberação, no campo da ética, se faz dentro do possível. O ser humano não nasce autônomo, mas torna-se autônomo. Porém, de forma transitória ou permanente, alguns tem sua autonomia reduzida (crianças, portadores de necessidades especiais, situações em que se verifica intoxicações exógenas, coma, etc.).

Não é um direito moral absoluto, podendo vir a se contrapor com o do profissional de saúde que pode, por cláusula de consciência, se opor aos desejos do paciente de realizar certos procedimentos, tais como reprodução assistida, eutanásia, aborto, mesmo que haja amparo legal. A nossa lei garante plena autonomia para viver, mas não para morrer, pois coloca uma exceção à autonomia: quando se trata de perigo iminente de vida ou para evitar o suicídio, quando o constrangimento deixa de ser crime.

A pessoa autônoma tem direito de consentir ou recusar propostas que venham afetar sua integridade. O consentimento deve ser dado: livremente, conscientemente, sem ser obtido por práticas de coação, ou por meio de simulação ou práticas enganosas, livre de restrições internas (causadas por distúrbios psíquicos), livre de coerções externas (familiares, amigos ou profissionais da saúde), manifesto e voluntário, com informação.

d) o princípio da justiça a justiça social busca integrar as liberdades civis com os direitos econômicos, sociais e culturais. Parte da tese que vê a justiça como equidade, como igualdade nos valores morais, nas oportunidades e nas consequências sociais. Essa concepção considera uma obrigação do Estado prestar assistência aos mais necessitados até um mínimo bastante elevado (SIQUEIRA 1998).

Segundo o Banco Mundial, se o Coeficiente de Mortalidade Infantil fosse reduzido em todo o mundo para o patamar dos países desenvolvidos, 11 milhões de poderiam deixar de morrer a cada ano. Vivemos o risco de um retorno ao “deserto moral” (BERLINGUER 2001). Precisamos resgatar a indignação e o enunciado kantiano que diz que o ser humano de ter sempre dignidade e não preço, como querem alguns financistas. Entre esses princípios humanistas, destacam-se os consignados na Constituição Federal de 1998 relativos à saúde como direito de cidadania e dever do Estado, garantidos através da universalidade, equidade, integralidade e participação social.

Um dos problemas centrais nessa discussão é que nos problemas éticos decorrentes do processo das pesquisas biológicas e médicas devem ser respeitados todos os homens e o homem todo.

Segundo Jean Bernard, citado por KIPPER e CLOTET (1998): “A pessoa é uma individualidade biológica, um ser de relações psicossociais, um indivíduo para os juristas. Contudo, ela transcende essas definições analíticas. Ela aparece como um valor”. A mesma opinião foi expressa, de outra forma, por Kant no século XVIII, para quem os seres racionais são chamados de pessoas porque a natureza os diferencia como fins em si mesmos, quer dizer, como algo que não pode ser usado somente como meio, admitindo que as pessoas são possuidoras de dignidade e valor interno.

Os crescentes avanços tecnológicos nos mais diversos campos da área da saúde tornam necessária a discussão sobre questões tais como conveniência, uso adequado, riscos e ameaças da mesma para a humanidade e para os indivíduos (em particular). Torna-se necessário, portanto, um tratado (ou contrato) ético-tecnológico para a nossa civilização (JONAS 1995). Utilizamos situações verificadas concretamente para exemplificar a dimensão desse problema. Recomenda-se a fecundação assistida a uma senhora de 60 anos? Pode-se utilizar os animais indiscriminadamente para qualquer tipo de experimentação? Devem ser colocados limites ao uso de materiais que poluem águas, florestas e atmosfera, ameaçando a saúde das gerações futuras? Quais os limites para a clonagem de seres humanos ou o patenteamento de genes e exportação econômica do patrimônio genético da humanidade?

Temos, de um lado, uma ética prática ou bioética que se ocupa do agir correto e do bem-fazer e abrange os problemas relacionados com a vida e a saúde, configurando uma ética aplicada. De outro lado, uma ética teórica, ocupada em conhecer, definir e explicitar os fenômenos correlacionados.

Isto torna difícil a busca de soluções harmônicas e generalizadas sobre problemas como: doação de órgãos, transplantes, laqueadura de trompas e vasectomia, aborto, clonagem, eutanásia, decisões sobre o momento oportuno da morte, etc.

É preciso, antes de tudo, o resgate da dimensão ética da atuação em saúde e dos valores humanos na sociedade como um todo.

Como não será possível abordar nesse espaço todas as questões e desafios que estão colocados no campo da bioética, optamos por discutir algumas que consideramos mais palpitantes e que têm sido objeto de enorme especulação pelos meios de comunicação de massa.

O PROJETO GENOMA HUMANO

Na história da humanidade os avanços tecnológicos tem proporcionado verdadeiras revoluções sociais e econômicas. Podemos citar, por exemplo, o desenvolvimento da agricultura, a invenção da bússola, da eletricidade, da física nuclear, da microeletrônica e da informática. O mesmo ocorre em relação à biotecnologia moderna e os avanços no campo da genética. Entretanto, estas parecem produzir um grau incomparável de inquietação, porque manipulam a própria vida.

O Projeto Genoma Humano (PGH) mais ainda, porque seu objetivo é decifrar a própria pessoa humana. Em nosso genoma está registrada toda a nossa história como espécie e projetada a nossa potencialidade evolutiva. É, nos dizeres do ex-presidente Clinton. Ao anunciar em 26 de junho de 2000 a conclusão da fase de sequenciamento do genoma humano, em conjunto com o primeiro-ministro inglês Tony Blair, “o mapa mais importante já produzido pela humanidade”. Segundo ele, “estamos hoje aprendendo a língua em que Deus criou a vida” (DAVIES 2001, p. 361). Um acontecimento científico que equivale à chegada do homem à Lua em 1969.

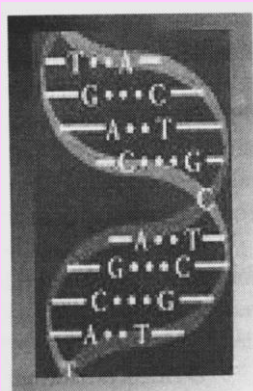
Características principais Componentes	Projeto Genoma Humano	
	Projeto Genoma Humano	Celera Genomics
	Consórcio público liderado pelos EUA e Inglaterra com a participação de 18 países	Empresa privada norte-americana
Início	1990	1994
Número de genes estimado	38 mil	
Número de bases identificadoras	3,15 bilhões	3,12 bilhões
Mapeamento do genoma humano	99,9%	99%
Banco de Dados sequenciais	Disponibilizados a cada 24 horas na internet	Acesso vendido à empresas de biotecnologia e universidades
Gastos	US\$ 3 bilhões	US\$ 2 bilhões

Lançado em 1989, o PGH resultou, em 2000, no sequenciamento do genoma humano, como uma espécie de coleção de genes com as instruções para produzir um homem. O PGH tinha como objetivo o mapeamento completo de todos os genes humanos, determinando a posição e o espaçamento dos genes nos cromossomos e o sequenciamento completo das mais de 3 bilhões de bases, determinando a ordem das bases em uma molécula de DNA. A previsão para término inicialmente para 2005, com um custo final de cinco bilhões de dólares.

O sequenciamento do genoma humano desencadeou uma corrida entre o consórcio público liderado pelos EUA e a Inglaterra (coordenou por Francis Collins) e uma empresa denominada Celera Genomics, dirigida por Craig Venter, criada em 1994 quando o PGH público ainda não havia sequenciado sequer 5% do genoma e patinava no desenvolvimento de tecnologia adequada.

A disputa estabelecida acabou propiciando a antecipação do prazo inicial. Em 2000 foi anunciado (em conjunto pelo PGH e a Celera) o primeiro rascunho do sequenciamento genoma humano. O PGH sequenciou 22 bilhões de bases de DNA e só a Celera consumiu mais de 20 mil horas de processamento num supercomputador, com mais de 500 milhões de trilhões de comparações de DNA (DAVIES 2001).

O GENOMA HUMANO



O genoma humano, também conhecido como Livro da Vida e Manual do Homem, é formado por 3,15 bilhões de letras (bases), composta por sequências monotonamente repetitivas e de difícil identificação de seus significados (mesmo para os geneticistas).

As cadeias de DNA em cada célula são firmemente enroladas e condensadas em milhares de vezes dentro do núcleo que tem cerca de 0,005 milímetro de diâmetro. O espaço entre cada letra é de 0,34 nanômetro

(menos de um bilionésimo de metro). A quantidade de DNA nos 100 trilhões de células do corpo humano, estendida de ponta a ponta, faria o percurso ida e volta ao Sol umas vinte vezes (DAVIES 2001).

Possuímos 23 pares de cromossomos, cada conjunto transmitido por nossos pais. Cada cromossomo é constituído por uma única e longa molécula de DNA e proteína. A maior parte do genoma é DNA-lixo, seqüências repetitivas que não tem função conhecida. A molécula de DNA é constituída por seqüências de substâncias químicas simples, unidades chamadas nucleotídeos ou bases, de quatro tipos: adenina (A), timina (T), guanina (G) e citosina (C). A ordem das quatro bases determina o conteúdo informacional de um determinado gene. Cada letra faz par com uma letra complementar na cadeia oposta do DNA (A com T; C com G), formando os degraus da espiral do DNA, a famosa dupla hélice.

Quando uma célula se divide, as suas instruções genéticas são copiadas para que um manual completo possa passar para a célula-filha, o que acaba ocorrendo quando a dupla hélice se desdobra, gerando uma cadeia-filha idêntica à original, embora possam ocorrer erros (as doenças genéticas).

Cada trinca de letras (códon) contém as instruções para um dos vinte aminoácidos e esses aminoácidos são ligados numa ordem pela sequência de bases de um gene determinada para criar uma das milhares de proteínas que constituem os tijolos do corpo humano.

O papel da maioria dos cerca de 38 mil genes no genoma humano é armazenar instruções para fabricar proteínas que constroem nossos corpos e mantêm a vida. O número de genes é o mesmo para todos. Os genes diferem entre si em tamanho (desde 2 mil até 2 milhões de bases), mas sua posição é fixa ao longo dos cromossomos.

Os genes estruturais (que contém a mensagem genética propriamente dita) perfazem 3% no DNA de todo o genoma. O resto é sequências controladas e regiões espaçadoras (muitas geneticamente inertes: o DNA-lixo).

A chave para compreender a diversidade humana é a variação sutil dentro deles. Espalhados pelo genoma inteiro há cerca de 3 milhões de variações de sequência entre duas pessoas quaisquer e várias diferenças de grafia funcionais por gene.

Os locos que mais comumente variam entre pessoas diferentes são conhecidos como polimorfismos de nucleotídeo único (ou SNPS) e importância crítica no futuro da medicina. Há muitas maneiras pelas quais a sequência do DNA pode ser danificada para dar origem às doenças genéticas e ao câncer, mas frequentemente basta o mais leve erro de grafia, alterando apenas uma das 3,15 bilhões de letras do genoma. As variações e mutações no genoma humano são a chave para compreender a saúde e a evolução humana. Nosso patrimônio genético indica que temos muito mais proximidade com os fitopatógenos e os animais (em particular o chimpanzé, com quem compartilhamos o mesmo patrimônio há 5 milhões de anos atrás).

Os avanços científicos nessa área se dão numa velocidade surpreendente. Em 2000, foi anunciada a conclusão do rascunho do genoma humano, com centenas de tecidos humanos sequenciados. Obteve-se o mapeamento de 99% do genoma, sequenciamento de 85% e concluiu-se 24%. Hoje, efetivamente, já temos um mapa genético.

O Brasil iniciou em 1998 o sequenciamento genético da bactéria *Xylella fastiosa* (praga do amarelinho). Foi o primeiro estudo a mapear um fitopatógeno e colocou-o no seleto rol dos países que já sequenciaram um organismo completo (EUA, Inglaterra, Japão, Alemanha, Suécia). Participa atualmente no processo de identificação de genes ligados ao câncer (e não no sequenciamento), com prioridade para neoplasias de mama, colo do útero, ovário, estômago, esôfago, tumores cerebrais, próstata e pulmão. Já é o 2º maior fornecedor de informações sobre o câncer graças a uma técnica conhecida como Orestes, desenvolvida pelo Instituto Ludwig de Pesquisas sobre o Câncer (SP), apoiado pela FAPESP, que distribui material e coordena 30 laboratórios em SP envolvidos na pesquisa.

MEDICINA PREDITIVA E PERSPECTIVAS DO PGH

Por definição, medicina preditiva é a possibilidade de prever doenças passíveis (medicina genética preventiva). Em seu universo de atuação encontra-se o diagnóstico genético, a terapia genética de células

somáticas e germinais, a clonagem, a utilização de embriões para pesquisas e propósitos eugênicos, entre outras de altíssimo potencial de causar polêmicas.

O grande problema, nessa área, é que a perspectiva de diagnóstico é enorme, mas a de obtenção de cura e/ou tratamento das doenças identificadas são mínimas (restando como alternativa o aborto, a convivência com a doença, suas limitações e a discriminação correspondente ou a eutanásia).

Quando mutações em um único gene são capazes de sozinhas causar uma doença genética, falamos que o gene possui grande efeito e a doença é chamada monogênica, com herança autossômica dominante, autossômica recessiva ou ligada ao sexo.

Entretanto, a maioria das doenças comuns dos homens (câncer, diabetes, arteriosclerose, hipertensão arterial, obesidade etc.) são multifatoriais, dependendo de uma interação complexa de múltiplos genes de pequeno efeito (doenças poligênicas) com o ambiente.

A corrida na área da pesquisa genética volta-se, agora, para atribuir aos genes e às variações nos genes um papel na iniciação e progressão da doença, na reação às drogas e na descoberta de novas terapias. Uma nova e longa corrida que terá um impacto fantástico e incalculável sobre a saúde humana.

O mapeamento foi a etapa inicial. Os esforços estão concentrados no estudo detalhado do gene, identificando qual é importante no surgimento e na gênese do câncer e outras doenças e como atuam em pacientes diferentes. Isso permitirá a particularização de tratamentos (os genes estão presentes tanto no tecido normal como no tumoral). Em cada década a indústria farmacêutica começará a desenvolver drogas que combatam especificamente os genes alterados e os genes estimuladores do crescimento célula.

Dos 38 mil genes existentes no organismo humano, 5 mil podem estar associados a doenças. Algo como 5% das doenças são genuinamente genéticas (6 mil doenças) e se constituem na grande aposta da indústria farmacêutica. Destas, apenas 1.000 tem seus genes localizados e exames diagnósticos estão disponíveis para apenas 800 doenças. E, há tratamento para algumas poucas.

Espera-se, assim, o desenvolvimento de tratamentos capazes de substituir por “cópias corrigidas” genes envolvidos em doenças, como as neoplasias e a AIDS. Em 5 anos saberemos os genes causadores de todas as doenças hereditárias, permitindo seu diagnóstico definitivo a partir de amostras de DNA.

Vislumbra-se uma nova era, no qual os indivíduos serão diagnosticados e tratados com base em seu genoma e não nos seus sintomas. Inúmeras doenças multifatoriais terão os genes envolvidos em sua gênese descobertos nos próximos anos (asma, enxaqueca, hipertensão arterial, etc.). Infelizmente, as empresas de biotecnologia estão mantendo silêncio sobre as descobertas de genes medicamente significativos, pondo os lucros à frente da vida humana.

O próximo grande alvo é descobrir e sistematizar a estrutura das proteínas codificadas pelo DNA, o projeto proteoma, que consiste em buscar compreender a função das proteínas e como estas podem ser modificadas para tratar doenças. Para tanto, já estão sendo produzidos espectrofotômetros de massa para acelerar o sequenciamento das proteínas e outras abordagens bioquímicas, computacionais e genéticas que permitirão, no futuro, o desenvolvimento de vacinas específicas para cada paciente e outras formas de medicamentos. Também estão em andamento importantes tentativas de analisar as funções dos genes e as estruturas das proteínas correspondentes. Mas há um sério problema: existem muito mais tipos de

proteínas do que genes. Outros cientistas já começaram a trabalhar sobre uma perspectiva muito mais radical: a evolução do código genético universal a uma velocidade estonteante para criar novas formas de vida. Procura-se, assim, por exemplo, criar bactérias que possam fabricar proteínas totalmente não naturais, com aplicações práticas potenciais, tais como a criação de microrganismos para remover o lixo tóxico.

Não se pode, ainda, desprezar outras implicações científicas e filosóficas, como procurar compreender por que o código genético universal evoluiu da maneira como evoluiu e verificar até que ponto podemos ajustá-lo. A perspectiva de exercer controle sobre o genoma humano é assustadora. O físico Stephen Hawking, por exemplo, citado por DAVIES (2001; p.380) não tem dúvidas de que em breve “poderemos aumentar a complexidade de nosso registro interno, o nosso DNA, sem termos de esperar pelo lento processo da evolução biológica(...) aumentando o tamanho do nosso cérebro, por exemplo”.

Ainda nessa década teremos testes para doenças cardíacas, hipertensão, mal Alzheimer, Parkinson, trombose venosa, osteoporose, glaucoma e muitos cânceres (mama, ovário, colón e pulmão)

Em 2010, prevê-se que os testes para as 25 doenças mais comuns estarão disponíveis, permitindo que as pessoas tomem medidas preventivas e mudem estilos de vida. Em 2020, remédios com base em genes deverão estar disponíveis para o tratamento de diabetes, hipertensão e muitas outras doenças. Em 2030, já deverá ter sido identificado os genes que controlam o envelhecimento. E, em 2040, a medicina baseada em genes deverá ser a norma. A geração da sequência completa do genoma foi a maior aventura da ciência moderna. Nos próximos anos, esse rascunho será transformado num padrão-ouro genoma humano, uma referência para o resto dos tempos (DAVIES 2001).

DILEMAS ÉTICOS TRAZIDOS PELO PGH

É inegável que nessa área do conhecimento humano os interesses econômicos é que movem decisivamente as pesquisas, como ficou evidenciado na disputa entre o consórcio público (PGH) e a Celera Genomics (empresa privada) que sequenciaram o genoma humano.

Esses interesses se expressam claramente na corrida desenfreada pelo pateamento de genes, sequencias e mutações, que objetivem assegurar a exploração econômica e permitir o desenvolvimento de kits de diagnósticos genéticos (medicina preditiva) e o patenteamento de exames genéticos e novos medicamentos. A disseminação de testes genéticos traz uma grande preocupação em relação a privacidade.

Há um grande risco de imposição de restrições pelas empresas de seguros a clientes a partir da identificação de riscos ou padrões genéticos através de chips de DNA, novas tecnologias poderosas , e a divulgação de dados individuais para seguradoras e empregadoras, levando a estigmatização dos seres humanos. Será ético penalizar as pessoas por sua herança genética, por exemplo, cobrando uma mensalidade maior do que uma pessoa sem falhas genéticas? Segundo Francis Collins, citado por DAVIES (2001): “As pessoas não escolhem os seus genes, por isso os seus genes não devem ser usados contra elas” (p.337).

Além disso, é importante destacar que a despeito da capacidade diagnóstica, as perspectivas de terapia genética não são tão promissoras. É impressionante que os cientistas tenham conseguido clonar uma ovelha antes de curar uma doença com terapia genética. Estima-se que ainda serão necessárias 20 anos para

que as primeiras doenças possam ser tratadas geneticamente. Se a terapia genética tiver sucesso, já há os que advogam a tese de usá-lá para modificar os genes de linhagem germinativa (espermatozoides e óvulos) para impedir a transmissão do gene defeituoso para as gerações futuras. Outros vão além, vislumbrando a possibilidade de melhorar a memória ou adiar a velhice.

O diagnóstico genético pré-natal, que não é considerado ético e é proibido em muitos países, induz, como alternativa quase que exclusiva, a aceitação da doença ou a realização do aborto (eugênico, terapêutico ou piedoso). A anemia falciforme, por exemplo, é a doença genética mais comum na população negra e de maior incidência no Brasil, mas não tem cura, restando como alternativa ao diagnóstico pré-natal o dilema do aborto.

Por outro lado, a utilização de kits devassa nossa intimidade (passado, presente e futuro). Estima-se que em 10 anos os bebês sairão das maternidades com todo o seu repertório genômico determinado, provavelmente num DVD (ou similar disponível na época).

Seremos capazes de fazer previsões sobre as doenças que corremos o risco de contrair e desenvolver estratégias de prevenção e controle das mesmas, incluindo o tratamento individualizado a partir do perfil genômico (farmacogenômica), inclusive aos que a inda não nascidos através de diagnóstico genético pré-implantação, que permite a constituição genética três dias depois da fertilização.

O diagnóstico genético pré-implantado custa nos EUA 20 mil dólares e já resultou no nascimento de milhares de crianças no mundo, ajudando a gerar “bebês sob medida”. A possibilidade de intervir sobre o destino (até então marcado pelo determinismo) é cada vez maior. Pais que tiveram filhos com doença genética grave podem, com essa técnica, gerar filhos saudáveis. Podem gerar filhos, escolhendo um embrião com tecido compatíveis, aptos a proporcionar um transplante de medula ou de outro órgão para um irmão afetado. A decisão de ter um filho para salvar a vida do outro é muito controversa.

O passo seguinte é a procura do referido teste para outros fins, como doenças poligênicas. Mas há um enorme risco de oferecer o exame á casais de risco que pretendam selecionar embriões saudáveis, com características físicas e/ou comportamentais desejadas. Note-se que ainda são necessários muitos avanços tecnológicos pra uma possível seleção mercadológica de embriões.

Outra discussão ética que se coloca é a seguinte: é lícito alguma empresa ou cientista pleitear sobre o ser humano? Ou o genoma é um patrimônio da humanidade? Esse debate é cercado de incertezas éticas, legais e sociais, relativas à privacidade da informação genética, a segurança e eficácia da medicina genética e a justiça no uso da informação genética. Depende, entretanto, da interação entre a comunidade científica do PGH (que gera o novo conhecimento), os empresários (que transformam conhecimento em produto) e a sociedade em geral (beneficiária).

A UNESCO, procurando estabelecer princípios para nortear a pesquisa com Genoma Humano, promulgou a Declaração Universal Sobre o Genoma Humano e os Direitos Humanos (UNESCO-1997), reconhecendo que o genoma humano é um patrimônio da humanidade; a necessidade de garantir aderência a normas internacionais de direitos humanos; o respeito pelos “valores, tradições, cultura e integridade” e a

aceitação e defesa da dignidade humana e da liberdade. Entretanto, inexistem legislações específicas (e não há perspectiva próxima) na maioria dos países.

Uma das questões mais intrigantes é estabelecer qual a relação entre o genoma e as características físicas e mentais? Um gene é a unidade funcional que geralmente corresponde a um segmento de DNA que codifica a sequência de aminoácidos de uma determinada proteína. Os produtos gênicos (as proteínas) integram, coordenam e participam dos processos complexos do nosso desenvolvimento embrionário e do nosso metabolismo.

O ser humano é o produto final do processo de desenvolvimento e metabolismo. As características observáveis e variáveis (aparência física, estado de saúde e emoções), constituem seu fenótipo. Já o genoma (genótipo) permanece constante toda a vida não determina o fenótipo; determina uma grama de fenótipos possíveis, uma norma de reação, alternativas de desenvolvimento e de metabolismo que podem ocorrer nos portadores de um dado genótipo em todos os ambientes possíveis. (PENA e AZEVÊDO 1998).

Qual fenótipo vai se concretizar dependerá do ambiente, de suas interações com o genótipo e, uma abordagem espírita, da dimensão espiritual que compõe o complexo unitário e energético (matéria-espírito) que compreende os seres encarnados.

Como tudo é muito complexo, não é possível identificar fenótipos com o mero conhecimento do sequenciamento de bases do genoma humano, exceto os mais simples. Sabe-se, hoje, que não existe genes bons e genes maus.

Há uma imensa expectativa entre os cientistas quanto a identificação, nas próximas décadas, de fatores genéticos que causam a depressão, o distúrbio do déficit de atenção, os vícios, a esquizofrenia, comportamentos violentos e outras condições complexas (por parte das empresas a expectativa é na verdade quanto ao desenvolvimento de remédios e os lucros envolvidos).

Permanece intensa polêmica que divide, de um lado, aqueles que acreditam que o comportamento é geneticamente programado e, de outro, os que o consideram produto da educação, e não da natureza.

Nos últimos cinco anos, porém, houve um aumento constante nas evidências de que muitas características comportamentais humanas são pelo menos parcialmente influenciadas por variações no DNA, com estudos sugerindo que comportamentos humanos complexos podem ser moldados por alterações num único gene. Alguns cientistas extrapolam, ao pretender correlacionar um gene da inteligência, da felicidade, da homossexualidade, da promiscuidade, da religiosidade, da infidelidade (o gene Viagra) e da procura de novidades, por exemplo, dando campo para o surgimento de uma psiquiatria genética. Corremos o risco de assistir a absolutização da genética, com a tentativa de identificar um DNA-ditador, o gene-egoísta, etc.

A pergunta que se impõe é: as características humanas complexas são regidas primariamente pela natureza ou pela cultura? Particularmente, creio que não há gene para o espírito humano, muito embora tenhamos que manter a mente aberta para quando os resultados do sequenciamento forem analisados.

Em 1975, a revista Science publicou um artigo da geneticista Mary-Claire King (UCBerkeley) demonstrando com a tecnologia disponível até então que os humanos e os chimpanzés possuem uma relação muito mais próxima do que se pensava no nível genético, com uma diferença de apenas 1% entre as proteínas e os genes das duas espécies que tomaram caminhos distintos há 5 milhões de anos. Essa descoberta foi recentemente confirmada por outros pesquisadores através da impressão digital de DNA, com a qual demonstram que humanos e chimpanzés são 98,5% idênticos quanto ao nível de DNA (o que corresponde a uma diferença total de 50 milhões de diferenças sequenciadas, a maioria de DNA-lixo)

No sequenciamento de 10 mil bases do DNA-lixo dessas duas espécies encontrou-se apenas 0,94% de diferenças. Em contrapartida, o DNA de chimpanzés gorilas é idêntico em apenas 97% (eles partilham um ancestral comum há 8 milhões de anos). Após o término do PGH, o genoma do chimpanzé será um dos primeiros a ser estudados e nos dará, segundo John Maddox, editor de Nature, “uma história autêntica da nossa espécie e uma compreensão mais profunda de nosso lugar no natureza” (DAVIES 2001, p.261).

A diferença genética maior está no número de cromossomos, pois os chimpanzés possuem 24 pares. Destes, 18 são praticamente idênticos, mas há milhões de anos um par dos chimpanzés se fundiu para se tornar o cromossomo humano 2. segundo Matt Ridley, citado por DAVIES (2001), essa junção cromossômica marca a localização dos genes que constituem a alma. Cientistas da GenoPlex (empresa de biotecnologia americana) apostam que as diferenças cognitivas entre duas espécies podem ser devidas a meros 50 genes (lembremos: temos 38 mil genes!).

Além da perspectiva evolutiva, essa semelhança pode ajudar na busca de genes envolvidos com a memória, suscetibilidade ao HIV, envelhecimento e uma série de doenças. Mas os preceitos éticos para pesquisas em seres humanos e em animais limitam os experimentos.

Outros usos dos avanços genéticos

Podemos, aqui, dado a restrição de espaço disponível, apenas registrar algumas outras finalidades práticas dos avanços científicos no campo da genética. A sequência de DNA, através da impressão digital de DNA (uma espécie de código de barras genético), tem sido utilizada como árbitro máximo da identidade humana, empregada nas modernas investigações criminais, ajudando a desvendar crimes hediondos (do passado e do presente) reescrevendo a história presidencial e de famílias reais, reunindo famílias divididas por rapto (Ex: crianças raptadas pela ditadura Argentina), identificando corpos de pessoas desaparecidas, resolvendo pendengas que envolvem disputas por paternidade, descobrindo as raízes de civilizações antigas e fornecendo evidências inequívocas das origens humanas (DAVIES 2001).

A genética tem sido importante aliada para condenar culpados ou perdoar inocentes que foram erroneamente condenados, inclusive à pena de morte (o chamado “padrão-ouro da inocência”). Com isso, têm sido estruturados bancos de impressão digital de DNA no Reino Unido e nos EUA.

Permite a compreensão da origem e do padrão de migração global das populações humanas ao longo de centenas de milhares de anos, através da utilização do DNA mitocondrial, para o registro da origem

materna da descendência , e do cromossomo Y, o gene de determinação sexual masculino, para a origem paterna. Pode-se, assim, empreender toda uma arqueologia da espécie humana, retomando a sua origem.

Espera-se que ao final da sequência do genoma humano haja uma sistematização da variação genética humana, o Projeto da Diversidade do Genoma Humano. Esta proposta visa comparar o material genético de inúmeras populações nativas isoladas e remotas no mundo todo, que permitirá compreender a história e a migração humana. Esse plano, entretanto, tem sido acusado de imortalidade e racismo, pelos que suspeitam de uma conspiração para explorar a herança genética de minorias.

Clonagem e bioética da reprodução

Uma área para exploração científica com potenciais ainda definidos é a que envolve o uso de células-tronco num coquetel de fatores que poderiam provocar, por exemplo, a produção de tecido pancreático secretor de insulina a partir das células-tronco de um paciente com diabetes, tornar a preencher os músculos gastos em pacientes com distrofia muscular, ou ainda, reconstituir a bainha de mielina do sistema nervoso de pacientes que sofrem de Esclerose Múltipla, uma doença degenerativa hoje incurável.

A controvérsia, obviamente, não surge em função dos possíveis usos terapêuticos, mas ditada por preocupações éticas, uma vez que a melhor fonte para essas células são os embriões humanos (teme-se, portanto, a industrialização do abortamento para obtenção de células-tronco). No futuro, entretanto, prevê-se a utilização de células adultas (DAVIES 2001).

O nascimento de Dolly, em 1996, ovelha clonada a partir de uma célula de bexiga de uma ovelha de seis anos, foi uma proeza ainda mais impressionante na reprogramação genética. A partir daí, pesquisadores têm clonado com sucesso camundongos, vacas, porcos e mais ovelhas. O próximo passo, hoje ainda uma possibilidade, será a clonagem terapêutica em humanos. Em 1998, a notícia de que o cientista Richard Seed (EUA) iria clonar seres humanos reavivou o terror da clonagem disseminado com a exibição de Dolly em 1997.

A Nature, de 28/02/97, assombrou o mundo com a clonagem de Dolly pela equipe de Yan Wilmut e seus colegas do Roslin Institute (Escócia). Entretanto, tratava-se de um evento já esperado pela comunidade científica, por envolver a duplicação do DNA de uma espécie adulta. As dúvidas foram lançadas pela incapacidade de repetição da experiência (suspeitava-se que tinham sido utilizado células de ovelha grávida – embrionária). Mas já há alguns anos se faz clonagem de estruturas embrionárias humanas. Os relatos mais antigos se referem à clonagem de girinos desde a década de 50. No Brasil se faz em larga escala reprodução de DNA de embriões há alguns anos. Ou seja, apesar da polêmica e do espanto generalizado, a verdade é que a ciência domina a técnica de replique do patrimônio genético há quase meio século! (GARRAFA 1998). A polêmica foi novamente retomada a partir do anúncio, em meados de 2001, com toda a pompa e marketing, na Academia Nacional de Ciência dos Estados Unidos, quando o ginecologista italiano Severino Antinori, que já havia provocado consternação mundial ao usar técnicas de inseminação artificial para engravidar uma mulher de 62 anos, e o americano Panayotis Zavos, anunciaram que irão clonar seres humanos a partir de célula retirada da pele até 2003. A ONU uma legislação internacional para proibir esse tipo de pesquisa, com forte apoio do Vaticano. O Congresso Americano aprovou a lei proibindo a clonagem humana em seu

território. Antinori alega que sua linha de pesquisa é inexorável, o caminho natural para as pesquisas na área de reprodução humana e restringe-se à clonagem terapêutica que permitirá que os mais de 100 milhões de homens incapazes de gerar filhos por vias naturais ou pela tecnologia disponível de inseminação artificial possam transferir seu patrimônio genético a seus filhos. A tecnologia que está desenvolvendo, a reclonagem, argumenta, não criará cópias idênticas das pessoas (no máximo tão parecidas como os gêmeos), uma vez que terão fins exclusivamente terapêuticos. Para tanto, propõe a associação de mitocôndrias maternas, impedindo que o bebê seja uma fotocópia genética do pai.

Os maiores receios dos críticos de Antinori são os riscos de que as pesquisas gerem bebês deformados, aberrações genéticas e abortamentos em massa e eutanásia dos que vierem a ser concebidos com anormalidades (essas duas últimas questões, em particular inaceitáveis para a comunidade de formação cristã). Para a obtenção de clones de animais, centenas de embriões e aberrações genéticas são produzidas em laboratório e eliminadas natural ou artificialmente antes da concepção. Nas pesquisas com seres humanos, a redução máxima de riscos antes e depois da implantação do ovo no útero materno permitirão acompanhar detalhadamente o desenvolvimento do feto. Se alguma situação anormal for identificada, restarão três alternativas: o tratamento fetal (hipotética, pois ainda inexistente), o abortamento ou a eutanásia, ainda ilegais em muitos países eticamente questionáveis (e condenável pela maioria das religiões). Há 23 anos, quando nasceu o primeiro bebê por inseminação artificial in vitro (proveta), as técnicas davam certo em menos de 5% dos casos (atualmente já se atinge 50%). Para cada três bebês saudáveis clonados, deverão ser produzidos 200 fetos monstruosos destinados à morte. A clonagem humana tem 1,5% de chance de produzir um bebê vivo, não necessariamente saudável (para os 3 saudáveis previstos, prevê-se, outros 5 chegarão à termo mas terão que ser submetidos à eutanásia logo depois do parto).

O processo é incipiente e deve apresentar os mesmos problemas enfrentados com a clonagem de animais. Temos apenas cinco anos de experiência com clonagem de animais e o domínio ainda incipiente da tecnologia são evidentes. Há menos de cinquenta animais clonados no mundo. Dolly nasceu há cinco anos, mas a idade de células é equivalente à da ovelha utilizada na experiência (12 anos). Os clones humanos poderão sofrer com excesso de peso, envelhecimento precoce e doenças crônico-degenerativas ainda na infância. As limitações de ordem tecnológica são apontados por todos os centros de genética e reprodução do mundo como um impeditivo para o avanço das pesquisas nesse campo (sem contar as limitações de ordem ética). Do ponto de vista veterinário isso não é um grande problema. Mas, em se tratando de seres humanos...

O fato é que Antinori deu largada à segunda grande corrida genética. Após o sequenciamento do genoma humano a clonagem de um ser humano parece inevitável. A tecnologia disponível será progressivamente refinada e a clonagem humana, de fato, deverá acontecer. Fica, entretanto, uma certeza: essa tecnologia movimentará bilhões de dólares em todo o mundo!

Mas já há seitas exóticas, como as dos raelianos, sediada nas Bahamas, da química Brigitte Boisselier, que por motivos esotéricos e religiosos, passam a perseguir a clonagem de seres humanos como forma de transcendência da raça humana (pela bagatela de duzentos mil dólares).

A clonagem é um problema bio-técnico-científico colocado para a sociedade. O pânico gerado pelo tema pode ser atribuído, em grande parte, à disseminação irresponsável do medo através da mídia. Mas as

discussões em torno de temas como aborto e eutanásia são amplificadas em níveis extremos quando se aliam à discussão da clonagem de seres humanos. Deve-se levar em consideração, entretanto, a despeito dos usos terapêuticos potenciais, as possibilidades perversas com que tal tecnologia pode ser manipulada. A esperança que pode trazer para um portador de deficiência que enfrenta as limitações e discriminação, por um lado, e o patenteamento e busca desenfreada pelo lucro, por outro, são exemplos que se contrapõem objetivamente para a sociedade. Mas é também um instigante dilema de ordem ético-espiritual.

A clonagem não é a única questão polêmica nesse universo que envolve as questões relativas à reprodução humana. Outros temas se impõem, embora nesse estudo apenas citados:

- a sexualidade e reprodução
- o controle da natalidade e o planejamento familiar
- a fecundação artificial e a reprodução assistida (necessidade de vínculo matrimonial, doação de gametas, número de embriões, diagnóstico genético in vitro, etc.).
- determinação do sexo e outras características morfológicas do bebê
- gravidez de substituição
- criação de crianças por casais em união civil entre seres do mesmo sexo
- esterilidade e doenças
- aborto (interrupções eugênicas, interrupção terapêutica, interrupção seletiva e interrupção voluntária).
- Eutanásia

Pesquisa genética, bioética e ciência: até onde avançar?

Os avanços nos últimos 30 anos colocam situações inimagináveis. Alguns apontam para evidente melhoria da qualidade de vida através da utilização de novos métodos de investigação, novos medicamentos descobertos e o controle de doenças. Outros uma série de contradições para a espécie humana e o futuro do planeta. Estamos cada vez mais próximos de dominar a tecnologia da criação da vida, mas observamos a destruição cotidiana do meio ambiente e suas funestas consequências (doenças ocupacionais, cânceres, etc.).

Dominamos tecnologias de ponta, mas a humanidade tem se demonstrado incapaz de enfrentar a fome, as epidemias e a miséria generalizada. Os problemas estudados pela bioética são formados por situações emergentes (novos problemas) e persistentes (velhos problemas), num mundo cada vez mais complexo marcado pela transição demográfica, pelo fenômeno da globalização e o aumento da concentração de renda. A incorporação crescente de tecnologias se dá de forma iníqua, em função dos altos custos, o que impede a universalização dos seus benefícios.

Observa-se a consolidação de um novo perfil epidemiológico, onde predominam as doenças crônico-degenerativas, os fenômenos ligados à violência (que já se constituem na primeira causa de morte na maioria das grandes cidades brasileiras), o surgimento de novas doenças e o recrudescimento de outras, controladas no passado, mesmo sem o nível de tecnologia hoje disponível.

Quando nos embrenhamos no campo da bioética lidamos, fundamentalmente, com a manifestação da vida e os temas dos “limites”, com sistemas complexos de realidade, distante da ciência clássica tradicional que dissolve a complexidade aparente dos fenômenos e fixa-se na simplicidade das leis imutáveis da natureza.

Outro problema central é o endeusamento versus a demonização da ciência. A liberdade científica é moralmente justificada na medida em que as consequências do seu uso, além de serem benéficas para a humanidade, esteja, dentro das fronteiras éticas. A ciência não deve se conduzir por sentimentos apaixonados que podem cegá-la pela ausência de crítica ou por temores que possam impedir seu avanço.

O papel da sociedade civil e dos espíritas enquanto um movimento social (nela contido) é o manter vigilância que garanta a manutenção da inquietude e da liberdade científica sem, contudo, provocar a emergência de um terror que impeça a reflexão e a ponderação cuidadosas frente às novas descobertas.

Segundo Einstein: “devemos evitar superestimar a ciência e os métodos científicos quando se trata de problemas humanos. Não devemos presumir que os especialistas sejam os únicos que têm direito de opinar sobre questões que dizem respeito à organização e o futuro da sociedade”. As pesquisas genéticas devem ser estimuladas, principalmente se tiverem objetivos que tragam benefícios futuros à sociedade e ao meio ambiente em que vivemos.

Com que base podemos nos insurgir, com base em argumentos absolutamente inconsistentes, tais como rejeição perispiritual, fluídica/energética ou mesmo espiritual, contra o acesso a tecnologias que possam, por exemplo, duplicar um fígado de um candidato à transplante hepático a partir de uma célula sadia isolada num órgão doente, usando como matriz uma placenta artificial (em desenvolvimento no Japão), sem riscos de rejeição? Ou a perspectiva de enfrentar a morte e clonar o filho morto? Ou ainda fazer uma cópia do filho com leucemia para que o irmão clonado possa ser o doador da medula que irá salvar a sua vida?

Ao mesmo tempo, como se calar diante da clonagem de um milionário excêntrico ou de uma personagem “hiper-megalo-egocêntrica” que por razões absolutamente egoísticas, sem nenhuma fundamentação humanitária, optem por esse procedimento?

Mas é preciso lembrar, por analogia, que 10 países detêm hoje tecnologia para produzir a bomba atômica. Entretanto, depois do genocídio em Hiroshima e Nagasaki, não se lançou mais petardos atômicos contra populações humanas e pudemos observar, indubitavelmente, a incorporação de incontáveis benefícios indiretos e diretos advindo do manuseio da tecnologia relativa à energia nuclear.

Uma descoberta científica não é ética ou antiética. Torna-se antiética quando é utilizada de forma atentatória aos valores que cultivamos, como respeito à vida, à individualidade, à diferença, compreensão e solidariedade. Não foi a descoberta do cianeto que causou a morte de milhões de seres humanos, mas a sua deliberada utilização em campos de concentração nazistas.

O Genoma é a matéria-prima para milhares de mentes inspiradas que estão escrevendo o manual completo de funcionamento do corpo humano.

O PGH consolidou a constatação de que geneticamente não há raças humanas: uma arma sem precedentes contra o racismo. A espécie humana (*Homo Sapiens*) é uma só dentro da espécie a variabilidade genética impõe, como padrão de normalidade da natureza, a realidade que cada ser humano é geneticamente único.

Implicações espirituais: a contribuição espírita

Os princípios que fundamentam a concepção da bioética (beneficência, não-maléfica, autonomia e justiça) podem ser respaldados, a partir da concepção espírita, por estarem em absoluta concordância com as leis naturais que regem o universo e que indicam o que o homem deve fazer para ser feliz. Essa lei (divina ou natural, segundo Kardec), está escrita em nossa consciência. Conforme os espíritos, a “moral é a regra para se conduzir bem, quer dizer, a distinção entre o bem e o mal”. O instrumento para distinguir o bem e o mal, segundo a visão espírita, é o uso da inteligência, que permite o discernimento, medida pela vontade que se mobiliza no sentido de fazer o bem, a máxima de amor capaz de estabelecer novos patamares de relação entre os seres humanos e impor um novo status evolutivo para a humanidade.

Se efetivamente praticados e perseguidos obstinadamente, a liberdade, a fraternidade, a solidariedade e a justiça social podem proporcionar uma existência profícua, que coloque todo o potencial intelectual do homem e o direcionamento de suas ações a serviço do progresso. A grande contribuição do espiritismo nesse debate é a afirmação da existência do espírito, a imortalidade da alma e a evolução infinita, ao agregar a dimensão extracorpórea das criaturas: o princípio espiritual.

O espiritismo demonstra, a partir dos fatos pela via da experimentação, a preexistência e a sobrevivência da alma, que conserva todas as faculdades intelectuais, morais e espirituais depois do desencarne.

A visão do mundo a partir da filosofia espírita delega ao homem o papel de sujeito, de protagonista de sua própria história, responsável pelo que é e pelas circunstâncias em que se encontra. Mais: delega ao próprio homem o papel de construtor de seu destino e de seu futuro, tanto numa perspectiva individual como societária.

Ao lidar com temas como a origem e o destino dos seres, procura responder as seguintes indagações: porque e para que estamos nesse planeta, sem usar de expedientes sobrenaturais e nem dogmas, num apelo permanente para o uso daquilo que efetivamente diferencia os humanos enquanto espécie: a capacidade de pensar. Permite-nos vislumbrar, a partir da perspectiva Imoralista e evolucionista (não determinística, mas sim dialética), um novo comportamento pessoal, familiar e social em busca da transformação da sociedade através de formas mais fraternas e justas de convivência.

Demonstra que a ciência e a filosofia espírita encontram seu complemento na ética. Daí a necessidade de estabelecer um permanente e profícuo diálogo com todas as escolas, correntes e formas de expressão do conhecimento humano. Não podemos aceitar uma situação de absoluta passividade contemplativa a partir da realidade que se impõe a partir da dimensão das individualidades espirituais e da existência do mundo espiritual.

Requer que estejamos integrados com a vida, para alcançarmos a transformação que os novos tempos requerem. Como afirma AIZPÚRUA (2000), “o espiritismo não se reduz à fria experimentação de laboratório. O científico e o filosófico se protejam no ético e no moral, demonstrando assim o protótipo de um novo homem, o Homem-Espírita, arquétipo do Terceiro Milênio, a Era do Espírito”.

A partir da fundamentação filosófica aqui exposta é que se coloca a possibilidade de estabelecer um profícuo diálogo com os questionamentos trazidos pelos avanços na pesquisa genética e as perquirições éticas destas decorrentes.

Para o espiritismo a vida é um continuum entre planos Inter existenciais absolutamente integrados. Não começa na fecundação, na nidadação ou no momento da concepção. A geração de um embrião, o desenvolvimento fetal e a concepção de um recém-nato são etapas naturais do processo evolutivo de um espírito, assim como o crescimento da criança, a puberdade, o envelhecimento e a morte. A vida transcende esses momentos, pois o que efetivamente somos (princípios intelectual) sobrevive inclusive à desintegração do corpo material utilizado em nossa existência corpórea. Portanto, toda discussão ética que se estabelece sobre as pesquisas genéticas e que parte (e por vê-lo morrer) na definição do “momento” onde a vida se inicia é feita de forma infrutífera e dogmática.

Há uma tendência entre os espíritas e outros seguimentos do pensamento religioso em discutir a questão a partir da imputação de acusação de assassinato a qualquer movimento voluntário (consciente ou inconsciente) que tenha como consequência a interrupção da gravidez e do nascimento, independente da variáveis e do grau de complexidade envolvidos nas situações particulares que se colocam frente aos acontecimentos.

A ligação energética-mental do espírito que vai reencarnar, na concepção espírita, inicia se desde o momento da fecundação (pelo que se sabe, afetiva e energeticamente muitas vezes antes mesmo da fecundação). Isso não impede, entretanto, que muitas vezes, pelo mais diferentes mecanismos, não haja viabilidade para o desenvolvimento embrionário e fetal, resultando em muitos casos em abortamentos naturais/espontâneos, num processo de seleção natural da espécie. Nessas circunstâncias, o Espírito que se preparava para retornar ao mundo material aguardará nova oportunidade, que não deixará de ocorrer, cedo ou tarde, dando continuidade ao processo evolutivo.

Por outro lado, em muitos casos, vale salientar, até mesmo porque a partir de exceções ou fatos minoritários podemos fundamentar a defesa de teses (ou pelo menos hipóteses), segundo os próprios espíritos informaram a Kardec, há fetos que jamais tiveram um Espírito designado para os seus corpos.

Portanto, a visão espírita, se coloca numa perspectiva mais ampla, sem o sectarismo religioso e o imediatismo de quem não consegue perceber a amplitude do processo existencial do espírito (imortal), pode trazer uma perspectiva esperançosa, distante da condenatória culpa que cerca os seres que enfrentam o dilema da interrupção da gravidez por motivação terapêutica, seletiva ou voluntária. Um debate que mais ou mais tarde terá que ser retomado pelo movimento espírita.

Quando à manipulação genética no sentido de buscar o aperfeiçoamento das espécies animais e vegetais pela ciência, cabe questionar: tal procedimento é contrário a lei natural? E a manipulação genética dos próprios seres humanos? Seria mais conforme com a natureza ou com a lei de Deus deixar as coisas seguirem seu curso natural? Essas indagações foram lançadas originalmente por Kardec (1857), em “O Livro dos Espíritos”. Eis a resposta que as individualidades extracorpóreas manifestam há mais de 144 anos: “Deve-se fazer tudo para alcançar a perfeição, e o próprio homem é um instrumento do qual Deus se serve para

alcançar seus fins. A perfeição, sendo o objetivo para qual tende a Natureza, favorecê-la é corresponder a essa finalidade”(pergunta 692).

Estamos firmemente convencidos de que todo e qualquer benefício efetivo, fruto da intervenção do homem sobre a natureza, que possa ser incorporado pela humanidade e que possibilite a satisfação de nossas necessidades, a melhoria da qualidade de vida, o alívio dos nossos sofrimentos, a busca do prazer e da felicidade, desde que pautado pela serenidade, bom senso, equilíbrio, desejo de fazer o bem e de não praticar o mal, sem danos efetivos para os demais indivíduos, para a natureza (e, no caso das pesquisas genéticas, para as gerações futuras) e que permite a universalização desses benefícios para todas as pessoas, independente de classes sociais ou outras variáveis excludentes, devem ser obstinadamente perseguidos pela ciência e colocados à disposição da sociedade. Não podemos relegar a capacidade de utilizar para o bem esse instrumento de transformação da realidade e construção do nosso progresso chamado inteligência.

As teses que têm sido fundamentadas na esteira do sequenciamento do genoma humano são de valor ético inestimável, muito embora a imensa maioria das pessoas (e os próprios espíritas) não tenha se apercebido ainda. Entre essas, duas que o espiritismo vem sustentando desde sua fundação.

A primeira, que os homens constituem uma única raça, a humana, sem distinção de credo, cor, origem étnica, geográfica ou de classe. Nosso patrimônio genético demonstra que temos a mesma natureza, mas que se individualiza para cada criatura, de tal forma que somos todos iguais e, ao mesmo tempo, cada um constitui uma individualidade (genética e espiritualmente).

A segunda, diz respeito ao elo evolutivo do homem com os demais seres vivos, comprovados pelos padrões de semelhança do ponto de vista do patrimônio genético de diferentes espécies que possuímos com os demais seres vivos (dos menos aos mais complexos, dos vírus aos nossos quase-irmãos chimpanzés).

Quanto à expectativa entre os cientistas de identificar e explicar através de fatores genéticos comportamentos humanos e outras condições complexas de vida, consolidando a tese que defende a programação genotípica da dimensão intelectual e cognitiva do ser, cremos que o avanço das pesquisas tenderão, em parte, a corroborar a concepção que admite uma dimensão não material da existência. Não acreditamos que a ciência (nos moldes atuais) provará a existência do espírito. Não é seu papel, muito menos o objeto de preocupação da genética. Entretanto, na medida em que se aprofunda o conhecimento do homem e que novas e antigas indagações se impõem, não há como fugir da necessidade de aprofundar a investigação sobre a perspectiva psíquica das criaturas humanas.

Ao contrário do que defendem ou imaginam muitos espíritas, essa contaminação com ramos do conhecimento humano que se destinam a estudar a dimensão material da vida é profundamente benéfica para as teses espiritualistas e Imoralistas. É que nos esquecemos, quase sempre, que somos um complexo existencial muito mais unitário do que o dualismo classificatório com o qual denominamos o ser (espírito-matéria) e de uma maneira geral acreditamos (e esperamos passivamente) que seja desenvolvida uma tecnologia ou metodologia “pura” para a comprovação do espírito, o que nos parece cada vez mais impossível.

Ao contrário, percebemos cada vez mais que a dimensão energética que se estrutura mentalmente após o desencarne e com a qual o espírito se apresenta e produz sua forma, obedece a padrões fenotípicos muito evidentes. Nesse ponto vislumbramos o esboço de uma teoria para o chamado perispírito ou corpo

espírita, a partir do fenótipo, a ser desenvolvida oportunamente. Seria possível, da mesma forma, extrapolar e imaginar um padrão “genotípico” para o espírito? É um tema que merece ser debatido entre os espíritas (e com os espíritos).

Por fim, cabe refletir sobre a inquietante questão da clonagem. Do ponto de vista espírita, não se pode admitir que a manipulação de padrões genéticos seja efetuada para mera satisfação da vaidade ou da mercantilização da investigação científica. Não há justificativa ética que sustente tais finalidades. Mas não se pode obstaculizar o avanço de tecnologias que estejam colocadas a serviço da humanidade, como por exemplo, a utilização da replicagem genética para a produção de órgãos destinadas a transplantes ou produção de terapias que recuperem a saúde de milhões de seres desenganados.

A alegação de que não se pode impedir provas e expiações determinadas por Deus para as criaturas é absurda e dogmática, uma inaceitável perspectiva fundamentalista de que o destino é traçado e que o homem não possui livre-arbítrio para lutar, com todos os recursos e energia disponíveis, para superar os limites que a vida lhe impõe (o que não significa deixar de se resignar e viver com dignidade quando esses limites não puderem ser ultrapassados ou vencidos).

Somos contra a realização, no momento, da clonagem de seres humanos, por motivos éticos e de consciência. Achamos que as críticas dos cientistas que se opõem à clonagem nesse momento são fundamentais. Cremos que não se trata de um procedimento científico corriqueiro e que a sociedade tem o direito de contar com um grau de certeza maior sobre o destino que está reservado para pesquisas desta natureza e as suas consequências sobre diversos aspectos, inclusive os técnicos e éticos (princípios que se aplicam e podem ser estendidos, sem dúvida, para toda e qualquer nova incorporação tecnológica e científica que extrapole os limites do que convencionamos – ou contratamos – socialmente ético).

Entretanto, do ponto de vista hipotético, a clonagem de seres humanos, que tanta celeuma têm trazido, na perspectiva do espírito, não seria um problema (insistimos que estamos tratando do assunto no plano das hipóteses), que torne a sua realização um pecado ou mesmo condenável. Sob a ótica espírita, à semelhança do que ocorre em gêmeos idênticos, a individualidade espiritual que presidirá a criatura concebida a partir da manipulação genética é absolutamente distinta da que lhe fornece o patrimônio genético. Existia antes, independentemente, e assim continuará existido, apesar da absoluta semelhança do ponto de vista corpóreo.

Seria, sem dúvida, mais uma demonstração de que o genótipo é extremamente importante para explicar o que somos (e como somos), mas incapazes de produzir um clone que pense, sinta, haja e viva reproduzindo os padrões complexos de existência de seu pai ou mãe biológicos, consolidando a percepção de que aquilo que nos efetivamente individualiza é o princípio inteligente, o espírito imortal.

Argumentos têm sido utilizados, entre alguns espíritas, para rejeitar não apenas a clonagem de seres humanos, como até mesmo a doação de órgãos: a rejeição perispiritual. Consideramos uma tese absolutamente infundada, desprovida de coerência conceitual e com graves consequências humanitárias (em relação à questão da doação de órgãos). Se o espírito +e capaz de remodelar o corpo espiritual ao padrão material/energético de cada novo mundo em que transita, por que não poderia desenvolver um processo

adaptativo ao receber a doação de um complexo material biológico de natureza e complexidade semelhante ao seu?

Se ao receber estímulos energéticos, por exemplo, através de práticas terapêuticas tais como a Acupuntura ou a Homeopatia ou pelos benefícios trazidos pela emissão energética próxima (o passe, como ainda é designado pela maioria dos espíritas) o receptor tem em seu campo energético estimulado a reagir, assumindo um novo padrão que lhe proporciona melhores condições de vida e saúde, por que não haveria de responder da mesma forma? No caso específico da clonagem, não haveria absolutamente nenhuma diferença do processo de formação do perispírito e do campo energético que cada uma das criaturas forma na fecundação pelos métodos tradicionais ou pela inseminação in vitro.

A grande contribuição do espiritismo nesse debate é a afirmação da existência do espírito, a imortalidade da alma e a evolução infinita, ao agregar a dimensão extracorpórea das criaturas: o princípio espiritual.

O espiritismo demonstra, a partir dos fatos pela via da experimentação, a preexistência, a existência e a sobrevivência da alma, que conserva todas as faculdades intelectuais, morais e espirituais depois do desencarne. O espiritismo somente manterá sua atualidade e importância se conseguir apresentar essa contribuição para o pensamento humano. E esse é um trabalho que depende, para começar, de cada um de nós. Esperamos que não seja tarde...

2 - Musicoterapia:

Uma opção para o Tratamento de Problemas Físicos, Psicológicos e Espirituais

Bertha M. De Andrade Vidili

O QUE É, E PARA QUE SERVE A MUSICOTERAPIA?

Musicoterapia (MT) é um ramo da Ciência que lida com o estudo do complexo som-ser humano. É uma disciplina paramédica que se utiliza da música e do som em geral para abrir canais de comunicação e recuperar pacientes para a sociedade. Ou seja, é a utilização controlada da música no tratamento, reabilitação, educação e treinamento de crianças e adultos que sofram de distúrbios físicos, mentais ou emocionais.

Embora em países de primeiro mundo a MT já é reconhecida como prática terapêutica científica, no Brasil ela ainda dá os primeiros passos. Várias universidades, públicas e privadas – a Universidade Estadual do Paraná, as federais do Rio Grande do Sul e de Goiás, a FMU em São Paulo bem como as universidades de Ribeirão Preto e do Rio de Janeiro – já ministram o curso de MT. No entanto o público brasileiro em geral desconhece o que vem a ser essa prática terapêutica e tem dela uma visão totalmente preconceituosa.

É comum que a MT seja associada a “pessoas alternativas”, com longas túnicas, entoando mantras e que utilizam músicas new-age para relaxar seus clientes – isso pode ser até uma técnica de relaxamento, mas com toda a certeza não é Musicoterapia.

Para exercer sua profissão o musicoterapeuta precisa cursar quatro anos de curso superior. O currículo inclui matérias das áreas de psicologia, de medicina – como neurologia e patologia – e de música – como teoria, harmonia, folclore e prática instrumental.

Por ser uma prática terapêutica não-verbal, a MT tem se mostrado muito eficaz no tratamento de pacientes com dificuldades de comunicação. Há vários casos de autistas que apresentaram melhoras ao longo do processo terapêutico, conseguindo manter um diálogo sonoro com o terapeuta. A partir do estabelecimento dessa comunicação, muitos pacientes começam a interagir com familiares e outras pessoas.

Também idosos com problemas de senilidade, bem como enfermos dos males de Parkinson e Alzheimer têm conseguido retardar o processo degenerativo. Pesquisas realizadas na Escola Paulista de Medicina mostram que as regiões cerebrais responsáveis pela memória musical são as últimas a serem atingidas em doenças degenerativas. Por isso é comum que idosos que não conseguem lembrar sequer o nome dos familiares sejam capazes de cantar corretamente canções de sua juventude.

É importante falar-se aqui sobre o conceito de comunicação – conjunto de procedimentos por meio dos quais uma mente pode afetar outra mente.

O prazer que se desfruta na comunicação constitui a força que leva à busca de relações humanas (saúde mental). Muitas vezes o sistema de comunicação de um ser humano está seriamente comprometido, como no caso do autista, que vive alheio ao mundo exterior. A ação terapêutica tem intenção de produzir mudança no sistema e na forma do ser humano comunicar-se. A função do terapeuta é melhorar a comunicação.

Mas se esta comunicação é inexistente, não há como melhorá-la. É preciso antes estabelecê-la. A MT é uma série de metodologias e técnicas a serviço da comunicação, criando um veículo em um contexto não-verbal para a relação entre dois indivíduos ou um grupo.

Nordoff e Robins nos EUA conseguiram dar início ao processo comunicativo de autistas, partindo de ruídos pertencentes ao universo sonoro desses pacientes. Reproduzindo seus sons corporais – batimentos cardíacos, ruídos intestinais ou sons externos que emitem, como gritos repetitivos e pancadas – conseguiram em parte dos casos estabelecer um diálogo sonoro. É um processo bastante lento onde com o passar do tempo o terapeuta consegue introduzir e impor ritmos, tonalidades e movimentos aos quais depois acrescentam-se respostas corporais e mesmo palavras faladas, dando início a uma comunicação verbal. Assim, autistas passam a ter consciência do próprio nome, das pessoas mais próximas e de comunicar-se para suprir necessidades, como pedir água ou comida.

EXEMPLOS DE APLICAÇÕES DA MUSICOTERAPIA:

- a) Terapêuticas – encontrar novas vias de comunicação (para autismo, Alzheimer).
- b) Reabilitadoras – através de um contexto não-verbal, como o canto ou a prática instrumental, criar canais de comunicação entre pessoas com graves deficiências motoras e o mundo exterior (para deficientes físicos, vítimas de acidentes e derrames cerebrais).
- c) Psicoprofiláticas – aumentar a capacidade comunicativa entre mãe e feto, durante a gestação (utilização em clínicas pré-natais na Europa e EUA)
- d) Sociais – investigação para a aplicação no meio social (melhorar o desempenho profissional, o aprendizado etc).

Na Argentina, França, EUA, Inglaterra, Espanha e Portugal o musicoterapeuta é parte integrante do quadro profissional nos grandes hospitais psiquiátricos. No Brasil há tanto desconhecimento que encontramos a MT associada a práticas esotéricas e sendo falsamente exercida por pessoas sem qualquer capacitação.

Existem várias associações de profissionais e estudantes de MT que visam acabar com estes abusos. Infelizmente nossa categoria profissional não tem poder político. Talvez isso se dê pelo preconceito geral existente em relação à Música. Mesmo exigindo anos de estudo teórico e prático esta disciplina é vista como supérflua.

Também a postura da classe médica no Brasil é altamente preconceituosa. Embora constantemente convidados para fóruns e congressos de MT, médicos e psicólogos raramente se interessam em conhecer esta nova área terapêutica.

O poder de coalisão da Música pode ser (e foi muitas vezes) mau utilizado. É o caso de canções que estimulam um povo à guerra ou de um mau uso por igrejas de várias seitas.

Talvez esse mau uso de caráter religioso faça com que a música não seja bem aceita nos meios de espiritismo científico. Este preconceito – que já senti mesmo em encontros espíritas – se deve ao grande desconhecimento musical do brasileiro. Isso é o esperado em um país onde o governo retirou a educação musical das escolas e o artista em geral é visto como alguém a margem da sociedade. No entanto, a presença de artistas, músicos ou não, foi sempre marcante nas grandes mudanças sociais. O espírita, principalmente o que segue a linha do pensamento científico, deveria procurar abrir seus horizontes e ampliar seus campos de conhecimento.

A MT, como um campo novo, com muito a ser pesquisado, merece ser olhada como aquilo que ela realmente é – uma ciência, que luta para poder exercer sua função que é a de melhorar a qualidade de vida do ser humano.

Princípios da Musicoterapia

As ideias leigas sobre o uso terapêutico da música e os falsos profissionais causa, sérios problemas às pessoas a elas submetidas.

Concepções simplistas como por exemplo a de que músicas lentas e suaves relaxam e trazem bem-estar provaram ser perigosas. Há muitos registros de pessoas que tiveram reações agressivas e histéricas ou mesmo ataques epilépticos causados por esse tipo de som. Os efeitos da música no cérebro humano não podem ser generalizados. Isso ficará mais claro após uma breve descrição dos princípios da MT, que será feita a seguir.

Assim como na psicoterapia existem várias linhas a serem seguidas (freudiana, junguiana, reichiana etc) também existem várias tendências na MT, como a de Modelo Médico (que analisa os efeitos físicos provocados pela música) e outras de tendência psicanalista, psicológica ou humanista, conforme o campo original de seus pesquisadores.

Os princípios fundamentais da MT foram descritos por seu fundador Rolando Benenzon, psiquiatra argentino. Eis o principal:

O Princípio de ISO (Identidade Sonora)

É um conceito dinâmico baseado na existência de sons (fenômenos acústicos) que individualizam cada ser humano. Encontra-se um perpétuo movimento no inconsciente humano e com o transcorrer do tempo potencializa a percepção passada e presente, estruturando-se. Esse é o chamado ISO Gestáltico.

Simplificando, o ISO Gestáltico é o resultado final de todas as experiências sonoras de um indivíduo. Essa identidade sonora leva pessoas a reagir diferentemente se exposta a sons idênticos, e a ter diferentes gostos musicais.

E por que as reações são diferentes? Isso ocorre porque o ISO Gestáltico é na verdade a resultante da somatórias de vários ISOs parciais.

ISO Universal

Opera na inconsciente – identifica todos os seres humanos e animais, independentemente de manifestações culturais. São os sons corporais como batimento cardíaco, respiração e outros.

ISO Cultural

Depende da cultura da qual o indivíduo e seu grupo fazem parte. Assim por exemplo determinados ritmos ou timbres de certos instrumentos podem levar um africano a um frenesi e nada significar para um escandinavo. Ou os mesmos sons podem ter significados diferentes para indivíduos de culturas diversas.

Os ISOs Universal e Cultura entrecruzam-se, absorvendo manifestações comuns. Os sons da natureza, embora universais, deixam-se influenciar pela cultura. Dificilmente o som da chuva produzirá a mesma sensação em um habitante da Amazônia e outro do deserto do Saara. Por outro lado, as canções de ninar parecem-se em todas as culturas, pois têm seu ritmo calcado no batimento cardíaco materno.

ISO Grupal

Identidade de um determinado grupo humano – família, seitas religiosas, faixa etária (ex. Adolescentes).

ISO Complementar

É uma flutuação momentânea do ISO Gestáltico, devido a circunstância externas. Dura apenas momentos. Seria o caso por exemplo de uma pessoa que detesta pagode, mas submete-se ao “clima” numa excursão, cantando e dançando com os amigos.

Para Benenzon, o imprinting produz-se a partir do nascimento e o ISO começa a formar-se no momento de fecundação (a mãe tem seu próprio ISO, que influencia o feto), continuando a desenvolver-se ao longo da vida.

Para que um tratamento musicoterápico seja eficiente e seguro é preciso que o musicoterapeuta pesquise a fundo o ISO de seu paciente.

O ISO Espiritual

Embora a teoria de Benenzon abranja quase totalmente a relação som-ser-humano, creio que há ainda aspectos a serem pesquisados.

Alguns pacientes, durante o processo musicoterápico, apresentam reações sem qualquer relação aparente com o princípio de ISO formado pela junção de suas quatro partes.

Esse é por exemplo o caso de um paciente (deficiente mental) de origem nordestina, que sem jamais ter visto um oriental punha-se a chorar copiosamente ao escutar música japonesa. Há também pacientes que, depois de serem submetidos a certos sons, passam a falar como se fossem outra pessoa ou mesmo a utilizar-se de línguas estrangeiras das quais não têm conhecimentos. Outros ainda descrevem em detalhes locais onde nunca estiveram e fatos que não presenciaram.

Os musicoterapeutas de linha média têm pesquisado estes fenômenos em laboratórios de eletroacústica, estudando a atividade cerebral desses pacientes (esse trabalho é feito na Universidade de Ribeirão Preto e na Escola Paulista de Medicina). Verificou-se que sons pertencentes ao ISO Cultural afetam as ondas cerebrais de todo e qualquer ser humano. Então, por que algumas pessoas são afetadas por sons que aparentemente não pertencem ao seu ISO Gestáltico?

A ocorrência deste tipo de reação não se relaciona à capacidade intelectual do paciente, tendo sido observada tanto em pessoas normais quanto em portadores de paralisia cerebral. É interessante o fato de que autistas (cujo comportamento é ainda um enigma tanto para a medicina como para o espiritismo) sejam muitas vezes retirados de seu universo fechado através de sons que lhes são totalmente estranhos. Há casos de pacientes que após iniciado o diálogo sonoro passaram espontaneamente a entoar escalas de outras culturas musicais, a hindu por exemplo.

No tratamento de idosos por MT também surgiram relatos interessantes. Um senhor, ex engenheiro, portador de Mal de Parkinson, não lembrava sequer de como se levava os talheres à boca. Um dia, em uma sessão terapêutica, após haver reproduzido (aparentemente ao acaso) um antigo ritmo grego, começou a descrever detalhes de templos que dizia haver construído em Atenas.

Outra idosa passou a cantar canções francesas com pronúncia corretíssima. Segundo os familiares, ela não tinha nenhum conhecimento dessa língua.

Parece-me que ao princípio de ISO descrito por Benenzon dever-se-ia acrescentar mais um componente aos já citados. Seria o ISO Espiritual – ou seja, a somatória de todos os ISOs acumulados por um espírito ao longo de suas múltiplas encarnações.

Isso é claro, não pode ser afirmado sem a realização de uma série de pesquisas feitas com rigor científico.

Dentro da classe profissional dos musicoterapeutas (formada não só pelos graduados, mas também por psicólogos, músicos e médicos com pós-graduação na área) encontram-se alguns poucos conhecedores e simpatizantes do espiritismo que concordam com a necessidade de se pesquisar este aspecto. Como, porém o espiritismo laico/científico é pouco conhecido, há o temor de que os demais profissionais de saúde (e mesmo musicoterapeutas) não encarem seriamente a questão.

O problema fica assim dicotomizado: por um lado as classes médica e dos psicoterapeutas não enxergam o potencial científico do espiritismo: pelo outro, os pensadores espíritas não conseguem enxergar

a Música – e em consequência a MT – como uma atividade profissional da mesma importância que a Medicina, a Física, a Psicologia, o Direito, a Engenharia e outras.

Uma vez que o preconceito existe de parte a parte creio que cabe aos pensadores espíritas ser os primeiros a romper com ele.

A utilização da MT em tratamentos espirituais e também como material de pesquisa do pensamento espírita traria grande vantagem para ambos os lados. O Espiritismo, como ciência em evolução, deve ter como meta a procura de novos rumos, abrir-se para novas descobertas, colaborando com elas e visando sempre o progresso da humanidade.

3 - A Mediunidade de Hoje

Carlos Alberto Faroco Grossini

Introdução

Através dos tempos observa-se uma alteração nas formas de manifestações mediúnicas, tendendo estas a passarem de grosseiras a inteligentes. Esta transição parece a primeira vista descaracterizar a comunicação, pois sendo esta mais sutil e muitas vezes quase imperceptível é desprezada como tal. Existe uma cultura que considerara mais os efeitos mediúnicos com uma sinalética, e isto talvez justifique em parte a proposta deste trabalho, ou seja, a de refletir entre outras coisas a respeito da forma pela qual nós identificamos a mediunidade nos médiuns.

Surgindo sob forma de ideias pela via intuitiva que se apresentam na mente do médium, e este por diversas razões a despreza como sendo uma influência espiritual, isto lhe faz pensar que a ideia é eminentemente sua, podendo não receber uma orientação instrutiva, ou também deixar se levar por uma ideia obsessiva, visto que ele não a identifica como tal.

Existem as mais diversas teorias e informações a respeito da mediunidade, muitas delas alicerçadas em boas e comprovadas razões, e não nos cabe aqui fazer qualquer observação crítica a elas, nossa proposta é chamar a atenção para estas manifestações que estão presentes em nosso dia-a-dia, e que para nós representam mais uma importante forma de desenvolvimento e aprendizado para o ser, como o são as outras oportunidades, cito a convivência familiar e social, as relações no trabalho, os ensinamentos curriculares das escolas e faculdades e todas as formas de aprendizado e desenvolvimento que experimentamos nessa encarnação ou fora dela.

Neste momento será que estou expressando ideias somente minhas? Mas tarde vamos ver isso. Também se fala que o médium deve educar o seu pensamento, pois ele é sensível, tendo maus pensamentos estará em contato com espíritos inferiores. Isso parece ser uma conclusão bem lógica, racionalmente entendível, e com um sentido bem prático de aplicação. No entanto entre esta teoria e a sua prática existem algumas considerações que temos a pretensão de abordar neste trabalho, e que servirão de base para a nossa reflexão sobre o assunto.

Também é importante salientar que o foco deste trabalho é este tipo específico de mediunidade, ou seja, a mediunidade intuitiva que em seu desenvolvimento tenderá a manifestar de forma intuitiva, pois esta já é uma evolução do processo mediúnico em si, não necessariamente evoluindo para outros tipos de manifestações mediúnicas como se pode pensar a princípio.

Um bom médium intuitivo é capaz de produzir muito pela transmissão de ideias com as quais sintoniza, e neste particular acrescenta-se o seu componente relativo as suas qualidades. A mediunidade intuitiva está ligada a inteligência, a condição moral, e aos assuntos de interesse que afinizam as duas partes, o espírito encarnado e o espírito desencarnado.

Muitos encarnam e desencarnam sem tomar consciência deste fato, outros trabalham a sua sensibilidade e a canalizam sob determinada forma de expressão como a literatura, a música, as artes em geral. Mas grande parte o que faz mesmo o desprezar este imenso manancial de informações que os espíritos nos trazem e que podemos a eles levar nesta vida mais ampla de relação que estabelecemos com nossos semelhantes, isto tem sido uma regra geral na evolução natural, que a exemplo das próprias espécies que em sua fase inicial também por seleção natural desprezam seus indivíduos até que inicialmente os instintos se desenvolvem, e posteriormente a inteligência os faça aproveitar melhor as oportunidades da criação. A propósito, em matéria de mediunidade estamos mais para instinto do que para inteligência, e isso é uma opinião do autor hoje.

1-AS MANIFESTAÇÕES MEDIÚNICAS DE ONTEM E DE HOJE

Antes grosseiras e de fácil percepção por qualquer pessoa, pela própria natureza com que se apresentava, ou seja, objetos se moviam sem que ninguém os movimentassem, levitavam, sons eram produzidos, e até materializações ocorriam. Isto é claro estava relacionado com a natureza dos espíritos que se comunicavam, e a necessidade da produção de efeitos físicos para que fossem notados. Deste conjunto de manifestações até então impressionáveis surge o Espiritismo, e pela perspicácia de um homem que ao observar estas manifestações buscou informações para entendê-las, usando para isso a base de seu trabalho nos próprios fatos que observava.

Modestamente, nosso propósito também é repetir o modelo de sucesso utilizando por Kardec, e pela observação, olhar de uma forma a mediunidade. Como Allan Kardec trouxe a si as informações que buscava? Simplesmente foi pela sua participação em reuniões em que os espíritos se manifestavam, juntando a isso o seu senso crítico e as suas qualidades de observador. A base deste trabalho então tem origem nas manifestações mediúnicas, mas somente as manifestações mediúnicas sem alguém como Kardec não seriam suficiente para todas estas informações fossem trazidas até nós como foram. Os tempos foram passando, e gradativamente espíritos e médiuns foram encontrando formas mais práticas de comunicação, passando de efeitos físicos para efeitos inteligentes, e com isso os médiuns passam a emprestar sua voz, sua escrita para expressar as ideias do espírito, surgem os Centros Espíritas e Espiritualistas que praticam a mediunidade de acordo com suas regras ou ritos, e com este desenrolar de estudos e práticas, a relação entre esses dois planos vai sendo a cada dia mais aceita, mas entretanto circunscrita à casa espírita, ou a terreiro de umbanda, por exemplo. Dá-se aí a nossa relação com os espíritos um certo grau de santidade, pois no momento que desejamos falar com eles temos que ir ao seu encontro em sua Casa, como se poderia ir a uma igreja para encontrar Jesus.

O Espiritismo surge a quase desaparece na França, mas antes disso se instala na América Latina sobretudo, além de se manter em outras partes do mundo de forma menos significativa. Os processos de comunicação entre os dois mundos vão se aprimorando pela melhor assimilação que os seres humanos encarnados passam a ter acerca da influência dos espíritos, mesmo que em muitas vezes de forma inconsciente. A sintonia entre ambos se dá, pelo que sabemos, pela afinidade de ideias e princípios, isto faz com que muitos sejam medianeiros sem se aperceberem. Tomamos por hipótese a seguinte ilustração para

efeito de exemplificação: “Um pintor de quadros é levado a uma sala de olhos vendados para pintar um tela, mesmo sem o recurso importante da visão expressa a sua ideia na tela com seu traço característico, e dependendo de sua habilidade sua obra ficará tanto melhor quanto maior for a sua capacidade em pintar quadros. Na sala ao lado outro pintor com o mesmo traço e estilo, nas mesmas condições e levado a pintar a mesma figura. Sem que ambos saibam os quadros são trocados, e ao serem retiradas as vendas estes pintores são convidados a completarem os quadros agora com o recurso da visão. Eles provavelmente nem vão notar o que ocorreu, pois são muito parecidos na sua forma de expressão e tratam logo de dar continuidade imagens que sequer foram iniciadas por eles”. Isto se dá por trás razões básicas:

- 1- São muito parecidos, pensam e expressam ideias de uma forma muito parecida;
- 2- Também porque não detectarão a interferência de outra pessoa na sequência de suas expressões de forma material e visível, o que os impediu de notarem a troca dos quadros;
- 3- Falta-lhes a consciência de que seus trabalhos possam ter influência indireta de outro.

Isto se dá conosco em nossa relação com os espíritos, criamos um elo de afinidade às vezes tamanho que sequer nos damos por conta de sua influência em nossos pensamentos e atos. Damos continuidade ou aderimos a ideias que tiveram sua concepção inicial e desenvolvimento em outros seres, e sem nos darmos por conta disso. Dizemos: “Tive uma boa ideia” depois de colocarmos nossa contribuição no seu aprimoramento colocamos nela nossa assinatura, sem a mínima ideia de que isso seja possível como farão nossos amigos pintores. Esta hipótese não invalida e nem desmerece um ou outro, até mesmo porque como já dissemos esta sintonia presume qualidades muito próximas, e isso não é o mais importante, pois um pintor não dá sua obra por encerrada quando termina um só quadro, é um trabalho que se modifica pela evolução natural a que tudo está submetido.

Podemos dizer que as ideias na prática não surgem do zero, mas sim são transmitidas e assimiladas porque possa, e utilizadas de acordo com a capacidade de cada um em transformá-las em algo prático e útil a sociedade.

2- AS RECOMENDAÇÕES PARA O TRABALHO COM A MEDIUNIDADE

Dentro de um ideia de que médium é aquele que percebe e transmite as ideias dos espíritos desencarnados, algumas considerações a respeito de como vemos a preparação e as recomendações para o trabalho mediúnico:

- 1- Alimentação moderada antes do trabalho, pois entende-se que uma refeição lauta interfere no processo mediúnico por ocorrer e interferir neste trabalho. Isto faz sentido, não só com relação à mediunidade, mas também para todo o trabalho que necessita de uma boa oxigenação cerebral, pois como sabemos o processo digestivo de uma farta refeição necessita de muito sangue que neste momento se concentrará mais no sistema digestivo pelo processo fisiológico natural.

Observemos que esta recomendação às vezes pode ter uma outra conotação em minha opinião inadequada, ou seja, a de que comer especialmente carnes densifica a nossa matéria sendo um “pecado” do qual ainda não nos libertamos. Na semana em que escrevo este texto mesmo pude confirmar isto como algo

encrostado no meu pensamento, pois antes de fazer uma palestra em uma Casa Espírita aqui de Porto Alegre mesmo passei em casa e jantei como de costume. Minutos antes de iniciar a palestra o processo digestivo começou, num minuto tive receio, me senti culpado, pense, “quem sabe um salsichão a menos teria me feito melhor?” Sabe o que me liberou deste insignificante e insuportável drama íntimo? A leitura do tema da noite, Da Lei de Conservação.

Questão 726 (LE) “A alimentação animal, entre os homens, é Contrária à lei natural?”

Na vossa constituição física a carne nutre a carne, de outra maneira o homem enfraquece. A lei de conservação dá ao homem um dever de entender que suas forças e sua saúde para cumprir a lei do trabalho. Ele deve, pois, se alimentar, segundo o exige a sua organização.”

Tomemos, pois, esta recomendação como importante, mas com a devida ponderação do que nossa consciência crítica construir em nosso benefício.

2- A Vigilância dos Pensamentos, este é sem dúvida o maior desafio do médium, mas vamos ver se a isso também não se aplica um pouco do sentido de “pecado” que expressei no item anterior, como isso funciona na prática? Tomamos por exemplo dois indivíduos que participarão do mesmo trabalho mediúnico daqui há três horas:

2.1- Nossa primeira personagem chama-se Maria, uma senhora já aposentada, com os filhos criados, avó inclusive, seu dia como de costume segue uma rotina tranquila com poucos fatores de influência para que Maria se desarmonize e tenha pensamentos ou atos desagradáveis, basta a ela manter seu timão no rumo atual que as coisas estarão muito bem. Está Maria, sem dúvidas, preparada para participar do trabalho mediúnico? Sem muitas dificuldades, ela não deverá ter nenhum problema para esta tarefa. Será?

2.2- Nosso segundo personagem chama-se João, um homem em plena atividade profissional, com filhos em criação e com uma rotina de atividades bastante puxada, além disso João é Diretor de uma empresa e neste momento participa de uma reunião pinga-fogo, terá que passar em casa para resolver alguns problemas ainda pendentes, e depois disso também deverá apressar-se para não chegar atrasado na reunião. Pelo visto João terá todas as dificuldades para esta tarefa. Será?

Como vimos nossas rotinas são diferentes, e em outro dia os papéis podem se inverter por determinadas circunstâncias entre Maria e João. Parece irreal que no dia de trabalho mediúnico possamos nos desligar totalmente dos pensamentos a que nos vinculamos no dia-a-dia.

Por estas nuances, Maria, João e quem quer que seja serão melhores médiuns na medida em que estiverem alicerçados em uma base moral, isto sem dúvida fará com que eles tenham um maior equilíbrio diante das circunstâncias que os influenciam, e fará com que por consequência direta e proporcional à sua moral seus pensamentos sejam mais ordenados e focados no presente, pois é no presente que a nossa atenção deve se focar inclusive no trabalho mediúnico.

3- A Leitura nos minutos que antecedem a reunião, prática comum e recomendável na preparação dos trabalhos mediúnicos, esta atitude pode auxiliar na harmonização e concentração do

médium, mas chamamos a atenção que melhor será se o próprio médium traga consigo algo que seja de seu interesse ou que ele esteja em processo de leitura. Isto facilitará a concentração que se dá em muito tempo pelo médium se sentir a vontade, lendo por exemplo o que ele quer ler a respeito do que quiser. A escolha sempre será sua, a liberdade de pensar é um direito seu inclusive na sua relação com os espíritos.

- 4- As Regras do Funcionamento da Reunião. Temos que tomar cuidado como por exemplo, o horário de início e do término. As outras regras ficam dentro do acertado entre os membros do grupo, podendo ser flexibilizadas pelas circunstâncias do momento. Mas vamos lembrar, que estamos também lidando com a organização dos espíritos e falando de reuniões com propósitos sérios, composta por pessoas com propósitos sérios não se deixam levar pelo sabor dos ventos. Um plano de trabalho deve ser seguido e revisado quando não atender as expectativas do grupo. Sobre o objetivo das reuniões mediúnicas falaremos no decorrer deste trabalho.

Com relação ao tempo de preparação e periodicamente das reuniões dependem de cada grupo e suas disponibilidades, mas entende-se que estas devem ter regularidade e um tempo mínimo para que a reunião possa se desenvolver a contento.

A luz atenuada da sala no momento da reunião ainda parece ser um condicionamento maior que os médiuns do que um fator direto influência nas comunicações. Cabe ao grupo decidir.

Orações, música de fundo e qualquer outro fator dependem do projeto e da história do grupo, que muitas vezes seguem as recomendações da Casa Espírita aonde a reunião se desenvolve.

3- A MEDIUNIDADE É MESMO UMA FACULDADE ORGÂNICA SOMENTE?

Citando a questão 226 LE “O desenvolvimento da mediunidade está em razão do desenvolvimento moral do médium? Não; a faculdade, propriamente dita, relaciona-se com o organismo; é independente da moral; não ocorre o mesmo com seu uso, que pode ser mais ou menos bom, segundo as qualidades do médium”.

Resposta sucinta e totalmente explicativa para quem se contentar com uma resposta somente, porém intrigante para aqueles que como eu refletem sobre esta resposta, e buscam entender o contexto, mas felizmente os inconformados seguem na dúvida procurando saber se realmente as coisas são como responderam os espíritos a Kardec.

Parece que por detrás desta resposta, existem outras informações , e que por sinal não são novas, nos fazendo acreditar de que o médium não somente o é por sua característica física, é necessário que sua estrutura perispiritual e principalmente sua essência espiritual estejam também dimensionados, e relacionados a esta condição, que por sua vez vem a se expressar definitivamente no corpo físico.

Dizer-se que “a mediunidade independe da condição moral do médium” é claro que genericamente esta afirmação está neste contexto coberta de razão até aqui incontestáveis. Agora, olhando mais proximamente o processo em toda a sua abrangência, observamos que existem uma série considerável de

fatores de natureza íntima do médium que o vinculam a esta tarefa , e que, não estão ligadas diretamente e exclusivamente a uma faculdade orgânica propriamente dita.

Por exemplo, em Mecanismo da Mediunidade pp 50 e 51 André Luiz relata: “GERADOR MEDIÚNICO – idealizamos o fluxo de energias mento-eletromagnética, ou fulcro de ondas de entidade comunicante e do médium, como dois campos distintos, associando valores positivos e negativos, respectivamente, com uma diferença de potencial que, em nosso caso, constitui certa capacidade de junção específica. Estabelecendo um fio condutor de um para outro em que, nosso problema, representa o pensamento de aceitação e adesão do médium, a corrente mental desse ou daquele teor se improvisa em regime de ação e reação, atingindo o necessário equilíbrio entre ambos, anulando-se, desde então, a diferença existente, pela integração das forças conjuntas em clima de afinidade. Se quisermos sustentar o continuísmo de semelhante conjugação, é imprescindível conservar entre os dois um gerador de força, que, na questão de análise e o pensamento constante de aceitação ou adesão da personalidade mediúnica, através do qual se evidencie, incessante, o fluxo de energia conjugados entre um outro, porquanto a corrente de forças mentais, destinadas à produção deste ou daquele fenômeno ou serviço, circulará no condutor mediúnico em razão do campo de energias mento-eletromagnéticas existentes entre a entidade comunicante e a individualidade do médium”.

Isto tudo em resumo ressalta a participação fundamental do espírito com seus atributos da vontade, consciência e livre-arbítrio como fatores de viabilização do processo mediúnico.

Tomando o exemplo da voz humana, ela é um processo meramente físico que se manifesta pela vibração das cordas vocais, no entanto, ela como expressão da vontade consciência e do livre-arbítrio é em síntese um expressão do espírito o que vai muito além da vibração das cordas em si.

Com relação a mediunidade podemos dizer o mesmo, manifesta-se em um corpo físico, mas pela aceitação e adesão do médium, torna-se algo maior do que o efeito propriamente dito, mostrando-se então mais abrangente do que a faculdade orgânica, revelando a integração das relações com os espíritos.

Como fala meu colega Ruy Nazário, “a mediunidade também é uma característica da psique do indivíduo” sem a qual parece pouco provável aceitar que o médium seja sensível somente por uma característica orgânica como se esta fosse um defeito de fabricação ou uma dádiva divina para os que gostam dos extremos das qualificações determinísticas.

Com todo o respeito, meu raciocínio lógico e minha percepção mediúnica parecem indicar algo ao redor disso, em muito de um, e nem muito de outro lado, e com o perdão da redundância o médium hoje fica com a média dos atributos e características que lhe conferem.

4-O QUE É SER UM BOM MÉDIUM?

Uma preocupação bastante comum é a da finalidade do médium, ou seja, o quanto mais “limpa” for a mensagem maior crédito terá o médium, ou seja, para uns um bom médium é aquele que transmite integralmente, com todas as vírgulas e tremas a mensagem ditada pelo Espírito Comunicante, quase como se ele fosse uma máquina copiadora, um duto desobstruído entre os espíritos e nós aqui encarnados. Isto parece

ser o mais importante mesmo? Se parece, por favor, me respondam, como podemos aferir com tanta precisão isso?

Parece que a ideia do bom médium mandalete está em franco e saudável desmoronamento, e por respeito a todos sabe-se que um bom médium não é somente que sente e deixa passar às ideias como se o espírito tomasse total conta de seu corpo, isto não é mediunidade, isto é possessão espiritual. Lembremos, o médium fica no meio, participa, coloca as suas impressões junto, discute, e discorda ou concorda mesmo que inconscientemente no processo.

Um bom médium hoje tem seu conceito mais vinculado a outros fatores como:

- Boa condição moral, mas afinal, o que é isso? Como se mede este negócio chamado moral? E o que isso tem a ver com o processo? Sabemos que existem muitos médiuns de uma condição moral bastante duvidosa, quando não totalmente imoral? Observemos suas atitudes como pessoa, sua forma de agir, a coerência entre o seu discurso e sua ação, e dentro dos valores morais que elegemos como bons, vamos identificar sem muitas dificuldades uma boa condição moral. Lembremos de que o médium não é um ser com perfeição moral, repito, ele está no meio, tendendo um pouco mais ou menos para o lado que indica a melhor condição moral.
- Disposição para a atividade mediúnica, podemos dizer, que a disposição para o trabalho mediúnico é um fator que acredita em muito uma pessoa que se coloca a disposição para desenvolver a sua sensibilidade para captar informações transmitidas dos espíritos. Isto não é uma peculiaridade do trabalho mediúnico somente. E esta condição, é de caráter natural, e em qualquer empreendimento a que lançamos em nossas vidas, sejam os mais simples e corriqueiros ou mais ousados e desafiadores, estes projetos pela disposição aplicada se viabilizam ou não na razão direta e proporcional a esta disposição. Para simplificar, quanto maior for a disposição de fazer, maiores serão as possibilidades de acontecer.
- Conhecimento teórico, do básico ao complexo, o conhecimento a respeito do tema mediunidade dará ao médium a sustentação elementar de quem ele necessitará para entender o que está ocorrendo ou ocorrerá com ele e seus pares no trabalho mediúnico. As experiências acumuladas de pessoas que já trouxeram muitas informações até nós a respeito do tema devem ser consideradas e servindo de base para o médium iniciante. Já para os que cumpriram esta etapa, o desafio é dar a sua contribuição na continuidade do aprimoramento destas informações.
- Determinação, ao lançar-se neste trabalho como propósito de elevação, o médium poderá encontrar-se com alguns obstáculos da natureza íntima, pois ao expandir-se para fora naturalmente haverá também uma expansão ao seu interior, se assim podemos dizer, ou seja, ele ou ela, vão se tornando mais lúcidos e mais conscientes do seu próprio eu, o que dizem ser o Eu interior. Torna então gradativamente o seu inconsciente a cada dia mais consciente, e por simples continuidade, neste momento surge o conflito interior, e a necessidade de mudança. Neste momento a determinação será fundamental, pois sem esta determinação o médium poderá optar por desistir, acomodar o seu processo de descoberta. Dizem então, e nós concordamos,

que um bom médium precisa ser determinado, não somente para reconhecer a realidade que o cerca, mas principalmente para tratar com maturidade as suas questões internas.

- Disponibilidade, a questão tempo é fundamental em todo o projeto que se empreenda, o médium tem que estar com esta disponibilidade, pois um trabalho como este demanda tempo, horas de reuniões, horas de leituras, anos de reflexões e às vezes segundo para tomar as decisões.
- Disciplina, a presença constante nas reuniões, a pontualidade, a preparação necessária com efetividade para os trabalhos com a mediunidade vão dando ao médium segurança. Também os espíritos sabedores disso vão confiando ao mesmo uma carga de informações de acordo com as suas qualidades, e entre elas lá está a disciplina, aquilo que nos lembra organização, compromisso, regularidade e em outras palavras confiabilidade.
- Dedicção, dedicar-se é fundamental em tudo o que é importante, e para o médium que deseja transformar esta condição de sensibilidade em algo mais importante para si mesmo e para os que os cercam, a dedicação é imprescindível, pois esta característica será um importante condutor na busca das informações necessárias.

5-A PREPARAÇÃO DO MÉDIUM PELA SUA MEDIUNIDADE

Você já ouviu esta expressão? “Meu filho, você tem mediunidade e precisa desenvolver”, se não fizer isso??? “Não sei como vai ser!” O que deveria ser dito se isso fosse uma verdade absoluta? Por que tem que ser assim? E será que é isso mesmo? O que será das pessoas que nunca ouviram falar disso e que nasceram em locais onde isso nem é conhecido? Será que Deus em sua engenharia divina destinou médiuns somente a nações como o nosso Brasil? É claro que não! Pessoas sensíveis ao “invisível” existem em todo o mundo, nós espíritos tratamos isto é claro de uma maneira peculiar, entretanto não diferindo muito nos princípios de relação com o que está “num outro mundo”. As crenças religiosas de uma forma ou de outra atendem a estas necessidades, prometendo a seus seguidores o Céu ou o Inferno de acordo com o cumprimento de regras imutáveis feitas pelas interpretações dos homens aos sinais de Deus ou seus prepostos, os santos.

Para aqueles que puderem, e desejarem, a mediunidade pode ser por ela mesma uma importante fonte de desenvolvimento do médium, basta a ele compreender que ela está a serviço de sua evolução, e na medida de seus méritos ela pode levá-lo a um desenvolvimento sério, e também ser um catalisador no seu processo de amadurecimento.

Como fazer isso? Conhecendo a mediunidade, alicerçando-se moral e intelectualmente para por este caminho dispendo-se a agregar em sua vida esta tarefa que deve ser considerada como natural, sem nenhuma santificação, sem mistificações ou propósitos de interesses escusos.

Mas sem dúvida, algumas sensações que uns manifestam com a maior frequência que outros são indícios de uma sensibilidade que deve ser entendida e eventualmente desenvolvida, sem no entanto, nos parecer lógico que no coloquemos em primeiro lugar no trabalho sem entender o que devemos fazer. Passa a descoberta da mediunidade em linhas gerais por este processo abaixo demonstrado, que se origina em

algum desconforto ou sensações estranhas sem causa médica diagnosticada. O sensitivo, se assim podemos dizer, vivencia estas sensações sob determinadas condições, ou indistintamente até que se identifique com esta característica, para então a partir desta constatação e primeiro lugar procurar o alívio desses sintomas. Aqueles que decidirem ir mais além, em descobrindo este canal de comunicação e relação com os espíritos se desenvolvem buscando agora o seu desenvolvimento também por este caminho, e usufruindo desta possibilidade passam a conhecer, vivenciar e compartilhar com um grupo de relação muito mais amplo (os espíritos), vejamos o esquema que se segue.



Uma frase bastante difundida no meio espírita é esta, “eu não entrei aqui por amor, e sim pela dor”. É verdade, os processos na maioria das vezes começam pelos sofrimentos de causas não aparentes, talvez de natureza espiritual e quem sabe uma obsessão. O Espiritismo pode ser um caminho para quem procura estas respostas, ou melhor, neste momento ele nem procura respostas, procura sim alívio para as suas inquietações, algo que venha de fora pra dentro, algo que resolva ou atue diretamente nos efeitos de seu sofrimento.

Descobrimo-se como um sensitivo, o indivíduo que desejar pode dedicar-se a desenvolver-se mediunicamente, o que é bem diferente do que ser sensível a presença de espíritos. Reproduzir comunicações dos espíritos simplesmente não vai nos levar a lugares melhores, a relação a que nos propomos é mais ampla e para isso precisamos de pessoas que estudem este assunto, discutam, tragam as novas experiências ao conhecimento dos outros, sejam a demonstração viva de pessoas que estão se melhorando e reformulando suas atitudes para melhorar. Isto estimulará novas adesões daqueles que estão ainda indecisos sobre o sentido da mediunidade, ou seja, o desenvolvimento da pessoa do médium, não somente como médium, mas como pessoa no sentido amplo na palavra, onde ser médium é apenas uma parte de seu todo, embora importante, não é a única.

Participando de um trabalho sério, que esteja norteado pela busca dos conhecimentos e o intercâmbio saudável com os espíritos, o médium encontrará dentro de si muitas respostas as suas inquietações pelo trabalho com a mediunidade. Como já falamos, os múltiplos fatores que se apresentam neste trabalho, o que não se restringe a reunião mediúnica, o médium começa a vivenciar situações que poderão lhe dar os seguintes benefícios:

- 1- Maior confiança, o que fará com que se sinta mais forte para lidar no dia a dia, mais seguro nas tomadas de decisões.
- 2- Ampliação da consciência, o indivíduo passa a olhar as coisas de uma forma mais abrangente, liberando-se gradativamente de bloqueios causados pelos seus próprios pensamentos, que normalmente são muitos suscetíveis de influências negativas internas ou no meio, quando não os dois simultaneamente.
- 3- Maior autocontrole dos estados emocionais, experimentando as sensações trazidas pelos espíritos que participam do trabalho mediúnico, o médium exercita e aprende a lidar com influências “invisíveis”, aprendendo a relacionar-se com diversidades de pensamentos que se expressam através de si ou de seus colegas de trabalho mediúnico, entendendo e vivenciando mais amplamente as influências que não tem origem no seu próprio espírito, embora se saiba que algo o vincule a esta ou a aquela outra sensação. Passa a entender mais como estas influências atuam sobre os seus estados emocionais, e torna-se mais vigilante aprendendo a contornar e enfrentar as situações de ansiedade ou conflitos com maior autocontrole e conseqüente equilíbrio.
- 4- Ampliação da capacidade de cognição, ocorre a percepção mais apurada dos estados físicos e semimateriais que estão a volta indivíduo, o que aguça a sua sensibilidade, seus cinco sentidos se tornam mais expansivos e sensíveis o que possivelmente se justifique pois a médium passa a expandir com maior facilidade o seu perispírito, e este, como se sabe tem uma capacidade de percepção mais ampla quando no seu estado pleno de criação e evolução, ou seja, o perispírito do Ser passa a informar a seu espírito em um ciclo de informações entre o corpo e espírito que se retroalimentam interligadas pelo perispírito. Para isto é necessário que o indivíduo exercite esta sua condição de ser de inter-relação com seu próprio interior e com a natureza espiritual que lhe envolve, e a mediunidade é um dos muitos caminhos que podem ser seguidos.

Por fim podemos dizer, que estes melhoramentos não serão de uso exclusivo para a relação com os espíritos, é claro que ao conquistar uma melhoria em seus atributos, o médium passa a usá-la naturalmente, isto no seu dia a dia, o que propiciará um meio de convivência mais sadio, e mais apto a que ele esteja, por exemplo, bem harmonizado para o trabalho com a mediunidade. É uma relação de continuidade onde o principal componente é o próprio Ser, aqui qualificado como médium, mas como já dissemos, ele ou ela, passam a ser melhores pais, amigos, profissionais etc.

6-A MEDIUNIDADE INTUITIVA

Dizemos no início, que a mediunidade intuitiva é o foco deste trabalho, e é dela que falaremos agora, vou transcrever um pequeno diálogo que tive há poucos dias atrás.

Foi-me apresentada uma senhora para o ingresso em nosso Grupo de Pesquisas Mediúnicas do Centro Cultural Espírita de Porto Alegre. Fiz-lhe uma pergunta. “A Senhora já trabalhou com mediunidade?” Respondeu-me que sim, fazia 10 anos que trabalha, mas que tem medo do animismo nas suas comunicações.

Esta reposta me disse muito, e posso dizer que ela não é rara quando tratamos deste assunto, pois existe um conceito do “médium canal limpo”, que a meu ver está na contramão de nossa tendência de evolução.

O médium é o foco, o que ele pensa é muito importante, suas impressões são fundamentais, e o animismo deve ser considerado sim, não como uma erva daninha neste processo, mas como parte integrante dele.

Este lembrar julgo importante, pois nele vou me alicerçar para tratar da mediunidade intuitiva, pois se o médium não aceitar a sua participação nas comunicações ele terá muitas dificuldades de aceitar as ideias sugeridas pelos espíritos dentro ou fora da Casa Espírita. Enquanto reproduzirmos conceitos sem observarmos as mudanças das coisas, estaremos a cada dia ficando mais para trás no processo de evolução, pois tudo está se atualizando ao nosso redor, e o Espiritismo tem este caráter de dinamicidade e não de dogmatismo com o qual por vezes nos deparamos.

O tema não é novo, foi citado por Kardec na Revista Espírita, e, por exemplo André Luiz trás importantes contribuições a respeito em Mecanismos da Mediunidade, embora de forma indireta pela amplitude com que o tema é tratado neste pequeno grande livro. Por exemplo no capítulo XVIII – Efeitos Intelectuais vejamos então:

“Nas ocorrências Cotidianas – No estudo da mediunidade de efeitos intelectuais, podemos invocar as ocorrências cotidianas para ilustrar a nossa conceituação de maneiras simples. Basta examinar o hábito, como cristalização do reflexo condicionado específico, para encontrá-la, a cada instante nos encarnados entre si.

Tomemos um homem moderno buscando o jornal de manhã, e vê-lo-emos procurando o setor de noticiário com que mais sintonize. Se os negócios materiais lhe definem o campo dos interesses imediatos, assimilará, automaticamente, todos os assuntos comerciais, emitindo oscilações condicionais aos pregões e avisos divulgados. Formará, então, largos raciocínios sobre o melhor modo de amealhar os lucros possíveis,

e, se o cometimento demanda a cooperação de alguém, buscá-lo-á, incontinenti, na pessoa de um parente ou afeiçoado que lhe partilhe as visões da vida.

O sócio potencial de aventura ouvir-lhe-á as alegações e, mecanicamente, absorver-lhe-á os pensamentos, passando a incorporá-los na onda que lhe seja própria, mentalizando os problemas e realizações individuais, embora a ideia fundamental lhes seja comum.

Por reflexo condicionado específico, haurido através da imprensa, ambos produzirão raios mentais, subordinados ao tema em foco, comunicando-se intimamente um com o outro e partindo no encaixo do objetivo.”

Como vimos as sintonias são fundamentais nestes processos de comunicação que iniciam se por um interesse qualquer, passam pela sintonização com ele, a emissão de ondas mentais que serão captadas e retransmitidas por um outro ou outros espíritos de mesmo propósito, sejam estes espíritos encarnados ou não. O pensamento é fonte irradiante que se propaga, pois ele também é matéria, e a esta estão suscetíveis também os espíritos desencarnados. Tudo se dá no princípio das sutilezas em nosso cotidiano, e o indivíduo muito mais preocupado com o assunto do que com a forma utiliza-se destas informações sem se dar conta disso, pois como já dissemos:

1- São muito parecidos, os dois espíritos neste campo da mediunidade de intuição pensam e expressam ideias de uma forma muito parecida, ao menos em relação ao assunto específico.

2- Também porque não detectam a interferência de outra pessoa em seus pensamentos e atos na maioria das vezes.

3- Falta-lhes a consciência de que seus pensamentos possam ter a influência indireta de outro, se estivermos falando de alguém que não domine o assunto.

O Processo de Comunicação através da Mediunidade Intuitiva

Um fator importante diferencia a mediunidade intuitiva no que diz respeito ao processo, com relação aos outros tipos de mediunidade. O fluxo mediúnico segue uma ordem aonde o espírito comunicante se comunica diretamente com o espírito do médium, e este por sua vez registra essa informação quando a recebe, transmite do seu corpo perispiritual, e este por sua vez transfere esta mensagem ao cérebro físico.

Vamos ver a seguir a representação esquemática e as diferenças deste processo, e compará-lo com o da mediunidade tradicionalmente divulgado. Veremos que diante disso poderemos ter uma visão mais clara deste tipo de mediunidade.

Isto explica algumas diferenças de sensações mediúnicas, que de acordo com o tipo de mediunidade que temos. Por exemplo, as manifestações mais densas são caracterizadas por comunicações que se dão de perispírito a perispírito, com isso as sensações físicas são mais presentes.

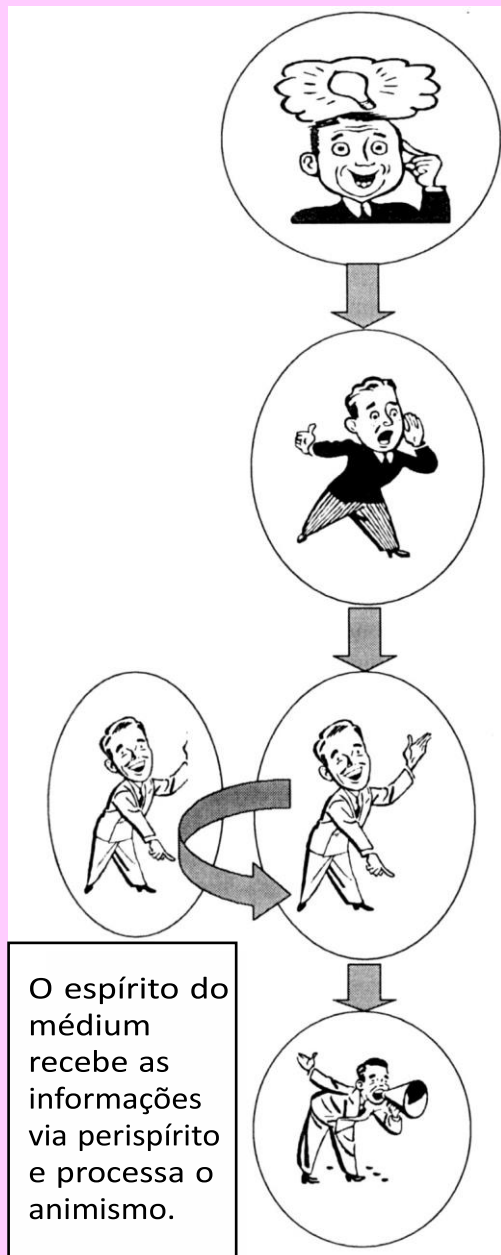
Já as manifestações intuitivas, estas se dão de espírito para espírito, aonde as transmissões de ideias são as mais frequentes.

Podemos dizer, que proporcionalmente, à medida que as comunicações passam para intuitivas é comum que os médiuns não sintam nada fisicamente, mas em compensação, se bem preparados e

orientados, usam a sua intuição para ligar-se aos espíritos diretamente sem a necessidade de sensações físicas, vidências ou outro tipo de mediunidade.

É necessário para tanto que o médium tenha, antes de mais nada, acesso ao seu próprio Ser, ou seja, o seu espírito. Isto é consequência do amadurecimento espiritual que lhe permitirá não só o contato com espíritos, mas também com os encarnados, com a natureza que o cerca, com o seu projeto de vida para a encarnação, tenha ou não consciência deste fato (mediunidade, ou relação com os espíritos).

Mediunidade Convencional



O espírito comunicante pensa em algo para transmitir.

O Perispírito recebe esta informação e transmite ao perispírito do médium.

O Perispírito do médium recebe a informação e transmite ao corpo físico.

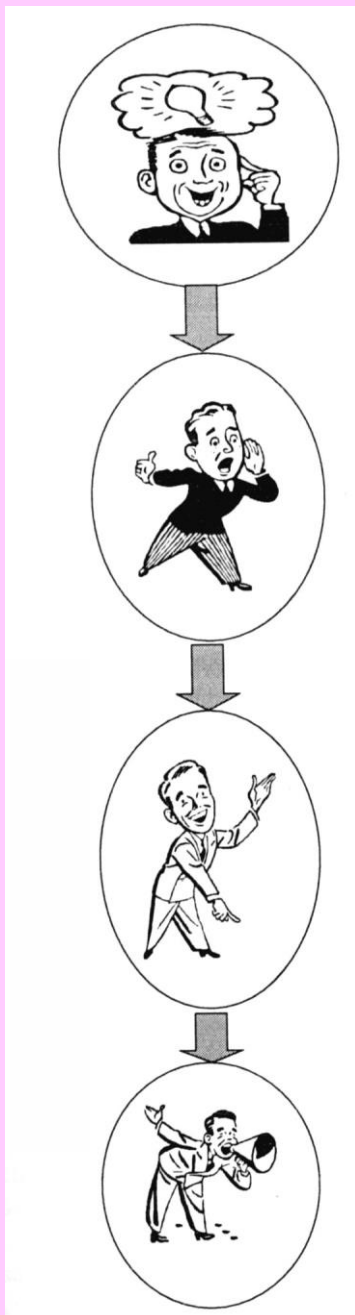
O corpo físico do médium recebe e transmite as informações.

O espírito do médium recebe as informações via perispírito e processa o animismo.

O médium poucas vezes identifica as influências, pois imagina que as ideias são oriundas de seu próprio espírito uma vez que a sequência é a mesma do animismo.

O Perispírito do médium recebe a informação e transmite ao corpo físico.

Mediunidade Intuitiva



O espírito comunicante pensa em algo para transmitir.

O espírito do médium recebe esta informação e transmite ao perispírito

O corpo físico do médium recebe e transmite as informações.

Para as pessoas estão buscando algo que seus níveis consciências, podem ser dirigido aos fenômenos, tão natural e com os espíritos), e não à

que esta pode oportunizar, o que julgamos muito mais importante.

Se o indivíduo se aperceber de que ele não é um elemento passivo antes ao trabalho com a mediunidade, sua comunicação intuitiva passa a viabilizar-se, pois atento a este propósito ficará muito mais fácil o processo desta comunicação. É um processo iniciado no campo das ideais, que pode derivar para a escrita, fala ou outra forma de expressão.

Os relacionamentos mediúnicos mais produtivos, com os interesses de estudos estão no campo da intuição, ou mediunidade de efeitos intelectuais.

Descrever como se dão estas relações não é o objetivo deste trabalho, para mim seria o mesmo que descrever a fisiologia de um órgão como, por exemplo, o coração. O mais importante é saber que ele está aqui, batendo em pleno funcionamento e faço uso disso para algo em que eu possa conhecer, atuar e

que pensam a respeito do Espiritismo e lhes tragam respostas compatíveis com os trabalhos mediúnicos tradicionais desestimulantes, pois tendo seu foco (se é assim que podemos falar de algo controvertido, como o da nossa relação relação mediúnica e as transformações

transformar em meu próprio benefício como por exemplo o pensamento. Usamos então a mediunidade intuitiva em nosso favor em nosso favor, aceitando o animismo, usando o que ela pode nos trazer na busca do conhecimento.

A mediunidade intuitiva apresenta muitas vantagens com relação as manifestações de efeitos mais rudimentares, pois neste conceito de relação mediúnica todos se beneficiam auxiliando-se mutuamente entre os dois planos de uma forma mais ampla, simples, e com encaixe em tempo real com o cotidiano. Esta relação transcende as paredes de um Centro Espírita, manifesta-se nos lugares mais comuns e necessários em prol da melhoria se este for o propósito de quem a usa. Se você sair pensando a respeito já fico contente, e quem sabe a partir disso nos associamos em uma corrente de pensamentos para pôr emanação de ondas mentais nos relacionarmos e construirmos a sequência desta ideia.

7- A RELAÇÃO DA MEDIUNIDADE INTUITIVA NO COTIDIANO

Entre uma e outra encarnação, o indivíduo leva e traz informações que se manifestam através da sua personalidade, é como se fossemos um computador recondicionado a cada nova personalidade encarnatória ligado eventualmente a Internet (mediunidade) para buscar atualizações de programas que facilitem nossas operações. A analogia pode nos dar uma ideia de como somos e para continuar no mesmo raciocínio esta relação com o meio externo e “virtual” se materializa quando anexamos informações trazidas às que já possuímos, e num processamento inteligente transformamos sinais elementares como o de um sistema binário que na essência é bem simples com impulso ativo ou inativo, num sistema complexo conforme a sua combinação inteligente. Falamos então, que o Ser tem dentro de si, um sistema binário de estar com o bem ativo ou inativo nas suas expressões.

Por repetir tantas vezes este processo de encarne e desencarne vamos desenvolvendo a condição de nos comunicarmos com o que somos (espíritos escarnados), ou o que voltaremos a ser (espíritos desencarnados), esta condição natural é inteligente, pois dá continuidade a projetos de um e de outro lado que necessitam de um tempo maior do que um ciclo encarnatório ou de um período intermissivo.

Você ai já se deu por conta, de que os espíritos também são médiuns quando estão desencarnados?

8- CONSIDERAÇÕES FINAS

Ao iniciar este trabalho, tinha – é claro – uma boa ideia a respeito do que seria feito, afinal, uma ideia desta não surge de um dia para o outro. No entanto, pude perceber a presença sutil e decisiva dos espíritos, que por via mediúnica intuitiva influenciaram neste trabalho. Algumas ideias me ocorreram e eu sem criticar as coloquei no papel mesmo sem saber qual seria a sua sequência, estas certamente não tiveram origem em mim. Pensei: se não forem adequadas eu descarto depois. Em outros momentos quis dar o trabalho por encerrado, mas por exemplo, um dia antes do término quando estava cochilando depois do almoço, me foi passada a ideia de caracterizar a diferença entre mediunidade de espírito para espírito (intuitiva) e a

mediunidade convencional que se dá de perispírito para perispírito. Nunca havia pensado nisso antes, é tão simples, tive neste momento mais uma contribuição dos espíritos.

Assim foi durante todo o trabalho, até no uso do português correto tive a interferência de espíritos, parecia que eu tinha um dicionário virtual a minha disposição conectado diretamente na minha mente, algumas palavras devem ter passado por este crivo, a final os espíritos não sabem tudo, uma curiosidade, entretanto, posso relatar, palavras que normalmente eu escreveria errado ao escrever, ou ler, na revisão me foram indicadas na forma certa de escrita. Por via das dúvidas recorri ao dicionário convencional, a desconfiança não os intimidou!

Em outros momentos, pensei em me debruçar em extensa pesquisa no que já temos escrito a respeito, fiz algumas incursões que me trouxeram subsídios importantes, mas posso dizer que a maior parte deste surgiu de observações, conversas, discussões, palestras e principalmente pela via intuitiva mesmo.

Trazer uma ideia nova, como a relação mediúnica, que não deve ser inédita, mas precisa ser amadurecida entre nós espíritas também foi para mim uma surpresa. Nunca tinha pensado nisso, talvez isso seja tema para um próximo trabalho.

Por tudo isso, tenho a agradecer a esta oportunidade destas reflexões que esperam sejam úteis a você, e a todos aqueles que desejam pensar e trabalhar com a mediunidade, fazendo desta não mais algo fenomenal e sim algo natural como ela é.

4 - O Sono – “Uma Abordagem Médica e Espírita”

Maria Cristina Zains

1- Introdução

O sono tem sido, desde tempos imemoriais, um mito e objeto de curiosidade, temores e teorias por parte dos homens, que tem procurado explicar sua existência, mecanismos e funções de acordo com os conhecimentos científicos, com as ideias religiosas e as escolas filosóficas de suas respectivas épocas.

Este interesse e esta preocupação se justificam pois o sono é dos mais fascinantes fenômenos da existência humana. A cada ciclo de 24 horas, enquanto a Terra é compelida a seu inexorável movimento de rotação, uma de suas faces gradativamente da luz solar e os seus habitantes se preparam para o repouso. Simultaneamente, um número semelhante de outros seres na outra face do planeta tentará permanecer acordado, após o amanhecer de um novo dia. E neste suceder dos ciclos, na trajetória humana, dormimos aproximadamente 1/3 de nossa existência. Definitivamente um dos maiores movimentos coletivos da humanidade.

Devido a esta importância, indagações surgem naturalmente: por que dormimos? Como dormimos? O que fazemos durante o sono? O que acontece com nosso corpo e suas funções durante este período? O que acontece quando sofremos privação parcial ou total deste processo? Ou quando parte dele sofre lesão ou alteração? O que é consciência? Ela pode ser alterada? Como isto poderia ser feito?

E à luz do conhecimento espírita durante o sono? Também, como o corpo físico, se mantém num patamar basal, reduzindo suas atividades? Dorme ou mantém a consciência de si mesmo? E em mantendo, o que faz neste período? Será o sono, para ele, uma necessidade tão fundamental como é para o campo psicológico e biológico? Quanto o Espírito interfere no Sono? Ou será ele, meramente um “espectador passivo” deste processo?

Tamanho expressão suscita a necessidade de conceituar o “sono” e num processo dialético, tentar apreender o significado da “consciência”, bem como analisar e contextualizar os conceitos espíritas existentes a este respeito.

Neste trabalho temos por escopo uma revisão dos conhecimentos a respeito do sono sob a ótica histórica, filosófica, espírita e científica; e iniciaremos por resgatá-los dos séculos, para só então, tratar da abordagem médica e espírita, sendo que sonho não fará parte desta discussão porque será objeto de trabalho posterior.

Dirigimo-nos àqueles que como nós, desejam ampliar o entendimento sobre o que acontece com o Homem, enquanto ser encarnado, durante os períodos de consciência e sono, esperando que este ensaio

possa representar uma base para novas discussões e pesquisas dentro deste universo intrigante que representa o binômio sono/consciência. 2- Histórico

O interesse pelo sono tem se refletido na literatura, no folclore, na religião, na medicina e mesmo nas relações humanas, expresso em leis e comportamentos antropológicos e socioeconômico-culturais.

Veremos a partir de agora, como, no transcorrer dos séculos e das diferentes culturas, foi ele interpretado.

A palavra sono vem do latim somnus, sendo Hipnos em grego, palavra de raiz indo-europeia procedente de swep (dormir, aquietar-se) e que dá origem ao swebban (fazer adormecer, matar, no inglês antigo)

Hipnos é gêmeo de Thanatos , a Morte, Filhos de Érebo – o Inferno e de Nix – a Noite, são representados como jovens alados, sendo o primeiro loiro e o último negro.

Ocultando-se na forma de um pássaro, percorre o mundo e, adormecendo os seres e os deuses, significa libertação, pois sob sua influência tudo é possível: encontros, viagens, visões, amor e ódio, sonhos que se concretizam, emoções que rompendo as cadeias do consciente, afloram...

Thanatos significa dissipar-se, extinguir-se, morrer, que neste caso, significa ocultar-se, pois na Hélade, o “morto” tornava-se éidolon , uma espécie de corpo insubstancial. Na mitologia Romana a morte é deusa feminina, Mors, não possuindo um mito particular.

Oniros representa o sonho personificado, um intermediário que não age por si próprio, e é enviado pelos deuses. Não tendo um mito próprio, aparece sempre ligado a Hipnos.

Morfeu, filho de Hipnos, possui capacidade de tomar a forma humana e mostrar-se aos homens adormecidos, durante os seus sonhos, além de poder fazer qualquer um adormecer.

Na Civilização oriental, Upanishad (100 a.C.) em seu “Tratado de Filosofia”, dividiu a existência humana em quatro estágios: a vigília, o sonho, o sono profundo sem sonho e a super consciência (o puro eu). Definições estas impressionantes, se considerarmos que elas se assemelham às atuais, quando dividimos os estados na existência, sono NREM (ou sono profundo sem sonhos) e sono REM (sono paradoxal, com sonhos).

Temos então, há mais de 3000 anos a arquitetura do sono desenhada de forma semelhante à moderna, quando não havia métodos de pesquisas como os que possuímos hoje e o conhecimento científico a este respeito era praticamente nulo.

Os Vedas associaram o sono à destruição e à criação ao afirmar que todo noite, quando Brahma dorme, o mundo é destruído e toda manhã, quando acorda, é recriado.

No Egito, textos encontrados nas pirâmides, relatam o mistério da ressurreição de Osíris, como um despertar do sono da morte e da rigidez para a nova vida, mediante a ordem de Horus: “Você que odeia dormir e que está cansado, levante (...), prepare seu alimento e receba seu poder”. O sono de Osíris simboliza enterro da semente na Terra, no mito do Deus que retorna para a nova vida mostrando o fecho do círculo da vida.

Como bem pudemos aquilatar, desde há muito o sono vem sendo interpretado como algo doloroso, perigoso, semelhante ou relacionado à morte e à noite, como na Bíblia em Samuel, 26:12... Sono e morte são similares; no Talmude, Berachoth 576, “o sono é um pedaço da morte”.

No Antigo Testamento o sono e o sonho são tidos como degraus para a salvação, simbolicamente identificados ou relacionados como a morte; sinal de confiança e de abandono (Sl 3,6) e momento da visita de Deus (Gn 2,21; 2 11-1). Algumas vezes benção de Deus aos bons, como no salmo 127 – “Quando ele cumula de sono seus amados”, o sono ou sua ausência também podem ser considerados castigo como em Jô (7,4), onde a insônia é interpretada como o castigo de Deus.

No Novo Testamento os evangelhos contam os milagres de Jesus, onde a morte não é mais que um sono (Lucas 7,11-15; , 52-53; Marcos 5,41-42) especificamente em Lázaro, ressuscitado por Jesus, para quem apenas dormia, enquanto os familiares o consideravam morto.

Heráclito (550-40 a.C.) introduz o sonho e o sono na filosofia, sendo para ele o sonhar, o voltar-se para dentro subjetivamente. Afirmou que aquilo que é inerente ao pensamento não muda, independentemente da idade, de ser estar vivo ou morto, acordado ou dormindo; considerando o sono como necessidades básicas do ser humano.

Aristóteles considerava que as causas do adormecer e do acordar seriam as mesmas nos animais e nos homens e que o sono e o acordar originam-se no coração, sendo atributos deste órgão.

Na idade média, Tomás de Aquino considerava que o intelecto ficava “bloqueado” por meio da privação dos sentidos e entendendo que os objetos do intelecto são de natureza sensitiva, não seria possível fazer qualquer juízo durante o sono, pois este era um estado de privação dos sentidos. Este seu pensamento é baseado em Aristóteles quando se afirmar que o fim das ciências naturais é aquilo que é aprendido pelos sentidos.

Hegel(1770-1831), definia o estado do sono e do sonho, como o momento em que o indivíduo cessa de estar consciente de si, enquanto quando acordado, ele existe para si mesmo e também interage com o restante da criação, surgindo daí um sistema de relações onde mantemos a individualidade e ao mesmo tempo, estamos unidos, fazemos parte do todo. Esta é a esfera do entendimento. No sonho, dissolvendo-se a separação entre o externo e o individual, o espírito deixa de existir para si mesmo e de se relacionar com o existir alheio. Hume (1711-1776) considerou o sono como um poder que acorrenta o corpo e a mente; Schopenhauer (1778-1861) afirmou que todo o dia o sono vinha suspender totalmente a consciência individual e que o sono profundo não diferia da morte quanto à duração do momento, mas tão somente quanto a duração do futuro, ou pelo despertar ; a morte seria um sono do qual o adormecido, por esquecimento não foi despertado.

Para Nietzsche (1844-1900), quando as pessoas dormem, estão “ausentes” da realidade e quando acordadas, preferem agir como se estivessem dormindo, isto é, sonhando, pois é mais fácil sonhar, liberar nossa imaginação, já que os homens estão habituados a mentir. O sono é irreal e caminha junto com a mentira.

Até o século XVIII, também a comunidade científica via o sono como uma morte periódica, considerando-o apenas como “ausência de vigília” e,

Portanto, um processo totalmente passivo. As tentativas de defini-lo encontraram dificuldades significativas decorrentes do desconhecimento anatômico e funcional que as grandes conquistas da ciência atual não elucidaram totalmente, permanecendo o sono e a consciência, grandes mistérios ainda a serem plenamente desvendados.

Mas, já Lucrécio (2000 a.C.) o considerava ausência de vigília; Hipócrates (séc. V a.C.) como uma transferência do sangue e do calor para o interior do corpo e um processo passível de alterações e Aristóteles, que o alimento ingerido era a causa imediata do sono.

Em meados do século X, na Europa, Avicenna escreve sobre a Higiene do Sono com recomendações semelhantes às existentes nos dias atuais e Paracelsus no século XVI, nos diz que o sono “natural” durava 6 horas, eliminando o cansaço e relaxando o dormidor; sugerindo também que as pessoas não dormissem bastante, nem muito pouco, mas levantassem quando o Sol surgisse e fossem para cama ao pôr-do-Sol. Estas recomendações e a qualificação da duração do sono são semelhante às atuais.

Nos séculos XVII e XVIII, o sono foi explicado por conceitos fisiológicos e filosóficos e no século XIX, foram usados fundamentos exclusivamente fisiológicos e químicos: falta de oxigênio e isquemias cerebrais.

Hartley, em 1749 e Macnisc, em 1830, trabalharam com o mesmo conceito de Lucrécio, onde para este último, o sono seria a suspensão da força sensorial na qual as funções voluntárias estariam ausentes, mas involuntárias, como a circulação e a respiração permaneceriam intactas.

Nos séculos XVII e XVIII Alexander Stuart, médico e fisiologista britânico e Albrecht von Haller estabeleceram outras abordagens: Stuart entendia que o sono era devido a uma deficiência da “alma do animal” e Von Haller que o fluxo da “alma” para os nervos era bloqueado pelo sangue grosso do coração.

Os cientistas do século XIX utilizaram os princípios da fisiologia e da química: Jumboldt e Pfluger acreditavam ser o sono resultante da redução ou da falta de oxigênio no cérebro; Kohlschutter, fisiologista germânico do século XIX, afirmou que o sono era mais profundo nas primeiras horas e tornava-se mais leve com o passar do tempo. Embora estas definições não tenham sido estabelecidas em experiências científicas sólidas, esta observação foi confirmada no século XX através de pesquisas realizadas nos Laboratórios do Sono.

Ishimori, em 1909 e Legendre e Piero, em 1913, observaram a produção de substâncias promotoras de sono no líquido cérebro-espinhal (liquor) dos animais, durante vigília prolongada.

A descoberta das ondas eletroencefalográficas em cães, pelo médico inglês Caton, em 1875, e das ondas alfa da superfície do cérebro humano pelo médico alemão Hans Berger, em 1929, iniciou a pesquisa contemporânea sobre o sono. Inicialmente considerado como um fenômeno passivo, consequência da mera redução do estado desperto, foi interpretado por Berger em 1937 como resultado de uma insuficiência, isto é, o cérebro não receberia os impulsos nervosos provenientes dos órgãos dos sentidos. Neste mesmo ano, com a descoberta dos diferentes estágios do sono, refletidos nas mudanças do eletroencefalograma, pelo fisiologista americano Loomis e seus colaboradores, iniciaram-se as pesquisas contínuas sobre o sono.

Em 1953, Asserinsky e Kleitman, no laboratório da Universidade de Chicago, descobrem o “sono paradoxal” ou sono REM (rapid eyes movement – movimento rápido dos olhos), modificando sua

interpretação de um fenômeno passivo para ativo. Seguindo esta descoberta, surgem as atuais técnicas padronizadas para avaliar o sono, cujo conjunto denominamos Polissonografia e que será descrito posteriormente.

Na América Latina, considera-se como primeira, a publicação anônima de 1895 em Buenos Aires, que discorria sobre insônia, seguida da tese de Grap Almeida, de 1902, denominada “Do Somno Natural”, no Rio de Janeiro, sendo a Sociedade Latino-americana para os Estudos do Sono fundada em São Paulo, durante o I Congresso Pan-americano de sono, na década de 1980.

Nas últimas décadas o interesse por parte de leigos e cientistas tem aumentado muito, o que é compreensível dado os avanços tecnológicos e o “modus vivendi” humano, com mudanças comportamentais expressivas resultantes da globalização; da maior exigência de produtividade; de turnos de trabalho que compreendem às 24 horas; da capacidade profissional e dos estudos, exigindo sempre mais horas em vigília.

Dormir é essencial, devendo ter seu tempo respeitado e modificado o menos possível, pois sua importância é de tal ordem que, todas as funções do cérebro e do organismo em geral estão influenciadas pela alternância entre o sono e a vigília. O não respeitar este tempo e seu ritmo resulta, geralmente, em distúrbios comportamentais e psicológicos.

3- CONCEITOS

Neste capítulo, abordaremos alguns conceitos que fazem parte desta discussão, porque suas definições ainda são imprecisas e com isto, pretendemos evitar ambiguidade e confusão na interpretação do texto.

CONSCIÊNCIA

Para a Medicina, consciência é a capacidade neurológica de captar o ambiente e de se orientar de forma adequada, sendo ela ser avaliada através das funções de atenção e orientação.

Atenção é a capacidade de se concentrar em determinado objeto ou situação, podendo ser passiva ou espontânea (vigilância) ou ativa e determinada pela vontade ou afeto (tenacidade).

A orientação requer atividades mentais como a percepção, a memória, a atenção e a inteligência. O espaço e o tempo estão sempre presentes na atividade psíquica lúcida e as alterações de orientação podem atingir a um ou a ambos.

É preciso ainda diferenciar entre nível de consciência, relacionado à vigília e teor de consciência ou percepção.

Vigília e a atenção dependem de ativação dos hemisférios cerebrais; a percepção e o raciocínio, da integração e organização dos pensamentos, experiências subjetivas, emoções e processos mentais quando os estímulos externos só são apreendidos com esforço da atenção.

Obnubilação apresenta um conteúdo anormal, além do rebaixamento do nível de consciência observada no entorpecimento e acompanha-se de distúrbios de percepção e do pensamento.

Confusão é um estado comportamental no qual há redução da acuidade mental, coerência, compreensão e raciocínio, sendo a desatenção e desorientação seus sinais mais precoces. Consiste na incapacidade de manter uma sequência coerente de pensamentos, geralmente acompanhada de desatenção e desorientação.

Torpor é o estado em que o indivíduo pode ser despertado apenas por estímulos vigorosos, sendo acompanhado de certo grau de confusão mental, mas onde ainda procura fugir de estímulos dolorosos.

Coma é o estado do qual o paciente não pode ser despertado pela estimulação e não faz qualquer tentativa de evitar os estímulos dolorosos.

Morte Cerebral é quando se constata perda irreversível de todas as funções cerebrais, o que é reconhecido atualmente como o equivalente à morte.

Os chamados “Estados Alterados da Consciência” podem ser obtidos principalmente através de drogas, meditação transcendental e hipnose.

As drogas chamadas psicoativas têm profundos efeitos sobre o Sistema Nervoso Central afetando o comportamento, a consciência e o humor. Sob esta denominação se incluem, não apenas as drogas de rua como cocaína, heroína e maconha, mas também os tranquilizantes e estimulantes que, com o uso repetitivo podem gerar dependência física ou psicológica.

Na MEDITAÇÃO, a pessoa atinge um estado alterado da consciência realizando certos rituais e exercícios que geralmente incluem o controle e regulação da respiração, restrição rigorosa do campo de atenção, eliminação de estímulos externos, postura corporal adequada e formação de imagens mentais de um evento ou símbolo.

HIPNOSE é um estado temporário de modificação da atenção do sujeito que pode ser produzido por outra pessoa e no qual podemos observar diversos fenômenos, espontâneos ou em resposta a estímulos verbais ou de outra ordem. Estes fenômenos compreendem uma alteração na consciência e na memória, uma suscetibilidade aumenta em relação à sugestão e, o surgimento de ideias e respostas não familiares ao sujeito em seu estado psíquico habitual. A hipnose pode provocar ou suprimir fenômenos com a anestesia total ou parcial, a paralisia com as mesmas características, a rigidez muscular, total ou localizada, bem como modificações vasomotoras.

SONO

É um processo fisiológico altamente organizado e ativo, reversível, caracterizado por redução da resposta ao meio ambiente, abolição da consciência de vigília e acompanhado de mudanças em múltiplas funções corporais.

Numa abordagem comportamental, o sono é um estado funcional, reversível e cíclico, caracterizado por imobilidade relativa e aumento do limiar de resposta aos estímulos externos e variações dos parâmetros biológicos. “Analisando as ondas cerebrais através do

Eletroencefalograma (EEG) foi possível caracterizá-lo sob o aspecto neurofisiológico, baseando-se nos padrões elétricos registrados durante a transição da vigília à sonolência e posteriormente nos estágios mais profundos do sono”.

A rápida reversibilidade para a consciência distingue o sono do coma e de estados hipotérmicos, como a hibernação, que apresenta semelhanças com o sono natural: o animal experimenta as mesmas reações instintivas: procura um lugar seguro, evitando a luz e os ruídos e inicialmente mergulha em um sono com as características comuns, que se vai aprofundando e sendo acompanhada por uma baixa do metabolismo. Os animais hibernais são dotados de uma glândula localizada junto ao timo e que aumenta de volume durante o outono, alcançando o máximo de sua dimensão no início do estado letárgico. Ricamente dotada de gordura, vai se destruindo progressivamente até ficar reduzida, ao despertar do animal, a uma massa de tecido fibroso.

4- O SONO E A MEDICINA

Nos últimos 60 anos, utilizando aparelhagem específica, pode a medicina analisar o que acontece com o cérebro, durante o sono. Descobrimos, neste período, muito mais do que todos os séculos anteriores juntos, porém, sabemos ainda muito menos do que seria desejável, prosseguindo as pesquisas na tentativa de elucidar este fascinante progresso.

ELETROENCEFALOGRAMA (EEG)

O EEG foi consequência direta das pesquisas em eletrofisiologia iniciadas na Europa na metade do século XIX.

Em 1791, Luigi Galvani relatou seus ensaios sobre a eletricidade intrínseca dos tecidos animais e em 1875, Richard Caton publica as descobertas sobre a atividade elétrica cerebral em coelhos e macacos. Hans Beger, psiquiatra alemão publica em 1930 seus achados da atividade elétrica cerebral, os quais mostravam traçados diferentes entre o sono e a vigília. Curiosamente, a maior parte de seus registros foi obtida em seu próprio filho, Klaus, historicamente descrito como um grande gerador de ondas.

O aprimoramento tecnológico que se seguiu a partir dos anos 30, elevou o EEG à condição de método não invasivo mais popular no diagnóstico de doenças neurológicas por várias décadas. Esta situação foi sustentada até a introdução de métodos de neuroimagem mais sofisticados como Tomografia Computadorizada e Ressonância Magnética. Os ritmos do EEG são baseados em 4 frequências: beta (maior do que 13 Hz), alfa (entre 08 e 13 Hz), theta (entre 04 e 7Hz) e delta (abaixo de 04 Hz) e por definição, nenhuma variação de frequência é normal ou anormal, devendo todas ser interpretadas na dependência da idade e estado de consciência dos pacientes ou voluntários. O ritmo alfa é normalmente observado em indivíduos acordados, relaxados, mantendo os olhos fechados e sua expressão máxima se verifica sobre as regiões posteriores da cabeça. Este ritmo é tipicamente suprimido com abertura dos olhos, fenômeno conhecido como reatividade e acaba por desaparecer à medida que um indivíduo passa de vigília a sonolento e adormecido. O ritmo beta tem projeções sobre as regiões anteriores da cabeça (particularmente sobre as

regiões frontais e centrais), podendo tornar-se mais exacerbado especialmente em crianças, durante as fases iniciadas da sonolência. O ritmo theta é observado em adultos normais durante a transição para o sono, em crianças durante a vigília e em idosos, sobre as regiões temporais. O ritmo delta não é normalmente registrado em vigília, nos traçados de adultos, sendo tipicamente observado nos estágios mais profundos do sono. Sua presença em vigília é em geral, anormal.

POLISSONOGRAFIA

Polissonografia é o exame que estuda os parâmetros fisiológicos do sono durante uma noite de sono, possibilitando a avaliação destes padrões e a identificação de distúrbios.

Durante este estudo, monitorizamos a atividade elétrica cerebral com o EEG; os movimentos oculares através do Eletro-oculograma, colocando-se um eletrodo próximo dos olhos; o tônus muscular com a eletromiografia (eletrodos no queixo); os movimentos respiratórios através do Respirômetro; os batimentos cardíacos, pelo eletrocardiograma (ECG) e a saturação de oxigênio, com o oxímetro.

Todos estes dados são fundamentais para a definição das fases do sono.

ESTÁGIOS DO SONO

O sono não é uniforme, apresentando fases bem caracterizadas na polissonografia, aos quais chamamos estágios. Esta diferenciação é importante em razão das modificações comportamentais e fisiológicas e pelo fato de algumas doenças estarem vinculadas a determinado estágio.

Vigília

Ocorre antes do início do sono e do despertar matinal, além de em despertares breves, em geral nas trocas de estágio e acompanhada de movimentos corpóreos mais ou menos sutis.

Sono REM

Constitui 20 a 25% do tempo de sono e é caracterizada por surtos periódicos de movimentos oculares rápidos, atonia muscular, atividade acelerada e irregular do sistema nervoso autônomo e um padrão cortical dessincronizado ao EEG.

O fluxo cerebral aumenta significativamente e a atividade cerebral lembra muito o padrão observado durante a vigília; a frequência respiratória se mostra aumentada e irregular, o que em indivíduos com problemas respiratórios como enfisema, agrava o déficit de oxigenação e pode haver ereções penianas no homem e clitorianas na mulher.

É no sono REM que surgem os sonhos e estudos tem procurado relacionar esta fase com a consolidação da memória, especialmente a emocional, embora ainda não tenha se conseguido comprovar este fato.

Embora não subdividido em estágios, podemos distingui-lo entre aspectos tônicos e fásicos. Os movimentos oculares rápidos, que caracterizam esta fase, apresenta-se em maior quantidade nos últimos episódios REMs da noite, o que levou a hipótese, não confirmada, de que significam o acompanhamento de cenas alucinatórias dos sonhos.

Os eventos REM-fásicos são intermitentes, como os movimentos oculares e as contrações musculares e os REM-tônicos são persistentes, como a inibição dos músculos e a dessincronização (ativação do EEG).

Interessante ressaltar que, embora ao EEG observemos um traçado elétrico semelhante ao da vigília, é neste momento que o limiar de despertar do indivíduo está mais elevado e é quando ocorre o desaparecimento do tônus muscular, o que significa dizer que, apesar do cérebro apresentar ao EEG uma atividade que se aproxima à vigília, este é o momento em que estamos mais isolados do meio externo e onde é preciso um estímulo muito maior para que despertemos. Em razão desta surpreendente relação entre atividade cerebral e isolamento do meio externo, esta fase também chamada de sono paradoxal, sono dessincronizado, sono ativo e sono dos sonhos.

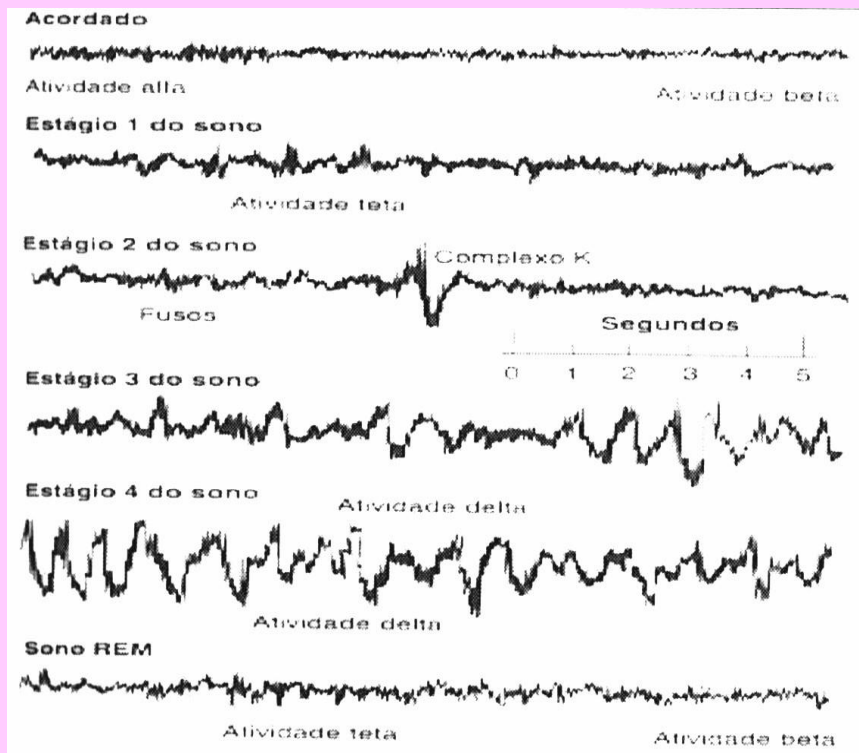
Sono NREM

Ao contrário do sono REM, observamos aqui um EEG sincronizado, ausência de movimentos oculares rápidos e atonia muscular. Esta fase é dividida em:

Estágio I – tipicamente, esta fase tem curta duração e é conhecida como fase de sonolência, podendo durar de 1 a 15 minutos. A reatividade à estimulação externa diminui significativamente e ao EEG observamos uma diminuição em torno de 50% das ondas alfa, da vigília, que são substituídas principalmente por ondas tetas.

Estágio II – caracteriza, de fato, o primeiro estágio bem estabelecido, onde apenas raros pensamentos intrusivos são descritos nesta fase. O EEG é caracterizado pela presença de fusos e complexos K. Até aqui, o limiar do sono é baixo (é fácil acordar), o tônus muscular está mantido e o indivíduo ainda se encontra receptivo às informações do meio exterior.

Estágios III e IV – o mais profundo, também chamado de “sono de ondas lentas ou sono delta”. O traçado do EEG é constituído de 20 a 50% de ondas delta no estágio 3 e mais que 50% no quarto. Predominam na primeira metade da noite, diminuindo ou desaparecendo as últimas horas de sono.



ARQUITETURA DO SONO

A arquitetura do sono se completa a cada 90 minutos e forma-se pela alternância sequencial entre o sono NREM e REM, havendo 4 a 6 destes ciclos por noite

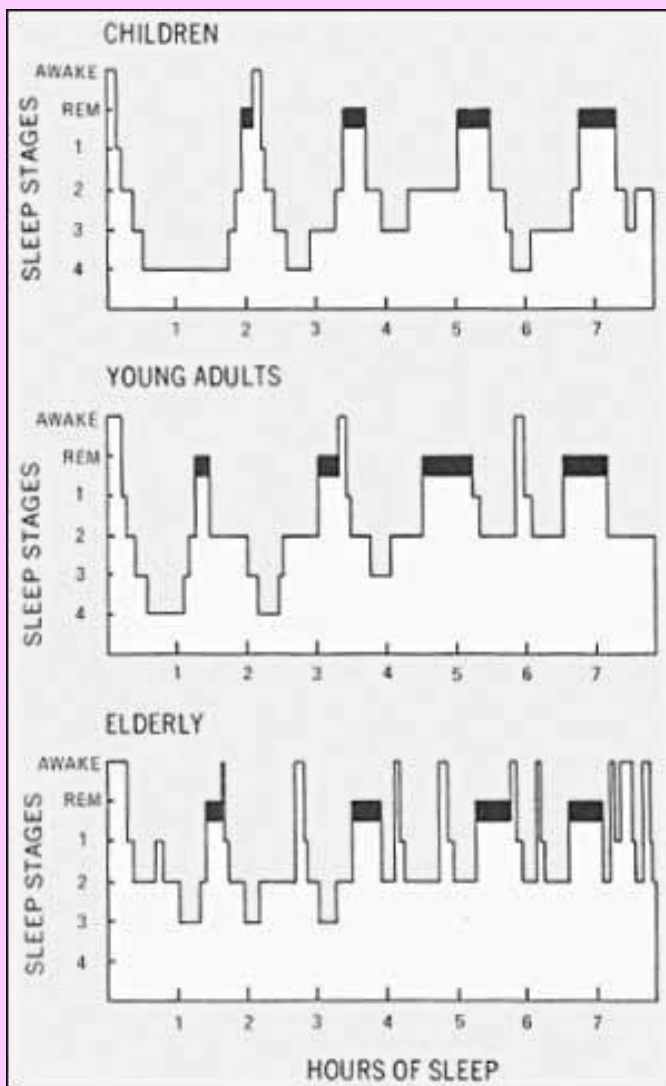
Da vigília, passamos às fases do sono NREM, sendo que as do sono profundo surgem entre 15 a 45 minutos após o início do sono, podendo durar entre alguns minutos e uma hora. Logo após, geralmente, existe uma superficialização, retornando à fase II.

Seguindo esta reversão, cerca de 79 a 90 minutos após o início do sono, surge o primeiro período de sono REM, que dura apenas cerca de 5 minutos. Com o passar da noite, estes períodos tornam-se progressivamente mais longos, ocorrendo entre 4 a 5 vezes, sempre com um intervalo médio de 90 minutos.

Interessante notar que a partir do primeiro ciclo de sono (das fases I às IV e REM), existe uma redução progressiva das fases III e IV, ficando o ciclo de sono, ao final da noite, quase que restrito a seguinte sequência: fases I, II e REM.

PADRÕES DO SONO EM RELAÇÃO À IDADE

No transcorrer da existência, o sono sofre modificações significativas e vemos a seguir quais as suas características nas principais fases da vida humana.



Sono infantil

Enquanto o recém-nascido dorme 2/3 do período de 24 horas, aos seis meses de idade passa apenas metade do tempo dormindo e aos 12 meses, o mais longo período do sono é distribuído entre as 20:00 e 06:00 horas. A proporção de sono ativo (REM) no período de 24 hs e gradualmente reduzida de 1/3 para 1/4 do tempo de sono, sendo esta redução balanceada por um crescimento da vigília.

Sono Adolescente

A puberdade muda o ciclo de sono, com os adolescentes permanecendo em alerta até tarde da noite e sonolentos de manhã, o que se torna difícil o dormir e acordar cedo. Estando cronicamente cansados se tornam irritadiços, apresentam dificuldade de aprendizado e também são mais susceptíveis a infecções.

Sono no Idoso

No idoso o sono é menos eficaz, com alteração da quantidade de tempo em cada estágio, surgimento de períodos de vigília durante

a noite, redução na fase de ondas lentas e o estágio REM mais raro. Há uma tendência a permanecer mais tempo na cama, embora o tempo total do sono permaneça igual ou diminua, o que reduz a eficiência. O sono é fragmentado por despertares, com dificuldade para adormecer novamente: o número de despertares aos 60 anos é 80% maior que aos 20 anos possivelmente isto explique a sensação de insônia, queixa comum no idoso. A redução da atividade diária, habitual nesta idade, também deve contribuir para o menor tempo de sono.

ALTERAÇÕES NOS PROCESSOS BIOLÓGICOS DURANTE O SONO

Podemos observar mudanças específicas em várias funções de nosso corpo durante o sono e aqui, comentaremos as mais significativas.

Atividade endócrina ou hormonal – o Hormônio do Crescimento obedece a um ciclo de secreções ligado aos estágios NREM III e IV. Se atrasarmos ou adiantarmos estes estágios, o pico de secreção também adiantará ou atrasará, procurando se ajustar àquelas fases.

A Prolactina, hormônio que intervém na função sexual e na lactação, inicia sua secreção cerca de 30 a 60 minutos após o seu início, e a medida que avança a noite aumenta sua concentração plasmática, atingindo seu pico máximo na madrugada.

A liberação da Tirotrófina, hormônio estimulante da tireoide, tem seu pico atingido durante a tarde, declinando no período de sono e as Gonadotrofinas atingem o máximo de secreção durante o sono, sendo inibidos durante a vigília.

Os mais altos níveis de Cortisol são observados ao final do sono ou ao longo depois do despertar e a Melatonina, hormônio pineal é influenciada pelo ritmo circadiano, mais que pelo sono. Sua liberação ocorre durante a noite e é inibida pela luz.

Sistema Cardiovascular – A frequência cardíaca (FC) reduz durante todas as fases do sono. A pressão arterial (PA) reduz discretamente durante o NREM e o REM-tônico, sendo altamente variável no REM-fásico. Durante o sono REM o fluxo de sangue para o cérebro aumenta, em média, 50%, podendo atingir 200% em algumas áreas cerebrais.

Aparelho Respiratório – O ritmo respiratório no sono REM, especialmente no fásico, é rápido e irregular, com episódios da apneia e aumento do risco de aspiração. O relaxamento muscular observado nesta fase, torna a ventilação menos efetiva e pessoas com redução da capacidade de oxigenar o sangue, podem apresentar uma acentuação do problema nesta fase. No sono NREM a respiração permanece estável.

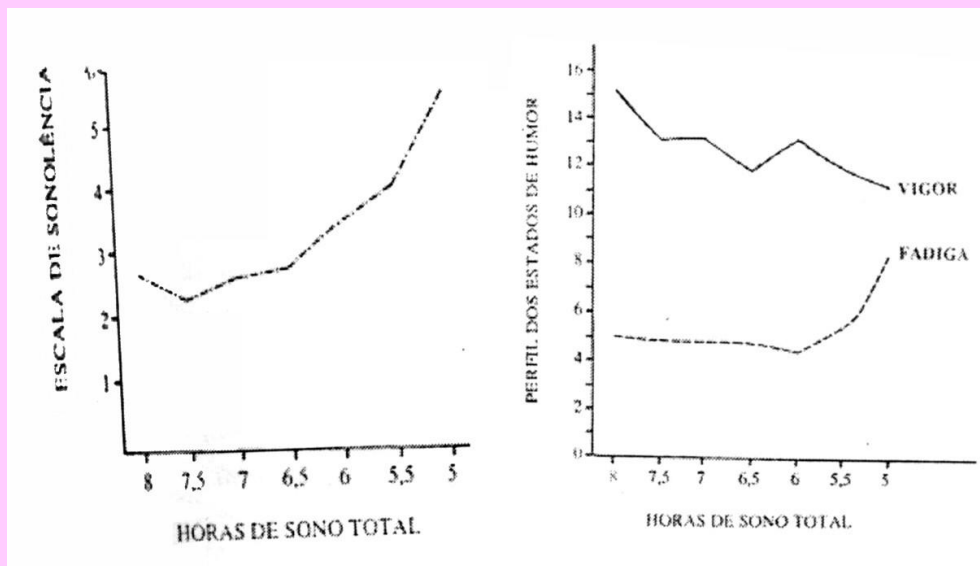
Aparelho Urinário – observamos variações no volume de urina e na excreção de cálcio, sódio, potássio e cloro.

Atividade Sexual – é comum a ativação dos órgãos sexuais femininos e masculinos durante o sono, com ereções penianas e clitorianas.

Temperatura – durante o sono REM, a regulação de temperatura é suspensa e deixamos de ser animais homeotérmicos, sendo que os níveis mais baixos de temperatura corporal são alcançados durante as últimas horas de sono, o que é explicado pela maior duração dos períodos de sono REM.

PRIVAÇÃO DO SONO

A privação total de sono realizada em voluntários, por períodos de até 200 horas, demonstrou sinais de fadiga intensa, alterações de atenção e irritabilidade, com redução acentuada da capacidade discriminativa, podendo desenvolver alucinações e transtornos do equilíbrio, da visão e da linguagem. A privação seletiva do sono paradoxal não pode ser mantida por muito tempo, pois surgem episódios incontroláveis de microsono durante a vigília. Estudos experimentais com privação total de sono, em ratos, mostram que esses animais morrem ao final de 15 a 20 dias com comprometimento neurológico e comportamental.



DISTÚRBIOS DO SONO E DA VIGÍLIA

Os distúrbios do sono são especificados segundo a classificação internacional realizada em 1990, pela Associação americana dos Distúrbios do Sono, em conjunto com associações similares da Europa, Japão e América Latina. As principais patologias são: Distúrbio do iniciar e manter o sono – ou Dissonias

Os distúrbios predominantes são em relação à quantidade, à qualidade ou horário do sono e a principal queixa é a insônia, dificuldade em iniciar ou manter o sono.

Distúrbios de sonolência excessiva – ou Hiperssonias

A principal característica neste grupo é o sono diurno excessivo.

SÍNDROME DAS PERNAS INQUIETAS – sensações desagradáveis nas pernas, geralmente antes do início do sono, que levam a uma necessidade de movê-las constantemente.

SÍNDROME DA APNÉIA OBSTRUTIVA DO SONO – caracterizada por vários episódios de interrupção completa da respiração, durante 10 ou mais segundos, o que leva o indivíduo a despertar e é esta fragmentação do sono que gera a queixa de sonolência excessiva. Nesta síndrome, 80% dos indivíduos têm obesidade e 49% hipertensão arterial sistêmica.

Distúrbios do cronograma sono/vigília

Caracterizados por início do sono e períodos de vigília mais tardios ou precoces do que o desejado.

SÍNDROME DA MUDANÇA RÁPIDA DE FUSOS HORÁRIOS (JET LAG) – observado em viagens e horário de verão, o indivíduo apresenta insônia por tentar dormir na fase errada, acompanhada de distúrbios gastrointestinais e redução da atenção, cuja intensidade depende do n de fusos atravessados e da direção.

TRABALHOS EM TURNOS – dificuldade para manter-se acordado no trabalho. Aproximadamente 70% apresentam insônia diurna; a porcentagem de acidentes nas horas livres é alta e depois de 5 anos, existe uma maior índice de úlceras e infartos.

Parassonias

Neste grupo, o principal distúrbio existente é um evento anormal, geralmente de causa orgânica, que ocorre durante o sono.

SONILÓQUIO- ou falar durante o sono, é comum em crianças e adultos. A fala geralmente envolve poucas palavras, difíceis de distinguir, podendo acompanhar o sonambulismo e os terrores noturnos. Pode surgir em qualquer fase do sono.

TERROR NOTURNO – despertar súbito do sono de ondas lentas com um grito ou um choro, com manifestações de medo intenso. Os episódios ocorrem geralmente dentro do primeiro terço da noite, observando-se também amnésia total ou parcial para os eventos durante os episódios.

DISTÚRBO DE MOVIMENTOS RÍTMICOS – movimentos repetitivos, geralmente da cabeça e pescoço que surgem imediatamente antes do início do sono e se mantém no início da fase I.

SONAMBULISMO – iniciando-se durante o sono NREM (III e IV ou de ondas lentas), é caracterizado por caminhar, falar, sentar na cama e dificuldade para ser acordado, podendo o indivíduo mostrar-se confuso, geralmente apresentando amnésia.

BRUXISMO – movimentos estereotipados de ranger os dentes ou morder, durante o sono.

ENURESE NOTURNA – micção involuntária recorrente, durante o sono.

Parassonias Associadas ao sono REM

PESADELO: consiste em sonhos assustadores que geralmente interrompem o sono, levando a um despertar súbito com medo intenso, ansiedade e sentimentos de perigo iminente. Neste caso, existe lembrança imediata do sonho assustador; um alerta completo imediatamente após o despertar, com pouca confusão e desorientação; demora em voltar a dormir, o episódio acontecendo geralmente durante a segunda metade do período de sono. O sonho é em geral longo e o medo, crescente. A longa narrativa permite diferenciar facilmente pesadelos de terror no sono.

PARALISIA DO SONO: período de incapacidade de realizar movimentos voluntários seja no início do sono ou ao despertar, tanto durante a noite, como pela manhã.

CATAPLEXIA – sintoma associado a narcolepsia onde ocorre perda súbita do tônus muscular bilateral provocada por uma forte emoção. A consciência é mantida, a respiração é normal e não se observa prejuízo da memória.

NARCOLEPSIA – de origem genética, é tipicamente associada a cataplexia e à paralisia do sono e caracterizada por sonolência excessiva, episódios repetidos de cochilos ou lapso no sono de curta duração, geralmente menos que uma hora. O sono incontrolável sempre ocorre em situações nas quais o cansaço e a monotonia são comuns, embora possa ocorrer em situações como um debate, durante a alimentação ou caminhando. A cataplexia está presente em aproximadamente 70% destes indivíduos e a privação do sono aumenta a frequência e a gravidade dos episódios. O início das manifestações varia da infância até a quinta década, tendo seu pico na segunda. Uma circunstância especial como um estresse físico ou psicológico severo precede geralmente a ocorrência do primeiro sintoma em metade dos casos.

Distúrbios médicos associados ao sono

EPELIPSIA: aproximadamente 80% dos pacientes com epilepsia apresentam um domínio de crises conclusivas durante o sono ou ao despertar. Quando as crises ocorrem quase que exclusivamente durante o sono, esta condição é chamada de “Epilepsia do sono”.

5- O SONO E O ESPIRITISMO

Alguns antropologistas sugeriram que a noção de espiritualidade e de alma é consequente à necessidade do homem primitivo de explicar como sua essência poderia deixar temporariamente o corpo durante o sono de forma permanente, na morte.

Para o conhecimento do século XIX, ao qual pertence Kardec, o sono era um processo passivo, interpretado basicamente como ausência de atividade corporal e o cessar da consciência. Ainda não havia sido descoberto o EEG e conseqüentemente, as informações que o definem como um processo altamente complexo e ativo, com fases e arquitetura própria, que interfere profundamente nos outros processos fisiológicos e é por eles afetado, podendo seus distúrbios gerar doenças ou alterações comportamentais. Pela mesma razão, não se podia então, diferenciar o sono do sonho, sendo considerados praticamente sinônimos.

Ao mesmo tempo, se constatava que, durante este período de inconsciência, poderia ocorrer comportamento diferente como a catalepsia, sonambulismo e letargia, os quais, devido ao desconhecimento do processo, eram interpretados como fenômenos sobrenaturais e místicos, sem uma explicação científica para a época. Por esta razão, supomos, Kardec procurou trabalhar estes temas, investigando-os à luz do Espiritismo na tentativa de compreendê-los e retirá-los do mundo místico, interpretando-os como fenômenos do Espírito, haja vista que o corpo, em permanecendo inerte, não poderia ser o agente causal.

Neste capítulo, relacionaremos as informações obtidas em textos espíritas até o presente momento, embora a coleta de dados prossiga, visando uma mais completa documentação para posterior análise e correlação entre os conhecimentos médicos e espíritas a respeito do sono e conceitos correlatos.

SONO

O estado de vigília é um consumo da força vital e o sono, a sua assimilação, sendo que, na personalidade humana existem forças, conhecimentos e recordações acumuladas no transcurso de existências anteriores, faculdades e energias, que o corpo oculta e apaga, mas que despertam e entram em ação no sono normal ou magnético.

Fenômeno de ordem exclusivamente física tem por finalidade o descanso e a reposição de energia corporal, sendo composto de desejos, visões e sentimentos formados de maneira independente dos objetos externos, pois os sentidos exteriores estão inativos.

Já o espírito possui atividade ininterrupta e nestes momentos se desprende parcialmente da matéria, reintegrando-se em sua consciência e conhecimentos profundos, onde sonda o passado e vai ao encontro de outros Espíritos afins, de acordo com seu progresso moral.

Uma das hipóteses para a existência do sono é que o impacto das energias oriundas da zona espiritual nas células nervosas poderia causar modificações em suas estruturas íntimas, neutralizando parcialmente o recebimento da corrente interna que sempre está presente. Neste momento, os neurônios tenderiam ao repouso, iniciando-se o sono; e enquanto a unidade nervosa repousa, surgiriam novas e sutis reações químicas com a finalidade de restabelecimento do neurônio até o novo despertar. Portanto, o sono poderia ser desencadeado por um esgotamento celular causado pela efusão energética do psiquismo de profundidade, e se faria pela mobilização dos mecanismos do sono-vigília com a interceptação dos estímulos da Substância Reticular no Tronco Cerebral, havendo também modificações bioquímicas dos setores atingidos, completando o processo que responde pelo equilíbrio do repouso celular.

As atividades do Espírito durante o sono reagem sobre o corpo e podem fatigá-lo, pois a ligação entre ambos não é interrompida e sim, apenas atenuada, um influenciando o outro.

Não é necessário que ocorra o sono completo para que o Espírito se emancipe, bastando o torpor dos sentidos, a prostração, para que ele recobre sua liberdade, que será proporcional à fraqueza do corpo. Isto explica a visão de imagens idênticas às que vemos em sonho, quando estamos apenas sonolentos e as vozes que algumas vezes ouvimos em nós mesmos e que não tem nexos com o que estamos fazendo, geralmente representando as palavras de um espírito que deseja se comunicar conosco. Este afastamento ou desprendimento pode ocorrer, em graus diversos, também durante a vigília, mas nestes casos se observam mudanças nas atividades: alheamento das coisas terrenas, e embora o olhar se mantenha vago, o corpo continua a se movimentar.

É habitual durante o sono, encontrarmos antigos amigos e parentes, conhecidos ou não durante a vigília e com os quais mantemos diálogos. Ao despertarmos guardamos a intuição do fato, com o surgimento de ideias aparentemente espontâneas, mas adquiridas durante estes colóquios, julgando muitas vezes, quando despertados, que o que aprendemos é de nossa autoria. Da mesma forma, um Espírito pode revelar a outro, o objeto de nossas preocupações no estado de vigília.

Semelhante ao sonambulismo, o espírito vê as coisas distantes, tem percepções diferentes, pode prever o futuro e ver os Espíritos, com os quais pode conversar, mas ao voltar ao estado normal, geralmente de nada se recorda e no máximo, lhe resta vaga lembrança.

O Espírito de algumas pessoas continua a trabalhar durante o sono, podendo realizar obras significativas, sendo que a atividade intelectual e a aptidão de trabalho parecem maiores no sono que durante a vigília.

Um espírito pode se manifestar através de um médium enquanto seu corpo está adormecido, muitas vezes sendo confundido com a manifestação de Espíritos desencarnados.

Os chamados “fantasmas vivos” são espíritos que, pela exteriorização da alma, durante o sono ou vigília, se mostram em sua forma fluídica e aparecem a distância. A energia necessária para esta manifestação seria haurida no corpo físico, através do cordão fluídico, pois durante o sono normal ou magnético este laço

se afrouxa e se, quando o espírito se afastar, o perispírito absorver a necessária energia, ele pode condensar-se, solidificar-se, torna-se visível e atuar sobre a matéria, produzindo sons e ruídos. A força motriz seria a vontade e nestes processos, muita vez somos assistidos por Espíritos que os mecanismos melhor que nós.

Em Dellane, encontramos a descrição de um caso de duas existências em uma, isto é, a manifestação de duas personalidades diferentes em um mesmo indivíduo, onde o fenômeno surge após um sono prolongado do qual a jovem desperta sem memória alguma, tendo que aprender inclusive o alfabeto. Meses depois, apresenta novamente um sono profundo e retorna à personalidade e o conhecimento anterior, sem recordar, entretanto, o período intermediário.

A Experiência Fora do Corpo (EFC), que ocorre durante o sono, tem sido pesquisada em laboratório com o objetivo de comprovar se o espírito realmente deixa o corpo neste momento: o paciente é monitorado por polissonografia em uma sala isolada, onde é colocada uma informação qualquer, a qual ele ainda não acessa; após dormir e ao apresentar em EFC, deve obter a informação e retornar imediatamente ao corpo, despertar e descrever o que encontrou. Faz-se então a correlação entre as informações obtidas e os achados da polissonografia, principalmente o EEG, para constatar se esta EFC ocorreu ou não durante a fase de sonhos. Nos casos referidos por Jorge Andréa, concluiu-se que realmente durante o sono, algo pertencente à individualidade dos pacientes estivera do corpo, e que este “algo” deve corresponder a um segundo corpo ou o “duplo astral” dos ocultistas, portador da consciência do paciente e sendo, o ser vivo, portanto, composto por algo além da matéria física.

O questionamento de que a EFC seja apenas uma espécie de sonho lúcido durante o qual o paciente exerce sua faculdade de visão à distância, julgando-se fora do corpo, embora não o esteja, não explica a ausência da fase REM durante a Experiência Fora do Corpo, pois embora o indivíduo afirmasse estar vendo cenas oníricas animadas, não manifesta os REMs, não estando, portanto, “a sonhar”. Então, se não é o cérebro físico que sonha, quem estaria sonhando?

SONO MAGNÉTICO

No sono comum o Espírito se afasta pouco, readquirindo apenas parte da sua independência, ficando intimamente ligado ao corpo, mas no sono provocado, o desprendimento atinge todas as graduações. Quanto mais profunda a hipnose, o transe, mais se desprende a alma, aumentando sua lucidez e percepções, entretanto então em atividade faculdades psíquicas como visão a distância, audição e adivinhação; quanto mais profundo o sono, maior a liberação da alma e mais claras se tornam estas faculdades.

O estado de transe é um grau de sono magnético que pode ser provocado pela ação de um magnetizador ou de um Espírito e que permite a exteriorização do perispírito e a liberação parcial da alma, cuja ligação com o corpo físico é mantida através de um laço fluídico, com o qual a alma nos transmite sua impressão pelos órgãos físicos, embora ao despertar não conserve lembranças deste período. É neste momento, que pode haver o fenômeno da incorporação, quando um Espírito encarnado ou não, pode se comunicar, embora também aqui, o médium não recorde nada do que aconteceu com seu corpo durante o fenômeno.

PREMONIÇÃO

Os pressentimentos são a recordação vaga e intuitiva do que Espírito aprendeu em seus momentos de liberdade e algumas vezes, avisos ocultos dados por Espíritos Benévolos, pois durante o sono, a alma livre e na posse relativa de suas faculdades espirituais pode, se Espírito adiantado ou incumbido da missão de prever o futuro, gozar da faculdade de enxergar sozinho um período ou mais ou menos extenso, vendo os sucessos que ali se dão, podendo até pressentir sua morte ou a época em que ela ocorrerá. E pode revelá-los no mesmo instante ou conservar lembrança deles ao despertar embora, dependendo da necessidade, estas lembranças possam ser esquecidas ou guardadas como uma vaga intuição apenas.

Indivíduos dotados da faculdade de prever seja no estado de êxtase ou no de sonambulismo, veem os acontecimentos como que desenhados num quadro, o que poderia ser explicado pela fotografia do pensamento, porém os erros destas predições podem advir do fato de não passarem de um projeto ou um desejo que não concretizam em realidade.

A clarividência é faculdade da alma, capaz de perceber no estado de vigília os acontecimentos passados e futuros, no mundo intelectual, como no domínio físico, sendo exercida através do tempo e da distância.

SONAMBULISMO

O sonambulismo é um estado de independência do Espírito, maior e mais completo do que no sonho e que se produz quando aquele, preocupado com alguma coisa, se aplica a uma ação qualquer, para a qual utiliza o corpo como instrumento. A natureza do Espírito e a algumas disposições físicas, que permitem o desprender-se mais ou menos facilmente da matéria, são responsáveis pelo desenvolvimento desta faculdade e embora estes episódios tenham normalmente curta duração, existem relatos de estados sonambúlicos com duração de dois anos.

Esta separação parcial do corpo é um estado anormal e temporário, embora possa ser mais ou menos longo e disto resulta a fadiga do corpo após um certo tempo, principalmente quando aquela se entrega a um trabalho ativo, sendo os sonâmbulos muito impressionáveis e sensíveis às influências da atmosfera moral que os envolva e por isto necessitam de um ambiente simpático e com poucas pessoas.

A manifestação mais simples da emancipação da alma é o devaneio em vigília, quando também pode ocorrer a presciência, mas este devaneio em grau mais avançado de desprendimento produz o fenômeno conhecido como “segunda vista”, “vista dupla”, ou “sonambulismo vígil, que pode dar-se em diferentes graus também na vigília, quando se observa um certo alheamento, agindo o indivíduo quase automaticamente e, como no sonambulismo, vendo coisas distantes, tendo percepções e sensações que desconhecemos, podendo prever acontecimentos futuros. A alma, por não ter deixado inteiramente o corpo, conserva-se a ele ligada e é através desta ligação que comunica ao corpo as sensações de frio ou calor do lugar em que se

encontra, embora, esta emancipação possa amortecer as sensações físicas e produzir insensibilidade total, pelo desprendimento do espírito”.

Neste momento, a alma tem percepções que não tem no sonho e o Espírito está na posse plena de si mesmo e os órgãos materiais se acham, de certa forma, em estado cataléptico, não recebendo as impressões exteriores. As ideias inatas e o falar com exatidão de coisas que ignora ou estão acima de sua capacidade intelectual residem no fato de possuir conhecimentos esquecidos durante o período de vigília e que são recordados nestes momentos, embora não saiba precisar de onde lhe vem e nem como os possui. Podem também receber comunicações de outros Espíritos, como se verifica principalmente nas prescrições médicas, onde o Espírito do sonâmbulo vê a doença, mas é outro que prescreve a medicação.

O sonambulismo natural é espontâneo e independente de qualquer causa exterior conhecida, sendo que o indivíduo ao voltar ao seu estado habitual, não se recorda do que ocorreu neste período. O artificial pode ser provocado através de processos físicos, químicos e vitais (vontade), permanecendo a recordação tanto dos seus estados sonambúlicos anteriores, como dos fatos ocorridos em vigília.

Existem três fases de sonambulismo: a letárgica, a cataléptica e a sonambúlica. Cada um possui caracteres físicos e processo mnemônico próprio. E cada fase conserva sua memória, embora não guarde os fatos acontecidos nas outras. A hipótese é de que a vontade do operador produz modificações sucessivas sobre a força psíquica e, indiretamente, sobre o perispírito, formando várias zonas ou camadas perispirituais, cada qual caracterizada por um movimento vibratório especial, cada vez mais rápido, à medida que a ação se prolongue. Cessada a ação magnética, a vibração nervosa e perispiritual diminui e as zonas mergulham no inconsciente de forma sucessiva, até que o indivíduo se reintegra no estado normal.

A clarividência sonambúlica é atributo do Espírito, uma faculdade inerente a todas as suas partes, cujos limites são atribuídos à própria alma, podendo ver em qualquer lugar e a qualquer distância que se projetar. A visão do Espírito não tem sede determinada e quando um sonâmbulo se reporta a um local no corpo, geralmente esse foco parece estar nos centros onde maior é a atividade vital: cérebro, epigástrico ou no órgão que considere o ponto de ligação mais forte entre o Espírito e o corpo. Ele vê ao mesmo tempo o seu corpo e a si mesmo, o que pode levá-lo a falar de si, como se falasse de outra pessoa e embora o que veja neste momento, seja visto pelo Espírito e não pelo corpo, nem tudo que é visto é correto, porque aos Espíritos imperfeitos não é dado tudo saber e ver também por que, ainda encarnado, não usufrui todas as faculdades espirituais, sendo que este fato diferencia o estado sonambúlico e o do Espírito após a morte, livre da influência corporal.

É neste estado de desprendimento que o Espírito entra em comunicação mais fácil com os Espíritos encarnados ou não, através do contato energético entre os perispírito, que serve de transmissão ao pensamento, pois não necessitam da palavra articulada.

MEDIUNIDADE E SONAMBULISMO

O sonambulismo e a mediunidade são dois fenômenos distintos que muitas vezes se acham reunidos. O médium é dotado de faculdade particular que o distingue do sonâmbulo, realizando feitos que não se

observam neste último, como a produção de aparições visíveis ou tangíveis ou a manutenção um corpo pesado no ar, sem ponto de apoio e enquanto o sonâmbulo exprime seu pensamento, o médium exprime o de outrem. Porém, muitas vezes, o estado sonambúlico facilita a comunicação, pois muitos podem visualizar os Espíritos, os descrever com perfeição, conversar com eles e nos transmitir seus pensamentos.

A lucidez sonambúlica é uma faculdade orgânica e que independe do adiantamento e estado moral do indivíduo.

Os espíritos que se comunicam através de um sonâmbulo ou que a ele atendem podem ser de diferentes graus de adiantamento, havendo inclusive um relato de caso de obsessão que se manifestava com crises sonambúlicas.

CATALEPSIA

A catalepsia ocorre nos momentos de emancipação, de grande excitação ou preocupação do Espírito que, neste estado, não pensa no corpo e, atraindo a si o fluido perispiritual, o retira da superfície, levando o corpo a uma insensibilidade temporária. Nesta condição é pelo Espírito que o indivíduo tem consciência, mas não pode se comunicar porque o estado corporal a isto não permite.

Tanto matéria inerte quanto o perispírito são insensíveis, mas este transmite as sensações ao Espírito, provavelmente através dos nervos, e desta forma as lesões dolorosas do corpo repercutem no Espírito.

Admite-se a possibilidade de que possa haver uma modificação molecular da própria energia perispiritual, ocorrendo a suspensão passageira da propriedade da transmissão das sensações entre o corpo e o Espírito.

ÊXTASE

Emancipação da alma em grau máximo, o aniquilamento do corpo quase completo, o Espírito penetra nos mundos superiores, com os quais se comunica com limitações devido aos laços que o prendem ao corpo. Entretanto, devido à imperfeição que possuímos e à possibilidade de que tenhamos contato com os espíritos inferiores que se aproveitam deste estado tentando dominar-nos, é possível haver erros de interpretação e na revelação do que acontece a este espírito.

HIPNOSE

Nos estados superiores da hipnose pode-se chegar ao extremo do limite da vida física, faltando pouco para que se rompa o laço fluídico que liga o Espírito ao corpo.

Quando associamos a magnetização ao processo hipnótico, surgem a catalepsia, o sonambulismo e o transe, onde se observa o estado de clarividência.

6- GLOSSÁRIO

Apneia: Parado do fluxo respiratório, com duração de 10 segundos ou mais.

Aspiração: Penetração de material estranho nas vias aéreas.

Ativação: Passagem súbita de um estágio profundo do sono lento para um estágio mais superficial ou do sono REM para a vigília. É sinônimo de alerta.

Atonia: Estado de relaxamento dos tecidos e musculaturas; redução do tônus normal de uma estrutura contrátil

Complexos K: Onde pontiaguda negativa, de alta voltagem ao EEG, a qual é seguida de componente positivo lento. A sua duração é de pelo menos 0,5s. e pode associar-se a um fuso do sono.

Eficiência do sono: Proporção entre o tempo de sono e o tempo na cama.

Fisiológico: Relacionado ao funcionamento dos órgãos e sistemas dos seres vivos.

Fusos do sono: são grupos de ondas com frequências entre 12 e 15 Hz com duração de 1 a 2 segundos e com distribuição semelhante às ondas do vértex no EEG.

Gonadotrofinas: nome dado a vários hormônios que agem sobre as glândulas sexuais, femininas e masculinas, estimulando suas atividades funcionais.

Insônia: Dificuldade em iniciar ou em manter o sono.

Microsono: período de poucos segundos de duração, quando ocorre a passagem abrupta da vigília para o sono.

Neurofisiológico: Relacionamento ao funcionamento do Sistema Nervoso.

Ondas do Vértex: Ao EEG, ondas de moderada a elevada amplitude, aspecto pontiagudo, em geral bilaterais e sincrônicas, que aparecem nas regiões centrais de ambos os hemisférios cerebrais.

Padrão cortical dessincronizado: relativo ao traçado gráfico de EEG das ondas cerebrais, quando se observa a perda da regularidade de frequência.

Sistema Nervoso Autônomo: ou vegetativo, compreende o conjunto de centros, fibras e gânglios nervosos responsáveis pela inervação dos tecidos viscerais, da musculatura lisa e cardíaca e das glândulas.

Tônus muscular: estado permanente de atividade basal dos músculos lisos estriados.

5 - Amélie, Uma Mulher de Verdade

Eugenio Lara

“Amélia que era mulher de verdade Não tinha a menor vaidade”

(Ai que Saudades da Amélia, Ataulfo Alves e Mário Lago)

Na história do Espiritismo poucas foram as mulheres que se destacaram, seja como intelectuais ou como ativistas. Quase sempre seu papel situa-se num plano bem subalterno, à sombra do marido. Destacam-se mais no campo assistencial, organizando chás beneficentes, administrando entidades assistenciais ou promovendo eventos promocionais.

Não é o caos daquela que se tornou conhecida como a Sra. Allan Kardec. Trata-se de Amélie Gabrielle Boudet. Poucas são as informações que temos sobre essa formidável mulher. Todavia, as existentes são suficientes para obtermos um razoável perfil, somente comparável a outra grande mulher espírita, de origem espanhola, Amália Domingos y Soler.

Em uma conversa informal com uma companheira espírita, sugeri-lhe que escrevesse um artigo sobre a Gaby, como era chamada na intimidade por seu marido, Allan Kardec. Fiquei surpreso quando ouvi uma reação intempestiva a essa sugestão. “A Amélie, nem pensar! Ela era inexpressiva, prefiro a Amália Soler”. Tentei argumentar, sem sucesso.

Realmente, não foi a primeira vez que ouvi tal assertiva. A meu ver, injusta e ignorante. Injusta, porque não corresponde ao importante papel que essa grande mulher desempenhou na história do Espiritismo. Ignorante, pelo fato de não se conformar à realidade dos fatos que compõem a sua interessante biografia.

Mesmo com todos os condicionantes de sua época, Gaby demonstrou que não era uma pequeno-burguesa totalmente passiva. Com os atributos e conhecimentos que possuía, fica difícil imaginá-la apenas fazendo brioche ou preparando um chazinho pra o incansável marido. Sua presença, ainda que discreta, foi decisiva na estruturação do Espiritismo, de acordo com depoimentos de pessoas que com ela conviveram, inclusive do próprio fundador da Doutrina.

Ao longo do tempo, notadamente após o desencarne de Kardec, Gaby teve destacada atuação na preservação do movimento espírita nascente. Seu comportamento se aproximou do que poderíamos chamar, sem exagero, do protótipo da Terceira Mulher, segundo a classificação do filósofo e sociólogo francês Gilles Lipovetsky, conceituação que analisaremos no final desse breve ensaio.

As poucas informações que podemos colher sobre sua vida encontram-se, inicialmente, em uma conferência transformada em opúsculo, proferida pelo primeiro biógrafo da história do Espiritismo, Henri Sausse, por ocasião da comemoração do 27º aniversário de desencarne do Bom Senso Encarnado, em 31 de março de 1896, solenidade organizada pelos espíritas de Lyon, cidade natal de Kardec. depoimentos de

Gabriel Delanne, de Pierre G etan Leymarie, informa es colhidas dos biógrafos Zeus Wantuil, Canuto Abreu e André Moreil ajudam a compor um panorama, ainda que tímido, do papel desempenhado por Amélie.

Recém-saída da Revolu o Francesa, a Terra natal de Gaby passava por intensas transforma es no campo político, econômico, científico e cultural. A defini o esferas pública e privada no campo familiar estava em processo de consolida o, criando assim um novo formato para a família, de características burguesas, com padrões e valores mais adequados ao novo contexto político e econômico que surgia, deflagrado pela Revolu o Industrial. Novas rela es de produ o se cristalizam, causando profunda repercussão em todos os campos da cultura.

Tentarei situar a trajetória de Amélie nesse contexto, cuja vida será dividida, apenas para efeito didático, em quatro fases: A primeira como a senhorita Amélie Gabrielle Boudet (1795-1832); a segunda fase como a Sra. Rivail (1832-1857); a terceira (1857-1869) como Sra. Allan Kardec e a última fase como viúva Mme. Allan Kardec (1869-1883).

NO PÚBLICO E O PRIVADO

Seguindo uma tendência que já se observava no século 18, no chamado Século das Luzes e as mulheres se tornam parte integrante e indissolúvel da esfera ótima, privada. Passaram a ser relegadas a esse "espaço", confinadas a ele. O espaço familiar passou a ser associado   mulher, submissa ao marido, protetora e educadora da prole, administradora das rela es familiares. Cristalizou-se a ideia de que a fragilidade biológica e intelecto-moral era parte integrante do universo feminino. A mulher tornou-se símbolo da privacidade familiar.

Se de um lado, com as revolu es burguesas, aboliu-se quase que definitivamente a deferência para com reis e rainhas, de outro, essa mesma deferência ganhou outra conota o, outro significado. Ela agora passa a existir para com o esposo, o pai, o chefe da família e para com os filhos. E também dos filhos com rela o aos pais. O pai-rei, todo poderoso, substitui o adorável rei. Até os 25 anos era necessária a aprova o formal do pai para que o filho contraísse n cias, tradi o que sobreviveu até o fim do século.

Acentuou-se a distin o entre a esfera pública e a privada, ao longo de todo o século 19. As mulheres estavam ao lado privado e os homens, do lado público, cuja dimensão social as mulheres não tinham acesso, no nível político, profissional, econômico portanto, inclusive cultural. Havia papéis bem definidos para ambos os sexos. Essa delimita o entre o dentro e o fora, entre o interior e o exterior, análoga   posi o entre ativo e passivo, exercer  um domínio ideológico em todo esse século.

Tal ideia era tão forte que influenciou decisivamente determinadas conceitua es kardequianas acerca dos direitos e fun es entre o homem e a mulher. Os Espíritos que colaboraram com Allan Kardec na estrutura o do Espiritismo, corroboraram a tese de que cabe   mulher a atua o no espaço privado, enquanto os homens devem cuidar do exterior, do público, do social enquanto componente econômico e cultural. Os papéis são muito bem definidos, não cabendo nenhum tipo de inversão que contraísse uma suposta diferença natural de fun es. Kardec reafirma essa ideia ao declarar que as mulheres "são ter o a perder na troca, porque a mulher de atitudes muito viris jamais terá a graça e o encanto que constituem a

força daquela que sabe ficar mulher. Uma mulher que se faz homem abdica de sua verdadeira realeza: olham-na como um fenômeno”. Sobre o papel que cada um deve desempenhar, não há dúvidas. “É necessário que cada um tenha um lugar determinado; que o homem se ocupe de fora e a mulher do lar, cada um segundo a sua aptidão”.

No século 19 a prática política é um atributo exclusivo dos homens. Esse poder político também se estende à esfera familiar. O homem era tratado pela esposa e filhos com deferência extremada, que extrapola o simples respeito contido no 4º mandamento hebraico. Ele tem o poder econômico e portanto, político, princípio este respaldado pelas igrejas cristãs. Assim como a Igreja deve ser submissa ao Cristo, a mulher o deve ser ao homem, funcionando como intercessora, segundo o mito da Maria Virgem que intercede piedosamente junto ao Cristo em favor dos pecadores. Cabe lembrar que o dogma da Maria Imaculada surge em meados deste século, dando origem ao culto místico da Maria Virgem, que sobrevive até nossos dias.

A sexualidade estava diretamente vinculada à família. O sexo fora dela era pecaminoso, indecente, perigoso para as relações interpessoais e até econômicas, de modo que o homossexualismo e o comportamento celibatário estavam descartados. O celibato fora da esfera religiosa se constituía numa vergonha, num comportamento que deveria ser evitado. Relações homossexuais eram objeto de escárnio e repressão. A família teria de ser heterossexual, do contrário não seria família, daí toda a repressão que o escritor inglês Oscar Wilde teve de enfrentar por seu comportamento e posturas nitidamente homossexuais.

Os casamentos eram de preferência endogâmicos, entre donzelas e homens maduros, com uma diferença de idade razoavelmente grande. A união matrimonial de um casal, onde o homem fosse bem mais novo que a mulher era execrável, não era de bom-tom, um fato repreensível e evitado pela grande maioria.

A correlação entre o plano econômico, produtivo (público) e o familiar (privado) também se dá mediante o casamento. O matrimônio pode ser um bom negócio, um empreendimento capaz de conciliar interesses econômicos e privados. Prática essa promovida pelos agenciadores familiares, um corpo casamenteiro composto pelas tias alcoviteiras, parentes próximos, o padre, que articulavam de modo silencioso e sorrateiro, a união arranjada entre casais estranhos entre si, portanto nem sempre desejosos de uma vida a dois.

Na elite comuns dois tipos de casamento. Negociantes e empresários que possuíam posses bem acima de suas futuras esposas e altos funcionários e profissionais liberais, intelectuais que desposavam mulheres com uma condição econômica bem superior.

A chamada família nuclear, formada por pai, mãe e filhos, alcança a sua hegemonia. Formas outras de relações familiares são consideradas marginais, exóticas e estranhas ao bom funcionamento da família burguesa e cristã. Quase todos os valores que hoje vivenciamos no campo familiar tiveram sua origem no século 19. Ainda nos identificamos com os padrões vivenciados nessa época, mais de um século depois. Não que esse período tenha inventado a chamada família tradicional, pois suas raízes se encontram num certo puritanismo de origem renascentista, na Antiguidade, ao tempo dos antoninos, do estoicismo grego e até do judaísmo.

A SENHORITA AMÉLIE GABRIELLE BOUDET (1795-1832)

Amélie Gabrielle Boudet nasceu em Thiais, zona suburbana ao sul de Paris, em 22 de novembro de 1795, num domingo, no período da Revolução Francesa (1789-1799). Era filha de Julien Louis Boudet, 27 anos, “proprietário e antigo tabelião”, um homem “bem colocado na vida”. Segundo o biógrafo e erudito Canuto Abreu, o Sr. Boudet era oriundo de uma família de “renomados intelectuais” “Um rico notário da província”. Sua mãe, Julie Louise Saigne de Lá Combe pertencia a um ramo familiar de “pessoas gradadas”.

Filha única, foi educada como todas as mulheres de sua condição econômica, provavelmente em colégio interno. Nessa época começaram a se proliferar os internatos de moças entre 15 e 18 anos, pertencentes à elite, onde eram ministradas aulas de educação moral e social, a fim de se tornarem raparigas encantadoras e aptas nos salões matrimoniais de burguesia.

Segundo Henri Sausse, era “professora com diploma de primeira classe” e se formou na primeira Escola Normal Leiga, de orientação pestalozziana, situada no Boulevard Saint-Germain, em Paris, cidade onde viveu toda sua vida. Nesse período exerceu a atividade de poetisa e artista plástica, com a produção de obras artísticas, conforma as técnicas tradicionais (pintura à óleo, pastel, carvão e creiom).

Foi professora de Letras e Belas Artes.

No meio cultural, nos saraus artísticos e literários, muito comuns na época, tornou-se conhecida como Amélie Boudet. Escreveu três livros: Contos Primavera (1825), Noções de Desenho (1826) e Essencial em Belas Artes (1828).

Não há, por enquanto, fotos ou imagens que possam nos dar uma visão de sua aparência física nessa fase de solteira. Henri Sausse afirma que Amélie era “de baixa estatura, porém de harmoniosas proporções, gentil e graciosa (...) inteligente e vivaz”. “Harmoniosas proporções” significava, para um francês daquela época, que Amélie seria hoje o tipo de mulher mignon (pequena e delicada), mas conforme os cânones estéticos franceses de então: cintura fina e quadris largos, realçados amiúde por espartilhos, usados de forma exagerada em todo o século 19.

Era, como se vê, uma mulher de elite, rica e solteirona, integrada na cultura literária dos salões parisienses. Lecionava por prazer já que não precisava trabalhar para sobreviver. Foi, desde cedo, preparada para as chamadas prendas domésticas, como qualquer mulher da burguesia. “Estudar, para uma mulher adolescente da burguesia, significa se preparar para desempenhar seu papel de mulher do lar: cuidar de uma casa, dirigir empregados, ser a interlocutora do marido e a educadora dos filhos. Para isso, não há necessidade de saber latim nem dominas conhecimentos científicos especializados, bastando um verniz de cultura geral, de artes recreativas – música e desenho- e uma formação teórica e prática em economia doméstica – cozinha, higiene, puericultura”.

Amélie fugiu a essa regra. Mesmo tendo sido educada pra ser uma matrona, daquelas grã-finas fúteis e vazias que recheavam os salões de festas de Paris, preferiu seguir outro caminho. Não era nem pobre. Seus neurônios funcionavam perfeitamente bem. Antes de conhecer Rivail deve ter partido muitos corações e despertado muita inveja. Sua cultura ia além do verniz próprio das mulheres de seu nível social. O latim era obrigatório; talvez soubesse grego e conhecia bem a língua pátria. Para ter publicado os livros que escreveu

sobre Desenho e Belas Artes e lecionar tais disciplinas, teria que ter no mínimo noções de história da Arte, gravura e pintura, conhecimentos de composição, perspectiva, geometria descritiva e talvez analítica. Como educadora, mostrou-se preocupada com a educação da sociedade. Lecionava por prazer.

Sua riqueza, muito provavelmente, deve ter ofuscado o enorme preconceito que havia em relação a mulheres solteiras, balzaquianas, que não conseguiam, que não conseguiam arranjar um marido. Quando conheceu Denizard Rivail tinha por volta de 35 anos. Sua aparência jovial disfarçava a idade, conforma relato de biógrafos já citados. No entanto, o preconceito era implacável, ainda mais em se tratando de uma mulher bonita, inteligente e rica. “O celibatário é sempre um homem. Solteira, a mulher é fille ou “permanece fille” ou seja, nada; ou pior, ela se torna uma “velha fille”, uma “anormal, uma “desclassificada” (condessa Dash). A solteirona é um “ser improdutivo”, no entender do grande escritor francês Honoré de Balzac, um crítico impiedoso dos hábitos e costumes burgueses.

Mas Amélie conheceu Rivail. Eram vizinhos, de condição social semelhante e com os mesmos ideais. Namoraram, casaram e se tornaram companheiros de ideal.

A SRA. RIVAIL (1832-1857)

Muito provavelmente, Rivail e Amélie se conheceram mais ou menos dois anos antes de se casarem, em algum sarau literário ou reunião social que congregava literatos, artistas e intelectuais. Aos 25 anos, o futuro fundador do Espiritismo gozava de grande prestígio entre a elite intelectual parisiense, como educador e pedagogo.

Logo após o término de sua formação educacional em Yverdon, Suíça, no Instituto dirigido por Pestalozzi, o jovem Rivail retorna à França e fixa residência em Paris, por volta de 1822, com a idade de 18 anos. Em 1823 lançou sua primeira obra, Curso Prático e Teórico de Aritmética segundo Método de Pestalozzi. Seu interesse pelo magnetismo data dessa época, conforme ele mesmo relata em Obras Póstumas. Fundou em 1825, em Paris, a Escola de Primeiro Grau, instituição laica inspirada nos princípios de seu mestre Pestalozzi, concorrendo com estabelecimentos de ensino religiosos, de orientação cristã, notadamente católica. No ano seguinte funda o Instituto Educacional Técnico, mais conhecido como “Instituto Rivail”, que funcionou até 1834. o método pestalozziano penetrou na França de forma efetiva através dessa instituição. É aí que entra em cena a doce figura da senhorita Boudet.

Também engajada na área educacional, a senhorita Boudet passa a auxiliar Rivail na orientação e administração do Instituto, inclusive financeiramente. Rivail tinha em sócio, o Sr. Denizard, irmão de sua mãe, um boêmio que perdeu em jogatinas os recursos que deveriam ser aplicados no empreendimento. Já casado, Rivail teve que vender o instituto para sanar as dívidas. E, posteriormente, perdeu todo esse capital, obtido com a venda da escola, em função de um empréstimo a um amigo empresário e aventureiro, que mesmo assim abriu falência. Por ironia do destino, Rivail, que pouco entendia de administração financeira e organizacional, teve de ganhar a vida fazendo contabilidades de empresas. Tornou-se um guarda-livros, um contador, atividade realmente exótica para um homem de ciências e letras.

Rivail e Amélie casaram-se em 9 de fevereiro de 1832, numa quinta-feira. Na certidão de casamento consta que o noivo era o diretor de instituição de ensino. Rivail tinha 27 anos e Amélie, 37. a diferença de idade entre ambos era de quase 10 anos. Todos os biógrafos são unânimes em afirmar que essa diferença etária passava despercebida, em função da aparência jovial e agradável da agora Sra. Rivail. Parecia até que ela era bem, mais nova do que ele.

Rivail era um homem de média estatura, segundo Canuto Abreu, tinha 1,65m, claro, de olhos castanhos e penetrantes, sério compenetrado, mas jovial na intimidade. Mantinha um bigode e cavanhaque, bem típicos para um francês de seu tempo. A descrição mais detalhada de Gaby, em conformidade com o primeiro relato de Sausse, é de Canuto de Abreu:

“Miudinha, graciosa, muito vivaz, aparentava a mesma idade do marido, apesar de nove anos mais velha. Os cabelos crespos e bastos, outrora castanhos, repartidos ao meio e descidos até os ombros. Onde as pontas dobradas se prendiam por sobre a nuca num elo de tartaruga, começavam apenas a grisalhar, dando-lhe ao semblante um ar de amável austeridade. As faces cheias, coradas ao natural, quase sem rugas, denotavam trato e boa saúde. A testa larga e alta, encimando sobrancelhas circunflexas, acusava capacidade intelectual. Os olhos pardos e rasgados, indicavam sagacidade e doçura. O nariz fino e reto, impunha confiança em seu caráter. Os lábios delicados, prontos a sorrir, amparavam seu olhar perscrutador, desarmado prevenções, mas exigindo constante respeito”.

Mesmo com toda a condição financeira de Gaby e os recursos de Rivail, o casal vivia de forma simples em um modesto apartamento na Rue des Martyres, nº 8, nos fundos do segundo andar de um prédio de quatro pavimentos, contendo quarto, sala, cozinha, escritório e sala de jantar. Quadros à óleo e creiom pintados por Gaby, diplomas e certificados obtidos por Rivail, além de objetos de madeira e de bronze e uma vasta biblioteca compunham a decoração do ambiente doméstico. A iluminação era à gás.

Os dois formaram uma excelente dupla. Partidários da educação não diferenciada para ambos os sexos, fundaram um pensionato de moças no subúrbio de Paris., atuaram juntos no Instituto Rivail. Seu trabalho como contador servia para garantir suas despesas do dia a dia. Em função da fortuna de Amélie e aos recursos que suas obras pedagógicas lhe rendiam. Rivail e sua esposa conseguiram manter um padrão de vida bem estável. Seu incansável trabalho pela educação da sociedade prosseguia, na preparação de aulas, na redação de manuais e livros pedagógicos, na tradução de textos e livros.

Rivail e Amélie formavam um casal *sui generis*. Não tiveram filhos. A diferença de idade nunca foi obstáculo para o entendimento cotidiano, que pouco conhecemos. Ambos estavam engajados num projeto educacional, se entendiam bem, dialogavam constantemente, coisa rara entre os casais de seu nível social, mais preocupados com as futilidades próprias da vida burguesa, do que com algum tipo de ideal.

Interessante notar que data dessa época o tratamento de “meu bem”, “minha querida”, “meu amor” entre os casais, em oposição à relação autoritária que sempre marcou o procedimento entre os casais de antanho. “Durante o primeiro quarto do século emerge a reivindicação de um novo casal, mais fraterno e mais unido, que não esteja separado pelas barreiras do saber, nem embaraçado pelas injunções do confessor. Um novo casal à imagem da sociedade republicana desenhada pelos profetas do novo regime (...). Marido e

mulher adquirem o hábito de tratar-se por “querido” e a jovem esposa não hesita mais em deleitar-se com o erotismo velado dos romances da moda”. Rivail chamava Amélie de Gaby, diminutivo de Gabrielle.

O fato de não terem tido filhos levou muitos estudiosos do Espiritismo, contaminados pelo fanatismo religioso, a imaginarem que os dois não viviam como um casal normal, ou seja, não transavam, não mantinham relações sexuais. Marlene Nobre, viúva do conhecido político espírita Freitas Nobre, é convicta de que o médium mineiro e celibatário Chico Xavier é a reencarnação de Allan Kardec que, por sua vez, seria a reencarnação do filósofo grego Platão. Diz ela: “Se Platão não se casou, se Chico não se casou, por que teria Allan Kardec se casado?”. Ou seja, o casamento de Rivail/Amélie era só de mentirinha, pura fachada, um engodo. Marlene chega ao ponto de colocar palavras na boca do médium mineiro: “Allan Kardec não foi casado, de fato, com Amélie Boudet. Houve um acordo tácito entre os dois: Amélie, mais velha que ele nove anos, cuidaria de todos os afazeres domésticos e administrativos, enquanto ele ficaria inteiramente livre para trabalhar pela doutrina. Como você sabe, eles não tiveram filhos”.

Rivail e Gaby se casaram, como vimos, em 1832. Viveram como marido e mulher 37 anos. O Espiritismo somente surgiria em 1857. Ou seja, num espaço de 25 anos, o casal Rivail – que não conhecia o Espiritismo simplesmente pelo fato dele não existir ainda – agia como se fossem celibatários. Rivail era então um misógino?

Não sabemos se um dos dois era estéril. Ter filho com a idade de 37 anos é sempre uma gravidez de risco, ainda mais para a época, que não possuía o aparato tecnológico necessário.

Teria o casal Rivail evitado filhos sacrificando o natural desejo de ter uma prole, em função do trabalho, de seu ideal pela educação? Não sabemos. E seria inútil, tanto quanto inócuo fazer conjecturas a respeito. Com as técnicas atuais, poderíamos ter acesso ao DNA dos dois, se fossem exumados, a fim e sabermos o porquê de não terem tido filhos. Para quê, apenas para satisfazer pessoas incapazes de vivenciar o sexo sem culpa?

Os dois formavam um belo casal. E ao completarem bodas de prata, surge o Espiritismo, em 18 de abril de 1857. Uma feliz coincidência.

A SRA. ALLAN KARDEC

Um novo horizonte surge diante do casal Rivail. O projeto de uma educação voltada para o pleno desenvolvimento intelecto-moral das massas ganha nova amplitude com a fundação do Espiritismo. Gaby permanece firme ao lado do marido e se torna a grande incentivadora do trabalho do agora Allan Kardec. É ele mesmo quem revela a importância que teve sua amável esposa no árduo trabalho de estruturação da filosofia espírita: “(...) minha mulher, que nem é mais ambiciosa nem mais interesseira do que eu, concordou plenamente com os meus pontos de vista e me secundou na tarefa laboriosa, como o faz ainda, por um trabalho por vezes acima de suas forças, sacrificando sem pesar os prazeres e distrações do mundo, aos quais sua posição de família a tinham habituado”.

Que trabalho acima de suas forças teria tido Gaby? Com certeza, enquanto Kardec trabalhava até altas horas para depois acordar bem cedo, redigindo a obra de sua vida, sem luz elétrica, sem laptop ou

máquina de escrever, sempre no punho, com a pena molhada constantemente em um tubo de tinta, ela não teria ficado indiferente, prestando somente serviços equivalentes a de uma camareira ou comissária de bordo.

Os seus conhecimentos de letras, do idioma francês, nos levam a pensar que, no mínimo, a revisão dos originais era também feita por ela. Compilação de material, transcrições, trabalho não somente de secretária, mas relacionado a decisões administrativas, econômicas, conceituadas e filosóficas, deveriam fazer parte de suas atividades ao lado do marido. Não é difícil imaginar o diálogo inteligente e produtivo entre os dois, no seu dia a dia doutrinário e doméstico. Muitas ideias surgiram dali projetos e temas para livros, para artigos que Kardec elaborava em seu laboratório doutrinário, a Revista Espírita.

Não ficou à sombra do Bom Senso Encarnado, ainda que tivesse tido uma atuação discreta. Para onde quer que fosse ela o acompanhava, conforme relato do fiel amigo Alexandre Delanne. Segundo seu filho, Gabriel Delanne, o lançamento de O Livro dos Espíritos e demais obras se deram, em boa parte, devido ao grande entusiasmo e incentivo de Gaby. Assim como nas viagens que Kardec fez a partir de 1860. O movimento espírita francês estava em franco crescimento. Tornou-se necessária a presença do fundador da Doutrina, tendo que sair de seu gabinete em Paris, ausentando-se da direção da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, de seus afazeres doutrinários, para acompanhar de perto a formação de novos grupos de estudos, de sociedades de instituições espíritas por todo o território francês. Gaby sempre o acompanhava.

No intervalo de uma dessas viagens, o escritor espírita e continuador da obra de Kardec, Léon Denis, nos descreve uma cena extremamente singela e romântica, em texto publicado na Revue Spirite (janeiro de 1923): “No dia seguinte, retornei a Spirito-Villa para fazer uma visita ao Mestre; encontrei-o sobre um pequeno banco, junto a uma grande cerejeira, colhendo frutos que jogava para a senhora Allan Kardec, cena bucólica que constatava alegremente com esses graves acontecimentos”.

Mais tarde Leymarie irá revelar explicitamente, por ocasião do desencarne de Gaby, a importante atuação que ela teve no trabalho de estruturação do Espiritismo, ao afirmar que “a publicação tanto do ‘Livro dos Espíritos’, quanto da ‘Revue Spirite’, se deu em grande parte à firmeza de ânimo, à insistência, à perseverança de Madame Allan Kardec”. Nos últimos dias de sua vida, conta Leymarie, Kardec costumava convidar companheiros e amigos de ideal espírita em sua casa, para jantar. Ele desencarnou em 31 de março de 1869, antes de completar 65 anos, Gaby ia fazer 74. não é tão difícil imaginar como seriam esses momentos de descontração, de intimidade, promovidos pelo idoso casal, com todos reunidos pelos laços do ideal espírita.

O súbito desencarne do fundador do Espiritismo abalou o movimento espírita francês, ainda que tivesse deixado tudo preparado para a continuidade de sua obra, com a elaboração do Projeto 1868 sobre a estruturação e rumos do movimento espírita, além das condições materiais e jurídicas para o prosseguimento de sua obra. Mas ele tinha ao seu lado a fiel companheira, que ao invés de adotar uma postura passiva, assumiu efetivamente todos os encargos necessários ao gerenciamento do Espiritismo, na França e no mundo.

A MME. ALLAN KARDEC

A viúva Mme. Allan Kardec assumiu inteiramente as rédeas do movimento espírita francês, tendo ao seu lado o fiel amigo e companheiro do casal., Pierre Gäetan Leymarie. Logo após o desencarne do fundador do Espiritismo, ela envia à Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (SPEE) um relatório onde descreve as novas condições de funcionamento da obra de seu marido. Pela extensão do relatório, expomos dois itens que consideramos fundamentais para o entendimento de sua postura diante da enorme responsabilidade que as circunstâncias lhe reservam:

1. Todo o excedente dos lucros da venda dos livros e das assinaturas da Revista Espírita, inclusive das operações da Livraria Espírita, seriam doados integralmente à Caixa Geral do Espiritismo. Amélie coloca uma condição para que isso se efetuasse: “que ninguém, a título de membro da Comissão Central ou outro, tenha o direito de imiscuir-se neste negócio industrial, e que os recebimentos, sejam quais forem, sejam recolhidos sem observação, desde que ela (Mme. Allan Kardec) pretende tudo gerir pessoalmente, determinar a reimpressão das obras, as publicações novas, regular a seu critério os emolumentos de seus empregados, o aluguel, as despesas futuras, numa palavra, todos os gastos gerais”.

2. A Revista está aberta à publicação dos artigos que a comissão Central julgar úteis á causa do Espiritismo, mas com a condição expressa de serem previamente sancionados pela proprietária e a Comissão de Redação, o mesmo se dando com todas as publicações, sejam quais forem. (grifo meu)

Mme. Allan Kardec assume integralmente a orientação do gerenciamento do patrimônio deixado por seu marido. Nada era publicado, nem um artigo, uma brochura ou livro sequer que não passasse pelo seu crivo. Segundo amigos e companheiros que conviveram com ela até o fim de sua vida, ela lia sem óculos e escrevia, sem tremer as mãos, de modo firme e claro. Característica esta que foi fundamental na defesa contra os interesses de parentes próximos a ela que, após seu desencarne, reivindicaram para si parte do espólio por ela ter deixado em prol do progresso do Espiritismo, alegando que em função da idade avançada não estaria em condições de decidir os rumos que deveriam tomar seus bens materiais.

A construção de um dólmen no Cemitério Père-Lachaise, em homenagem a Allan Kardec, lembrança de seu passado druídico e céltico, foi por ela efetuado, com pleno apoio dos espíritas da Sociedade Parisiense, notadamente de seu novo presidente, o Sr. E. Malet, eleito pouco depois do desencarne do Mestre de Lyon, que já havia indicado para o tal cargo. A Kardequiana continuava sendo publicada, inclusive em diversos idiomas, sempre segundo a supervisão de Gaby.

Em uma reunião da SPEE, realizada em 3 de julho de 1869, foi fundada a Sociedade Anônima do Espiritismo, que concentraria todas as atividades doutrinárias, segundo o projeto de Allan Kardec. Era uma firma, uma associação comercial com o objetivo de dar continuidade à obra do Mestre. Essa instituição acabou substituindo a SPEE, já carcomida por conflitos internos, de caráter moral e ideológico.

O Espiritismo continuava a crescer em toda a Europa. “Apesar de sua avançada idade, a Viúva Allan Kardec demonstrava um espírito de trabalho fora do comum, fazendo questão de tudo gerir pessoalmente, cuidando de assuntos diversos, que demandariam várias cabeças. Graças a sua visão, ao seu empenho, ao

seu devotamento sem limites, o Espiritismo pôde crescer a passos de gigantes, não só na França, mas também no mundo todo”.

Segundo Zeus Wantuil, a partir de 1871 Pierre-Gäetan Leymarie assume a Sociedade Anônima, com a renúncia de Desliens por motivos de grave doença, bem como a Revista Espírita e a Livraria Espírita, que coincidiu com a renúncia de companheiros da administração da Sociedade. Sob a orientação lúcida e serena de Mme. Allan Kardec, Leymarie se empenha na gestão de todo esse empreendimento. Em 1873, a instituição muda para um nome mais adequado: Sociedade para a Continuação das Obras espíritas de Allan Kardec, conforme o desejo de Mme. Kardec. Ela frequentava as reuniões da sociedade todas as sextas-feiras e nunca deixou de participar da solenidade de comemoração do desencarne de Allan Kardec, em 31 de março, bem como da única data magna que congregava os espíritas franceses, A Comemoração do Dia dos Mortos. Todos os anos ela presidia essa solenidade, onde discursavam diversos oradores e eram recebidas mensagens do mundo dos Espíritos.

Mas o pior estava por vir. Em 1874 a Revista Espírita, dirigida por Leymarie, publicou diversos artigos sobre a chamada fotografia de Espíritos, obtidas por intermédio dos médiuns Édouard Buguet, francês e Alfred Henry Firman, americano, onde apareciam pessoas ao lado de parentes já desencarnados. Em uma dessas fotos podia se notar a imagem do fundador do Espiritismo ao lado de Mme. Allan Kardec. As fotos eram vendidas pelos médiuns, sem o conhecimento de Leymarie, e algumas delas teriam sido obtidas por meios fraudulentos. Por conta dessas fotos instaurou-se, em 16 de julho de 1875, em Paris, um processo judicial que se tornou conhecido como Processo dos Espíritas, movido pelo Ministério Público.

Esse tenebroso período da história do Espiritismo foi registrada por Mme. Marina Leymarie, esposa de Leymarie, também envolvido no processo, num livro hoje raríssimo intitulado Procés des Spirités.

Gäetan Leymarie foi interrogado no tribunal e acabou sendo condenado à prisão junto com os dois médiuns. Nem Mme. Allan Kardec escapou ilesa desse julgamento que, com o apoio da imprensa e da Igreja, extrapolou os limites do tribunal. Era como se o Espiritismo estivesse no banco dos réus.

Como parte dos autos. Mme. Allan Kardec faz um relato de seu contato com o médium Buguet:

“Declaro que na terça-feira, 12 de maio de 1874, fui à casa do Sr. Buguet em companhia da Senhora Bosc e do Senhor Leymarie, e que a ninguém revelei quem eu desejava evocar. O Senhor Buguet, a despeito de estar doente, concordou em comparecer, apoiado em duas bengalas, à sala das tomadas fotográficas; estendido sobre uma cadeira, ele sofria atrocemente; os preparativos foram feitos pelo Senhor Leymarie e pelo operador. Obtive, na mesma chapa, duas provas, sobre as quais, atrás de mim, meu bem-amado companheiro de trabalho, Allan Kardec, era visto nas seguintes posições: na primeira prova ele sustenta uma coroa sobre minha cabeça; na segunda, ele mostra um quadro branco, com alguns milímetros de largura, no qual estão escritas, com letras somente legíveis sob uma lente poderosa, ou microscópio, as seguintes palavras: ‘Obrigado, querida esposa. Obrigado, Leymarie, Coragem Buguet’. Infelizmente o Sr. Buguet prolongou por alguns segundos a exposição e o rosto de meu marido não aparece tão nítido como eu desejava. Agradecemos a Deus este consolo de poder obter traços de uma pessoa amada e de obter a escrita direta. Assinado: Madame Allan Kardec.” (grifo meu) o Juiz interroga a Senhorita Ménessier que declara ter falsificado a escrita de Allan Karde

na foto descrita anteriormente, faço negado por Mme. Allan Kardec:

- A letra é do meu marido, insiste a Senhora Kardec.
 - Madame – diz a moça -, fui eu que escrevi aquilo.
 - Isso pode ser dito, mas não prova nada – insiste a Senhora Kardec.
- Será que diante dessa declaração madame ainda acreditava que Buguet fosse médium?

- Como não? Há 200 cartas vindas do interior afirmando tais fotos.

- (...)

- Se fosse apenas uma pessoa o senhor poderia ter razão, mas quando há centenas delas que afirmam o mesmo fato a questão é outra.

- (...)

- A Senhorita Ménessier talvez não esteja dizendo a verdade. (...) Isso não prova coisa alguma, tanto quanto aquilo que afirma Buguet. Desde que ele afirma o contrário da verdade, sua recepcionista pode fazer o mesmo.

Nem mesmo a idade avançada e o respeito que Mme. Allan Kardec desfrutava pelo seu trabalho na Doutrina foram suficientes para evitar a violência e o escárnio do Juiz Millet, durante o interrogatório.

- Onde foi que arranjou esse nome? Num “grand grimoire” (grimório, manual de magia negra)

- (...)

- Conhecemos as origens dos livros do seu marido. Ele os retirou principalmente de um “grand grimoire” de 1852, de um livro intitulado: “Alberti...etc”

- Todos os livros de meu marido – afirma a senhora Kardec – foram criados por ele, com a ajuda dos médiuns e das evocações. Nada sei desses livros que o senhor acaba de citar.

Em seguida o Juiz se diz profundo conhecedor da Doutrina Espírita e procura ridicularizar o pseudônimo de Rivail e o túmulo em forma de dólmen, , erigido em sua homenagem.

- Acho que não se deveria brincar com essas coisas. Não é próprio rir-se de coisas semelhantes.

- Não gostamos de pessoas que tomam nomes que não lhes pertencem, de escritores que pilham obras antigas, que enganam o público.

- Todos os literários – responde Madame Kardec – adotam pseudônimos. Meu marido jamais pilhou coisa alguma.

- Ele é um compilador, não é um literário. É um homem que praticava a magia negra ou branca.

Vá sentar-se.

Mme. Allan Kardec estava com 80 anos. Como se vê em seu depoimento, a idade avançada não foi obstáculo para que permanecesse firme diante das acusações feitas ao fundador do Espiritismo. Insatisfeita com o tratamento que recebeu do truculento Juiz, ela redige um protesto que foi incluído nos autos do processo:

“Declaro que o Senhor Presidente da Sétima Câmara Correccional não me deixou livre para bem desenvolver o meu pensamento, pis, em meu interrogatório introduziu reflexões estranhas ao debate e desejou ridicularizar o Senhor Rivail, conhecido como Allan Kardec, fazendo dele um simples compilador e negando seu título de escritor. Protesto energicamente contra essa maneira de interrogar e solicito ser ouvida

novamente, porque é costume na França respeitar as senhoras, sobretudo quando tem cabelos brancos. Não se deveria interromper-me e mandar-me sentar, após se terem divertido com o que considero inatacável, ou seja, o direito de ter feito construir um túmulo para o meu companheiro de provações, para o esposo estimado e honrado por homens do mais alto valor”. (grifo meu)

Até o fim da vida Mme. Allan Kardec era uma referência para todas as decisões que eram tomadas em prol do Espiritismo. Em dezembro de 1882, pouco antes de seu desencarne, concordou plenamente com a fundação de uma sociedade que congregasse espíritas franceses e belgas, bem como a fundação de um periódico intitulado Espiritismo e que posteriormente se transformaria na União Espírita Francesa.

Amélie Gabrille Boudet desencarnou em 21 de janeiro de 1883, aos 87 anos, num domingo. O sepultamento foi feito de forma simples, segundo seu desejo, em 23 de janeiro junto ao dólmen do fundador do Espiritismo, no Père-Lachaise. A certidão de óbito diz que ela era capitalista (rentière) e faleceu em sua residência, na Avenida de Segur nº39, às seis horas da manhã.

Amélie legou ao movimento espírita francês, em testamento, um espólio de 32 imóveis alugados que lhe permitiam uma renda anual de cerca de 10 mil francos e mais um terreno que, inicialmente, fora comprado por Allan Kardec logo no princípio de seu trabalho pela doutrina. Quase no fim da vida ele contraiu um empréstimo de 50.000 francos para compra definitiva do terreno de 2.666 metros quadrados, junto ao Crédit Foncier. Era seu desejo transformar essa propriedade numa espécie de comunidade espírita, com asilo para o descanso dos “defensores indigentes do Espiritismo”. Esse imóvel também foi doado à Sociedade para a Continuação das Obras Espíritas de Allan Kardec, segundo relato de Mme. Nerthe Fropro, amiga do casal Rivail, em um artigo escrito para o periódico Espiritismo em outubro de 1883. Esse jornal, órgão de divulgação da União Espírita Francesa, era dirigido por Gabriel Delanne. O inventariante do testamento de Mme. Allan Kardec foi o Sr. Levent, que havia sido vice-presidente da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, em 1869.

Mesmo com todo esse patrimônio, Mme. Allan Kardec levava a vida bem simples, cuja preocupação era toda voltada para a propagação do Espiritismo, sem manter qualquer tipo de ostentação, conforme declaração de sua amiga Mme. Berthe Fropro:

“Esta propagação não será eficaz a não ser que os livros do mestre (Allan Kardec) sejam baratos, era o desejo de sua viúva. Ela fazia questão, apesar de avançada idade, das maiores privações, a fim de deixar uma imensa fortuna para o Espiritismo, aceitando comprometer a sua saúde, já tão delicada, a de ser tratada com avareza para atender ao objetivo que se propôs: o de difundir a instrução moral e intelectual, também, entre os adeptos de baixa renda do Espiritismo, e de engrandecer a obra de seu marido”.

Em seu funeral, diversos oradores discursaram rendendo-lhe homenagens e exaltando o seu trabalho incansável e ininterrupto pelo estudo e a divulgação do Espiritismo. O mais preciso e comovente foi o de Gabriel Delanne, que reproduzimos a seguir:

“A Sr. Allan Kardec foi, verdadeiramente, a mulher forte, segundo o Evangelho. Tornando-se a esposa do grande vulgarizador do Espiritismo, adotou suas ideias. Empregou todas as suas energias no estudo dos novos princípios; venceu os preconceitos de seu século e de sua educação e se elevou, por sua vontade, até à altura do espírito de nosso Mestre”.

“Ela provou, pela continuidade, pelo profundo apego que manteve por nossa maneira de ver, que o Espiritismo havia penetrado vivamente em seu coração”

“Sim, essas grandes e sublimes verdades que nossa filosofia professa lhe deram coragem de ajudar ardentemente o propagador da nova fé e sustentá-lo nas lutas muitas vezes penosas de apostolado”

“A companheira de um homem superior sente quantos deveres particulares lhe cabem; não somente ela te, como toda esposa devotada, a tarefa de o cercar de amor e de atenções, porém, tem, além disso, a santa missão de fortalecer sua alma nas horas dolorosas das provas. Deve acalmar os cruéis ferimentos que fazem ao coração dos campeões do progresso o ódio e o sarcasmo. Ela deve encontrar essas boas palavras que são para a lama bálsamos soberanos. Deve, enfim, por sua energia, dar forças ao atleta fatigado”.

“Pois bem, a Sra. Allan Kardec foi essa mulher; não faliu na alta missão que lhe foi confiada.”

“Durante as viagens de sua marido, pela França, ela o cercou com sua solicitude e sua perspicácia, confundindo, muitas vezes, pela segurança de seu julgamento, os que desejavam explorar a bondade tão conhecida do Mestre.”

“Allan Kardec se inspirou em sua inteligência tão justa para a elaboração de suas obras; não as publicou nenhuma, sem a ter consultado e, muitas vezes, aproveitou suas sugestões que a retidão de julgamento de sua companheira fornecia.”

“É pois, uma dupla perda que temos neste momento: a de uma mulher de coração, devota às nossas ideias e a de uma colaboradora do homem de gênio que nós recordamos”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As poucas informações que temos sobre Amélie Boudet são um claro exemplo de uma deficiência ainda crônica do movimento espírita: a falta de memória, de documentação. Fazer pesquisa histórica sobre Espiritismo é remar contra a maré, contra a mesquinhez e sectarismo de muitas instituições e federativas espíritas que nem sempre abrem seus arquivos para consulta. Chega a ser absurdo, tanto quanto inaceitável, o fato de uma personalidade do nível de Amélie ainda não ter tido uma biografia à altura de sua importância. Não fosse ela e o Espiritismo teria morrido no nascedouro. Devemos muito a sua firmeza de caráter, bem como a grandes vultos do porte de um Leon Denis, Gabriel Delanne, Leymarie, Bozzano e tantos outros abnegados que dedicaram sua vida à causa espírita.

A fibra que essa valorosa mulher enfrentou o que se convencionou chamar de Processo dos Espíritas é um grandioso exemplo de tenacidade, coragem e determinação na defesa dos princípios espíritas que professava, da memória de seu marido e do próprio Espiritismo. O zelo e carinho com que cuidou da herança doutrinária de Allan Kardec será sempre algo notável para quem procurar conhecer a sua biografia.

Sua condição e comportamento singulares para a época já anunciavam um novo tipo de mulher, que teve suas raízes no século 19. não há dúvidas de que Rivail e Gaby casaram-se por amor. Fato esse ainda bem recente, pois desde então o que predominava era o casamento realizado por razões econômicas e familiares. O indivíduo, sua liberdade, seus desejos e anseios ao tinham tanta importância diante de interesses “maiores”.

Enquanto estiveram juntos foram companheiros de afeto, de Doutrina, de trabalho, cujo ideal, a educação espírita, foi o fermento de suas vidas, o leitmotiv, o grande sonho de ver uma sociedade fundamentada em princípios éticos, na liberdade, solidariedade e fraternidade.

Gaby foi o protótipo da Terceira Mulher. Segundo a classificação do filósofo e sociólogo francês Gilles Lipovetsky, esta seria um traço típico da mulher na sociedade pós-moderna. Uma mulher emancipada, livre e com autonomia, liberta dos estereótipos da Primeira Mulher, Eva, a sedutora e diabólica fêmea, sinônimo do pecado, responsável pela queda de Adão, e da “Amélia”, a Segunda Mulher, a submissa e abnegada “rainha do lar”. De acordo com Lipovetsky, “a musa da antiguidade era revestida de um poder negativo; sua beleza, então, era digna de suspeita, era associada ao abismo, era algo sombrio, que precipitava os homens no calvário e na morte. Hoje, com sua reabilitação pós-moderna, a beleza é associada a valores como a juventude, a riqueza., o luxo; foi totalmente positivada”.

Para entender a situação da mulher no mundo contemporâneo é imprescindível voltar o olhar para o século 19 e o início do século 20, bem mais do que a eclosão dos movimentos feministas surgidos a partir de meados da década de 60, no século passado. Os casamentos deixam de ser fundamentalmente voltados para a procriação, como foi o exemplo do casal Rivail e da escritora francesa e feminista George Sand e Chopin. Sand foi contemporânea de Kardec, se correspondeu com ele e tornou-se uma entusiasta do Espiritismo, tanto quanto Victor Hugo, Victorien Sardou, Théophile Gautier e tantos outros intelectuais europeus que se viram seduzidos pela filosofia espírita.

Figuras fulgurantes como a doce e firme Gaby e a combativa e determinada Amália Domingos y Soler se constituem num símbolo de libertação, são um exemplo de que o papel da mulher no estudo, pesquisa e divulgação do Espiritismo tende a extrapolar os limites da esfera privada, doméstica para se integrar ao campo de atuação cultural, pública, social. Ironicamente, apesar de ser Amélie no nome, Gaby foi uma mulher de verdade, não no sentido de submissão e aceitação de sua condição aparentemente frágil, como o conhecido samba de Ataulfo Alves, mas sim uma criatura que combinava a tenacidade com a emoção, o carinho com a determinação, a razão com a intuição, uma mulher que em seu tempo já antecipava pelo seu comportamento e atitudes, o vindouro processo de emancipação feminina, uma das grandes bandeiras do Espiritismo.

6 - Papel do Perispírito na Gestaçã

Jaci Régis

PREÂMBULO

Uma das contribuições do espiritismo na tentativa de compreender o complexo físico espiritual que é o ser humano foi a descoberta do perispírito, envoltório do Espírito, formando uma tríade: corpo, perispírito e Espírito.

Diante da inexistência de um conhecimento mais amplo sobre a natureza do organismo e dos processos genéticos, aliado ao conceito da prevalência do elemento espiritual sobre o físico, houve a tendência de tornar o corpo humano um empecilho à livre manifestação do Espírito e, sob outro ângulo, mostrar que o organismo era mera expressão da evolução espiritual.

Os avanços da genética têm descortinado outro horizonte. O próprio O Livro dos Espíritos, embora enfatizando a prevalência do Espírito no conjunto, jamais postergou a importância do organismo. Chega a indicar que a evolução do feto, no seio materno, independia da existência do Espírito, podendo, conforme a questão 356. Haver todo o processo procriativo, nascendo naturalmente o feto morto.

Muitos teóricos espíritas viram na existência desse corpo energético a matriz biológica do organismo, considerando que o perispírito seria uma espécie de molde pré-existente, fruto da elaboração evolutiva e das necessidades afetivas do reencarne, ao qual as células iriam aglutinar-se, de modo a compor um tipo específico, dentro naturalmente do gênero e respeitados princípios básicos da herança dos pais.

Vivemos um tempo em que as pesquisas e experiências do campo da genética vêm demonstrando um quadro extraordinário de avanços e conhecimentos, penetrando o ímo do processo de procriação.

Nesse novo quadro, as especificações e atribuições dadas ao perispírito parecem na mais corresponder às expectativas teóricas.

Nosso propósito é discutir uma proposta sobre o papel do perispírito na gestação, da forma mais equilibrada e autêntica possível.

Trata-se, contudo, de uma discussão teórica, ainda que alicerçada no momento da ciência sobre as funções da transmissão da herança genética, uma vez que não é possível apresentar provas inconcussas e experimentais desse processo, sob o ponto de vista espírita.

Vamos apresentar ideias do que se sabe ou se presume serem aceitáveis sobre o Espírito, o corpo mental e o perispírito, com enfoque sobre a existência dele no processo gestatório.

O PERISPIRITO

Allan Kardec ao afirmar a existência do perispírito, idêntico ao corpo físico, definiu-o como o envoltório do Espírito.

Como não é possível imaginar o Espírito sem um corpo, seja encarnado ou desencarnado, é lógico supor que o perispírito é permanente. Ou seja, no nosso nível humano, o ser espiritual identifica-se, no espaço extrafísico, com um corpo idêntico ao que possuía enquanto encarnado, sucessivamente.

Isso, porém, não significa que seja sempre o mesmo perispírito. Ao contrário, sabemos que em cada encarnação, há a desintegração e a reconstrução desse corpo energético, decorrente do processo de germinação e constituição do organismo físico.

Dada a impossibilidade, então presumida, da relação direta do Espírito e o corpo físico (Espírito e matéria) atribuiu-se ao perispírito o papel de intermediário entre os dois e, ao mesmo tempo, como lugar na memória, inclusive estampada na morfologia corporal, devido à extrema plasticidade do corpo energético.

Devido, principalmente, às dificuldades para explicar a permanência e a consolidação molecular do corpo somático, pensou-se que cabia ao perispírito a função de modelo funcional do organismo físico, fonte e diretriz de sua morfologia e mesmo de seu funcionamento biológico.

Essa ideia tem sido repetida, sob variadas formas desde Delanne até hoje., inclusive por André Luiz.

CONTESTAÇÕES

Estudiosos mais liberais e ligados ao pensamento científico vigente têm procurado contestar as tradicionais informações sobre o papel do perispírito.

O engenheiro Marcelo Coimbra Régis, em trabalho apresentado no IV Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita, em 1995, apresentou as seguintes contribuições:

1- Definição-corpo do Espírito, de estrutura material, composição e estado diferenciado do atualmente registrável e/ou conhecido.

Ligação energética entre Espírito (pensante) e corpo (atuante).

O perispírito é a cópia do corpo humano, mudando de forma de planeta a planeta e de aparência e a cada encarnação.

2- Constituição- Matéria em estado desconhecido, porém sujeita a ação inteligente do Espírito e com capacidade de alterar seu estado natural de forma tornar-se registrável aos nossos instrumentos (vide fenômenos físicos, ectoplasmia, raps, etc.)

3- Propriedades – em seu estado natural, responde a ação intencional do elemento inteligente (Espírito) que tal como imã aglutina e mantém sua estabilidade.

4.1- Biológico – o perispírito tem atuação muito sutil na economia corporal, pois o corpo humano é autônomo em suas funções básicas.

Como transmissor das sensações e vontade do Espírito, o perispírito atua principalmente através do Sistema Nervoso Central, cabendo ao cérebro transformar esses impulsos energéticos em comandos reconhecíveis pelo resto do organismo. Sendo um corpo energético, ele também influencia o rosto do corpo, qual um campo de forças interagindo com as células e tecidos, porém, sem comandar diretamente seus movimentos e ações.

4.2/4.3 – Espiritual / Fenomenológico – Aqui propomos a manutenção da proposta de A. Kardec (sobre esses assuntos).

No VI Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita, em 1999, o engenheiro Reinaldo de Lucia, também apresentou trabalho sobre a natureza do perispírito, com as seguintes conclusões:

1. Nesse modelo, a matéria que compõe o perispírito (na verdade, um tipo de energia) é perfeitamente integrada com a matéria “densa”, podendo assim interagir com partes dela. Da mesma forma, por ser muito mais sutil, é perfeitamente suscetível de ação direta pelo Espírito, que pode mudá-lo segundo sua vontade.

O Espírito age como se fosse (numa analogia grosseira) uma carga. Tal como uma carga elétrica cria em torno de si um campo eletromagnético, o Espírito cria em torno de si um campo, que, à falta de nome melhor, poderia ser chamado de campo espiritual.

Esse campo espiritual é o lugar geométrico onde se aglutinam as energias que constituem o perispírito. Esse não seria, então, um corpo, um organismo propriamente falando, mas um aglomerado energético-material em constante interação com o Espírito.

Encarnado sob este novo modelo, o perispírito passa a ter propriedades e funções mais adequadas aos conceitos atualmente aceitos pela ciência, sem descaracterizar as funções principais que lhes foram atribuídas por Kardec:

- Permite ao Espírito adquirir experiências que lhe são absolutamente necessárias para o seu progresso intelectual;
- Age como individualizador dos Espíritos desencarnados, dando-lhes uma forma que lhes permite, especialmente em estágios menos avançados do processo evolutivo, seguir aprendendo e atuando. Pode ser modificado segundo a vontade do Espírito.
- Age durante a encarnação, permitindo que o Espírito consiga uma união perfeita com a matéria mais densa que compõe o corpo físico. Poder-se-ia dizer que, de certa forma, é o intermediário entre o corpo físico e o Espírito. A diferença é ser um intermediário estruturado como um continuum da própria matéria corporal, sob a forma energética, e não algo completamente diferente dela;
- Tem papel importante nas manifestações mediúnicas de efeitos físicos, tais como a materialização. Sua atuação nas manifestações inteligentes ainda precisa ser estudada.
- Recebe a influência de energias externas, vindas normalmente de outros Espíritos, sejam elas boas ou não.
- Não possui função de transmissor de sensações do corpo para o Espírito ou de ordens no sentido inverso. Da mesma forma, não tem nenhuma atuação sobre a memória ou inteligência. Não possui órgãos nem nenhuma constituição semelhante, que são exclusivas do corpo físico.

- Modifica-se de acordo com as necessidades e capacidades do Espírito, mas não obrigatoriamente em mundos distintos (há e se verificar a questão da isotropia material do Universo).

Analisando essas contribuições que se contrapõem ao entendimento tradicional sobre o papel e as formações do perispírito que, nas obras de André Luiz ganha uma feição de organismos com órgãos e funções, em muitos casos semelhantes á do organismo físico, faremos a reflexão que nos sugere ser compatível a este momento.

No nosso entendimento, realmente, o perispírito, não parece ter funções específicas na encarnação e restringe-se no espaço extrafísico ao papel de “capa energética” identificadora do Espírito desencarnado, com a dupla função de permitir a relação com os demais e servir de autoidentificação, uma vez que é na encarnação que o ser espiritual de nosso nível evolutivo encontra a própria imagem.

Assim, parece-nos perfeitamente aceitável que o perispírito não sendo um organismo, não possui órgãos, o que elimina a suposição de que a mente, ou seja, a capacidade intelecto-afetiva do Espírito esteja nesse sediada.

Isso parece pouco provável uma vez que sendo o perispírito uma criação de perpetuar a memória, que embora seja uma propriedade intrínseca do Espírito, é instrumentada de forma externa a ele.

O ESPÍRITO

Encontramos no O Livro dos Espíritos informações vagas sobre a natureza do Espírito. Isso é perfeitamente compreensível porque não há forma gramatical ou explicação cientificamente compreensível sobre a complexa ou, quem sabe, simples constituição do ser.

A palavra “espírito” (com letra minúscula) é inicialmente empregada para designar o princípio inteligente do universo em contraposição ao princípio material. O Livro faz uma série de ponderações sobre a interação entre esses dois elementos, cabendo a Kardec dizer que “a matéria é o agente, o intermediário, com a ajuda da qual e sobre a qual o espírito atua”.

Depois, a palavra “Espírito” (com letra maiúscula) foi usada para designar “os seres inteligentes da Criação”, ou seja, para a individualização do princípio inteligente.

Na tentativa de explicar a forma do Espírito, temos alguns itens de grande significação:

1- Os Espíritos são imateriais?

Imaterial não é o termo apropriado, incorpóreo seria mais exato... É uma matéria quintessenciada... Tão eterizada, que não pode ser percebida pelos vossos sentidos.

2- Os Espíritos têm uma forma determinada, limitada e constante?

Eles são, se o quiserdes, uma flama, um clarão, uma centelha etérea.

Segundo a Doutrina, esse Espírito ao ser criado é um princípio espiritual, que se tornará um “Espírito” ao desenvolver a inteligência e a afetividade, capaz de perceber-se como um ser, numa espiral evolutiva.

Uma das mais significativas e inéditas contribuições do pensamento espírita refere-se à sua teoria da evolução do Espírito. De acordo essa teoria “o ser inteligente do universo” é criado por Deus, como um princípio espiritual, “simples e ignorante”. Isto é, um ser potencial, estruturalmente vazio. A potencialidade está contida na possibilidade de expansão e aquisição de experiências, movida por uma forma de energia oriunda de sua natureza permanente, imortal.

Essas informações nos levam a ponderar que, em si mesmo o Espírito não possui organização, sendo um núcleo incorpóreo, potencialmente expansível dispondo de uma energia intrínseca, propulsora e determinada, sintetizada no instinto de conservação e de uma capacidade potencial de apreensão e reelaboração de experiências.

Dentro desse enfoque, o estudo do ser deverá ser feito em dois momentos:

O período pré-humano, como tempo de estruturação básica da individualidade.

O período de sua inserção no nível humano, onde estrutura uma personalidade mutante.

O período pré-humano caracteriza-se, a partir instinto de conservação ou agressividade natural, como o da aquisição de conteúdos de experiências. Nele, o princípio espiritual não tem consciência de si mesmo e não possui nenhuma estrutura básica de percepção ou seleção. Na verdade, parece compreensível que a busca incessante da autopreservação, como elemento básico de perpetuação, seja o desencadeante do processo evolutivo, pois dentro desse impulso inato o ser embrionário, esboça o esforço de construir condições de manter-se íntegro.

Em consequência, desencadeia também um complexo, amplo e infindável processo de relações com o meio ambiente e com semelhantes, estabelecendo as bases futuras da consciência.

O CORPO MENTAL

Já vimos que o princípio espiritual não possui estrutura, pelo menos inicialmente. Todavia, interagindo com os elementos orgânicos, ele vai desenvolvendo uma estrutura psíquica, que chamo, por analogia, de corpo mental. É nesse centro energético e psíquico que o princípio espiritual vai estruturando um sistema mental flexível. Como diz André Luiz, é nesse espaço que vão sendo inscritos “os princípios ontogenéticos” que a experiência repetitiva e incessante vai consolidando, no processo constante de nascer, viver, morrer e renascer. Aí ele estrutura a memória e seleciona as experiências vividas.

Ao longo do tempo, construindo, reconstruindo e armazenando as experiências, o princípio espiritual começa a adquirir consciência crescente de si mesmo. Torna-se um Espírito. O corpo mental é, então, seu instrumento de recriação constante nos processos vivenciais repetitivos de vida e morte física ampliando cada vez mais a conscientização de si mesmo e do usufruto dos resultados acumulados das experiências e vivências. E é no corpo mental que ele inscreve e consolida, refunde e recicla suas impressões e aprendizado.

Referindo-se ao corpo mental, assim afirma André “O corpo mental, assinalado experimentalmente por diversos estudiosos, é o envoltório sutil da mente”.

Estudando os efeitos do monoideísmo que leva à perda do perispírito, André Luiz diz o seguinte: “cabendo-nos notar que essa forma (ovoide), segundo a nossa maneira atual de percepção, expressa o corpo

mental da individualidade, ao encerrar consigo, conforme os princípios ontogenéticos da Criação Divina, todos os órgãos virtuais de exteriorização da alma, nos círculos terrestres e espirituais, assim como ovo, aparentemente simples, guarda hoje a ave poderosa de amanhã ou como a semente minúscula, que conserva nos tecidos embrionários a árvore vigorosa em que se transformará no porvir. ...” (in *Evolução em Dois Mundos*, Capítulo II – Corpo espiritual, página 25,91 1ª Edição 1959 – FEB).

Temos, pois, uma descrição possível do corpo mental, como um corpo sutil, de forma ovoide em torno do Espírito, guardando os órgãos de exteriorização da alma. Nessa conjugação mento-espiritual reside a expressão da individualidade.

Embora enfatizando o perispírito como centro virtual da organização física, André Luiz, mostra-o, todavia, precário, transitório, dependendo do desempenho mental para manter-se íntegro após a morte, principalmente nos primórdios da evolução e, depois, devido a processos doentios de concentração emocional.

Eis o que ele diz: “Pela compreensão progressiva entre as criaturas, por intermédio da palavra que assegura o pronto intercâmbio, fundamenta-se no cérebro o pensamento contínuo e, por semelhante maravilha da alma, as ideias-relâmpagos ou as ideias-fragmentos da crisálida de consciência, no reino animal, se transformam em conceitos, inquirições, traduzindo desejos e ideias alentadas, substância íntima”. Nesse processo evolutivo, informa ele “vamos encontrar o homem infra primitivo, na rusticidade da fumaça em que se esconde, surpreendido no fenômeno da morte, ante a glória da vida, como criança tenra e deslumbrada à frente de paisagem maravilhosa, cuja grandeza, nem de leve, pode ainda compreender.

O pensamento constante ofereceu-lhe a precisa estabilidade para a metamorfose completa... Entretanto, o homem selvagem, que se conhece dominador na hierarquia animal, cruel habitante da floresta, que apura a inteligência, através da força e da astúcia, na escravidão dos seres inferiores que se lhe avizinham da caverna, desperta fora do corpo denso, qual menino aterrado, que, em se sentindo incapaz da separação para arrostar o desconhecido, permanece, tímido, ao pé dos seus, em cuja companhia passa a viver, noutras condições vibratórias, em processos multifários de simbiose, ansioso por retomar à vida física que lhe sugere à imaginação como sendo a única abordável à própria mente...

Ressurgir na própria taba e renascer na carne, cujas exalações lhe magnetizam a alma, constituem aspiração incessante do selvagem desencarnado... Pela oclusão de estímulos outros, os órgãos do corpo espiritual se retraem ou se atrofiam, por ausência de função, e se voltam, instintivamente, para a sede do governo mental, onde se localizam, ocultos e definhados, no fulcro de pensamentos em circuito fechado sobre si mesmos, quais implementos potenciais do germe vivo entre as paredes do ovo. Nesse período, afirmamos habitualmente que o desencarnado perdeu seu corpo espiritual, transubstanciando-se num corpo ovoide...(in *Evolução em Dois Mundos*, pág. 76,88 a 91 – 1ª Edição, 1959, FEB).

Verificamos, por essas informações, que perdendo o perispírito por deficiência do interesse e dificuldade em permanecer consciente, o Espírito concentra-se no seu corpo mental, onde provavelmente se instala a mente ou projeção constitucional do Espírito, sede da memória permanente e reduto de todas as experiências de seu processo evolutivo.

DISSOLUÇÃO E RECONSTRUÇÃO DO PERISPÍRITO NA REENCARNAÇÃO

A reencarnação é, por natureza, um trauma destinado a promover uma ruptura das condições ambientais provocando um conflito existencial que pede ou não resultar numa modificação estrutural da personalidade existente.

Em síntese, se considerarmos os efeitos que o processo reencarnatório provoca na estrutura da personalidade construída antes do nascimento, teremos um quadro bastante elucidativo. Dividamos o processo, a partir do momento da concepção até a consolidação da encarnação, e analisemos o comportamento do perispírito durante o processo.

1. Período de Desestruturação

Este período se caracteriza pela desestruturação da personalidade existente, isto é, aquela que o reencarne construiu na encarnação anterior, com possíveis modificações no plano extrafísico. Apenas para reforçar e lembrar, a individualidade permanente cria, a cada encarnação, uma personalidade adequada ao momento existencial, portanto mutável.

Ao se iniciar o processo de reencarnação, ele é um ser adulto, com ideias, sexo e conceitos mais ou menos definidos. Dentro de nove meses, todo esse acervo se concentrará, perdendo os delineamentos de memória para ser sintetizado num ser indefeso e impotente para realizar os mínimos exercícios de raciocínio e percepção consciente de si mesmo.

Essa desestruturação da consciência produz imediata e decisiva influência sobre o perispírito. Como vimos o perispírito é produto da mente que, alcançando o pensamento contínuo, consegue mantê-lo íntegro durante e após a morte do físico.

Parece justo que a perturbação mental decorrente do trauma reencarnatório inibe o livre pensar do Espírito que se decai para o monoideísmo, decorrente do processo. Logo, conforme nos foi ensinado, nessa circunstância o perispírito tende a desagregar-se, permanecendo o corpo ovoide, que chamamos de corpo mental.

No livro “Entre a Terra e o Céu”, André Luiz nos traz interessantes informações sobre o desaparecimento do perispírito no processo reencarnatório. O relato gira em torno da reencarnação do Espírito de Júlio, que no momento é uma criança desencarnada. “O corpo sutil do menino como que se justapunha aos delicados tecidos do perispírito maternal, adelgaçando-se gradativamente aos nossos olhos... Delgaçara-se de maneira surpreendente”. E a forma a rarefazer-se sob nossos olhos?... Está em ativo processo dissolução.”

Em seguida transcreve a ilustração feita pelo Instrutor sobre o processo de dissolução do perispírito. “Imaginemos um pêsego amadurecido, lançado à cova escura, a fim de renascer. Decomposto em sua estrutura, restituirá aos reservatórios da Natureza todos os elementos da polpa e dos demais envoltórios que lhe revestem os princípios vitais, reduzindo-se ao imo do solo ao embrião minúsculo, que se transformará, no espaço e no tempo, em novo pessegueiro”.

A desestruturação do perispírito é ainda reforçada porque no período de transição do processo reencarnatório, o Espírito reencarnante se justapõe, simbioticamente, ao corpo perispiritual da mãe e se liga ao seu fluxo mental, de tal maneira que, pode-se dizer que ele perdeu seu pensamento contínuo, que é a base da manutenção do perispírito.

É importante notar que O Livro dos Espíritos afirma que “o feto não tem alma” que corresponde à informação de que a ligação do Espírito com o organismo em gestação é tênue, através do chamado “cordão perispiritual” uma extensão energética, em nosso entendimento, do corpo mental. Logo, aí praticamente inexistente o perispírito. Como propõe Reinaldo di Lucia, sendo o perispírito um não-organismo, uma forma energética, ele só ressurgirá após o nascimento da criança.

No período de gestação, existem o Espírito e seu corpo ovoide preso ao campo mental da mãe e dele se desprende com o nascimento.

2. Período de Reestruturação

O nascimento representa o mergulho do Espírito numa autêntica “caixa preta” saturada e emoção e latência, pois todo o acervo anterior é submetido a um processo de compactação.

O choque do nascimento é o ponto de ruptura do antes e do agora.

Imediatamente após o nascimento, tem início o período de reestruturação, nesse momento a forma perispiritual começa a reestruturar-se, juntamente com o crescimento da criança.

A integração do Espírito ao seu corpo promove a reconstrução total do corpo psíquico, expressão energética, virtual do organismo físico.

Ligação do Espírito-Corpo

Uma questão importante é saber-se como se faz a ligação do Espírito com o corpo. O Livro dos Espíritos tem informações interessantes

1. A alma não está encerrada no corpo, como o pássaro numa gaiola. Ela irradia e se manifesta no exterior, como a luz através de um globo de vidro ou como som em redor de um centro sonoro. É por isso que se pode dizer que ela é externa, mas não como um envoltório do corpo.

2. A alma não tem no corpo uma sede determinada e circunscrita, mas ela se situa particularmente na cabeça... e no coração

3. A sede da alma se encontra mais particularmente nos órgãos que servem para as manifestações intelectuais e morais.

Considerando que a referência ao coração como sede do sentimento é antes de tudo uma metáfora, não há dúvida que é no cérebro que se encontram as ligações essenciais entre o Espírito e o corpo.

Embora não se tenha uma ideia clara de como se dá a ligação da mente espiritual e o cérebro, é fora de dúvida que a interligação Espírito e corpo se processa nas circunvoluções e mecanismos cerebrais.

Apoiando-se no estudo de Reinaldo di Lucia sobre o perispírito, acima referido, podemos refletir sobre a possibilidade de que essa ligação Espírito-cérebro se dê em perfeita integração, no nível energético vibracional. Esse campo eletrizado e saturado de vibrações, mento-magnéticas, exprime de forma ovoide, que seria a estrutura do corpo mental.

O cérebro estaria mergulhando nesse tecido mental, estabelecendo uma ligação extremamente sutil, mas totalmente integrada, sinérgica. Seria, como analogia possível, uma interligação mente-cérebro, idêntica a que ocorre entre os neurônios, através das sinapses e neurotransmissores, aqui substituídos pelo fluxo da vontade do Espírito e emissões energéticas do organismo cerebral.

Conclusão

Essas hipóteses nos levam às seguintes conclusões:

1. O perispírito é um campo energético que identifica o Espírito, com aparências e semelhanças do corpo somático, com funções de captação e irradiação vibracional genérica e específica;
2. As funções ontogenéticas geralmente atribuídas ao perispírito, no campo da memória e das recíprocas influências entre a mente espiritual e o corpo são, na verdade, exercidas diretamente pelo Espírito, através de seu corpo mental, num continuum energético integrado em suas várias expressões.
3. Sendo produto do pensamento contínuo do Espírito, o campo eletromagnético que constitui o perispírito é transitório não se constituindo um organismo propriamente dito e, portanto, agregando-se e desagregando-se conforme a posição vibracional do Espírito.
4. Em cada encarnação o perispírito é desagregado diluindo-se no processo de gestação.
5. Portanto, pode-se afirmar que durante a gestação não existe perispírito. Sendo restabelecido o campo eletromagnético perispiritual, conforme se desenvolve o corpo somático.
6. No caso do aborto do processo de gestação, o Espírito reencarnante readquire o perispírito anterior, cujo modelo mental ainda se relaciona com a encarnação anterior.
7. A ligação entre o Espírito, com o cérebro parece dar-se justaposição do corpo mental com o cérebro, num processo semelhante com a sinapse que ocorre no sistema nervoso.
8. A extrema sinergia entre o Espírito e o corpo, nos permite visualizar essa relação como um continuum vibracional firme e permanente enquanto houver um organismo físico vital. O perispírito como campo vibracional eletromagnético se justapõe ao físico dele se expandindo pelo transe, pelo sono e pela morte. Sua apresentação coincide com a do corpo físico presente porque sua formação acompanha “molécula a molécula” o desenvolvimento do organismo, refletindo-o.
9. Dentro do entendimento de que estamos constantemente emitindo energias das mais variadas expressões, frequências e intensidade, sabemos existe uma permanente emissão de vibrações sinérgica entre o Espírito e o organismo refletindo os estados mentais da pessoa. Seria a aura humana. Essa estrutura energética, verdadeira carapaça energética, no dizer de André Luiz, identifica os estados emocionais e físicos da pessoa. É um halo vital, mistura de energias de bases diversas, que, todavia, não deve ser confundida com o perispírito. Existe em relação á vida orgânica e mental do ser encarnado.

10. Ligado diretamente é mente espiritual, o perispírito é uma estrutura de energia sutil, mas forte, moldado na dinâmica da sinergia mente-corpo, durante a encarnação. Sendo, todavia, independente do corpo físico, quando mantido pela vontade e pelo pensamento contínuo do Espírito, transcende ao organismo, permanecendo íntegro durante a encarnação e após a morte física, como instrumento de identificação da pessoa.

11. O perispírito é, como afirmamos, uma “capa energética” característica bem próxima da expressão “envoltório” usada por Kardec, sem estrutura e sem organização propriamente dita, mas existindo pela vontade do Espírito, como instrumento de identificação.

12. A sede da memória estaria no seu corpo mental, o instrumento desenvolvido pelo Espírito, e em constante processo de expansão e aperfeiçoamento.

7 - O Pensamento Pós- Moderno e o Espiritismo

Luiz Fuchs

Introdução

No início do século XX, as ideologias encontram fertilidade para medrarem no solo das instituições científicas, políticas e culturais. Socialismo e Capitalismo se apresentavam como gigantescas opções à sociedade. De um lado o ano de 1917 inflara as esperanças da formação e consolidação de uma sociedade igualitária, sob os auspícios do Estado, e os socialistas regozijavam-se pela instauração do paraíso em nosso meio, com a expulsão da exploração do homem pelo homem. Na outra polaridade, convicto do legado da Revolução Francesa de 1789, o capitalismo anunciava a liberdade e a felicidade conquistadas através das realizações individuais, embalados em uma vida de confortos materiais sem limites.

A crença no progresso, inobstante os antagonismos políticos, reinava suprema. “Ela parecia justificar-se por alguns eventos (um tanto seletivos, na verdade). Apesar do que se seguiu, uma Grande Guerra e a Depressão, as esperanças não se arrefeceram totalmente: a Feira Mundial de Chicago de 1933 celebrou Um Século de Progresso” (1).

Entretanto, a Segunda Guerra Mundial explicitou, em seu terrível desenrolar, que, apesar dos modelos ideais de sociedade, das ideologias humanistas, do processo civilizatório e do desenvolvimento cultural, o homem persiste na capacidade de realizar as mais terríveis crueldades. As recordações de Auschwitz, Treblinka, Hiroshima, e Nagasaki testemunham que, independentemente da ideologia, nada mais parece impedir a crueldade humana. As ideologias, ao propor o contrário, ao tentarem mostrar-se como “salvadoras”, apenas realçavam seu caráter hipócrita.

A fé no progresso ganhou sobrevida. Foi beneficiada por descomunal desenvolvimento científico e tecnológico e uma explosão de consumo sem precedentes, por uma mudança tecnológica acelerada,

envolvendo as telecomunicações e o poder da informática, por alterações nas relações políticas e o surgimento de movimentos sociais, especialmente os relacionados aos aspectos étnicos e raciais, ecológicos e de competições entre os sexos. Entretanto, o abalo era irreversível. O resultado foi um questionamento intenso das doutrinas recebidas. No mundo ocidental, uma sublevação cultural de grandes proporções afrouxou ou arrancou antigos demarcadores de fronteiras. Mas a questão é ainda mais abrangente: estará a modernidade em si, como uma entidade sociocultural, desintegrando-se e levando consigo todo o suntuoso edifício da cosmovisão iluminista?

Advém o conceito de pós-modernidade, um conceito multifacetado que chama a nossa atenção para um conjunto de mudanças sociais e culturais profundas que estão acontecendo nesta intersecção de milênios em muitas “sociedades avançadas”.

A galopante e perturbadora mudança de cenários, que caracteriza este início de século, saudada por muitos como despontar da Era Pós-Moderna, cujos paradigmas (ou sua ausência) estariam sepultando a Modernidade, suscitam questões o Movimento Espírita organizado deve focalizar e discutir. Alienação e isolamento não são bons conselheiros. Sobre o assunto tivemos a oportunidade de afirmar, parafraseando Millôr Fernandes, que, se nos faltar sensibilidade para interagirmos com as aspirações e possibilidades que caracterizam o homem e o mundo nesta dobrada da esquina do tempo, sem nos colarmos à realidade para nos fazermos contemporâneos, muito em breve poderemos ser um Movimento do milênio passado (2).

Desestabilizam-se as ideias como progresso e razão. Tornam-se ambíguos os conceitos e noções políticas, culturais, éticas e estéticas. O emblema “tudo é relativo” de Albert Einstein transformou-se na síntese, no ícone mais representativo de nossos dias. “As certezas são hoje colocadas em questão no instante mesmo em que são enunciadas”, constada Arbex Jr. (3), que prossegue: “Se em época anteriores eram necessários longos e dolorosos processos para que os homens abandonassem suas crenças, seus princípios morais e sua fé, hoje questiona-se o próprio sentido de se adotar ou defender qualquer sistema de valores. Tudo parece ser muito ligeiro, frágil, provisório e precário”, fazendo mencionar a expressão do discurso de Próspero, personagem central da Peça Tempestade, de William Shakespeare: “Tudo que é sólido se desmancha no ar”. Esta é uma descrição correta de nossos tempos, recolocada pelo escritor americano Marshal Berman.

A transição da era moderna para a pós-moderna coloca um sério desafio para o Espiritismo em seu papel de dialogar com a contemporaneidade, como geração dela emergente. É necessário termos em conta que não estamos a apresentar a Doutrina Espírita a uma época remota, mas nos dias de hoje, cujo contexto acha-se sob pesada influência da pós-modernidade. Para manter canais aberto com a sociedade, devem-nos lançar à tarefa de decifrar as implicações do pós-modernismo nos projetos de divulgação da doutrina espírita.

As razões para incluir no temário deste VII SIMÓCIO BRASILEIRO DO PENSAMENTO ESPÍRITA o debate sobre a pós-modernidade decorrem primeiramente do desejo de fazer uma introdução legível ao que hoje se apresenta como um campo de estudos muito complexo. Não são analisados todos os ângulos inerentes à matéria, sejam eles econômicos, sociais ou artísticos; tenho esperança o que o leitor tenha condições de realizar estudos complementares. Assim ajo, também, por meu presente interesse de estudos convergir para as teorias de mudança social, especialmente enquanto essas têm relação com a sociologia do conhecimento.

Evidentemente que não nutrimos qualquer pretensão a aprofundamentos de riscos. As questões referentes à Pós-Modernidade são essencialmente contemporâneas – talvez as mais contemporâneas de todas as questões – e, como tal, sujeitas a todo tipo de avaliação. É, aliás, característica do pós-modernismo a possibilidade de se afirmar uma verdade, um único ponto de vista, uma só perspectiva de um objeto qualquer. Nossa ambição é provocar discussão, estimular a crítica, desafiar o pensamento.

O MUNDO MODERNO

O Ser Pensante de Descartes e o universo mecânico de Newton, constituem o alicerce epistemológico-antropológico e o arcabouço científico do edifício da Modernidade. Fincaram em terreno fértil as raízes do fenômeno intelectual ao qual J. Habermas se referia como “Projeto do Iluminismo”. O filósofo alemão, herdeiro da Escola de Frankfurt, assim se expressa:

“O projeto de modernidade formulado no século XVII pelos filósofos do Iluminismo consiste num desenvolvimento implacável das ciências objetivas, das bases universalistas da moralidade e da lei e de uma arte autônoma consoante a lógica interna delas, constituindo-se ao mesmo tempo, porém, uma libertação dos potenciais cognitivos acumulados em decorrência de suas altas formas esotéricas e de sua utilização na práxis; isto é, na organização racional das condições de vida e das relações. Os proponentes do Iluminismo (...) cultivam ainda a expectativa extravagante de que as artes e as ciências não somente aperfeiçoariam” o controle das forças da natureza, como também a compreensão de ser e do mundo, o progresso moral, a justiça nas instituições sociais e até mesmo a felicidade humana”.(4)

O Homem do Iluminismo tem olhos otimistas para o mundo. As leis naturais desvendadas e as reentrâncias misteriosas do mundo aplainadas lhe permitiriam construir habitar um mundo melhor: a educação e a ciência libertam o homem da sujeição à natureza e da escravidão social.

O conhecimento, matéria prima destas realizações, era concebido como acessível a mente humana. Acesso desapaixonado, imparcial, asséptico, como se formulado fora das contingências da história. Este conhecimento, em sua essência preciso, objetivo e bom, implicava uma irrestrita confiança nas possibilidades da razão e no homem que dela se utilizasse.

Esta cosmovisão influenciou de forma profunda duradoura o desenvolvimento da cultura moderna no Ocidente. Representou a ascensão de uma mudança fundamental na perspectiva determinou o rompimento com as formulações intelectuais da Idade Média pavimentando o acesso ao mundo moderno.

No contexto do medievalismo, a revelação divina atuava como árbitro final da verdade. Era à Igreja que buscávamos para obter explicações sobre como pensar a respeito de nós próprios, a respeito da Natureza e a respeito de Deus. O poder eclesiástico era incontestável e inapelável. A tarefa da razão humana, por sua vez, era a de compreender a verdade transmitida pela revelação. Roma oculta, causa finita. “Creio para que possa entender” dizia. Segundo esta expressão, cabia à razão simplesmente viabilizar a demonstração da correção das verdades reveladas.

Os pensadores do iluminismo, por sua vez, procuravam esquivar-se da revelação imposta externamente como árbitro da verdade. Não se admitia que as pessoas se permitissem manter-se na

aceitação cega das “superstições” proclamando por autoridades externas, a exemplo das Igrejas e dos textos bíblicos.

A moralidade prevalecia sobre o dogma: os poderes da razão humana poderiam descobrir e fomentar a conformidade com a lei moral natural que Deus havia escrito em seus corações. De oprimido e submisso, o Homem ouviu o Iluminismo pronunciar-se claramente a favor da grandeza do potencial humano, rejeitava-se o ideal medieval da alma estática e contemplativa em favor de uma visão da humanidade que se caracterizava por ser criativa e – como não podia deixar de ser – insatisfeita, desejosa e transformar o ambiente.

De uma forma certamente incompleta e imperfeita, contudo sempre elucidativa, poderíamos enunciar, resumidamente, os seguintes princípios que estruturam o Iluminismo, conforme apresentados por Grenz (5):

RAZÃO: Os teóricos do Iluminismo supunham que uma correspondência entre a estrutura do mundo e a estrutura da mente capacita a esta última a discernir a estrutura inerente ao mundo externo. O princípio iluminista da razão supunha a existência de uma habilidade humana capaz de conhecer a ordem fundamental de todo o universo. Tal crença na racionalidade objetiva do universo permitiu que os intelectuais da Idade da Razão edificassem confiança nas leis da natureza como sendo inteligíveis e na ideia de que o mundo pode ser transformado e submetido à atividade humana que tornaram o exercício da razão crítica tão importantes para os pensadores do Iluminismo.

NATUREZA: Enfatizava-se o que estivesse alicerçado ou que resultasse “da própria natureza das coisas”. O universo é um reino ordenado e regido pelas leis da natureza. Na Idade da Razão a natureza e a lei natural tornaram-se lemas da busca intelectual. Deus ocupa lugar central na Cosmologia, responsável pela organização encontrada na “própria natureza das coisas”. Era no âmbito das “leis naturais”, universalmente disponíveis, que se buscavam solução para todos os conflitos. Todo empenho intelectual tinha por meta moldar integralmente a vida humana em conformidade com as leis da natureza consoante as descobertas efetuadas pela razão.

AUTONOMIA: A razão humana autônoma se desvinculou da autoridade externa como árbitro da verdade, marcas do período medieval e da Reforma. As pessoas deixavam de confiar unicamente nos ditames das autoridades do passado. Os simples apelos à Bíblia, ao magistério da igreja ou ao dogma cristão já eram insuficientes para fomentar a submissão à crença e à conduta. A autonomia exigida que cada um descobrisse e seguisse a lei natural do universo. O emprego pessoal da razão era parte fundamental da ênfase iluminista na autonomia. Todo indivíduo devia seguir o caminho que levava à descoberta da lei natural utilizando sua porção pessoal de razão e consciência, pois supunha-se que, assim fazendo, a vida ordenada haveria surgir.

HARMONIA: Os pensadores do Iluminismo supunham que o universo possuía uma ordenação superior racional e ordenada que lhe era inata. A antropologia do Iluminismo afastaram-se da crença de que todos os seres humanos nascem sem pecado e são naturalmente inclinados à prática do mal. Em vez disso acolheram a afirmação de John Locke (1632-1704) de que a mente humana, a princípio, é uma tábula rasa. Baseando-se na noção de que a mente originalmente flexível poderia ser moldada pela natureza divinamente criada, concluíram que o emprego da razão poderia harmonizar a vida humana com a ordem natural do universo.

PROGRESSO: Para os pensadores da Idade da Razão o universo era a um só tempo ordenado e possível de ser conhecido; métodos adequados conduziram ao conhecimento verdadeiro. Imbuídos dessa crença, os filósofos, teólogos, bem como os cientistas, puseram-se a edificar sistemas que os aproximaria da verdade, que lhes acenava com a promessa de tornar felizes, racionais e livres os seres humanos. A crença no progresso resultou também da leitura iluminista da história. Os historiadores da Idade da Razão pintaram, a Idade Média como uma era de superstição saindo desse período. O progresso que observavam em sua própria época levou-os a transbordar do otimismo com relação ao futuro. Apesar dos altos e baixos da história, estavam convictos de que, de modo geral, o processo histórico do mundo estava direcionado para o alto e para frente. Era com esperança que olhavam para o futuro, certos de que estavam no limiar de uma nova e gloriosa “terra prometida”. Se os homens pudessem aprender a viver à luz das leis da natureza, asseveravam os pensadores do Iluminismo, veríamos o alvorecer da utopia. A Idade da Razão foi realmente um dos períodos de maior esperança da história da humanidade.

Para Rouanet (6), o projeto civilizatório da modernidade tem, ainda, como ingredientes principais os conceitos da universalidade e individualidade. A universalidade significa que ele visa todos os seres humanos, independentemente das barreiras nacionais, éticas ou culturais. A individualidade significa que esses seres humanos são considerados como pessoas concretas e não como integrantes de uma coletividade e que se atribui valor ético positivo à sua crescente individualização (6).

O MUNDO PÓS-MODERNO

Muitos pensadores afirmam que a nossa sociedade está em meio a um deslocamento cultural de proporções imensas. Tal movimento seria de afastamento da cosmovisão única e universal da modernidade: ela implica especialmente uma rejeição da atitude mental moderna.

Por se tratar de tendência cultural em marcha, ainda não há configuração perfeita do que se enquadra nos limites do que se convencionou denominar Pós-Modernismo. Sobre o verdadeiro alcance da influência pós-moderna há variadas posições, “desde os fervorosos partidários (Steven Connor), até os críticos mais mordazes, que a rejeitam, seja porque a casa da modernidade como uma era de transição e de heurística, em que o moderno ainda persiste no seio de uma busca de um “novo”, que desponta, mas ainda não consolidou (Hans Küng). Canclini pondera que, em certos aspectos, já somos pós-modernos e, em outros, nem sequer realizamos as mais elementares promessas da modernidade. Rouanet vê na Pós-Modernidade um misto de verdades e ilusões.” (9)

O adjetivo pós-moderno, entretanto, não se limita a descrever somente uma atitude intelectual. A rejeição pós-moderna da ênfase na racionalidade, característica da era moderna, encontra expressão em várias dimensões da sociedade contemporânea. Em anos recentes, a estrutura mental pós-moderna aparece em vários dos veículos tradicionais de expressão cultural, dentre eles, a arquitetura, a arte e o teatro. Além disso o pós-modernismo está cada vez mais presente na sociedade como um todo.

Embora o termo pós-modernismo tenha sido cunhado por volta dos anos 30 do século passado, o movimento assim designado não ganhou impulso a não ser a partir dos anos 70. Foi quando ocorreu a

incorporação do Pós-Modernismo ao circuito intelectual por Jean François Lyotard, em sua obra “A Condição Pós-Moderna”, uma exposição sobre o saber nas sociedades mais desenvolvidas, apresentando ao Conselho das Universidades junto ao governo de Quebec, em 1979.

A importância do trabalho inaugural de Lyotard está em propor articulações conceituais que permitem uma aproximação da base teórica e filosófica da visão pós moderna como uma revolução de perspectivas que trespassa a cultura ocidental.

A seguir apresentamos algumas concepções que nos permitem melhor visualizar as pretensões pós-modernas em relação a sua vertente cultural. A Crise nos fundamentos. – O projeto da modernidade tem seus alicerces fortemente abalados com a ocorrência das duas guerras mundiais do século passado. A razão se torna suspeita: será ela capaz de conduzir processos sociais diante de realidades tão cruéis, em circunstâncias culturais tão diversas?

Poderia a razão continuar a ser considerada onipotente para conduzir os destinos da sociedade humana? Na linguagem proposta por Lyotard em seu “Condição Pós-Moderna” vivemos a crise das metanarrativas e da ciência no seu papel de condutora do processo humano. Na terminologia de Thomas Kuhn, autor de “Estrutura das Revoluções Científicas”(9), vivemos um tempo de crise dos paradigmas. Chega-se até mesmo a confrontar sobre a pertinência em se falar atualmente em paradigma, uma vez que este termo representa uma forma de ver o mundo que está em processo de superação.

Consoante Lyotard, constitui uma tarefa difícil de compreender o conhecimento científico e filosófico como possuidores de certezas universais, capazes de representar a realidade em direção à construção da verdade, igualmente válida universalmente. Ou seja, há indicações de que se inicia a exaustão do discurso meta-narrativos. O homem contemporâneo se vê na contingência de não poder mais ter em conta as grandes visões filosóficas, políticas, ideológicas e religiosas que tanto equilíbrio e segurança lhe forneciam no passado. Dissolve-se a visão integrada e coerente do mundo, a explicação abrangente para os diversos aspectos da humanidade, propiciadoras da coesão dos grupos humanos legitimadoras dos sistemas de valores. Ademais, não se acredita mais que os mega relatos sejam capazes de fornecer um sentido ao mundo e à história e de legitimar projetos coletivos para um mundo melhor.

A ótica pós-moderna não quer apenas desestimular as pessoas a se agarrarem às narrativas da modernidade. A perspectiva pós-moderna, emergente, implica o fim do apelo a qualquer mito legitimador dominante, seja qual for. As principais narrativas predominantes não apenas perderam sua credibilidade, como a ideia de uma narrativas predominantes não apenas perderam sua credibilidade, como a ideia de uma narrativa grandiosa já não desfruta de crédito algum. Esta perspectiva investe contra tudo o que reivindica para si a universalidade – ela requer, na verdade, uma guerra contra a totalidade.

Crise nas Ciências. A ciência sofre sérias restrições por parte dos intelectuais da pós modernidade. Esta postura, embora particular em sua importância, filia-se à descrença nos mega relatos, nas metanarrativas. O empreendimento científico é atingido de forma frontal quando se questionam os fundamentos e a legitimação da cosmovisão moderna.

O papel da ciência como categoria organizadora e unificadora do conhecimento tem se fragilizado muito. Mesmo a evolução técnico-informática, biotecnológica trazem problemas às disciplinas especializadas, que estão perdendo seus contornos mais nítidos, sofrendo um período de grandes mutações.

É de se destacar que, das mutações pelas quais passa a ciência contemporânea, a mais relevante é aquela que refere-se ao seu objetivo. A atividade científica não é mais considerada aquela prática que visava a busca da verdade, do conhecimento. A ciência e sua produção científica transformaram-se em mercadorias e seus patrocinadores financeiros não aplicam seu capital tendo em seu horizonte a emancipação da humanidade, mas o aumento de poder. Escreve Lyotard: (“O Estado ou a empresa abandona o relato de legitimação idealista ou humanista para justificar a nova disputa: no discurso dos financiadores de hoje, a única disputa confiável é a do poder. Não se compram cientistas para saber a verdade, mas para aumentar o poder.”(10). Para a ciência, comenta GRENZ, as perguntas motivadoras deixaram de ser “Será verdade?” e passou a ser “Para que serve?”. A questão da utilidade equivalente à pergunta “Dá pra vender? é eficiente?”(11).

Pós-Modernidade e o Fim do Mundo – Segundo os conceitos pós-modernos o mundo não pode ser apreendido como algo evidente por si mesmo.

Refuta-se, assim, a Teoria da Correspondência, que admite seja a mente humana capaz de refletir, com maior ou menor exatidão essa realidade externa e não humana. Tal visada concede igualmente que o mundo seja objetivamente real manifestando uma ordem inerente a si mesmo e independente da atividade humana sendo a verdade catalogada à conta de uma correspondência entre nossas afirmações e o mundo objetivo ao qual nos dirigimos.

Os Pós-Modernos refutam a ideia de mundo objetivo, assim entendido enquanto realidade captada de forma direta, em função de suas próprias e intrínsecas qualidades. Como alternativa a esta absorção pela mente de uma realidade a ela exterior, advogam a teoria de que o “mundo” é construído pelo ser pensante a partir de estruturas mentais e conceitos que viabilizam sua apreensão, sua apropriação. Destarte, o “mundo real” é uma criação social, articulação linguística, compartilhada.

Os pensadores da pós-modernidade argumentam que não podemos mais, que não é racional, atermo-nos à perspectiva da descoberta de um mundo único, simbólico, universal, capaz de unir a humanidade num nível mais profundo do que o de nossas evidentes diferenças. Devemos enfrentar a questão de que vivemos em um mundo de “múltiplas realidades”: diferentes grupos de pessoas constroem histórias distintas sobre o mundo com que deparam. Habitam mundo diferentes no que se refere às percepções que dele se têm, às questões básicas de identidade pessoal, do tempo e do espaço. Entendem ser correto adotar uma visão pluralista do conhecimento e da verdade.

A modernidade, dizem, foi moldada pela busca de verdade absolutas e pela crença na sua existência. A pós-modernidade rompe com este conceito: estabelece que toda a verdade é relativa e depende do contexto social e cultural daquele que vive a realidade existencial. Tal posicionamento perpassa todo o campo do saber, dos conceitos religiosos a elaborações matemáticas e destas a verdades científicas. “A verdade, sucedem “às verdades” que não se contradizem, mas se complementam. Tudo pode e deve ser questionado sempre. Não como busca da verdade, mas por reconhecer que ela não existe.

Torna-se inválido um princípio acalentado pelo pensamento moderno: o princípio de neutralidade, de ausência de pressupostos e pré-conceitos na análise, na pesquisa, e na percepção da realidade. A visão neutra e objetiva permitia aos iluministas a crença em uma visão unitária da realidade. Não há possibilidade de uma análise isenta de pressupostos, que não se cinja a uma visão de mundo. Estas influências causarão um resultado de tal forma que ele será singular em suas características.

Pós-Modernidade e o Fim da História – A Pós-modernidade adota a ideia de “fim da história”. Escreve Vattimo: “A dissolução da história, nos vários sentidos que se podem atribuir a essa expressão, é, de resto, provavelmente, a característica que distingue do modo mais claro a história contemporânea da história moderna” (12). O que caracteriza essa forma de pensar, nas palavras do reconhecido intelectual italiano “é que, enquanto na teoria a noção de historicidade se torna cada vez mais problemática, na prática historiográfica e em sua autoconsciência metodológica a ideia de uma história como processo unitário se dissolve, instaurando na existência concreta, condições efetivas que lhe conferem uma espécie de imobilidade realmente não-histórica” (13).

Não é sem certa dificuldade que se compreende o posicionamento da pós-modernidade ao negar a historicidade. Sob esta perspectiva a própria pós-modernidade não pode ser considerada uma novidade em relação a modernidade? Ela implica na dissolução da categoria do novo.

Aqui no Brasil, a História foi escrita pelos portugueses. Tal a história dos vencedores a que se referia Benjamim. Apenas sob o ponto de vista deles o processo histórico aparece como um fluxo único, relacionando fatos vinculados a uma pretendida ordem de causas e efeitos. Esta não é a história dos vencidos, de nossos índios, nossos escravos. A esse respeito sentencia Vattimo? “Se não há, porém, uma história unitária, importante, mas apenas diversas histórias, os diversos níveis e modos de reconstrução do passado na consciência e no imaginário coletivo, é difícil ver até que ponto a dissolução da história como disseminação das “histórias” não é também um verdadeiro fim da história ruem a noção de progresso e de superação.

Conclusão

Espiritismo é filho da modernidade, elaborado no contexto do século das Luzes.

Veja-se o seguinte trecho de “A Gênese”, de Allan Kardec:

“Importante revelação se processa na época atual (...). Não é novo, sem dúvida, esse conhecimento, mas ficara até os nossos dias, de certo modo letra morta(...)”

O homem era incapaz de tirar desses fatos qualquer dedução salutar. Estava reservado à nossa época desembaraçá-los dos acessórios ridículos, compreender lhes o alcance, fazer surgir a luz destinada a clarear o caminho do futuro.” (15) E ainda:

“É, pois, rigorosamente exato dizer-se que o Espiritismo é uma ciência de observação e não produto da imaginação. As ciências só fizeram progressos importantes depois que seus estudos se basearam sobre o método experimental; até então, acreditou-se que esse método também só era aplicável à matéria, ao passo que o é também às coisas metafísicas”(16) Também é digno e observar-se o seguinte texto de Herculano.

“Superadas as fases anteriores de evolução, o homem se torna apto a captar a realidade de maneira mais intensa. Desaparecem os embaraços da superstição, e o campo visual do homem se tornou mais claro e mais amplo. Liberto do temor de Deus e do Diabo, o homem se reconhece a si mesmo como uma inteligência autônoma, atuante na matéria. Ao reconheci isso, percebe que a dualidade espírito-matéria, anteriormente percebida de matéria confusa, esclarecesse. A inteligência humana é um poder atuante, que supera também o mistério da morte (...) O desenvolvimento e o treinamento da razão através da Idade Média, e a conseqüente eclosão do racionalismo na Renascença, liberto da ganga das emoções primitivas e das elaborações teológicas do misticismo, conferem ao homem a maturidade suficiente para enfrentar a realidade como ela é. Os fenômenos anímicos e mediúnicos do passado podem agora ser examinados de maneira racional. A captação da realidade já não é mais emocional. As categorias da razão definiram-se e aguçaram-se, permitindo uma captação direta do “aqui” e do “agora” existenciais, sem a mescla das sensações confusas e das emoções turbilhonantes do passado. A razão, dominando o caos das sensações e das emoções, equacionada de novo a realidade psicofísica: põe o psiquismo humano e a realidade exterior sobre a mesa, para uma avaliação direta”. (17) em recente artigo para a Revista Internacional de Espiritismo, escreveu Denizard de Souza (18):

“Na segunda metade do século XIX – período do trabalho intelectual-espírita de Allan Kardec (1854 a 1869) – já era do domínio científico as principais noções, metodologias e conceitos que foram trazidos pelo Iluminismo. (...) Allan Kardec não apenas reconheceu o papel fundamental do método positivo no avanço e consolidação da ciência moderna, como também desenvolveu procedimentos para empregar tal método em seus estudos dos fenômenos espíritas”. Comparou, classificou, identificou causas racionais, garantiu aos conceitos espíritas critérios de racionalização lógica e coerente.

Observa, ainda, Denizard de Souza, que a contribuição iluminista à construção do conhecimento espírita transcendem a elaboração metodológicas: as Leis Morais, todas elas são convergentes com os postulados da Idade das Luzes.

“Portanto”, aduz o autor citado, “o caráter iluminista do Espiritismo aparece no seu método, na sua compreensão da transformação da sociedade através da mudança do nível de consciência e da irresistível força do progresso (moral, social, antropológico) bem como no conhecimento racional das leis espirituais, sua aplicação no campo psicológico, das crenças, dos usos sociais, das instituições e dos valores econômicos, políticos e culturais”.

A pergunta que surge, obrigatória ao pensador espírita é: de que forma lidar com a ascensão do espírito pós-moderno, tendo em vista tão marcantes características modernas do Espiritismo?

A princípio, não devemos permitir que nossas possíveis restrições ou discordâncias com as postulações pós-modernistas sejam empecilhos para darmos crédito a algumas críticas que fazem ao pensamento moderno. Aliás, deve-se mesmo notar que é possível aceitar o certo de determinadas críticas pós-modernas e, ao mesmo tempo, negar que nossa condição cultural e social esteja além da modernidade. Reconhece-se que a modernidade pode estar em dificuldades, criadas pelos vórtices das transformações do mundo atual, mas as crises podem, muito bem, serem solucionadas no quadro referencial da modernidade.

Eis como refletimos sobre alguns dos pilares do pensamento pós-moderno:

Quanto às Metanarrativas: Não parece cabível, conforme parece pretensão dos intelectuais do pós-modernismo, interpretar o mundo como uma coleção de relatos conflitantes. As histórias locais, dos diversos tempos e das diversas coletividades, para nós, espíritas, confluem para o que, na linguagem de Lyotard, constituir-se-ia em uma das fundamentais metanarrativas patrocinadas pela cosmovisão espírita: a evolução individual dos espíritos e das sociedades humanas.

Quanto ao Fim da História: Na dissolução da categoria História ficam comprometidas as ideias de progresso e evolução. A Historicidade, uma das mais importantes conquistas da mentalidade moderna corre riscos. O processo de desistorização do tempo dificuldades na consolidação de valores com o, por exemplo a ética. Ao contrário, quando se tem a percepção do tempo como história, cria-se referências para construir para construir valores.

Crer na ausência de uma visão histórica e limitar-se à perenização do presente. Seria um novo fixismo, a negar a evolução das coisas. A História dignifica o Homem e o Espírito, seres vocacionais à transcendência, seres que não se bastam enquanto seres do presente, que não podem ser eternizados enquanto tais. No historicismo pós-moderno a cultura perde seu valor de humanização e de emancipação para se fazer da vida mero entretenimento. Esta transforma-se em um grande passatempo: consumo e mais consumo, na realidade a grande moeda que avalia o homem perenizado, que não encontra mais sentido em mudar a si nem tem bons sonhos em relação ao futuro.

A incompatibilidade com a cosmovisão e com a antropologia espírita é insanável.

Crise da Ciência e Fim do Mundo - A ciência é um discurso. Não se questiona tal fato. Entretanto, discurso, é contrassenso. Que seja o conhecimento relativo, inclusive o conhecimento científico, resultando dos contextos históricas (entenda-se também, evolutivos) que o situam, é verificação sem problemas. Exagerar na medida desta apreciação, excluindo da ciência qualquer referencial, é entregar-se ao mais irracional dos ceticismo (aliás, os pós-modernos caracterizam se por serem céticos), abdicado da possibilidade do conhecimento confiável. Tal impertinência do relativismo absolutizado permitirá uma intersubjetividade da qual se extraíra denominadores comuns par uma visão de mundo orientadora por princípios aceitos coletivamente.

Pelas formulações negadoras da pós-modernidade alcança-se uma de suas características: embora procurando rejeitar o passado moderno, e apesar de fazê-lo com veemência, não há, a partir de sua plataforma ideológica propostas construtivas, quaisquer que sejam.

Merece análise o comentário de GRENZ:

Conforme já observei diversas vezes ao longo deste livro, a busca pela ruptura com o projeto iluminista da modernidade é inerente ao pós-modernismo. Não importa no que se transforme o pós-modernismo no fim das contas, no início, foi ele uma rejeição à mentalidade moderna que se desenvolveu na esfera da modernidade. Em conformidade com esta orientação – em grande medida negativa -, essa rejeição do passado imediato, os intelectuais pós-modernos, de modo geral, não procuram apresentar novas propostas construtivas de quaisquer tipos que sejam. Seu objetivo primordial tem sido o de estabelecer uma crítica contundente ao projeto do Iluminismo com base nos princípios de suas teorias. (18)

Cumpra aos pensadores, estudiosos e intelectuais espíritas refletirem nas condições que a contemporaneidade nos oferece para a construção de um pensamento espírita rigorosamente posto. É necessário, com profundidade, compreendermos as raízes históricas que permitam o advento da Doutrina Espírita, seu espaço na época atual, e a forma de a apresentar à geração emergente.

O Espiritismo não deve abdicar dos critérios racionais, da sua contextualização histórica, da sua visão espiritualmente otimista.

Entretanto, não há de se desprezar in toto a crítica pós-moderna aos aspectos ultrapassados da modernidade. Cumpra, porém, buscar soluções mais concretas menos fragmentárias, menos agonísticas e mais consensuais. É bem do primeiro mundo de Lyotard refugiar-se no “nihilismo” e em soluções acessíveis a pequenos grupos de elite. O macroproblema de hoje, a fome que assola um bilhão de seres humanos e vítima, no mundo dos empobrecidos e excluídos, quarenta e quatro mil pessoas diariamente, é um imenso clamor que está a exigir, além dos pequenos relatos, um grande relato universal de indignação e emancipação, a brotar de um consenso também planetário, em todos os cantos da Terra e em toda a parte do mundo onde ainda exista um mínimo de boa vontade.”(19)

8 - A Ação de Deus na Concepção Espírita

Rui Paulo Nazário de Oliveira

INTRODUÇÃO

A Doutrina Espírita tem por objeto de estudo, primordialmente, o espírito. KARDEC define o Espiritismo como uma ciência que trata da natureza, da origem e da destinação dos Espíritos, e das suas relações com o mundo corporal (O QUE É O ESPIRITISMO, prólogo). Por isso que alguns afirmam que Deus, assim como a matéria, não seria objeto de estudo do Espiritismo.

Todavia, o Espiritismo parte da premissa necessária de que Deus existe. E após afirmar, já na primeira questão do primeiro livro da Codificação, a existência de Deus, KARDEC cuida dos atributos da divindade e das suas relações com o universo e com o homem. A ideia de Deus permeia toda a obra Kardequiana. É certo que, em alguns pontos do estudo de Deus, o Espiritismo, busca evitar que nos percamos em inúteis especulações, que nem todo o conhecimento científico ou filosófico puderam resolver. KARDEC e os Espíritos são incisivos e categóricos ao desestimular a cogitação em torno, por exemplo, da origem e natureza de Deus, problemas que já se afiguravam insolúveis a KARDEC. Seja como for, o Espiritismo ressalta, enfática e reiterativamente, que a noção de Deus sempre acompanhou o homem, em todas as épocas da sua história, como um sentimento instintivo ou intuitivo da existência de Deus, do Ser transcendente. E que esta percepção rege a consciência humana, influenciando nas manifestações e relações individuais e coletivas.

Não há como negar, pois, o significativo conteúdo teológico da Doutrina Espírita. Talvez esta expressão não agrade alguns, pela sua conotação com a teologia tradicional, até então privativa da área religiosa. Mas não há que se confundir: enquanto para as religiões cristãs, teologia é a ciência de Deus revelada pelo Cristo, podemos adotar, no âmbito doutrinário, um conceito filosófico de teologia, como, por exemplo, aquele que vem de LALANDE: “Ciência de Deus, de seus atributos e de suas relações com o mundo e o homem”. Esta acepção filosófica é absolutamente adequada para as considerações teológicas na filosofia Espírita.

DEUS NAS RELIGIÕES

Apesar de se poder analisar a ideia de que o homem faz de Deus a partir da mitologia, da filosofia, ou da própria ciência, como se está procurando levantar neste trabalho, na verdade, sempre que se fala em Deus, a vinculação natural que se faz dele é com a religião.

A religião, principalmente em nossa cultura ocidental, como que tomou para si a administração da questão de Deus. A força que as religiões exercem sobre a civilização ocidental, o poder que historicamente detêm, derivam precisamente da convicção generalizada de que elas são proprietárias de Deus,

representantes e intermediárias dele. Como se teologia, área sagrada e misteriosa, inacessível ao conhecimento público, fosse assunto privativo da seara religiosa, sobretudo, entre nós, das religiões cristãs.

Ao contrário das outras culturas da antiguidade, como a Grécia, onde floresceu a filosofia, ou a de Roma, berço do Direito, a cultura judaica repousa sobre bases essencialmente mágicas. No centro dessa cultura, a religião judaica monopoliza o pensamento e a ação do autodeterminado “Povo de Deus”.

Nascera a religião judaica da revolta de Abraão contra a adoração de ídolos na Mesopotâmia, sua terra natal (atual Iraque) , quando ele destruiu os ídolos de seu pai e fugiu para Canaã (atual Israel). O fundamento básico da religião é a crença num Deus único (monoteísmo). Consta que, mais tarde, MOISÉS, tendo a incumbência de retirar os hebreus do jugo do faraó do Egito e do cativo, para reconduzi-los à terra prometida, acabou fazendo um pacto com um dos deuses do deserto, Iahweh ou, para nós, Jeová. Daí por diante, Jeová passou a ser o deus judaico, rigoroso, irado, vingativo, que exigia sacrifício, inclusive de vida humana e de animais, e impunha total submissão ao homem. Na verdade, este deus tirânico já existia desde o começo da religião judaica. Mas MOISÉS tinha seus motivos para reafirmar e impor ao seu povo um tal deus. O meio utilizado foi a formulação da lei mosaica, rígida e inflexível.

Com o Cristianismo, mantendo-se o monoteísmo, a figura de Deus sofreu sensível transformação, mitigando-se sua ira, dispensando os sacrifícios injustificáveis, diminuindo a importância do culto exterior. O Jeová do Judaísmo, severo e intransigente, transformou-se no Pai misericordioso. Já não existe uma adoração tão sacrificial, é mais compassível e tolerante. Inobstante, continua a impor ao homem o dever de se conduzir com observância de suas leis. Ameaça , ainda, com punição severa aos pecadores. Os méritos e os deméritos seriam avaliados num divino julgamento final. Neste juízo final, os bons ganhariam finalmente o céu, enquanto os faltosos receberiam condenação eterna.

Ou seja, no cristianismo, a submissão do homem a Deus já não é total e escravizante como no Judaísmo (onde sequer existem limites entre o sagrado e profano, vale dizer, entre a vida e religião), mas agora, sob autoridade do Deus cristão, o homem já tem uma certa liberdade, um livre arbítrio relativo, goza de autodeterminação, mas não está livre do castigo. Não desapareceu, portanto, no cristianismo, a ideia do castigo divino, apenas que isto viria num juízo final.

Nas religiões orientais, ora encontramos o politeísmo, ora o monoteísmo. O Hinduísmo, que vem a ser a grande religião, sem data de fundação e sem um fundador, no seio da qual muitas outras nasceram e passaram a ter existência própria, vige o politeísmo (Vishnu, Shiva, etc...). Na sua filosofia, o Hinduísmo chega a um conceito panteísmo da divindade, porque Deus não é um ser pessoal, mas uma força ou energia que permeia tudo na natureza. O Ser sagrado é Brahma, realidade única, eterna e absoluta. É o Deus criador do mundo. Os muitos outros deuses, são manifestações de Brahma.

No Budismo, ramo do Hinduísmo, fundado por Buda (560-480 a.C.), vigora o politeísmo, na medida em que admite a existência de vários deuses. Mas para o budismo os deuses não têm a mesma importância das outras religiões. Aliás, para Buda, os deuses são todos transitórios tal qual o homem. É comum, nos templos budistas, que as imagens dos deuses estejam sempre em plano secundário à imagem de Buda.

Da mesma forma, são politeístas o Confucionismo (551-479, a.C.), o Taoísmo (Séc. VI, a.C.), o Xintoísmo (milhões de deuses), religião oficial do Japão, pura cerimônia e ritual, que não tem um fundador

conhecido. E muitas religiões africanas, tribais, que dividem espaço com o cristianismo e o budismo, especialmente.

O Islamismo é monoteísta. Alá é o Deus, e Maomé o seu profeta. Fundado no Séc. VI d.C., o Islamismo é a mais nova das grandes religiões, sendo uma das três maiores religiões, ao lado do Cristianismo e do Hinduísmo. O Deus do Islamismo exige submissão total do homem. É implacável. A tradução de Islã (palavra árabe) é exatamente submissão. O Corão prega o julgamento final, após a morte, como forma de obrigar o homem a assumir um senso moral de dever.

DEUS NA FILOSOFIA

Existem três campos conceptuais em relação ao problema de Deus: o religioso, o filosófico e o vulgar. A ideia religiosa sublinha em Deus a relação ou a falta de relação a respeito do homem; a vulgar destaca o modo como Deus se dá na existência cotidiana.

A filosofia, sendo a ciência geral dos princípios e causas, preocupa-se com a temática de Deus. Para explicá-lo, porém, não se utiliza dos princípios comuns às ciências exatas, tradicionais, experimentais, e muito menos recorre à dogmática, que caracteriza a verdade religiosa, mas formula uma concepção de Deus, seja negando, seja afirmando, através do raciocínio. O racionalismo filosófico, contudo, não livra a filosofia de complicações, ambiguidades e incertezas.

A ideia filosófica sublinha a relação de Deus com o mundo. Assim, Deus é visto como um absoluto; como fundamento das existências; como causa primeira e como finalidade suprema. Além disso, é pensado como ente supremo.

O filósofo faz de Deus objeto de especulação racional. Na filosofia encontramos concepções como: ente infinito; é o que é em si e por si se concebe; é um absoluto, ou melhor, o absoluto; o princípio do universo; o primeiro motor; a causa primeira; é o espírito ou a razão universal; é o bem; é o uno; é o que está mais além de todo o ser; é o fundamento do mundo e até próprio mundo entendido em seu fundamento; é a finalidade à qual tudo tende.

Algumas destas concepções provém da tradição grega; outras formas adotadas por filósofos cristãos; outras encontram-se inseridas em outras em outras estruturas “permanentes” da razão humana.

Por exemplo, entre os gregos, Xenófanes refere-se a Deus como um só e imutável atacando as crenças religiosas de sua época. Deus seria o princípio fundamental do universo, é o mundo, a totalidade da natureza viva; tudo no universo é Deus. Mas os homens imaginavam que Deuses nascem e vestem-se e têm voz e corpo igual a eles. ANAXÁGORAS, é o primeiro a formular uma ideia de Deus criador da ordem natural, como ordenador do mundo. Chama-o Intellecto. Para PLANTÃO, Deus (Demiurgo) era ora o criador, ora o Demiurgo construtor do mundo, que trabalhava a matéria, sucedendo o anterior. Aristóteles afirma que Deus é a causa do movimento, mas não se move. É o primeiro motor imóvel.

Os apologistas, no início do período medieval, introduziram no cristianismo muita da filosofia grega e, por este meio, Deus tornou-se o princípio eterno de todas as coisas que se transformam, a fonte de tudo, bom e eterno.

Na filosofia moderna, DESCARTES (1596-1650) identifica três substâncias no universo:

substância infinita, que é Deus; substância pensante, o espírito; substância extensa, a matéria. Refere-se a Deus como o criador de todas as coisas; a substância básica do universo; a primeira causa motriz do universo; é eterno onisciente, todo poderoso, bondade perfeita e verdade. Para este filósofo, a existência de Deus é algo tão evidente, assim como o fato de alguém que pensa é um ser, um EU pensante. O criador do axioma *códiço ergo sun* afirma que a ideia de Deus no homem é inata, como que plantada no momento que nascemos. Negar Deus, seria como negar a existência do sol em nosso sistema planetário, dizia Descartes.

Para ESPIOSA (1632-1677), Deus é a única substância infinita e independente no universo; é a causa de todas as coisas, substância pensante e extensa; Deus é tudo e tudo é Deus; é o primeiro simples eterno e infinito da natureza e de todas as coisas, causado por si mesmo; Deus e o mundo são um só. Vê-se um panteísmo nítido. é uma visão monística do universo. Deus e natureza são a mesma coisa. As coisas, os seres, tudo o que se apresenta na natureza como múltiplas substâncias não passam, para Spinoza, de meras formas distintas daquela substância única. É a mais eloquente materialização de Deus.

Para JOHN LOCKE Deus é o supremo espírito e a fonte de todo o universo; é a causa do mundo natural.

HUME, cético, diz que a razão humana é demasiado fraca, cega e limitada para construir qualquer concepção adequada de Deus. Mas, mesmo assim, achava que se deve crer na existência de Deus, porquanto tal crença é a base de todas as esperanças humanas, da moral e da sociedade. Argumentou que como não encontramos coisa alguma que exista sem uma causa, chegamos à conclusão de que a causa do universo deve ser Deus, um ser de absoluta perfeição.

IMMANUEL KANT (1724), protestante, afirmava que é moralmente necessário supor a existência de Deus. Mas assevera que nem a razão, nem a experiência poderiam fundamentar a prova da existência de Deus. Aparentemente é uma postura contraditória. Todavia, KANT entendia que estas questões, como a existência de Deus, a imortalidade da alma, o livre arbítrio, etc., deveriam ser relegados à fé religiosa. Fé e razão agem em esferas inconciliáveis. Dizia que foi a fé, e não a razão, que o levou a crer na existência de Deus. Chamava isto de postulado prático. E ensina que Deus é a noção ou a ideia mais elevada que o homem possa ter, a ideia da entidade mais alta, do todo absoluto, que incluem e abrangem tudo.

VOLTAIRE, apesar da incredulidade e ironia refinadas, repelia veementemente o ateísmo e culpava não as religiões, mas a teologia. Dizia: “se é grande presunção querer adivinhar ‘o que’ é Ele e ‘porque’ ele faz tudo quanto existe, parece-me presunção, também, negar ‘que’ Ele exista. (Suas Cartas). Nega a existência dos milagres e a eficácia sobrenatural da oração, mas admite a existência de uma inteligência divina organizadora. Refuta, porém, a ideia de uma Providência Divina particular. Pergunta, com um sorriso irônico, onde está Deus?”.

Com FICHTE Deus é a fonte do universo, é a razão universal, a inteligência em si, o ego puro; é a razão ativa universal que criou e não pode deixar de criar; a isso chamou Deus. SHELING diz que Deus é a energia criadora, o fundamento absoluto de tudo; essa força ou princípio é a alma do universo através do qual se concretiza.

Para HEGEL (1770), Deus é ideia; e a razão criadora do mundo e nele se revela.

E NIETZSCHE (1844-1900) sustenta a morte de Deus pelo afastamento da sociedade ocidental em relação ao divino. A destruição de Deus representa a construção do super-homem. Defende que se deve permanecer fiel ao sentido da terra e não prestar fé aos que falam de esperança supra terrenas. Costumava sair com uma lanterna, pelas ruas e tabernas, à procura de Deus. Indagava onde estaria Deus. Como não lhe respondiam, afirmava: nós o matamos. O filósofo desencarnou louco.

Concepção Espírita de Deus

O Espiritismo surgiu quando estava em curso o chamado moderno espiritualismo na Europa e nos Estados Unidos. Este movimento espiritualista teve início com os fenômenos de Hydesville, em 1848, nos Estados Unidos da América. A partir deste episódio na humilde casa da família Fox, os fatos mediúnicos chamaram a atenção das pessoas, sejam interessados em estudar a fenomenologia, sejam meros curiosos, ávidos de divertimento, sejam aqueles que, motivados pela influência religiosa ou pelo ceticismo, encarregavam-se de combater e ridicularizar os estudos e as investigações das manifestações espirituais, que já ganhavam importância, porque envolvia respeitáveis homens da ciência e sabedoria. Surge em movimento chamado Naturalismo, contrapondo-se ao espiritualismo religioso, que se baseava em dogmas de fé, afirmando a imortalidade da alma, sem demonstrar fatos comprobatórios. Foi também, uma reação ao Novo Espiritualismo, que se firmava em fatos mediúnicos, com a intervenção dos espíritos. O Naturalismo era uma reação intelectual. Os naturalistas afirmavam que os fenômenos psíquicos deveriam ser explicados pelas causas naturais, negando, pois, a intervenção dos espíritos como causa dos fenômenos.

Não olvidar que neste contexto, outro movimento mais antigo estava em plena vigência. Era o Cientificismo, que se iniciara no fim da idade média e atinge seu ápice no século XIX. É um conflito entre ciência e fé, que tem suas raízes na decadência do sentimento religioso, ou da fé, em face da incapacidade de a religião formular e apresentar uma interpretação racional dos fatos da vida, apesar de se considerar, na época, a fé como a instância máxima da sabedoria.

O Cientificismo foi, portanto, uma reação ao espiritualismo tradicional (religioso), que afirmava a imortalidade da alma como simples dogma de fé, sem uma explicação ou interpretação racional, lógica, dos fatos. A partir do Século XVI, o conhecimento humano vai começar a emergir do obscurantismo da idade média período no qual a ditadura da Igreja foi total e perversa.

A ciência experimental aflora, timidamente, através das ideias revolucionárias de COPÉRNICO (1514), com a teoria heliocêntrica. GALILEI, Italiano e KEPLER, Alemão (1609), NEWTON (1687). ERAMUS DARWIN, Séc. XVIII, publica a "Teria dos Caracteres Adquiridos", dando início ao EVOLUCIONISMO, seguindo por JEAN LAMARCK 9primeira metade do séc. XIX) e, DARWIN (1859), com 'A Origem das Espécies'. WALLACE, naturalista britânico, contemporâneo de DARWIN, também concebeu o princípio da seleção natural. Mas o EVOLUCIONISMO firmou-se apenas sobre o processo biológico, excluindo o metafísico (Deus, Espírito, etc), embora HERBERT SPENCER, filósofo evolucionista tenha falado também da evolução do espírito, quando, em 1855, publicou Princípios da Psicologia. PASTEUR (1822-1895) descobre o mundo dos micróbios e cria a

Pasteurização. CARL LINEU (1707-1778), botânico e naturalista sueco, estuda a natureza e afirma que a natureza revela Deus.

O Cientificismo iniciado no século XVI iria abalar, ao longo dos séculos seguintes, as estruturas religiosas, com o desprendimento da ciência das questões sobrenaturais, acarretando a separação do poder político da influência espiritual da religião, culminando na criação do Estado Soviético declarado ateu.

O século XX é conhecido como o século da morte de Deus. Mas a extinção de Deus já iniciara bem antes. LAPLACE, matemático, escreveu *A MECÂNICA CELESTE* (1799-1825) e, questionado por Napoleão sobre o papel de Deus na criação, respondeu que a hipótese da existência de Deus era dispensável para a formulação da sua teoria do sistema solar.

A própria revolução francesa (1789) e a ciência francesa deram início ao banimento de Deus. Na Alemanha, o filósofo KANT embora não matando Deus, excluiu-o da possibilidade da nossa compreensão e conhecimento. Abriu o caminho para a crítica direta à religião. A publicação de *A ORIGEM DAS ESPÉCIES* (1859) seguida de *A DESCÊNDA DO HOMEM* (1871), causaram irreparável abalo no mito bíblico da criação do homem. Nas ciências naturais, as descobertas de PASTEUR (1863) e KOCH (1882), revelaram que eram os microrganismos, seres inimagináveis nas entranhas do homem feito à imagem e semelhança de Deus, os responsáveis pelas doenças e processo de putrefação, até então atribuídos ao desejo e poder do Criador em punir os pecadores.

Tudo isso levou o louco NIETZSCHE a proclamar, em 1883, que Deus está morto e concluir que nós somos os responsáveis pela morte dele.

Para culminar a luta contra Deus e a sua morte, no século XX, surge FREUD, que se encarrega de matar Deus na consciência, no psiquismo do homem. Fê-lo através da publicação de *A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS* (1900). As fobias humanas nada têm a ver com o sobrenatural, senão que representam desejos primitivos reprimidos, mais naturais, tudo pertence e acontece no reino natural. Em *TOMEM E TABU* (1913) afirma que Deus nada mais é do que a imagem paterna incrustada desde cedo na mente humana. De certa forma, esta assertiva de FREUD aproxima-se do que já dissera LUDWIG FEUERBACH (Alemanha, 1841, *A ESSÊNCIA DO CRISTIANISMO*): “Deus é uma projeção dos desejos de perfeição do homem”.

Malgrado a morte ou a luta contra Deus, a religião resistiu, sobreviveu e se manteve com fator agregação e mobilização de massas, perseverando no monopólio de Deus, embora as elites modernas da ciência e da filosofia tenham desprezado Deus.

Mas a própria ciência, que no seu florescimento foi obrigada a se contrapor ao Deus.

Mas a própria ciência, que no seu florescimento foi obrigada a se contrapor ao Deus incoerente e totalitário das religiões, acaba por ser a grande responsável pelo milagre de ressuscitar Deus. Uma vez firmada a sua primazia sobre a fé cega e irracional, a ciência faz um caminho de volta, buscando identificar, pelo racional, a existência de um princípio diretor do universo. Afirma a inteligência superior vislumbrada no funcionamento da natureza. Começa, enfim, a busca de Deus, não no âmbito do sobrenatural, mas no real.

O Espiritismo, doutrina filosófica, tendo por objeto primordial afirmar e comprovar a existência do espírito humano, não poderia, entretanto, abstrair Deus, posto que filosofia espiritualista, que deve partir do fundamento da existência de Deus e das suas relações com o homem. Impunha-se, por uma questão de lógica,

partir da afirmação de que Deus existe. Mas não bastava que Deus existisse, até porque esta convicção era generalizada, salvo no seio do ateísmo e do materialismo, movimentos que aliás, eram também uma reação à ditadura dogmática e opressora da Igreja. Era uma reação ao Deus das religiões, que nada fazia para aliviar as diferenças e iniquidades do mundo, mesmo sendo todo amor, todo justiça, todo perfeição, etc. Impunha-se à teologia espírita, no plano filosófico, depois de afirmar a existência de Deus, abordar questões como atributos da divindade, o problema das relações de Deus com o homem, a ação de Deus na natureza, etc.

KARDEC, ao conceituar a divindade, disse-o inteligência suprema e causa primária de todas as coisas. E embora a obra de Kardequiana esteja toda ela impregnada da ideias da existência de Deus, o Codificador não deu maior elastério à conceituação da divindade. Mas afastou energicamente a noção antropomórfica dos deuses das religiões. Firmou a ideia de um Deus como sendo um princípio que se irradia e enche todo o cosmos. Trata-se de uma visão cosmológica de Deus e do universo, em contraposição ao Deus pessoal, individualidade, antropomorfizado, providencial, e preocupado tão-somente com o nosso planeta, como queria a fé hebraica e cristã, mas é a inteligência que mantém o equilíbrio do universo e o funcionamento da natureza através de leis perfeitas e imutáveis. Deus absoluto, que existe por si mesmo.

SOBRE A ORIGEM DE DEUS

Questões teológicas, entretanto, preocuparam desde a elaboração da doutrina, persistindo ainda hoje, sobre as quais nada mais do que especulações filosóficas podem ser formuladas. Por exemplo: Deus teve uma origem? Como enfrentar a indagação sobre a gênese de Deus? Poder-se-ia falar em autogênese?

Conquanto se afigure um absurdo especular sobre a origem de Deus, HERCULANO PIRES observa que a cogitação filosófica acerca deste assunto vem de longa data e se apresenta ainda na atualidade. Trata-se de um mistério e é exatamente por isso que a mente humana, que não se acomoda diante do misterioso, é desafiada. VOLTAIRE indagava, irônico, sobre a origem e natureza de Deus. Os deuses da mitologia tinham conhecidas suas origens no simbolismo das crenças e lendas. Quanto ao deus único, alguns pensadores atribuíam sua origem ao medo gerado pela ignorância do homem selvagem. Mas a teologia tradicional, religiosa, não conseguia sair do mistério, apenas aconselhando a que os homens não se atrevessem, a ultrapassar os limites do sagrado.

Coube ao Budismo dar uma boa definição: Deus é o externo existente. Se sempre existiu, não foi criado. A teoria do acaso inteligente, pela qual as forças da natureza, em energias que se iam concentrando há milênios, produzindo sistemas de ações e reações, acabando por gerar uma estrutura inteligente e, mais tarde, uma consciência, que viria a ser o Deus, não pode mais ser considerada, prevalecendo, por mais racional, a eternidade de Deus. Com efeito, diz a razão que se fosse criado, seria imperativo admitir um ser superior a Deus. Neste caso, quem seria este ser criador de Deus? E o acaso não pode ser inteligente a ponto de gerar Deus. Tão ou mais incongruente é a teoria da autogênese, de um deus que se autogerou. Inconcebível a ideia de um Deus que nasceu de si mesmo.

Ao enfrentar a questão da origem de Deus, KARDEC não se meteu no emaranhado em que se encontravam a teologia religiosa e a filosofia. Foi categórico ao refutar a noção do acaso inteligente e da geração de Deus, estabelecendo que Deus é eterno, isso é, existe de toda a eternidade (O Livro dos Espíritos,

13). Em a Gênese, é reafirmada a eternidade de Deus, sem começo nem fim 9Cap. II, 10). Adotando esta concepção da divindade, o Espiritismo se afasta das cogitações filosóficas inócuas acerca da origem de Deus, ao mesmo tempo em que recomenda que não se perca tempo em tentar decifrar enigmas que escapam, pelo menos por ora, à nossa compreensão.

PROVA DA EXISTÊNCIA DE DEUS

“Deus existe, não o podeis duvidar” (O Livro dos Espíritos? 14). “Que Deus existe; disso não poderemos duvidar” (A Gênese, cap. II, 30).

Se o problema da origem de Deus já acarretou tanta preocupação e, inobstante o esforço filosófico, restou sem elucidação, prevalecendo a tese budista do eterno existente, melhor sorte não encontraríamos ao tentar encontrar a prova da existência de Deus. A teologia religiosa, por evidente, para afirmar a existência de Deus, vale-se de mero dogma de fé, resumido no dizer de Santo Agostinho: “Quando me perguntam o que é Deus, eu não sei. Mas se não me perguntam, eu sei.” O materialismo reclama uma prova material, demonstrável pelos meios e métodos experimentais da ciência tradicional. SARTRE, como não vislumbrou esta prova, concluiu que Deus não existe.

A ciência, é claro, não consegue fazer esta prova direta, até porque a ciência, sobretudo contemporaneamente, direciona seus esforços para equacionar problemas bem objetivos, como a origem do universo e do homem. Anseia por desvendar os processos da vida, os movimentos dos corpos nos cosmos, etc. Deus é, por ora, abstração pura, subjetividade. Todavia, em contrapartida, a ciência jamais logrou provar que Deus não existe. Ao contrário, como já mencionado, muitos homens de ciência mostram-se casa vez mais convencidos de que o universo só existe e funciona assim como o conhecemos, porque uma inteligência, ainda desconhecida, organiza e impulsiona-o.

EINSTEIN, convencido disso, tentou provar, através de cálculos matemáticos complicadíssimos, uma equação que representaria o equilíbrio do universo, o próprio Deus. Dizia ser impossível entender o universo sem admitir Deus. A constante cosmológica de EINSTEIN, inicialmente desacreditada, hoje ganha força nos meios científicos. JAMES JEAN, físico inglês, proclamou que o universo se parece menos, a cada dia, com uma máquina, e mais com um sistema de pensamento. De fato, o paradigma mecanicista do universo já foi substituído já foi substituído pelo paradigma ondulatório, da inteligência.

Enigmática é a assertiva de PASTEUR: “Pouco de ciência nos afasta de Deus. Muito, nos aproxima.” Será que o insigne bacteriologista francês quis dizer que quanto mais o homem aprofundar a investigação e a compreensão da natureza, poderá vislumbrar com maior clareza a presença de Deus? Mesmo que seja esta a acepção, todavia, ainda não será uma prova cabal para o cético.

Ainda assim, do ponto de vista da ciência tradicional, a questão da existência de Deus, na verdade, é assunto que se deve circunscrever à seara da filosofia, na medida em que a existência de Deus, por enquanto, só pode ser objeto de cogitação filosófica e das deduções lógicas da existência humana e suas experiências psicológicas.

KARDEC evitou o labirinto infrutífero em que a filosofia se meteu, tampouco adotou uma concepção existencial de Deus fundado em simples dogma de fé cega, não racionada. O Espiritismo não agasalhou a preocupação em apresentar uma prova experimental, material, da existência de Deus. No Livro dos Espíritos, questão 14, reiterada em A Gênese, cap. II, 30, fica clara a intenção de KARDEC em evitar desperdício de tempo e de energias, e quiçá prevenir futuras distorções doutrinárias, ao asseverar que o essencial era saber que Deus existe, sem precisar ir além. Coloca, então, a questão da origem e natureza de Deus nos limites do incognoscível.

Mas foi mais feliz do que a filosofia tradicional, ao deduzir racionalmente argumentos pelos quais se poderia chegar à conclusão tão eloquente acerca de Deus, a despeito da impossibilidade da comprovação pelos métodos da ciência experimental. Assim, para o Espiritismo, a prova da existência de Deus vamos achá-la na observação das coisas. As obras da criação, que não sejam obras dos homens, fornecer-nos-á a resposta. Observando os efeitos, chegaremos à causa. A natureza, como atestado pela ciência, age inteligentemente. Tudo se organiza e funciona articuladamente. “Tudo se encadeia no universo, desde o átomo até o arcanjo.” Há um constante evolucionar inteligível na magnitude do universo. Em resumo, o universo é teleológico. Ora, a natureza, incluindo a combinação e o movimento da matéria, o movimento dos corpos, os processos da vida em todos os reinos da natureza, o processo humano é apenas efeito. Logo, inevitável a conclusão de que há uma causa poderosa e inteligente a criar, organizar, reger e orientar tudo isso. Em termos doutrinários, portanto, temos a prova da existência de Deus pelo exame objetivo e lógico da estrutura cósmica. KARDEC resume esta evidência na seguinte sentença: “Não há fenômeno inteligente sem uma causa inteligente. E a grandeza do fenômeno corresponde, necessariamente, à grandeza da causa”.

Deus deixa de ser uma concepção imaginária dos homens, vislumbrados pelo esplendor da natureza, passando a ser uma necessidade lógica e ôntica para a compreensão do real. A ordem, a precisão, a inteligência que se manifesta, orienta e regula as estruturas da natureza cósmica exigem um conceito científico de Deus como fonte genética e estruturadora de toda a realidade. Deus não é mais uma questão puramente teológica aleatória do âmbito religioso, mas uma exigência científica do pensamento coerente.

HERCULANO PIRES assenta que a prova da existência de Deus decorre de três fatores: 1 – A ideia de Deus, que é inata no homem, por todos os tempos, que o levou a adorar um ser supremo; 2 – A inteligência da estrutura total da natureza, nos seus detalhes mínimos, que nos revela a imanência cósmica de um poder inteligente; 3 – A lei de causa e efeito, que nos revela a impossibilidade de efeitos inteligentes sem uma causa inteligente.

Destarte, contrariando KANT, para quem é impossível o conhecimento do absoluto, o que implicava a impossibilidade de se provar, racionalmente, a existência de Deus em bases racionais e lógicas.

A AÇÃO DE DEUS NA VISÃO BÍBLICA

O mito bíblico que gerou o antropomorfismo de Deus, feito à imagem e semelhança do homem, muito provavelmente decorrente tal concepção da adoração aos antepassados, levou, dentre outras distorções, à errônea ideia de uma Divindade quase que inativa após o breve período de seis dias gastos com

a criação do mundo. Como está dito no Livro dos Espíritos, o homem não podendo ter de Deus a noção exata de seus atributos, só o poderia conceber a sua semelhança. Assim, de acordo com a visão religiosa bíblica, Deus, como se mágico fosse, tirou do nada o universo, fez todas as coisas, inclusive o homem, não precisando mais do que seis dias e descansou.

A partir da criação, portanto, o Criador contentou-se em contemplar sua obra perfeita e acabada. Passou a ser mero espectador, deleitando-se com o funcionamento do universo, quando tudo funcionava segundo seus planos. Mas, o Criador também cuidava de fiscalizar e contabilizar as coisas erradas, inscrevendo na contabilidade divina aqueles que incorriam em falta. Os débitos seriam cobrados num indeterminado e incerto momento, num julgamento único e final. Então, no máximo, a ação de Deus se resumiria a isto. Assistir e contabilizar as ações humanas e preparar o juízo final.

Mas, ainda que se conservando uma divindade antropomorfizada, o conceito de Deus evoluiu, especialmente a partir do Cristianismo, com a transformação do severo Jeová no Pai misericordioso, sempre pronto a intervir em socorro da sua criação, sobretudo em relação ao homem. É o dogma da Providência Divina. Com o providencialismo bíblico, então, atenua-se a imagem do Deus inativo, adotando-se um conceito de divindade que age, intervindo diretamente na sua criação, ainda submisso e temente a Deus, agora, no Cristianismo, já tem o livre arbítrio, mas deve temer o castigo divino em razão de suas faltas.

O RACIONALISMO ANTE O DEUS DAS RELIGIÕES

Como já examinado, a dogmática religiosa predominou e dominou as ações humanas, impondo-se como única fonte de sabedoria, até que o cientificismo reagiu a esta ditadura teológica, que nada explicava, pelo menos de forma racional. Afinal de contas, sendo Deus todo poderoso e misericordioso, como poderia Ele permitir as iniquidades, desigualdades, etc.

A filosofia espiritualista, mesmo que já se inclinasse por um Deus bem mais operante do que o Deus das religiões, não tivera a força suficiente para se sobrepor ao dogmatismo religioso. Mas com fim do obscurantismo medieval e o enfraquecimento do domínio religioso, ante o renascimento da razão e o avanço da ciência, a contar do século XVI, o quadro modificou-se. Infelizmente, como decorrência natural e inevitável neste contexto de reação à ditadura religiosa, verdadeira revolta natural e inevitável neste contexto de reação à ditadura religiosa, verdadeira revolta contra o Deus contraditório e omissivo do Cristianismo deturpado, surgem o ateísmo e o materialismo, negando a existência de Deus e da alma humana. A ciência foi tão longe, a ponto de superar Deus. Por isso que NIETZCHE declarou que “Deus está morto”. Atingiu-se auge do paradigma mecanicista-racionalista-ateísta.

E ainda sob a vigência da concepção do universo mecânico, mas em razão do avanço da ciência, que marchava para uma substituição deste paradigma, que culminaria no século XX, foi que a ação de Deus sofreu significativa mudança na formulação do racionalismo científico e filosófico. A ciência investiga e descobre o universo cósmico. Prova-se que o universo, ao contrário da visão religiosa, não se resume ao planeta, mas é infinitamente grande e pulsante e está em expansão (HUBLE, 1929). Logo, o conceito de Deus deveria

acompanhar este progresso. Tem-se, agora, uma concepção de um Deus cósmico. O homem passa a fazer parte de uma natureza que vai além dos limites planetários. É uma visão cosmológica da criação e do criador.

Descobre-se que o universo não é estático. O paradigma mecanicista vai cedendo lugar ao conceito de universo ondulatório, inteligente. A ciência cada vez mais se convence de que o universo funciona impulsionado e dirigido por um princípio inteligente. A matéria não é inteligente por si mesma, mas age como se tivesse inteligência. A conclusão lógica era a de que havia uma inteligência exterior à matéria, que a influenciava. Idêntica conclusão a que chegou KARDEC, ao estudar os fenômenos mediúnicos. Leis naturais, rígidas e inflexíveis, mantêm o equilíbrio das operações cósmicas. O evoluir do universo é teleológico, na medida em que tudo na natureza parece acontecer dirigido a uma finalidade.

A ciência, portanto, começa a demonstrar que o homem não é produto da criação, nos moldes do Fiat bíblico, mas produto da evolução. O Evolucionismo é um duro golpe na mitologia religiosa da criação do homem. Inevitável que sofresse ferrenho combate à Igreja.

Mais modernamente, EINSTEIN, nos seus estudos que resultaram na teoria da relatividade especial e geral, identificou constantes universais responsáveis pelo equilíbrio do universo, a inteligência superior ou o próprio Deus. EINSTEIN negava que o universo fosse obra do acaso (“Deus não joga dados”) e proclamava ser impossível admitir o universo sem Deus. O seu gênio intuitivo via na ordem e exatidão do Universo, na dinâmica das suas leis, a inequívoca manifestação de uma Inteligência Superior dirigindo tudo. Lei e Legislador. “A profunda certeza de um poder Superior que se revela no Universo, difícil de ser compreendido, forma a minha ideia de Deus.”

O mais conceituado cientista da atualidade, o astrofísico STEPHEN W. HAWKING, da Universidade de Cambridge, circundando EINSTEIN, não exclui DEUS como criador do universo. Apenas que, no seu papel de cientista, argumenta que a ciência ainda não equacionou devidamente o universo, sua criação e funcionamento, de modo a demonstrar DEUS. Mas admite, porém, que tudo se encaminha para isto. Um dia a ciência formulará uma teoria completa que finalmente revele a MENTE DE DEUS. Este cientista também refuta a ideia do acaso na formação do universo.

VISÃO COSMOLÓGICA – AS LEIS NATURAIS

A doutrina Espírita, em absoluta consonância com o contexto acima retratado, trouxe em sua teologia o feliz conceito de Deus, que se vê na questão primeira de O Livro dos Espíritos. Ao estabelecer que Deus é a inteligência suprema e causa primária de todas as coisas. Ao mesmo tempo em que afasta o antropomorfismo, conceitua-o como um Deus permanentemente atuante. Sim, porque a ideia de inteligência suprema não é conciliável com a inatividade. Inteligência suprema não pode ser uma entidade meramente contemplativa da sua obra.

Deus deixa de ser uma individualidade, um Deus-homem, para ser um princípio que se difunde pelo todo cósmico. Atua não através de uma providência divina que atende a casos particulares, segundo a necessidade e merecimento de cada um, mas se faz presente e age inteiramente na natureza, através das suas leis naturais, sejam leis científicas (físicas, químicas, biológicas, matemáticas, etc.), sejam leis morais,

que por serem perfeitas e obrigatórias, aplicam-se permanentemente. Já foi dito que o universo não é estático. Os seres na natureza cosmológica interagem, mantendo-se em equilíbrio mercê das leis imutáveis. Na formidável inteligência do universo identifica-se a ação de Deus, que é perene.

TRANSCENDÊNCIA E IMANÊNCIA

Por isso que se diz que Deus é transcendente e imanente. A transcendência divina resulta da sua superioridade, que o coloca acima e além da sua criação. O homem sempre teve a intuição do ser transcendental, que lhe era superior e que deveria ser temido e adorado. Mas a transcendência não torna Deus algo separado e alheio, dissociado da sua obra. Ao contrário, na visão espírita, temos um Deus intimamente presente na natureza, regendo a vida, a evolução, o inter-relacionamento dos seres. Não sendo o Universo uma máquina, que bastou a Deus acionar o botão, na criação, para que funcionasse, mas sendo evidente a sua fluidez, o seu caráter ondulatório, o seu funcionamento equilibrado, preciso e harmônico, apesar da constante expansão, é inevitável a conclusão de que Deus é a fonte genética e estrutura de toda a realidade. No dizer de HERCULANO PIRES, “uma Inteligência Cósmica dotada de ciência e poder, que a tudo se liga pelo seu magnetismo ou pelo seu pensamento, criando, sustentando e renovando as coisas e os seres do infinito. Não há um Deus alheio ao destino da criação, mas ligado a ela e em todas as minúcias e agindo segundo um plano em que todos os objetivos são definidos”.

Com efeito, o constante evoluir da natureza, o progresso que se verifica em todas as coisas, o transformismo incessante, mostram-nos uma criação progressiva. Conforme UBALDI, é imensamente mais científico, mais lógico e correspondente à realidade este conceito de uma Divindade sempre presente e continuamente operante na profundidade das coisas, do que um conceito de Divindade que, num único ato, num dado momento do tempo, qual um ser humano, opera fora de si, de forma imperfeita e, ao mesmo tempo definitiva.

Deus é, pois, o centro poderoso da criação, o foco absoluto de inteligência e energia. E, ao mesmo tempo, a emanção, a irradiação desta inteligência e energia criadoras. Nisso consiste a transcendência e a imanência. É transcendente pela sua superioridade e causa primária; e imanente pela sua presença e ação permanente no seio da criação (A Gênese, Cap. II, 29).

A PROVIDÊNCIA DIVINA

Entretanto, quando se fala em ação divina, deparamo-nos com o problema da Providência Divina. O antropomorfismo levou à visão de um Deus que interfere no cotidiano das pessoas, resolvendo problemas, atendendo a suplicas, fazendo favores, etc, agindo, enfim, em casos particulares. O Deus Pai do Cristianismo, misericordioso, está sempre pronto para atender seus filhos nas dificuldades fortuitas. Via de regra, este conceito vige em todas as religiões. A Divindade que vem em socorro das causas particulares, sempre que suplicada e segundo o merecimento de cada um.

Não tem sido fácil, mesmo aos espíritas mais convictos, aceitar a ideia de Deus como um princípio inteligente, contrapondo-se ao Deus-Pai, existente à nossa semelhança. Relutamos, e alguns desesperam-se,

ante a perspectiva desalentadora de viver sem o Deus misericordioso, pai vigilante e sempre pronto a nos ouvir de atender. Sentimo-nos órfãos de Deus diante da concepção Espírita da Divindade. Não sabemos exatamente como adorar um tal Deus racional e lógico, porque nos acostumamos a adorar um Deus antropomorfizado, que nos parece mais familiar, mais próximo e mais comprometido com os nossos problemas e fragilidades, ao mesmo tempo que o sabemos onipotente, poderoso, o que nos dá certa segurança e tranquilidade.

A dificuldade, porém, é de compreensão da conceituação trazida por KARDEC e pelos espíritos da codificação. O Espiritismo coloca-nos num dilema: adotar, doravante, um Deus em bases lógicas, racionais e de bom-senso, ou continuar com o velho Deus que, apesar de ser o todo bondade, amor e poder, apresentava facetas humanas, como a severidade, o rancor, a vingança, o capricho, a parcialidade, qualidades que não eram compatíveis com a perfeição absoluta, atributo da divindade. Talvez muitos ainda não estejam preparados para abrir mão de um Deus que interfere pessoal e particularmente, seja para premiar, seja para punir, porque não conseguem ter a noção da verdadeira absoluta perfeição de Deus.

O Espiritismo não afasta a ideia da Providência Divina, embora não incorra no providencialismo antropomórfico das religiões, porquanto são incompatíveis entre si tais noções. A Divina Providência não age como guia pessoal, como uma ajuda arbitrária e ocasional da Divindade, em substituição ou para evitar o indispensável esforço individual. A Providência atua segundo a lei geral de equilíbrio do universo, na dosagem das provas educativas, na distribuição da justiça divina, segundo os méritos. Mas também para impor as necessárias retificações, de acordo com as necessidades de progresso de cada um. Em resumo, a Divina Providência é decorrência lógica e inevitável da atuação das leis naturais. É a imanência divina operante.

A doutrina Espírita não acolhe a ideia de Deus separado na sua criação. Mas não confunde a obra com o criador (a causa com o seu efeito). Equívoco do panteísmo de SPINOZA, que culminou em transformar Deus num ser material. Ao contrário do Deus contemplativo da sua obra, de uma divindade que se coloca fora e acima de tudo, omissa e inativa, a concepção Espírita coloca Deus em íntima e permanente interação com a natureza. Deus opera na consciência humana e na essência das coisas. Em A Gênese, capítulo II, KARDEC deixa bem clara esta noção de Providência Divina, consiste na ação contínua de Deus na natureza, refutando veementemente a ideia de um Deus que cria e se aposenta, apenas deixando que as leis gerais dirijam os destinos da criação.

GABRIEL DELANNE, em fins do século XIX, na sua magnífica obra A EVOLUÇÃO ANÍMICA, refere que o Evolucionismo se deparou com tantos adversários em função das marcas indeléveis que o preconceito religioso deixou alguns espíritos “rebeldes à novidade”. Diz: “é que temos nos habituado a ver por toda a arte o dedo de Deus a interessá-lo em nossos ‘negocinhos’. E o eminente pensador observa que, a invés de se buscar na própria natureza a causa das suas transformações, era sempre mais cômodo atribuí-las a uma intervenção sobrenatural. “Não há necessidade de apelo ao milagre, para explicar a criação; é bastante observar as forças universais em sua constante atividade”.

Vemos, pois, absoluta congruência entra e postura do cientista EINSTEIN e a opinião do filósofo DELANE. Ambos, cada um na sua área de conhecimento, chegaram a idêntica conclusão: Deus deve ser buscado não fora ou além da natureza, mas nesta, porque é nela que se manifesta a Inteligência Suprema.

Em OBRAS PÓSTUMAS, o Codificador, ao expor as alternativas da humanidade, cita os deístas independentes e os deístas providenciais. Os primeiros representam a corrente de pensamento que afirma um Deus que criou e deixou, daí para frente, que leis gerais regessem toda a natureza. KARDEC não aceita esta noção e aponta seus equívocos. Os deístas providenciais, ao contrário, admitem um Deus que intervém incessantemente na natureza. Conforme conclusão do Jornalista e escritor Espírita Paulo César Fernandes, do CEAK, Santos – SP, em brilhante artigo no Jornal Abertura, e junho/2000, KARDEC nada diz que nos diferencie dos deístas providenciais.

BIBLIOGRAFIA:

Dicionário de Filosofia, José Ferrater Mora, Editora Martins Fontes;

Ensinos Básicos dos Grandes Filósofos, S.E. Frost Jr., Editora Cultrix;

Manual Esquemático de História da Filosofia, Yves Grenda;

Grécia Mitológica, João Ribeiro Jr., Editora Papyrus;

Mitologia Greco-Romana, rena Menard, Editora Opus;

O Livro dos Espíritos;

A Gênese;

O Que é o Espiritismo;

Obras Póstumas;

O Espírito e o Tempo, Herculano Pires, Edicel;

Concepção Existencial de Deus, Herculano Pires, Edicel;

O Mistério do Ser Ante a Dor e a Morte, Herculano Pires, Paivéia;

O Mundo de Sofia, Jostein Gaarden, Cia das Letras;

O Livro das Religiões, Jostein Gaarden, Cia das Letras;

O Que é Deus, Eliseu F. Da Mota Júnior, Casa Editora O Clarim;

Uma Breve História do Tempo, Stephen W. Hawking, Rocco;

A Grande Síntese, Pietro Ubaldi, Lake;

Freud e o Legado de Moisés, Richard J. Bernstein Imago;

A Teoria da Relatividade Geral e Especial, Albert Einstein, Contraponto;

História da Filosofia, Will Durant;

A Evolução Anímica, Gabriel Delanne.

Educação Espírita e o Desenvolvimento Sustentável

Orlando Villarraga

INTRODUÇÃO

O conceito de um modelo de desenvolvimento sustentável começou a ser conhecido na década dos oitenta e foi colocado na agenda política internacional com a publicação do Informe Brundlandt em 1987 pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. O desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades da presente geração sem comprometer a possibilidade das gerações futuras atenderem a suas próprias a suas próprias necessidades. Do ponto de vista da Doutrina Espírita, as futuras gerações podem ser nós mesmos em futuras encarnações. O desenvolvimento sustentável também demanda a eliminação da pobreza, o controle da população outorgar maior poder à mulher, a geração de empregos e o respeito aos direitos humanos. O objetivo da economia mundial deve mudar do crescimento exclusivamente econômico (foco na quantidade) ao desenvolvimento sustentável (foco na qualidade social, no meio ambiente e na economia). Vivemos num mundo que tem uma preocupação excessiva com o presente e temos perdido nosso sentido de responsabilidade com as futuras gerações. A sociedade atual olha demasiado para os índices econômicos e deixa de lado os índices sociais e ambientais que refletem melhor as condições da nossa sociedade e do planeta.

Como motivar as pessoas para agirem no interesse da comunidade terrestre? Existem três áreas: pela educação, pelo desenvolvimento das instituições e pelo fornecimento legal. Este trabalho mostra que através da compreensão e divulgação das Leis Morais, da Lei de Causa e Efeito e da Reencarnação, a Doutrina Espírita pode contribuir para a mudança do paradigma vigente na economia mundial da sociedade atual. Allan Kardec, na pergunta 685^a do Livro dos Espíritos, nos ensina que a educação moral é o elemento não contemplado na ciência econômica. Este elemento permitirá ao ser humano ter no mundo hábitos de ordem e de previdência com a finalidade de atingir o bem-estar e a segurança de todos neste planeta.

MODELO ATUAL DO DESENVOLVIMENTO

Nos últimos cinquenta anos, a população do planeta aumentou de 2.556 milhões para 6.000 milhões de pessoas (1). Mais do dobro da população num período de só 50 anos!! nesse mesmo período, o consumo de madeira, de água potável e de grãos triplicou. O consumo de carne e de combustível aumentou

cinco vezes na segunda metade do século XX. O consumo de papel aumentou seis vezes. No total, a economia mundial cresceu mais de seis vezes nesse mesmo período (2).

Este aumento acelerado no consumo dos recursos naturais se deve principalmente a dois fatores: o aumento da população e o aumento do poder de compra de alguns setores da população. Para satisfazer essa crescente demanda, a economia mundial seguiu um modelo de desenvolvimento linear como podemos ver na Figura 1:

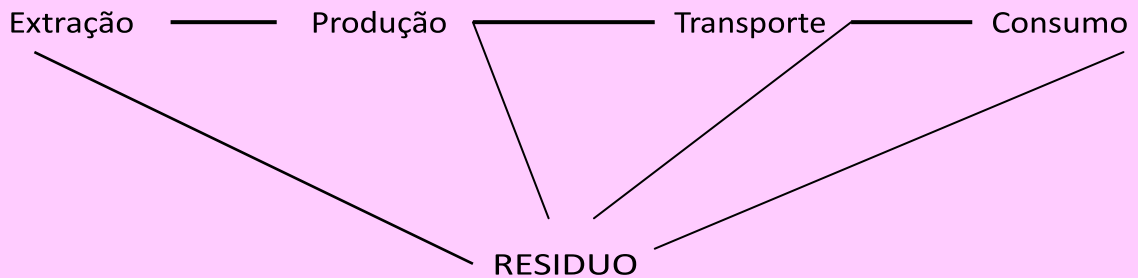


Figura 1: Modelo econômico linear

No modelo econômico atual continuamente se extraem recursos naturais para a produção de diferentes bens, os quais são transportados para o consumo final por parte de todos nós, consumidores. Em todas as etapas deste modelo estamos gerando resíduos que de qualquer maneira retornam para a natureza.

Um dos grandes mitos existentes na economia atual é o do crescimento ilimitado. Acredita-se que com o uso de novas tecnologias e extraíndo recursos naturais com as infusões de capital, sempre vai ser possível o crescimento econômico (3). Porém não tem em consideração que a Terra é um sistema finito que possui uma capacidade limitada para sustentar uma população determinada. Esse aparente crescimento econômico está acontecendo como consequência do consumo do capital natural, com repercussões desastrosas para a natureza como a mudança do clima, a extinção de diversas espécies, a poluição de diversos ecossistemas e a destruição de diversos habitats.

Esse consumismo continua fazendo reforçando o modelo atual, que tem como base o ganho rápido e que vai aumentando a diferença entre os ricos e os pobres do planeta, entre os países desenvolvidos e os países em vias de desenvolvimento.

Os princípios do paradigma atual que sustentam o sistema econômico moderno são:

- A Terra é uma fonte inesgotável de recursos.
- A Terra é um sumidouro sem limites capaz de assimilar todos nossos resíduos.
- O marco de referência do tempo é, como máximo, o tempo de vida de um ser humano e na área dos negócios, os próximos três meses.
- A Terra existe para ser conquistada e dominada pelos seres humanos.
- A tecnologia é onipotente para resolver todos os problemas humanos (4).
- A Aplicação destes princípios nos levou à condição atual em que se encontra o meio ambiente físico e social. Enquanto os atuais índices econômicos como investimentos, volume de produção,

a bolsa de valores e o volume dos negócios e transações internacionais apresentam tendências negativas. Vamos a apresentar, de maneira geral, alguns desses indicadores sócias e ambientais que melhor refletem o estado atual do planeta.

INDICADORES SOCIAIS

- **Refugiados:** O número de refugiados no mundo atinge uma cifra de 21,5 milhões de seres humanos (5) devido a conflitos internos do país ou conflitos com países vizinhos, ou devido a perseguições políticas ou religiosas.
- **Conflitos Armados:** Com base nos dados de AKUF, um grupo de estudos da Universidade de Hamburgo, o número de guerras no mundo alcançou a cifra de 35. Todas elas em países de Terceiro Mundo (6). Mais de quatro milhões de pessoas já morreram nesses conflitos, a maioria delas eram civis.
- **Violência contra as mulheres:** Em muitas culturas as mulheres são desvalorizadas perante aos homens. Um estudo de grande escala, realizado em 10 países, encontrou que 1733% das mulheres tinham sido agredidas por um companheiro íntimo.
- **Ricos/Pobres:** O valor das poses materiais das três pessoas mais ricas do mundo é equivalente ao total da economia dos 48 países mais pobres (8). A diferença entre os 20% mais ricos e os 20% mais pobres da população, aumentou a nível mundial de 30 para 61 vezes, durante os últimos 30 anos (9).
- **Desnutrição:** Pela primeira vez na História da Humanidade o número o número de pessoas que sofrem de desnutrição (1.200 milhões) é aproximadamente igual ao número de indivíduos que estão supernutridos e que apresentam problemas de obesidade (10).
- **População nas cadeias:** Oito milhões de pessoas vivem em prisões a nível mundial. Este valor não inclui aqueles outros indivíduos que vivem trabalhando em labores forçadas sem nenhum tipo de liberdade (11).

INDICADORES AMBIENTAIS

- **Florestas:** Quase 50% da área original da Terra que estava coberta por florestas já desapareceu, devido à exploração da madeira, à utilização das áreas para criação de gado e agricultura (12).
- **Atividade Pesqueira:** Biólogos marinhos acreditam que os oceanos não podem produzir mais do que volume de pesca que atualmente está sendo tirado dos oceanos (93 milhões de tonelada/ano). 11 das 15 áreas de pescaria, a nível mundial, se encontram em fase de declínio devido à exploração excessiva das populações de peixes (13).
- **Lençol Freático e Volume dos rios:** Já existem, em diferentes lugares do mundo, rios que não chegam a seu destino final devido ao volume de água utilizado durante uma parte de seu curso. Cada dia que passa necessitamos poços mais profundos para extrair a água do subsolo (14).
- **Biodiversidade:** Um estudo elaborado pelo professor Edward Wilson estima que anualmente 27000 espécies são extintas do planeta Terra. Isso significa 74 espécies por DIA!!! (15).

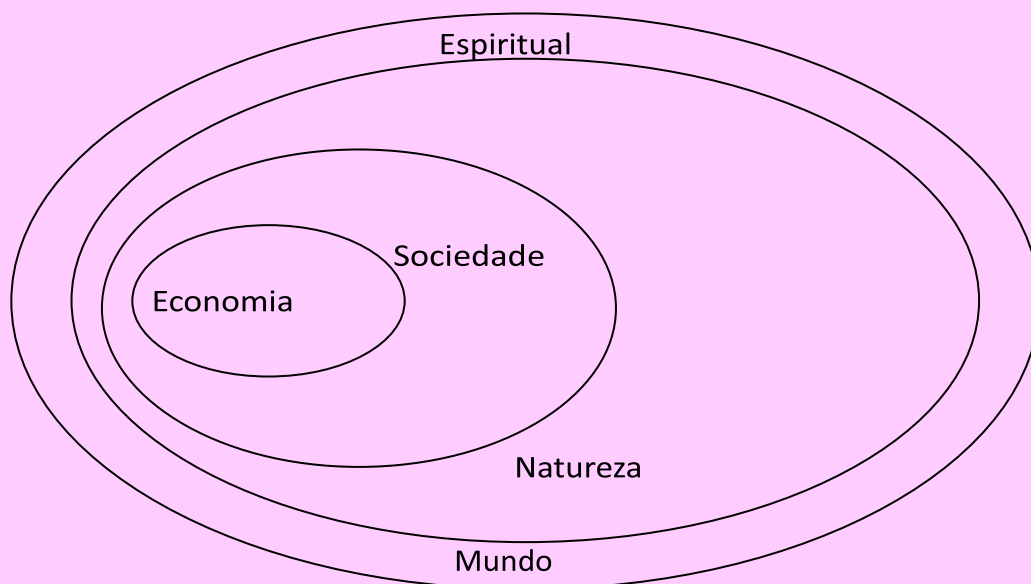
- Temperatura: 1998 foi o ano mais quente desde que se tem registros. A década dos 90 foi a mais quente do segundo milênio (16).
- Erosão do solo: Os experts estimam que anualmente 10 milhões de hectares ficam inutilizáveis para a agricultura devido à erosão do solo (17).

Nosso modelo econômico está avassalando os sistemas naturais da Terra. O crescimento ilimitado é a ideologia da célula cancerosa. Da mesma maneira que um câncer em expansão destrói seu anfitrião, o contínuo crescimento da economia está destruindo os ecossistemas do planeta Terra.

Allan Kardec nos ensina que a Natureza não pode ser responsável pelos defeitos da organização social, nem pelas consequências da ambição e do amor-próprio (18). A grande maioria dos problemas que afrontamos a nível social e do meio ambiente são a consequências de nossas decisões. Muitas delas só consideram o benefício pessoal material e imediato.

A economia é um subsistema dentro do sistema da sociedade. A economia poderia deixar de existir e a sociedade poderia continuar. Por sua vez a sociedade é um subsistema do sistema da Natureza. Nós, como espécie humana, que conformamos a sociedade poderíamos desaparecer da Terra e o planeta continuaria sua evolução. Por sua vez, a Natureza é um subsistema do que se considera o mundo espiritual. (Ver Figura 2).

Esta visão dos sistemas nos proporciona uma ideia da magnitude e da importância relativa que devemos dar à economia.



MODELO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

O Informe da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento publicado em 1987 e mais conhecido como o Informe Brundtland definiu o conceito do desenvolvimento sustentável como aquele que atende às necessidades da presente geração sem comprometer a possibilidade das gerações futuras de atender suas próprias necessidades (19).

Do ponto de vista da Doutrina Espírita esta definição tem dois elementos muito importantes: o primeiro está relacionado com as necessidades da Humanidade e o segundo com o compromisso e a responsabilidade entre diferentes gerações, distribuídas no tempo, que habitam o planeta Terra para sua evolução.

As necessidades básicas dos seres humanos podem dividir-se em dois grupos:

- a) As necessidades físicas como: a alimentação, a água potável, o ar puro, a moradia, a educação, as fontes de trabalho e os serviços médicos.
- b) As necessidades espirituais como: a compaixão, o afeto, a ternura, a solidariedade e o amor.

A. Kardec nos ensina que “por meio da organização que lhe deu, a Natureza lhe traçou o limite das necessidades; porém, os vícios lhe alteraram a constituição e lhe criaram necessidades que não são reais.” (20) Além dos vícios, temos os nossos defeitos que são aproveitados pelos criadores das campanhas publicitárias para levarmos a comprar uma série de coisas que realmente não necessitamos, mas que incentivam e tentam satisfazer o nosso orgulho, a nossa vaidade e nossas ambições pessoais.

Kardec disse no Capítulo da Lei da Conservação que “a Terra produzia sempre o necessário, se com o necessário soubesse o homem contentar-se. Se o que ela produz não lhe basta a todas as necessidades, é que ele emprega no supérfluo o que poderia ser aplicado no necessário.” (21) Como podemos diferenciar o necessário do supérfluo? Kardec disse que “aquele que é ponderado o conhece por intuição. Muitos só chegam a conhecê-lo por experiência e a sua própria custa.” (22) Por isso devemos prestar mais atenção à nossa voz da consciência e aos conselhos e pensamentos dos espíritos guias que nos orientam para definirmos, nos momentos críticos, a melhor alternativa que devemos tomar com a finalidade de evitar o desperdício dos nossos recursos em coisas supérfluas.

Às perguntas 711-714 do Livro dos Espíritos (23), eles responderam que o uso dos bens da Terra é um direito que é consequente da necessidade de viver. O atrativo no gozo dos bens materiais tem duas finalidades: serve para instigar o homem ao cumprimento da sua missão e também para experimentá-lo por meio da tentação. Esta tentação lhe ajuda a desenvolver a razão, que deve preservá-lo dos excessos.

O segundo elemento da definição do desenvolvimento sustentável é o compromisso que temos com as futuras gerações para deixar este planeta em condições iguais ou melhores das que encontramos quando encarnamos. Pela lei de Causa e Efeito vamos receber aquilo que semeamos no dia de hoje. Se melhorarmos as condições físicas e sociais do planeta vamos encarar posteriormente em ambientes melhores. Temos uma responsabilidade com nossos filhos e com as futuras gerações, pois podemos ser nós, os presentes neste planeta em futuras encarnações.

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

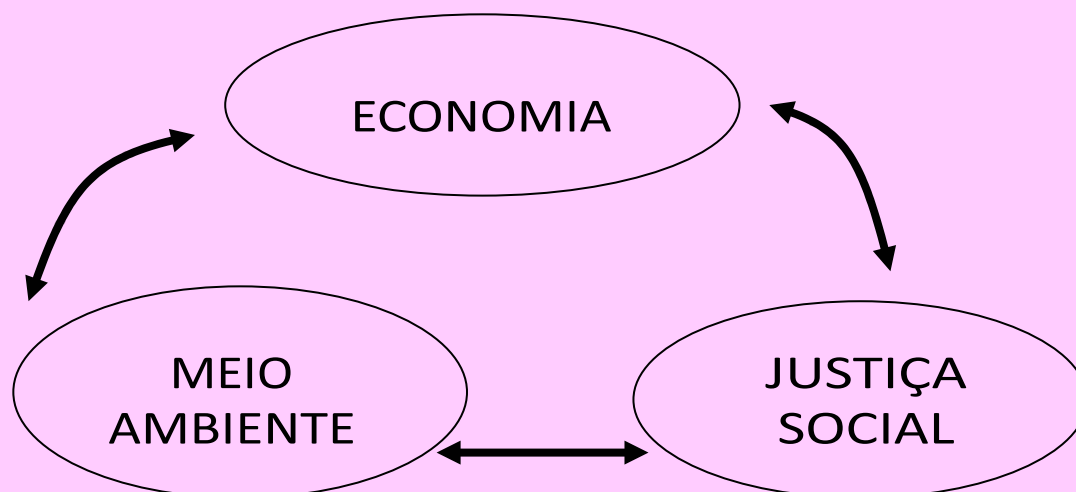


Figura 3: Pilares do Desenvolvimento sustentável

A figura 3 mostra as três áreas fundamentais que devemos trabalhar para implementarmos o modelo de desenvolvimento sustentável: a preservação do meio ambiente, a prosperidade econômica e a justiça social. As três áreas possuem igual importância para o desenvolvimento sustentável. Estamos vivendo as consequências por termos dado demasiada ênfase ao aspecto econômico. Na área da justiça social, o desenvolvimento precisa atingir a redução e se for possível a eliminação da pobreza, outorgar maior poder de decisão à mulher, gerar empregos e a observação dos direitos humanos.

Allan Kardec em Obras Póstumas disse que “a liberdade, a igualdade e a fraternidade descrevem o programa de uma ordem social completa que levaria para frente o progresso absoluto da humanidade, se os princípios que elas expressam pudessem ser aplicados em sua integridade” (24). Portanto parte de nosso compromisso é o entendimento e a aplicação desses princípios nas nossas vidas particulares, servindo como exemplos para nossas famílias e modelos para a sociedade.

PRINCÍPIOS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

O Dr. Karl-Henrik Robert, médico oncologista sueco, desenvolveu um sistema de princípios básicos e simples que podem ser entendidos por toda a sociedade que nos permitem falarmos dos mesmos princípios e nos mesmos termos, com a finalidade de alcançar uma sociedade sustentável. Os quatro princípios são (25):

- 1) As substâncias extraídas da crosta terrestre não devem aumentar sistematicamente na biosfera.
- 2) As substâncias produzidas pela sociedade humana não devem aumentar sistematicamente na biosfera.
- 3) A produtividade e a biodiversidade da Terra não devem ser sistematicamente deterioradas.

4) As necessidades humanas devem ser satisfeitas com o uso justo e eficiente da energia e outros recursos naturais.

CONDIÇÕES PARA UM FUTURO SUSTENTÁVEL

Para alcançarmos uma sociedade sustentável no futuro devemos trabalhar em três áreas fundamentalmente: A instrução, a educação moral e a ação. A instrução compreende três áreas bem importantes:

a) As leis morais apresentadas no livro Terceiro do Livro dos Espíritos. Estas leis regem o nosso comportamento com os outros seres humanos, com a Natureza e com os seres desencarnados. Mais detalhes sobre a atualidade das leis morais pode ser revisada num outro trabalho apresentado no Congresso Espírita Pan-Americano de Porto Alegre.(26)

b) As leis universais como a lei de causa e efeito, a lei da reencarnação, a pluralidade de mundos habitados e a comunicabilidade dos espíritos.

c) Os princípios básicos do desenvolvimento sustentável.

A educação moral é a educação definida por Allan Kardec na pergunta 685a do Livro dos Espíritos(27): “a educação moral que consiste na arte de formar os caracteres à que incute hábitos, porquanto a educação é o conjunto dos hábitos adquiridos.” Esta educação moral permite ao ser humano ter uma visão espiritual e entender melhor sua função no plano terrestre para a conservação do meio ambiente físico, social e espiritual. Adquirirá hábitos de ordem e terá mais previsão com relação às consequências de seus atos sobre o meio ambiente e sobre seus semelhantes.

Somente através das ações é que é possível implementação destes conhecimentos na vida cotidiana real. Existem quatro áreas de ação (28) onde podemos obter os melhores resultados com o objetivo de reduzir o impacto ambiental, promover o crescimento econômico e aumentar as fontes de emprego:

a) Aumento radical da produtividade dos recursos: Refere ao uso mais eficiente dos recursos naturais. É obter o mesmo serviço de um produto ou de um processo, porém utilizando menos energia e menos matérias primas. Apresenta-se três vantagens: diminui a extração dos recursos naturais, diminui a poluição e aumenta o número de empregos.

b) Imitar os processos da natureza: redesenhar os sistemas industriais seguindo o exemplo dos processos biológicos que se aperfeiçoaram durante milhões de anos. A ideia fundamental é eliminar praticamente a geração de resíduos.

c) Economia de serviços e fluxos: significa mudar o conceito de satisfação pela compra de objetos para a satisfação do uso do serviço sem ter necessidade de comprá-los.

d) Investir no capital natural: procura a restauração dos ecossistemas que foram degradados.

A nível individual podemos começar trabalhando em três áreas: consumo de papel, consumo de energia e a dieta. Por exemplo no caso de uma dieta com alto consumo de carne vermelha ela contribui a manter e agravar alguns problemas ambientais mais críticos. A criação de gado é uma das principais causas

do desmatamento, já que necessita o corte de árvores para aumentar a área disponível a essa nova atividade econômica. A criação de gado consome 38% de todos os grãos produzidos no mundo(29). A criação de gado é uma maneira ineficiente para o aproveitamento dos grãos, já que se requerem 7Kg de grãos para produzir um quilo de carne vermelha. O processo de fermentação no estômago do gado é a segunda maior fonte de geração de metano à atmosfera (30). O metano contribui com 16% ao problema do efeito estufa (31). Estes dados nos devem servir para pensarmos sobre o impacto que tem no meio ambiente uma dieta com base na carne vermelha e para refletirmos e decidirmos reduzir seu consumo e finalmente eliminá-la da nossa dieta. É uma decisão muito pessoal.

A ação da Doutrina Espírita para transformação do mundo se dará de maneira indireta em “razão das modificações que produzirá nas ideias, nas opiniões, no caráter, nos costumes dos seres humanos e nas relações sociais. Tal influência se acrescentará, porque não será imposta.” (32) Os conceitos da Doutrina Espírita agem sobre a consciência dos seres humanos e servem para seu esclarecimento e orientação, para que nós possamos tomar as melhores decisões e agirmos de acordo com esses princípios.

CONCLUSÃO

A Doutrina Espírita definitivamente tem um papel importante para contribuir na implantação do modelo de desenvolvimento sustentável no nosso planeta através da educação moral, do ensinamento das leis morais, das leis universais e de alguns conceitos chaves como são o uso dos bens materiais e o que devemos fazer para aprendermos a diferença entre o necessário e o supérfluo. A lei da reencarnação permite entender, do ponto de vista espiritual, a importância do compromisso entre gerações, quanto à disponibilidade de acesso aos recursos naturais, para satisfazer as necessidades básicas das futuras gerações. Este princípio se complementa com a lei de causa e efeito, porque dependendo de como deixamos este planeta, vamos recebê-lo em melhores ou piores condições, em nossas futuras encarnações. Precisamos agir agora e agir rapidamente na divulgação destas ideias para mudarmos o paradigma atual. Devemos tomar decisões nesse sentido e agir agora e não deixar para a seguinte geração as decisões, já que eles estarão numa situação muito mais difícil da que nós atualmente afrontamos. É o nosso dever.

BIBLIOGRAFIA

- (1) L. Brown & other. Vital Signs 2000. Worldwatch Institute. (New York: W. W. Norton & Company, 2000) Pag.99
- (2) L.Brow & others. Beyond Malthus: Sixteen dimensions of the population problem. Worldwatch Paper 143. Worldwatch Institute. (Washington, 1998) Pag.9
- (3) P.Hawken. The Ecology of Commerce. A declaration of Sustainability. (New York, Haper Business.1994) Pag.32-33.
- (4) R.C. Anderson. Mid-Course Correctino. (Atlanta: The Paregrinzilla Press, 1998) Pag. 93.
- (5) L.Brown & others. Op. Cit. Nota 1. Pag 102-103.

- (6) L.Brown & others. Op. Cit. Nota 1. Pag 110-111.
- (7) L.Brown & others. Vital Signs 1996. Wordwatch Institute. (New York: W.W.Norton & Company,1996) Pag.134-135
- (8) L.Brown & others. State of the World 1999. Worldwatch Institute. (New York: W.W. Norton & Company, 1999) Pag. 20
- (9) L.Brown & others. Vital Signs 1997. Worldwatch Institute. (New York: W.W. Norton & Company, 1997) Pag. 116-117.
- (10) L.Brown & others. State of the World 2000. Worldwatch Institute. (New: W.W. Norton & Company, 2000) Pag. XVIII
- (11) L.Brown & others. Op. cit. Nota 1 Pag. 150-151.
- (12) L.Brown & others. Op. cit. Nota 8 Pag. 60
- (13) L.Brown & others. Op. cit. Nota 2 Pag. 25.
- (14) L.Brown & others. Op. cit. Nota 2 Pag. 16.
- (15) E. Wilson. The diversity of life. (New York: W.W. Norton & Company, 1992) Pag. 280
- (16) R. Gelbspan. Reality check. The global warming debate is over. E Magazine. September/October 2000. Vol XI, Number 5. Pag. 24.
- (17) S. Postel. Pillar of sand. Can The irrigation miracle last? (New York: W.W. Norton & Company, 1999) Pag. 9
- (18) A. Kardec. O Livro dos Espíritos (Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 51 Edição). Pergunta 707.
- (19) Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Nosso Futuro Comum. (Rio de Janeiro. Editora da Fundação Getulio Vargas, 1991). Pág. 46.
- (20) A. Kardec, Op. Cit Nota 18. Perg. 716
- (21) A. Kardec, Op. Cit Nota 18. Perg. 705.
- (22) A. Kardec, Op. Cit Nota 18. Perg. 715.
- (23) A. Kardec, Op. Cit Nota 18. Perg. 711-712a.
- (24) A. Kardec. Obras Póstumas. (Buenos Aires: Editora Argentina 18 de Abril, 1991). Pág. 195
- (25) K.Rokbert. The Natural Step. A framework for achieving sustainability in our organizations. (Cambridge. Pegasus Communications, Inc. 1997) Pag. 8-9.
- (26) O.Villarraga. Es necesario actualizar las leyes morales? Trabajo presentado em el XVIII Congreso Espírita Panamericano. Porto Alegre, Octubre 2000.
- (27) A.Kardec, Op. Cit. Nota 18. Perg. 685a.
- (28) P.Hawken, A Lovins & H. Lonvins. Natural Capitalism. Creating the next industrial revolution.(New York: Little, Brown and Company, 1999)Pag. 10-21.
- (29) L.Brown & others. Vital Signs 1995. Worldwatch Institute. (New York: W.W. Norton & Company, 1995) Pag. 34.

- (30) A. Gaudie. The human impact on the natural environmet. (Cambridge: MIT Press, 1994) Pag. 309.
- (31) W. Cunningham & B. Saigo. Environmental Science. A globalconcern. (Dubuque, Wm. C. Brown Publishers, 1997) Pag. 376.
- (32) A. Kardec, Op. Cit. Nota 24. Pag. 185.

9 - Uma Abordagem Comparativa do Discurso numa Perspectiva Semiótico-linguística em Leonardo Da Vinci e Thomas A. Edison. Com o Fim de Aperfeiçoamentos uma Hipótese Científica da Reencarnação.

Sady Carlos de Souza Júnior

Introdução

A livre busca ao saber, é indispensável para o futuro da ciência e da humanidade. Nesta apresentação generalizaremos alguns fatores específicos que ora integram este trabalho. Este ensaio versará sobre o modo de existência do texto histórico em função da semiose decorrente da sua comparabilidade discursiva.

Temos visto, nos estudos já apresentados em nossa Dissertação de Mestrado, um grande lastro de possibilidades que direcionariam novas concepções sobre a correlação de fatos históricos.

Indispensável é uma crítica analítica quanto aos sentidos possíveis de uso do objeto significativo. A conservação dos pressupostos básicos da Ciência da Linguística/Semiótica e da Ciência Espírita serão um plano de sustentação de nossas arguições. A diversidade do emprego semiótico é sustentada por sua vanguarda do conhecimento científico. E, é assim, por ela, que creditaremos o diálogo e amarração dos resultados previstos. Entrementes exporemos os fatos coligidos e as relações estabelecidas – objetivamente, auferindo, em cada conjunto de elementos, o seu contexto próprio.

Uma análise objetiva ajudará a fortalecer, no seu desencadeamento, uma série paralela de possíveis interpretações. Empenharmo-nos em demonstrar fatos de sobreposição metalinguística do discurso histórico, sem sistematizar polêmicas sobre ciência e cultura. O fruto deste estudo é trabalho tendo em vista um potencial recurso de descobrir uma metodologia para pesquisas sobre reencarnação sob a égide da Ciência.

Apesar da economia de palavras na descrição temática, este estudo surge dentro de um processo de avaliação de como se comportaria o homem preso a seus símbolos. Apresentaremos pontos à interpretação do registro documentado, tendo em vista uma significação semiótica conjuntural possível dos elementos relacionados. Em geral, a disposição de se analisar um texto, não chega, exatamente, ao cerne último da coisa, diante da universalidade de seu significado, e sua conceptualização. De forma que, no evoluir contínuo e da pesquisa, na medida em que formos tratando nosso objeto-significante, ensejarem-nos mais questões.

Queremos proporcionar uma visão experimental através da descrição de fatos, modelo. Retomemos a rediscussão dos fatos linguísticos, ao abrangê-los genericamente ou especificadamente, até que dois ou mais fatores equidistantes, comparados entre si, possam produzir um intertexto.

Difere pôr-nos à frente de uma teorização com motivos a responder dúvidas sobre questões históricas. Aproximaremos o referencial significativo “histórico”, contrastado, e sobreposto a uma acronia diversa.

Um certo volume de dados obtidos já comporta uma tese sem pretensão exaustiva, mas que insiste na contínua busca do saber, sujeitando-nos sempre aos referenciais mais preliminares do que pudermos colher com respeito aos documentos históricos, e a outras solicitações... depois de entretermo-nos nas

divagações específicas, começando pelas relações estruturais paradigmáticas e sintagmáticas dos personagens reencarnados.

TÓPICOS DESENVOLVIDOS

Definimos como potencialmente produtiva, esta pesquisa, face as hipóteses já lançadas, e alguns dados estilísticos levantados, qualitativa e quantitativamente em pesquisa paralela a esta. A princípio nossa atenção se direcionou para as partes referentes ao pictórico, mas divisamos importantes tratamentos ao léxico, e sua importância frente ao objeto: “Da Vinci” e “Edison”, bem com tudo o que perfaz o itinerário deste processo na avaliação do vocabulário, e universos de discursos de outras linguagens.

O léxico de uma determinada expressão, recortado do nível discursivo, e do nível léxico semântico, e, então, intertextualizado, manterá, ou importará significações correspondentes e oportunas ao vocabulário em comparação. Os recursos sobejamente utilizado neste, e noutros estudos, apoiam-se em elementos básicos da teoria da linguagem.

Há algum tempo discutíamos a possibilidade de olhar nosso projeto sob o enfoque comparativo, aonde alguns critérios semiológicos – estruturais –pudessem ser verificados igualmente por uma conceituação social pragmática, do coletivo dos indivíduos em épocas distintas da história, além da evidenciação do “fato” contextual. Há o estabelecimento do “novo” no ato de descobrir e/ou no ato de inventar (lâmpada, fonógrafo, engenhos bélicos, artísticos, funcionais, entre outros), caracterizando, outrossim, o movimento do sujeito na sua história, visto sob o ângulo das suas manifestações – dos dois personagens citados, envolvidos no processo de estabelecimento do “novo”, dada a circunstância das épocas distintas e dos seus de efeitos.

A figurativização promove condições para a explicação do objeto significativo do outro, em si mesmo. De certa forma o tema levaria a um grau persuasivo como se velam e desvelam as simbologias na psiquê humana, principalmente no conteúdo da escritura antropológica, psicanalítica e iconográfica de acomodação do signo. Dos estudos de lexicologia e semântica, e em geral, precedendo aos vários campos semióticos – tal é a importância dada aos traços significativos básicos do discurso recortado e reinterpretado, - saem as ramificações da nossa análise que, por fim, corroborará a persuasão dos elementos articulados.

Um dos critérios básicos extralinguísticos é a clareza da exposição e detalhamento dos dados levantados facilitando sua rápida identificação. Assim, analisamos o vocabulário/termo, lexia, a toponímia, a etimologia, os fonemas, etc.; cada sintagma do discurso; recursos cinematográficos, os gestuais, o desenho, a pintura, a grafia de manuscrito, fotografias, músicas, cenas, e outros, como agentes protagonistas reunidos, conforme o que sustentaria uma análise interpretativa dos dois personagens autorizados. É uma análise de textos, conscienciosa, estruturando a apreensão psicológica comparativamente.

Pretende, esta, ser uma análise semiótica do discurso histórico retratando dois períodos conhecidos, porém não subsequentes, como o do “Renascimento” através de um de seus maiores representantes, Leonardo da Vinci – século XV e XVI), e o período do final do século XIX e começo do XX (no personagens

central de Thomas Alva Edison), estabelecendo assim a identificação, através de modelos estruturais complexos, de aspectos articuláveis nestas relações comparativas.

Estabelecemos algumas análises sobre as comparações que realizamos do acontecimento histórico, conforme princípios lógicos da verificação, suas semelhanças e diferenças sequenciais ideológicas nos dois planos (de dois relatos) de forma a que se conclua a favor da autorização figurativa dos personagens históricos aos seus respectivos actantes, que numa estrutura sêmica subjacente evocariam faros relacionáveis coincidentes de mesmo percurso.

Aqui, dois principais objetivos:

1) trazer ao conhecimento a possibilidade de se especular comparativamente o estudo de um ou mais fatos históricos simétricos (não subsequentes) através de informes linguísticos estruturais no esteio de suas regularidades paradigmáticas, e enfim, pelo que resultar das articulações semióticas nelas desenvolvidas.

2) Procurar através dos elementos da semântica de estrutura de superfície e profunda, fatos ordenados como registros materiais que contribuam para constatar a legitimidade da lógica do fazer destas comparações. Ou seja, como se dariam, ou seriam possíveis, propormos uma legitimação lógica às comparações de discursos pretensamente não relacionáveis ideologicamente.

Metodologicamente o trabalho consiste de três fases, sendo a primeira uma pesquisa de quantificação de dados nas fontes bibliográficas disponíveis. A segunda consiste de uma análise comparada qualitativamente dos textos apresentados (linguísticos ou extralinguísticos), e dos discursos veiculados direta ou indiretamente dentro de um mesmo ideal e concernente às relações dialéticas do acontecimento em si. A terceira fase se atém aos significados despertados possíveis de intertextualização histórica no conjunto geral de seus elementos.

Este estudo busca dar um significado novo a um conjunto de ideias expostas e corroboradas, sem prejudicar o caráter de outras metodologias usuais demonstrativas das pesquisas sobre a história. Visa não só dar significado a um conjunto de dados, mas expor suas relações significantes e significativas. Em síntese, o que torna possível o caráter linguístico e semiótico do estudo, seria o ensejo, no plano de expressão, de descrevermos um dado histórico, enquanto compatível e identificável a outros dados devidamente registrados e esmiuçados na medida de sua exclusividade.

Não poderíamos, se não aprofundarmos, defender um método generalizável à iniciação de estudos semelhantes, ou um suposto esquema epistemológico em torno do tema, pois um entusiasmo tão prematuro, esfumaria as vantagens obrigatórias da constatação, permitindo cairmos com facilidade em conclusões apressadas.

Elaboramos um campo de amostra, no qual a Linguística poderia ocupar-se, dando, através de seus mais elementos pressupostos, a legitimidade significativa e a consistência do objeto científico. O uso do método dedutivo lhe consagraria um processo enunciativo marcante, proporcionando uma conduta esperada

frente ao nosso real objeto valor. A linguagem é um campo de férteis aspirações, que reafirma a condição essencial do “homem-no-mundo” ser a de “homem-discurso”.

As autorizações de “Leonardo Vinci (n. 1452 e m. 1519)” e “Thomas Alva Edison (n.1847, m.1931)” percorrem requisitos actanciais uniformes dentro de uma narratológica equidistante semiticamente. São personagens conhecidos. Claro que se trata, aqui, de um arrazoado sobre o discurso construído acima daquele exercido na vida prática destes personagens, apesar disso discorreremos os impulsos que qualificaram as relações correspondentes. Estas considerações são elementos lógicos comparáveis, na sua expressão e conteúdo linguístico. Preterimos uma leitura vigorosa sobre os acontecimentos históricos, possibilitando a constatação provável dos referenciais coincidentes nas relações entre os contextos.

Outrossim, víamos que numa leitura inicial, para possuir um controle maior de definição e aprimoramento das deduções, inserimos, em algumas citações descritas, ilustrações detalhadas, corroborando os determinantes que promovem a ideia de serem os dois personagens o mesmo espírito reencarnado.

Temos percebido a importância de todos os referenciais que a ciência da semiótica tem abraçado, no sentido de dar uma amplitude maior ao significado de cada elemento de comunicação: o linguístico verbal, o não verbal, e o complexo, nas manifestações desde a estrutura superficial da expressão conhecida, até a hiper profunda inconsciente/ideológica do seu conteúdo.

Este trabalho de levantamento de dados sobre Leonardo da Vinci e Thomas A. Edison contém uma riqueza de elementos para produzirmos um apanhado bastante rico, em vários aspectos, pelo material conhecido a disposição, em sua bibliografia variada, e suas vidas.

TEMA DE ARTE E INVENTO: A LUZ

Conta-nos ele, Leonardo da Vinci, que certo dia, chegou à entrada de uma caverna “atraído pelo desejo ardente de conhecer a grande complexidade de formas estranhas que a artificiosa Natureza elaborou”. Dobrando as costas em arco e com a mão sobre os olhos, curvou-se em vários sentidos, nada conseguindo ver por causa da escuridão. “Dois sentimentos despertaram então dentro dele: ‘medo e desejo’, medo do desconhecido e ameaçador, medo das trevas, desejo de ver o que elas escondiam de misterioso e de extraordinário”.

Aqui temos, graças ao que nos deixou escrito, alguns traços anotados por Freud (do texto de Leonardo), que seriam em si, a forma de descobrir uma isotopia modelar sobre o caráter actancial da figura-objeto de “Leonardo da Vinci”, a se definir, ao mesmo tempo que iniciamos a construção do quadro de nosso estudo.

O esboço de uma relação entre tonalidades, claro e escuro, preto e branco, sombra e luz, é o que certamente estaria vinculado a apreciação dos significantes marcados pela ideia de pintor, pintura, arte, volume, imagem, foto, etc...Mais especificamente poderíamos optar por uma isotopia de pesquisa em nossos panos de buscar signos determinantes de mútua correlação dentro de cada contexto. Em Leonardo da Vinci a “Luz” tem, com certeza, uma importância estética, pois que se afinizam com as atividades pelas quais se

tornou celebre, a pintura, e/ou a arte plástica em geral. Mas também aparecerá no seu comportamento, consequência de suas especulações éticas: a comunhão como sagrado, o indefinível, o misterioso. Para um pesquisador, o misterioso, o indecifrado, o obstáculo em si, faz mover o homem em busca da sua própria superação. Em Da Vinci vimos com frequência a idealização de um objetivo definido, embora nem sempre levado a termo. Usaremos um quadro paradigmático de dados significativos, consoante o que colhe-se através de dados biográficos e depois inferi-lo-emos outros personagens, paralelo, de igual ritmo de vida e relação: o inventor americano Thomas Alva Edison.

A arte renascentista de Da Vinci ainda tem como modelo principal a caracterização de personagens sacros humanizados, paralelo, ainda, às iluminuras decorativas de publicações. O argumento religioso firma um subtítulo “luz”. A posição do pintor frente uma visão de mundo onde o estilo tem uma importância mais social do que individual, por isso o chiaroscuro, o esfumato, o sombreado dos volumes, a graduação contínua das cores e a preferência de fazer sair a imagem do primeiro plano diretamente da escuridão. A luz da imagem denota uma importância para Da Vinci, como o será mais tarde também em Edison. Enquanto um planifica suas ideias sobre a imagem em telas de pintura, o outro colhe, através de inventividade instrumental, dados da ciência física.

Temos, em Leonardo da Vinci, quanto a sua produção, ou obras-primas principais, aquelas que situam Cristo como o “Cordeiro” (de Deus), como a “luz do mundo”. Cristo dissera “Eu sou a luz do mundo, ninguém vai ao Pai senão por mim”. Vejamos os entornos de Cristo, inclusive ele: está na Santa Ceia, é o que talvez viria primeiro em nossas lembranças, e que se apresentaria na maioria de suas obras, ou seja, telas da Virgem, de Santa Ana, do Menino (seu nascimento), de São João Batista (aquele que o apresentou ao mundo), dos reis magos, etc...enfim, aqueles que o trouxeram ao mundo ou que lhe apresentaram ao mundo. Assim temos A Virgem dos Rochedos, A Adoração dos Magos, São João Batista, A Anunciação, O Batismo, etc...

Fisicamente, qualquer imagem pode ser vista através da luz. Sem a luz a imagem seria anula. Em Edison a luz aparece representada na invenção da lâmpada elétrica, em 1879. Portanto, se por um lado temos em Leonardo um exímio pintor retratista e desenhista dos séc. XIV e XV, em Edison, estão ali também todos os caracteres do pictórico. Com este a noite deixou de ser escura, pela luz artificial pela lâmpada incandescente. Vimos a importância da imagem nos estudos da fotografia que ganhou movimento cinético, nasceu da linguagem complexa da cinematografia, e um novo processo de percepção da arte.

Vocábulo como correspondentes: Leonardo nasceu da pequena cidade de Vinci, perto de Florença, aos pés do Monte Albano (que quer dizer alvo, branco, claro) onde passou sua infância (*). Por outro lado temos no nome do inventor americano, Thomas Alva Edison, a palavra Alva daquela mesma significação: Há, portanto, no próprio nome, a insinuação ao tema luz.

De Florença era o pai de Leonardo, “Piero”, a cidade de “Vinci”, fica a poucos quilômetros de Florença. Bérence, biógrafo de Leonardo assim classifica Florença: “desde sempre o vento da liberdade soprara sobre Florença, a ‘cidade da flores’”, e sobre a região de Toscana, onde se encontra Florença, Dante a chama de “o jardim do império”. Vemos ser “flores” a etimologia do nome “Florença”. Leonardo da Vinci viveu 15 anos nesta cidade, até 1482. Depois, em Edison temos que possuía chamada de “florida house”. Era propriedade sua de inverno em Fort Myers na Florida. Esta correspondência símica na qual estabelecemos relações,

decorre das relações entre estes lugares geográficos: o Estado da Florida (EUA), a cidade-estado “Florença”=Firenze (Itália).

Da cidade de Florença, numa gravura da época renascentista, vemos constar TENTAS em volta da cidade com características semelhantes as vistas em Edison, conforme demonstraremos. A estrutura da finalização das TORRES florentinas tem um certo refinamento tal qual também encontramos na torres de chaminés da casa de Edison.

Os seus desenhos mostram que ele, Da Vinci, era ambidestro, servindo-se indiferentemente das duas mãos. Encontramos alguns característicos deste dado, quando apresenta-nos, em desenho caprichado, sua quiralidade nos esboços das mãos esquerdas e direitas, ou seja, mesmo que cortadas as mãos é possível a identificação de qual braço ela pertence. Leonardo da Vinci escreveu os textos de seus manuscritos ao contrário do que normalmente se faz: da esquerda para direita, obrigando-nos, para sua leitura, um espelho refletor. Edison, por sua vez, do mesmo modo, aperfeiçoaria a instrumentação da escrita como agente de duplicação de texto (espelho) na medida em que desenvolve num equipamento especializado, substitutivo das mãos - uma mão mecânica aperfeiçoada! Em ambos os casos as mãos se encontram numa situação de metalinguagem em relação ao signo inicial. Edison reproduziu, em seus cadernos uma figura feminina frente a um espelho, e um texto escrito, colocado, uma página após, invertida, da direita para esquerda tal como Da Vinci deixou nos seus escritos.

Thomas Alva Edison, nasceu em Milan, Ohio. Milão, na Itália, foi onde Leonardo da Vinci viveu sob a proteção do Duque Ludovico Sforza, o Mouro, e mais tarde Soderini. No séc. XV, ao tempo do Renascimento, Milão é, juntamente com Veneza e Florença, a cidade mais próspera, comercial e industrialmente da Itália e de todo o mundo conhecido. Nesta correlação, vimos a problematização ser linguística e não geográfica, portanto, se funda ai motivos aos grau do que é contextualizava mais ou menos “abstrato”. Outrossim, aparece o determinante da voluntariedade, já que o nascimento de Edison, em tal local, aludiria, precisamente, a uma inicial pretensão da casualidade.

A lenda diz que Lourenzo, o Magnífico, enviou Leonardo a Milão para oferecer um alaúde de sua invenção a Ludovico, o Mouro, pois este organizara um concurso musical do qual o nosso herói foi, por ele, favorecido. Desde então permanecera em Milão. Leonardo exerce simultaneamente aos olhos, “janela da alma”, e o ouvido, “que se enobrece ao ouvir narrar o que os olhos viram” tudo o que fora possível desenvolver com a apreensão dos sentidos. Em Edison, os fatos se dão com certa naturalidade: também ele proporcionaria elementos de diversão os mais diversos. O alaúde de Da Vinci, frente ao concurso, se apresentaria pela revolução dada à tecnologia de reprodução do som, através do gramofone, boneca falante, cinetoscópio, entre outros.

Sabemos que Leonardo pinta um dos anjos do Batismo de Cristo, de Verrocchio, seu mestre instrutor. Esta pintura, se sabe, não fora composta pelas mãos de um ator apenas. Também em Edison, nada é feito integralmente por sua pessoa e sim por uma equipe. Os críticos tem avaliado, e enumerado posicionamentos favoráveis a respeito da genialidade do ANJO de Leonardo frente aos outros aspectos da obra de Verrocchio. Ele pintou também outro anjo – o da Anunciação todo compenetrado na missão que lhe cabe – avisar a

Virgem Maria que dará a LUZ. Ele parece encarnar o sentido dos lírios que segura na mão e que simbolizam o reino do Espírito, segundo Joaquim de Flora. Em Edison, entre outros elementos, podemos perceber, em duas varias fotografias da biblioteca de sua casa, a presença constante de um elemento que se sobressai no ambiente: a escultura branca de um ANJO, em sua biblioteca, apontando para cima, com efeito, contasse aqui, a manifestação semiótica de um agente de informação sgnica que se supera frente a outros objetos a sua volta.

“La Gioconda” parece, fisionomicamente, a pessoa de sua segunda esposa, pois se Gioconda chamava-se “MONA”, ela, por sua vez, junto ao Edison, chamou-se “MINA Edison”. Verificamos suas varias fotos (parecidas com a modelo, sem as sobrancelhas como era moda na época) e uma destas fotos importantes, ela é retratada com um véu branco envolto de si (Gioconda era conhecida até o século depois de sua criação como a “CORTEZÃ DO VÉU DE GAZE” - mais neste caso seu véu era negro). Percebemos o signo contido do “ensombreamento” que causaria a sobrancelha (não real) mais possível, para ressaltar uma forma de retratamento da figura plácida, sobra, dignificante, que possuía a modelo Gioconda e que predestinava-se a iluminar o quadro como iluminou todos os olhares até hoje.

Outrossim, vale lembra, que há certas semelhanças na fisionomia de Edison e Da Vinci (o primeiro em fotos e o outro em sanguínea, no que os críticos afirmam ser a primeiro auto retrato da história da arte), guardadas as proporções da cultura de cada época, que posteriormente iremos nos deter mais. Quanto ao vestuário e modo de ser, o uso de barba, por exemplo, não podemos deixar de trazer à análise como pontos de relações iconográficas.

Depois temos o fato do sorriso enigmático de Gioconda se concentramos no órgão da voz – que, para Edison, metamorfosear-se-ia no gravador e fonógrafo, sem esquecer da sua preocupação com instrumentos musicais. Sua dedicação a imagem em Leonardo, tenho em vista suas famosas telas, deu lugar ao maquinário do cinematógrafo, entre outros. Da Vinci, por outro lado, se preocupava na ilustração em sanguínea de vários ângulo de um mesmo objeto, principalmente o anatômico: desenhava em seus cadernos inúmeros desenhos, e repetia-os em vários ângulos. E o cinema consiste principalmente nisto, no continuo movimento de imagens sobrepostas, repetidas com pequenas variações.

Vimos a importância do medo das trevas, do desconhecido: o desejo de ver o que a caverna guardaria de misterioso e de extraordinário na escuridão, Isto seria uma constante no seu espírito estendendo-se aos outros aspectos da sua vida. A atração do risco manter-se-á sempre como um dos seus traços típicos de seu caráter. Por isso a dissecação de cadáveres à noite, a profusão em desenhos de caricaturas de velhos, de expressões de fealdade e aparelhagem para a guerra.

Em contrapartida a isto, às imagens de seu retratos saem da tela, como contraste entre o primeiro plano das figuras e do fundo. Mas a contrariedade luz/sombra não permanece na pintura em si na sua forma pictórica, já que retrata o nascimento de Cristo – este nasceria numa caverna escura, pois ao nascer ele daria a luz aos homens. A luz em Edison se transformaria nesta correlação isotópico-semântica, na luz elétrica, uma das maiores invenções do homem, em seu domínio sobre a natureza.

No exemplo da Virgem dos Rochedos (ou a “Virgem na caverna”, segundo Fred Bérence, em sua obra “Leonardo da Vinci”), os personagens são caracterizado sob um fundo de caverna, rochoso, contrastando com

a suavidade dos personagens angelicais à frente. O elemento lexicais : “ROCHEDOS”, “rocha”, “pedra” possuem em alguns de seus semas o sentido de “força”, “durabilidade” ou “resistência”. Transporte também, agora, ao inventor americano veríamos sua concepção e diligência em relação a seu novo material construtivo mais poderoso, que é “CIMENTO”, o “concreto” com as mesmas qualidades arroladas acima, mas materializadas na forma de um novo signo, como referencial simétrico atualizado: a empresa de Edison chama “Portland Cement”. Há também outras obras de Leonardo que aparecem os rochedos, como na “Gioconda”, na “Virgem dos Cravos”, “Santa Ana, a Virgem e o Menino”.

São contemporâneos à Virgem dos Rochedos suas experiências sobre as diferentes maneiras de fundir o bronze, quando escreve o Tratado sobre a Anatomia dos Cavalos e os Métodos da Fusão do Bronze. Como podemos ver possuem ambas as características ligada aos arquétipos masculinos da força, poder, dureza, resistência...que são atributos do cimento concretado.

Leonardo executa sua muito conhecida “A Senhora do Arminho”. No dicionário de Aurélio podemos encontrar o seguinte: “Arminho. (...) 1. Mamífero das regiões polares, cuja pele é macia e alvíssima no inverno; (...)”. Temos aqui uma sema, um aspecto descritivo que participa com teor sêmico próximo ao da definição da “luz”, esta ideia é transportada à tela como figura de composição em paralelo à escuridão. Outrossim, apresenta-se aqui uma definição de dicionário que não nega o significado da palavra alvíssimo, mas reconduz, aqui, o elemento subjacente: ao personagem inventor da lâmpada elétrica e ao seu nome. A mesma tela, “A Senhora do Arminho”, se transformaria numa “Senhora do Cordeirinho”, em decorrência as formas de outras telas, e pela proximidade física do animal compatível para a recondução sêmica. O “cordeiro” lembra “o Cordeiro de Deus” = Jesus. De fato, Leonardo apresenta-o no quadro “Santa Ana, a Virgem e o Menino”; junto ao menino está um cordeiro com o qual brinca.

Em Thomas Edison há registrado várias vezes a locução “carneiro” (= “cordeiro”) quando de sua primeira gravação de voz. Ditava ele insistentemente: “Maria tinha um carneirinho!”. “Mary have a lamb” – Esta expressão exerceu, no próprio personagem, alguma força, porque sua realização no empreendimento auditivo, no qual encontramos referenciais em Leonardo, também proporcionou um novo impulso para inventar a lâmpada, com motivos à visualização no escuro. Se “Cordeiro de Deus”, ou “cordeirinho” ou “carneirinho”, ou “arminho”, se quisermos, podem parecer equivalentes ao inglês “LAMB”, deprender-se-ia, daí a lâmpada – inglês “LAMP” devido aos fonemas ‘b’ ou ‘p’ possuírem o mesmo som, diferenciando-se pela marca surda ou sonora da enunciação. Desse modo, a luz elétrica associar-se a Jesus Cristo, se organizarmos as relações.

Em Leonardo suas buscas em torno do conhecimento da dissecação de cadáveres, para estudo fisiológico e anatômico, inviável pelo pudor ou receio da vingança do desconhecido, e por compreender-se como matérias inerentes à morte, estudava às escondidas. Toda a ciência da época era restrita ao poder religioso que impunha o que era de interessante da ciência. E como, ele, Leonardo mantivera-se numa performance de feiticeiro, em 1515, foi acusado por Giovanni degli Specchi de “sacrilegious practices”. Como resultado, Leonardo foi proibido, pelo Papa Leão X, de fazer investigações anatômicas. Estas práticas realizadas às escondidas anunciavam, por parte de populares, o medo de que seus alcances chegassem as fronteiras da feitiçaria. Edison também fora chamado de feiticeiro ou mago.

A “Adoração dos Magos” além desta tela significar a encarnação ou nascimento de Cristo, da luz ao mundo, ou seja, a chegada de Cristo, significa o aspecto místico representado por um poder vindo do oriente, estrangeiro, diferente do mundo ocidental, um poder mágico. Muito depois, em Thomas Edison vemos, igualmente, ele ser chamado pelos jornais da época de “Wizard de Menlo Park”: o feiticeiro de Menlo Park.

Um pequeno detalhe também poder ser bastante significativo na questão da eficiência técnica: o rigor das pinceladas em Mona Lisa, na qual não se pode distingui-las perfeitamente.

Estas pinceladas precisaram de um apego, uma dedicação muito maior ao material usado – pinceis, para sua execução, como era do seu estilo também nas demais obras. Mas os FILAMENTOS DO PINCEL eram, como qualquer excelente artista, naturalmente, de importância primeira para um bom trabalho. Em Edison estes filamentos se encontram dentro da lâmpada: eram FILAMENTOS DE BAMBÚ. Este material foi procurado com exaustão, com experimentos em vários materiais a fim de conseguir o sucesso que teve depois como sabemos.

Os filamentos dos pincéis são fios de pelos, os fios são linhas, figuras geométricas. Em fio equivale a um risco. Um risco é uma linha. Um fio equivale ao desenho de uma linha. Em Edison um fio de linha ganha a dimensão não só nas centenas e centenas de desenhos trançados de fiações elétricas como conexões possíveis e realizáveis, mas ganhou materialidade na fabricação da própria rede de fiações elétricas. O fio do pincel ganha a dimensão do fio elétrico.

A visualização do pomar da “florida house” de Thomas A. Edison tem uma característica muito especial: a de possuírem ÁRVORES frondosas com galhadas e raízes retorcidas. São árvores que possuem um entrelaçamento de galhos e raízes majestosas pela virtude das espécies ali encontradas. São árvores, que pelo seu porte frondoso, encobrem a luz solar. Esta qualidade também pode ser registrada num trabalho executado por Leonardo da Vinci, considerado por vezes, apócrifo, mas sempre citado na maioria de suas biografias: o desenho do entrelaçamento de galos e árvores na decoração da sala “Delle Asse”. A árvore, como elemento de aproximação cognitiva lexical é similar aos dois personagens (a árvore natural, ou produzida por imitação idealista); e igualmente, a qualidade do ENTRELAÇAMENTO DOS RAMOS; e por fim poderíamos sobrelevar a consideração que fazíamos a respeito da Luz (trazer ou retirar a luz), insistentemente se apresentando nos dois personagens.

A filha legítima de Ludovico, o Mouro, para quem Leonardo da Vinci trabalhou a partir de 1482, chama-se Bianca Maria. Em Thomaz Edison

Aparece a variante deste nome: Black Mary, nome do seu estúdio cinematográfico principiante. Vimos, na língua italiana e inglesa, a presença neste sintagma da mesma lexia substantiva com adjetivos sintagmáticos contrários. E na analogia sêmica, isotópica, “Bianca” e “Black” aparecem como variantes sígnicos de “luz” e “sombra”.

Leonardo estudou “O homem segundo as proporções de Vitruvius” que se apresenta num desenho deveras famoso, que constituiu-se de um homem de braços e pernas abertas em duas posições, conforme o círculo ou o quadrado em que o mesmo está inserido. São duas posições no desenho que considera-se como se o mesmo homem estivesse em movimento, uma vez que este possui 4 braços e 4 pernas. O movimento cinético dado à figura humana desenhada poderia vir a estabelecer o movimento daquelas formas

geométricas. Por que não? De modo que significa o quadrado ou círculo em contínua mudança conforme a percepção antropomórfica do agente principal racional. Já dizia Protágoras: “O homem é a medida de todas as coisas, das que são enquanto são e das que não são enquanto não são”. Leonardo com certeza investiu valores matemáticos na melhor posição estética da forma humana. Em Edison esse movimento rotativo em acordo com a participação da forma geométrica deu lugar a figura do cilindro tão decantado na invenção do fonógrafo/gramofone, bem como outros equipamentos. O cilindro visto do comprimento possui a forma quadricular do quadrado ou retângulo. Visto de largura ele tem a forma circular. Este movimento geométrico, a princípio insustentável numa mesma figura, já que não poderíamos ter abóbadas redondas e quadradas ao mesmo tempo, ganha em Edison uma resolução lógica proporcionada pelo movimento dimensional. Há uma foto de Edison em um de seus laboratórios, em que registramos repetidas vezes estas forma geométricas e seus movimentos.

Estes são alguns elementos, entre outros, que gostaríamos de discutir com os adeptos do Espiritismo, sobre estas relações enigmáticas entre personagens da história, Taís como Da Vinci e Edison, através do que espelha o discurso histórico que chega até nós, aqui focado, como temática isotópica : a questão da Luz e Sombra.

BIBLIOGRAFIA GERAL

BARTHER, R. Elementos de semiologia. São Paulo: Cultrix, 1972.

BESSELER, J.V.D. Introdução aos estudos históricos. São Paulo, EPU/EDUSP, 1974.

COSERIU, E. Teoria Del lenguaje y lingüística general. Madrid: Gredos, 1969.

DAMASCENO, J.R. Introdução ao estruturalismo em lingüística. Petrópolis: Vozes, 1977.

GREIMAS, A.J. Sémiotique, Dictionnaire raisonné de le théorie du langage. Paris, Hachette, 1979.

_____. Semiótica do discurso científico. Da modalidade. São Paulo: SBPL, DIFEL S.A., 1976.

HJELMSLEV, L. Prolegomènes a une théorie du langage. Paris: Minuit, 1971.

KARDEC, Allan, O Livro dos Espíritos. São Paulo, LAKE, 1996.

LEORY. Maurice. As grandes correntes da lingüística moderna. São Paulo: Cultrix, 1971.

MIRANDA, C. Hermínio, As Marcas do Cristo. Vol. 1 e 2. Rio de Janeiro/RJ: FEB, 1994.

PAIS. C.T.A atualização do signo lingüístico: Aspectos sêmio-táxicos. In: Revista Brasileira de Lingüística. Petrópolis: Vozes, n. 3, 1975.

_____. Algumas reflexões sobre os modelos em lingüística. In: Língua e Literatura. São Paulo: EDUSP, n. 9, 1980.

OS PENSADORES: Histórias das grandes ideias do Mundo Ocidental. Saussure, Jakobson, Helmslev, Chomsky. São Paulo: Abril Cultura S.A., 1973 (cap. 73).

BIBLIOGRAFIA GERAL

BÉRENCE, Fred – “Leonardo da Vinci”, São Paulo, Editorial Verbo, 1974.

BRAMLY, Serge – “Leonardo da Vinci, 1452-1519”. Rio de Janeiro. Imago Editora, 1988.

CARVALHO, Eide M. Murta – “ O Pensamento Vivo de Da Vinci”. Nº9. São Paulo, Martin Claret Editores, 1985.

FREUD, Sigmund – “ Uma Recordação de Infância de Leonardo da Vinci”, (Coleção: Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VII). Editora Delta, 1910.

Histórias Geral da Arte – “Grandes Gênios da Pintura: Leonardo da Vinci”. Nº 4, Madrid, Ediciones Del Prado, 1995.

JONES, Francis Arthur – “Edison, sua Vida, sua Obra”. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, s/d.

PARKER, Steve – “Edison e a Lâmpada Elétrica” (Coleção: Caminhos da Ciência), São Paulo, Editora Scipione, 1996.

SIMONS, Willian A. – “Edison” (Coleção: Grandes Biografias). São Paulo, Livraria Editora Flamboyant.

SPROULE, Ana – “Thomas Edison” (Coleção: Personagens que Mudaram o Mundo – Os Grandes Cientistas), Santiago, Chile, Editora Globo, 1990.

SOUZA JR., Sady Carlos – “Para uma abordagem semiótico-lingüístico do discurso histórico”. Dissertação de Mestrado da FFLCH – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo, 1986.

THUILLIER, Pierre – “De Arquimedes a Einstein, A Face Oculta da Invenção Científica”, (Coleção: Ciência e Cultura), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994.

*Albano: Latim, Albanus, gentílico de alba, a mais antiga cidade latina, talvez derivado de albus, “branco” (alpus, monte coberto de neve), Alba: Latim,Alba, “aurora”, passagem da obscuridade noturna à claridade da brancura do dia. (variante de “alva” – Dic. Aurélio).

10 - Panorama da Canção Espírita no Brasil

Paulo de Meira Albach

INTRODUÇÃO

Pretendo fazer (neste trabalho) uma abordagem sobre a canção espírita no Brasil, partindo da fotografia de determinadas canções, em momentos históricos distintos. Trata-se de um panorama restrito, por três motivos: a um segmento da música cantada; a opção de analisar apenas as letras das canções e, por último, a dificuldade de se obter dados históricos e conhecer a produção de canções espíritas em todo o país, especialmente a das décadas mais afastadas.

Constatando que a Doutrina Espírita sofreu forte influência do catolicismo, analiso a produção de canções no movimento espírita dentro desse processo sociocultural. A incipiente produção musical espírita começa a tomar corpo, muito embora, no meio espírita, ainda se considere a música primordialmente apenas na sua função de ambientação, ou como uma atividade introdutória em eventos públicos ou como atividades das casas espíritas. Percebe-se, contudo, uma mudança neste quadro. O “som espírita” vai sendo amplificado; os criadores espíritas buscam novas formas de expressão, através de estilos variados. Eventos específicos para discutir a arte espírita dão a ela um tom mais sério e incentivam a busca da qualidade.

Após discutir brevemente estes pontos acima relacionados, passo a analisar canções espíritas de diferentes épocas, identificando nelas características e marcas. De João Cabete (ES) a Álvaro Holzmann (PR), do extinto “Bolinho de Carne com Berinjela” (SP) a Moacyr Camargo (SP), considero que os cancionistas espíritas estão buscando uma linguagem mais universal que possa ser levada ao grande público. Os hinos e canções ufanistas das décadas de 40 e 50 vão sendo substituídos por outro tipo de composições.

Ressalto, ainda, a importância de uma compreensão do Espiritismo como filosofia universalista e livre-pensadora, livre de sectarismo e proselitismo. Somente esta visão propiciará aos compositores espíritas a expressão de um conteúdo menos atrelado a tendências doutrinantes e possibilitará a inserção da música com mensagem espírita em outros meios culturais.

I- Influências religiosas

A produção musical espírita ainda não tem uma marca própria. Muitos músicos e grupos apenas fazem música na casa espírita. Cantam músicas do cancioneiro geral, sem vínculo direto com Espiritismo. Outros grupos estão partindo para a composição, trabalho autoral. Tentam veicular a mensagem espírita através de suas músicas. E aqui aponto um problema: a maioria desses compositores utiliza a temática evangélica, com expressões e figuras de linguagem bem ao gosto confessional. Esta forma de composição contribui para confundir o Espiritismo com outras formas de ver o mundo. Precisamos criar uma linguagem

própria, sem recorrer a elementos estranhos à proposta espírita ou que promovam uma confusão nos receptores da mensagem. Por isso, a linguagem evangélica não serve à produção artística espírita contemporânea.

É claro que esta linha de composição é um reflexo de ideologia predominante no movimento espírita brasileiro. A influência católica sobre nossa formação, acentuada com a obra de Francisco Cândido Xavier, fez com que o uso da linguagem evangélica se tornasse usual. Criamos um modo de ser espírita, com o uso de signos e símbolos católicos e protestantes. Vários pensadores espíritas observam este fenômeno (J. Herculano Pires, Carlos de Brito Imbassahy, Krishnamurti de Carvalho Dias, Jaci Régis). Também estudiosos não-espíritas observam este fenômeno, como a professora Sandra Jacqueline Stoll, antropólogo da Universidade Federal do Paraná que elaborou tese de doutorado, aprovada na USP, denominada: “Entre Dois Mundos: o Espiritismo da França e no Brasil”. Além dela, Bernardo Lewgoy, professor da Unisinos (RS), também em tese de doutorado defendido na USP – “Os Espíritas e as Letras: Um Estudo Antropológico Sobre Cultural Escrita e Oralidade no Espiritismo Kardecista” – aponta para um modelo de Espiritismo à brasileira, influenciado pelo catolicismo.

Interessante quadro comparativo foi montado pelo autor deste tese, o qual reproduzo a seguir:

MODELO DE ALLAN KARDEC	MODELO DE CHICO XAVIER
Racionalismo Oposição à Igreja Católica Desimportância do médium Espírito crítico mais importante	Ênfase na “mediunidade com Jesus” - uma proposta sincrética. Suma importância do médium. Oposição não aberta à Igreja Católica, mas absorvendo muito de seu ethos e crenças.
Espíritos mentores giram entre comuns e históricos ligados a uma herança cristã e clássica a alguns da nacionalidade francesa: Fénelon, Sócrates, Santo Agostinho, São Luis. Espíritos identificados ilustres ou anônimos.	Espíritos ligados à Crisandade Heróica, à Nação Brasileira, ao Mundo da Literatura e à piedade espírita. Emmanuel, André Luiz, Meimei e os Literatos são exemplos típicos. Espíritos identificados, quando são mentores, tem o nome espiritual.
As redações da Codificação são conjuntamente assinadas, mas há muitas mensagens assinadas ocupando um lugar destacado.	Os livros não têm autores anônimos, as mensagens são sempre assinadas pelos autores espirituais.
Sistema da divina/abolição da graça Racionalismo moral abstrato Justiça cármica assentada na inflexibilidade da lei de causa/efeito Ênfase na reforma íntima Caridade reflexiva	Sistema da dádiva convivendo com o sistema da dívida, múltiplas situações em que um engloba o outro. Reingresso do circuito da intercessão e da graça, uma característica da espiritualidade católica (ressantificação sincrética espírita/catolicismo)

Ênfase superlativa no estudo e na razão Igualitarismo, cultura científica e ideologia do mérito como fator de evolução espiritual.	O estudo está subordinado ao culto e à piedade, como no Culto do Evangelho no Lar. Crítica ao intelectualismo. Piedade prática como tão ou mais importante do que a racionalidade. Enorme destaque ao papel condutor e relacional da mãe: ethos hierárquico e relacional associado ao imitatio hristi, ao papel dos “espíritos missionários” e “espíritos de luz”.
A unidade de trabalho é o centro espírita	A unidade de trabalho está dividida entre o centro espírita e o lar onde se pratica o Culto do Evangelho no Lar.
Kardec é compilador. Seleciona mensagem de acordo com preceitos metodológicos inspirados em princípios racionalistas. Não há subordinação pessoal imediata a um comando espiritual mas uma subordinação mediada através da interpretação humana da doutrina espírita.	A atuação de Chico é completamente comandada pelo “Plano Espiritual”, sob supervisão de Emmanuel e sua “falange”. A relação com o plano espiritual é de dependência imediata e de subordinação a uma hierarquia. O serviço militar e público como modelos.
Kardec funciona como um ethos burguês de honradez e com um ideal cientificista de probidade e neutralidade. A confiabilidade de suas afirmações é avalizada pelo método que diz seguir e pelo teor intrínseco das mensagens.	É o carisma de Chico, conferido por sua santidade e relação privilegiada com o mundo dos espíritos que funciona como penhor de sua probidade. Exemplo de sacrifício e renúncia próprios ao sistema espírita. A revelação está acima da razão.
Ainda que originada no racionalismo iluminista francês, há um universalismo na proposta religiosa.	Construção da racionalidade, referências com forte ênfase na história do Brasil.

Evidente que o âmbito deste trabalho não permite maiores considerações sobre este tema interessante. O que pretendo, apenas, é destacar que também na linguagem utilizada nas “canções espíritas” percebe-se forte influência de signos das religiões cristãs (catolicismo e protestantismo, em especial).

Não há que se estabelecer um juízo de valor sobre este dado. Apenas constato por entender que um novo modelo está em construção, ainda que isso passe despercebido a muitos. Uma roupa de verão não protege o corpo no inverno. Um Espiritismo mais presente e ligado a uma nova visão de mundo deve buscar novas formas de expressão e identidade própria.

II- Mudanças de Enfoque

A formulação de uma linguagem mais universal – logo, menos sectária – tem sido notada em alguns segmentos da canção espírita no Brasil. É certo que esse processo poderia ser mais ágil se as pessoas que lidam nesse universo tivessem ciência e consciência dos aspectos históricos e culturais do Espiritismo, desde sua fundação no século XIX, até o presente momento. Infelizmente o movimento espírita não preserva sua memória.

A história oficial é muito parcial e esconde boa parte de um rico processo de contradições e disputas que foram minimizadas em nome de uma unificação que exclui os “diferentes” e escamoteia o conflito, como bem constatou o jornalista goiano Luiz Signates.

As canções espíritas inseriram-se dentro desse contexto. Os compositores espíritas, retrataram esse universo. As canções espíritas antigas absorvem a linguagem evangélica, que, a bem da verdade, está presente em vários textos publicados no Kardec em suas obras e que foi supervalorizado no Brasil graças ao pensamento roustanguista (de forte expressão católica) do grupo que dirige a Federação Espírita Brasileira, e às presenças carismáticas de Bezerra de Menezes e Francisco Cândido Xavier, elementos do ciclo religioso do Espiritismo no Brasil.

Se essa linguagem serviu a uma época, - não duvido dos que afirmam que o Espiritismo é grande no Brasil graças ao segmento religioso que tornou-se hegemônico – hoje é preciso buscar um caminho mais consentâneo com tendência menos conservadoras e reducionistas que, a meu ver, marcam essa visão religiosa de mundo.

III- Liberdade de expressão / Diversidade de estilos

Admiro os compositores espíritas de ontem, precursores de um trabalho ainda em fase de gestação, que fizeram o cantar espírita no seu tempo. Mas não me parece adequado o trabalho de compositores da presente, repetindo as mesmas características e preservando uma linguagem que enclausura este cantar espírita, limitando-o ao seu próprio meio.

Na década de 80 surgem compositores espíritas tentando uma linguagem mais atual, mais universal. Canções mais modernas, com temas mais variados aparecem. Até a sátira e a crítica ao movimento espírita passam a fazer parte do cancionário, como veremos em algumas canções transcritas abaixo. Aparecem as bandas com baixo, bateria e guitarra, o que era inimaginável pouco tempo antes.

A concepção do centro espírita como um “templo” contribuiu para que a música ficasse limitada a um instrumento – violão ou piano – ou ao canto coral.

O jornalista espírita Wilson Garcia faz interessante observação sobre uma placa que tornou-se comum nos centros espíritas: “O Silêncio é uma Prece”. Segundo ele a placa deixa o centro silencioso ao extremo, como ocorre nos templos. “Se o que se deseja é silêncio, bastaria que a placa pedisse apenas para fazer silêncio. A generalização de que o silêncio é prece é equivocada, e não contribui para esclarecer as mentes. “Bastaria lembrar que é o silêncio também que se engendram os piores crimes.” (...) “Para os que conseguem raciocinar para além dos limites de uma regra, a placa funciona apenas como um lembrete oportuno no momento certo. Os que não conseguem, a placa conduz possivelmente ao passado do templo formal que, afinal, está presente em boa parte dos homens”. (in “Nosso Centro: Casa de Serviços e Cultura Espírita”, p. 126/127)

Esta tendência vai sendo superada. É evidente que “há canções e há momentos...”, como lembra Milton Nascimento. Não se vai executar um rock pesado ou um samba rasgado num trabalho de passe. Mas

nos eventos artísticos a liberdade deve ser a marca. Até mesmo porque o artista não pode ter a sua criatividade limitada. É da essência da arte a liberdade. A professora Eudósia Acuña Quinteiro observa:

“Não podemos nós, os orientadores, dirigentes ou participantes do movimento espírita, ignorar a manifestação da filosofia e da arte dentro dos Centros Espíritas. O homem evolui e mostra sua manifestação artística. Isto é um fato e os Centros Espíritas não podem mais ignorar esse segmento da evolução do espírito humano. O que se proíbe ou mascara dentro dos Centros Espíritas, explode violentamente na mídia com grande ímpeto. No entanto, o que se permite e se educa nos Centros Espíritas, pode ser um regular e um orientador da cultura de massa de uma nação ou de um planeta. É preciso que os promotores da doutrina espírita levantem os olhos para enxergar bem mais longe do que o barulho e a alegria que a arte propicia dentro dos Centros Espíritas. É urgente que se tolere e se permita as pequenas distorções que o principiante da arte comete, para que se possa educar a comunidade espírita, educação essa que pode irritar para círculos muito mais abrangentes dentro do social. A arte é um grande veículo de educação, talvez por isso, os primeiros Centros Espíritas do Brasil possuíam um palco muito bem equipado como sala principal de suas instalações.” (“in” apostila do VII FECEF – Festival da Canção e Encontro da Arte Espírita de Franca, 1998).

Esta liberdade que vai crescendo no meio espírita, tem permitido o surgimento de novas experiências musicais por parte dos espíritas que lidam com a música.

Ainda de forma incipiente, mas já há o aceno de um novo caminho que pode representar uma introdução da música espírita nos meios musicais não-espíritas.

O importante é que se respeite a diversidade, pois o cantar humano é absolutamente rico e diverso. E isto não seria diferente no meio espírita.

IV- O som que se faz hoje

Para ampliar nosso panorama pretendo relacionar alguns compositores e grupos musicais espíritas e o tipo e proposta musical que desenvolvem. Certamente serão omitidos muitos nomes, pois, como não há uma integração dos artistas espíritas e, como não há uma mídia com amplitude nacional para divulgar tais trabalhos é quase impossível saber o que estão fazendo muitos espíritas nos vários estados do Brasil. Segue minha pequena lista?

- Moacyr Camargo: músico profissional, cantor e violonista. Vários discos e CDs gravados. Suas composições estão na linha da MPB. “Do Brasil ao Azul” (trabalho que conta com a participação de músicos importantes no cenário artístico brasileiro, como André Christovam, Guello, Dinho Nascimento, Jether Garotti Jr.), “Nos Jardins da Terra Azul” (infantil), “Terra Azul” são alguns de seus trabalhos. Tem feito trilha para peças espíritas, sendo a mais recente “Marc e Belle”, trabalho instrumental lançado em CD. Mora em São Paulo (SP). Sem dúvida, o principal nome da música espírita no Brasil.

- Marielza Tiscate: dona de uma voz arrebatadora, esta carioca tem um trabalho na linha da MPB. Gravou o CD “Arte do Tempo”, com músicas de sua autoria, acompanhada por um ótimo time de músicos.

- Grupo Arte Nascente (GAN): Essa turma de Goiânia (GO) já tem três CDs gravados (“Vida”, “Alegria Cristã” e “Nova Viagem”), sendo dois deles com canções da própria banda. Som “pop”. Além do trabalho musical o GAN tem um braço teatral e outro na dança. Atualmente são uma ONG.
- Flávio Fonseca: Mora em Brasília (DF). Compositor, cantor, arranjador, instrumentista e produtor. Gravou o CD “A Força Que Ecoa em Todo o Canto”. MPB com ritmos variados. Compõe trilhas para teatro e dança.
- Andrey Cechelero: O curitibano Andrey percorre os caminhos da música “New Age”. Grava seus trabalhos através da “Azul Music” com a qual tem contrato assinado. Produz trilhas para peças espíritas. “Immortality”, “Água”, “Spiritland”, “Ventos”, são alguns de seus CDs.
- Podemos citar, ainda, na área do canto coral, o Coral Irmã Sheila (MG) e o grupo Voz da Manhã (SP). Na música instrumental, Saulo Amui, de Sacramento (MG) lançou em 1999 o CD, “As Alegrias Que Tocam o Espírito”. O CD “Voos da Alma”, de Plínio Oliveira, músico curitibano (PR) que tem se destacado no cenário da MPB, é um bom exemplo de música instrumental feita por um espírita. Há ainda inúmeros artistas e grupos ainda anônimos, com trabalhos , menores, buscando espaço.
- Enfim, começa a surgir um mercado; ainda modesto, longe de qualquer vanguarda; mas a estrada tem que ser aberta. Certamente os músicos que vieram depois encontrarão maiores facilidades para desenvolver trabalhos de maior envergadura.

V- Pedras no Caminho

Antes de mostrar algumas letras de canções espíritas pinçadas de arquivos pessoais, discos e Internet, gostaria de ressaltar a dificuldade de elaboração de uma expressão artística no meio espírita. Como as canções espíritas não estão na mídia e, como não há um centro integrador dos artistas espíritas as manifestações artísticas espíritas ficam restritas às comunidades locais onde são produzidas. Daí a lentidão com que se processa a troca de informações entre os lidadores da arte no meio espírita.

Por outro lado, a quase total ausência de apoio das instituições espíritas às manifestações artísticas emperra o processo. A mania de querer que as iniciativas espíritas sejam gratuitas, também. Este vício histórico impede o desenvolvimento de qualquer projeto que queira suplantar o horizonte restrito da casa espírita. Sem investimento não haverá expansão da arte no meio espírita. Evidente que num país periférico como o Brasil, a falta de dinheiro é outro fator que somado aos demais, prejudica a difusão da arte. De qualquer sorte, eliminar o preconceito e criar a predisposição para encarar a arte no meio espírita com seriedade pode minimizar a carência que sentimos de boas produções.

Outrossim, com a dessacralização dos ambientes espíritas a arte espírita poderá florescer mais facilmente pois assim como uma árvore, a arte dos espíritas precisa de ar e espaço para crescer e dar frutos.

Sob outro prisma, é preciso reconhecer que a pouca qualidade de muitas produções musicais espíritas contribui para dificultar a criação de uma mentalidade favorável entre os dirigentes espíritas e entre o público em geral. A fase do aplauso caridoso ou da mera boa vontade já passou: é preciso que os trabalhadores musicais sejam cada vez mais aperfeiçoados; somente com um padrão de qualidade diferenciado os artistas

espíritas conseguirão impor suas pretensões a um mercado exigente e saturado, como é o da música popular em nosso país. Aliás, a título de curiosidade, esta questão já incomodava o filósofo francês Leon Denis, nos idos de 1992.

VI- Uma Classificação

Flávio Fonseca, músico espírita, após ressaltar que quando se fala em “música espírita” o importante é saber identificar nela elementos de utilidade para o engrandecimento da alma, elementos que contribuam para a evolução espiritual dos indivíduos e do orbe como um todo, propõe a seguinte classificação para as “músicas compostas com objetivos espíritas”, (in Revista Cristã de Espiritismo – Especial – Música, ano I, n. 1 pág. 04):

Música para evangelização

Música para ambientação

Música para divulgação

Trata-se de uma classificação interessante, assim explica:

Na primeira categoria temos a música para cantar nos programas de estudos, com a finalidade de ajudar no ensino de algum tema ou como recreação. Abro um parênteses para fazer uma observação interessante: compulsando apostilas de músicas para infância espírita notei que nenhuma das canções nelas transcritas traz o nome de seus compositores. O que este dado significa: um absoluto desprezo pelo autor? Tradição oral, ou seja, a música vai sendo cantada e o compilador desconhece a autoria? Não tenho a resposta, mas recordo que os “hinos” que cantei no centro espírita jamais eram identificados com o nome do autor, a não ser as músicas do “seu Álvaro”

A música para ambientação serve à preparação do ambiente, geralmente usada nas reuniões mediúnicas ou nos trabalhos de passe. Em muitos centros usa-se a música clássica e, não raro, vemos as mesmas músicas serem tocadas por anos e anos. Sem questionar o valor destas composições, que é inegável, há outras opções para serem acrescentadas: Vangelis, Enya, Grupo Uakti, Ravi Shanker, etc., cuja sonoridade propicia a elevação do pensamento e a sensibilização necessárias.

A música para divulgação. Para Flávio Fonseca esta música “deve ter qualidade equivalente a qualquer música encontrável nos meios profissionais, tanto em termos de melodia, harmonia e letra quanto nos cuidados com arranjo, gravação, material gráfico, etc., tudo com base doutrinário irrepreensível.” (Revista Cristã de Espiritismo, pág. 12)

VII – Outra Classificação

Não é meu objeto fazer uma avaliação da qualidade musical, propriamente dita, mas sim, uma amostragem das tendências contidas em letras de canções espíritas.

Antes, ainda, é sempre bom ressaltar que a análise da letra de uma canção só se completa ouvindo-se a melodia. O texto de um poema merece outro tipo de análise. LUIZ TATTI, observa com maestria:

“Pela poesia, a originalidade do tratamento espacial e fonológico, o trabalho com as justaposições que rompem a hierarquia discursiva pode criar outra singularidade relacionada ou não com a experiência (ou ideia) inicial. Pela canção, parece que a própria singularidade da existência foi fisgada. Como se o texto coletivizasse a vivência, o tratamento poético imprimisse originalidade, mas o resgate subjetivo da experiência, este, só fosse possível com a melodia.”

(...)

“Não precisa falar muito. Basta ser exato e pertinente na conformação do texto, que a força da experiência já está melodicamente assegurada. Não importa tanto o que aconteceu, mas como aquilo que aconteceu foi sentido.

Por isso, um texto de canção é, quase necessariamente, um disciplinador de emoções. Deve ser enxuto, pode ser simples e até pobre em si. Não deve almejar dizer tudo. Não precisa dizer tudo. Tudo só será dito com a melodia.” (in O Cancionista – Composição de Canções no Brasil – pág. 20)

Para os fins da análise a que me propus, identifiquei três linhas de canções no movimento espírita:

1) As de tendência sectária ou evangélica que, parece-me, predominam. Neste segmento da composição espírita há um atrelamento aos símbolos cristãos (Jesus, cruz, dor, sofrimento, culpa, etc) que contribui para mantê-las em círculos restritos de ouvintes religiosos, nos meios religiosos. Mesmo neste segmento os compositores têm usado os ritmos disponíveis, desde a valsa até o rock, passando pelo samba, baião, etc.

2) As de tendência universal, nas quais o conteúdo, embora traga ligações com elementos da visão espírita de mundo, não tem um cunho fechado, voltado apenas para a comunidade espírita. Buscam os valores universais que estão contidos na filosofia espírita, sem pretensões proselitistas ou doutrinantes.

3) Uma última tendência, dentro desse panorama é composta por canções que, embora tragam elementos espíritas explícitos, por seu espírito crítico e humor, acabam se libertando da tendência que a chamei “sectária ou evangélica”, muito embora não se possa considerar como universais. Chamarei esta tendência de intermediária.

VIII – CANÇÕES DE TENDÊNCIA EVANGÉLICA

Hino a Allan Kardec

Allan Kardec bom mestre

Vimos teu nome exaltar

Te implorando com uma prece

Proteção espiritual

Batalhador da verdade

Na seara do Senhor

Guia a pobre humanidade

Pra paz, pro bem, para o amor

Kardec mestre altaneiro

Na seara do Senhor

Guia a pobre humanidade

Pra paz, pro bem, para o amor

Kardec mestre altaneiro

Exemplo da caridade

És o fiel timoneiro

Da nossa felicidade

Glória, glória a Allan Kardec

Sublime emblema de luz

Glória, glória a Allan Kardec

Que nossas almas conduz

Salve, salve Allan Kardec

Mestre de exemplo e de amor

Caminharemos seguindo

Teus passos até o Senhor

Comentário: este hino revela a tendência de culto à personalidade. Kardec é o mestre altaneiro, sublime emblema de luz, fiel timoneiro, condutor das almas. Bem ao gosto da visão evangélica, a “podre humanidade” precisa de um guia.

CISCO DE DEUS

(Sérgio Santos & Carlos Bacelli)

Lápis de luz,

Mãos de amor,

Servo de Deus,

Vozes do além,

Da verdade e do bem,

Falando aos seus ouvidos: Escravo de Senhor... -A morte não existe,

ante o mal, luta, serve e resiste.

Vida de bênçãos, Quem confia, da felicidade Amigo de Deus, Não desiste...

Alma singela,

Tão terna e bela...

Em torno da cruz,

Fiel a Jesus,

Excelso mestre do bem.

Emissário da luz,

Mensageiro do Além, do Além...

Chico Xavier,

Cisco de Deus, de Deus...

Lápis de luz,

Mãos do Senhor,

Escravo de Deus, Servo do

amor...

Em torno da cruz,

Um lápis de luz,

Na fé e na paz,

Fiel a Jesus, a Jesus...

Chico Xavier,

Cisco de Deus, de Deus...

Lápis de luz,

Estrelas no papel...

Sinais do céu,

Cores do céu,

Rumos do céu...

Comentário: como acontece com grande parte das canções espíritas há elementos recorrentes, como céu, Jesus, Senhor, etc., que revelam uma tendência na composição. E “Cisco de Deus” observa-se bem a submissão do homem a Deus, bem ao gosto católico: Servo de Deus, Escravo do Senhor, Fiel a Jesus, etc. o mesmo se diz a respeito da próxima canção.

RECORRAMOS A JESUS

(Públio Vieira Santos – Lenthos & Herculino Reis)

Evangelizar, um de urgência
Cristianizar a humanidade em decadência
Extirpar da Terra toda violência
Para melhorar nossa convivência
Desenvolver no homem a mansuetude, a obediência
Sempre lhe falar da Onipresença, Onisciência
De Deus nosso Pai, que é Suprema Inteligência
Fala a todos nós pela consciência

O evangelho de Jesus pra todos nós é referência
Pensamentos, ações sempre ligados à assistência
De nossos irmãos que compartilham a existência amenizando a dor
de toda procedência

Evangelizar, evangelizar
Evangelizar, evangelizar
Evangelizar

XI – CANÇÕES DE TENDÊNCIA INTERMEDIÁRIA

Rock Umbral

César Tucci, Pedro Cavalheiro, Paulo Cavalheiro, Nei – 1983)

nasci em berço farto, rebento de um parto normal menino
inteligente, forte e simplesmente genial

e veio a juventude, gozei com plenitude total entrei na mocidade pra me espiritizar conheci uma gatinha, comecei a namorar passeios, mil festinhas, e às vezes um tempinho para estudar e assim eu fui crescendo, Kardec conhecendo bem mal o tempo foi passando, pro centro eu fui entrando (que cara-de-pau) quando fui tesoureiro nunca me faltou dinheiro, legal até que um certo dia um espírito menor me disse que eu tinha uma missão superior seria mensageiro espalhando muita paz e muito amor com tal fama eu fui prá frente, cheguei a presidente – ditatorial cumprindo o meu dever, me enchendo de poder, era o principal revi o evangelho, troquei o que era velho – reforma geral e assim em pouco a doutrina eu refiz inspirado em Pietro Ubaldi, Edgard e Ramatiz o centro em que eu mandava e dominava era um centro tão feliz mas a velhice foi chegando, meu corpo foi ficando tão mal sofri de psicose, me veio a esclerose – fatal percebi que me escapava das mãos o que eu amava – final desencarnei então pensando que era o tal cheio de perturbação numa cama de hospital mas que decepção, há meio século que eu vivo aqui no umbral desencarnei então pensando que era o tal cheio de perturbação numa cama de hospital mas que decepção, há meio século que eu vivo aqui no umbral

Obs.: Esta canção foi bastante divulgada entre os jovens espíritas e ainda o é. César Tucci foi um dos precursores do uso da sátira nas canções espíritas. O espíritas humorístico contido na letra permite a exposição de críticas sérias a certas posturas observadas no meio espírita.

OBSECÃO PARANORMAL

César Tucci – 1984

na casa de dona Ladir tudo era espiritual até
mesmo o cachorro era um cão paranormal e nos
dias de sessão, num domingo ou feriado inclusive o
cachorrinho ficava mediunizado au, au, au, pela
psicofonia au, au, au, pela psicofonia au, au, au,
pela psicofonia au, au, au, pela psicofonia

ora, vamos e venhamos, tudo
tem de ser pensado se
existem influências também
há o nosso lado

não se pode em todo caso botar
culpa no “defunto” quando o clima

é de limpeza urubu não chega
junto

na casa de dona Ladir tudo era espiritual até
mesmo cachorro era um cão paranormal e nos dias
de sessão, num domingo ou feriado inclusive o
cachorrinho ficava mediunizado

au, au, au, pela psicofonia au, au,
au, pela psicofonia au, au, au,
pela psicofonia au, au, au, pela
psicofonia

pensamento é força viva
com poder de criação as
ideias destrutivas vão ser
igual reação

depois não venha chorando dizer que tanto padece
cada qual tem nesta vida os espinhos que merece

na casa de dona Ladir...

OBSessão – Gilberto Andreotti

(LP “Tudo” – Bolinho de Carne Com Berinjela – 1987)

Na minha vida estava tudo numa boa
Quando de repente à toa um fato estranho me ocorreu
- “Mas o que foi que aconteceu?”
Eu fui perdendo a minha personalidade
Foi ficando na saudade tudo aquilo que era eu
Chegava em casa só brigava com a patroa
Não pensava em coisa boa por melhor que eu estivesse
E do emprego saiba que fui despedido
Pois sentindo-me ofendido, dei um tapa no patrão!
-“Mas isso não ta certo não!”

Não conseguia compreender o que ocorria
Minha cabeça estava em grande confusão
Quando um amigo me chegou um belo dia
E me afirmou que o caso era “obsessão”
Me aconselhou, então, a frequentar um Centro Andar
direito e não dar moleza não
Orar bastante, ficar sempre atento
Tomar cuidado com a tal perseguição.

Vou te contar por este meu samba de breque
Fui no Centro Allan Kardec e tudo então se resolveu
- “Mas como foi que isso se deu?”
Me colocaram junto a uma porção de médiuns
E através desse intermédio apresentou-se o Eliseu
- “Ué! Mas o Eliseu não morreu?!?”
Foi me dizendo ser antigo inimigo
Jurou ter me perseguido desde muito tempo atrás
E eu zangado, muito louco, aturdido
Fui gritando “seu bandido” essas coisas não se faz.

E eu xingava Eliseu, e o Eliseu xingava eu!

E sem demora, pra por calma no ambiente.
Aproximou-se o dirigente, que por fim intercedeu:

- “Acalmai-vos irmãos!

Essas coisa são muito naturais. Dividas do passado
atravessam as existências E não nos permitem a
paz.

É necessário que busquemos lá no fundo de nós mesmos
O porquê do sofrimento, a razão pra tanta agrura
Pois que toda criatura só alcança a evolução
Quando a si própria depura e auxiliar o seu irmão”

E assim ficamos cabisbaixo, pensativos
Procurando lenitivos para a nossa situação

Oh Eliseu, devemos acabar com isso
Te proponho, simplesmente, um termo de conciliação
Vamos fechar entre nós dois um compromisso
Sei que será bem difícil, mas não custa a intenção: Para
testarmos nossa calma, nosso vício
Voltaremos genro e sogra numa outra encarnação! - “Isso
não vai dar certo não!”

X – CANÇÕES DE TENDÊNCIAS UNIVERSAL

O Pégaso Não Sabia (Moacyr Camargo)

Pégaso pégaso pégaso
O cavalo que voava
Alar sobre as nuvens suas asas
Sempre querer voar
E o pégaso voou, voou, voou, voa pégaso

E o pégaso não sabia
Que passando noites e dias
Chegariam as aves e o homem quis voar A ave
voou, voou, voou, voou
Voam aves

E o pégaso não sabia
Que passando noites e dias
Chegaria o Zepeli e o Zepelin voou
O Zepelin voou, voou, voou
Voa Zepelin

E o pégaso não sabia
Que passando noites e dias
Construiriam uma nave e a nave voaria A nave
voou voou voou voou voou
Voam naves

E o pégaso não sabia

Que passando noites e dias
O homem não mais precisaria, nem de asas
Nem de naves, nem de pégaso pra voar
O homem voou voou voou voou
Voa homem

ARMADURA (Gan)

Armadura quando cai
Não pesa mais em mim
Já me ajudou, agora não,
Já fez o seu melhor

No tempo se quebrou
De tanto desgastar
Despedaçou, aliviou,
Me fez iluminar

Nascer, nascer, nascer do Sol,
Um pleno despertar,
Voltar até romper até casulo libertar
Nascer, nascer, nascer do Sol,
Navego muito além,
Irradia r, iluminar o mundo ao meu redor

Se você quiser eu vou,
Se você quiser eu vou
Levar você para ver meu amor irradiar a
luz do amor.

ESTRELA MATUTINA (MARIELZA TISCATE)

Seu coração é uma estrela matutina
De suave luz
Que clareia e ilumina
Olhe para dentro de você
Descubra o brilho do amor

Acenda a sua candeia
E faz nascer uma nova manhã

Nestas canções observa-se que a mensagem espírita está embutida na ideia da letra, muito embora o autor não use signos, símbolos ou termos espíritas propriamente ditos. Qualquer pessoa poderá cantá-las e interpretá-las conforme seu ponto-de-vista, mas a visão de mundo espírita e os valores éticos impregnados na mensagem espírita certamente produzirão um efeito positivo. Quem não vislumbram a proposta espírita da evolução na canção “O Pégaso Não Sabia”?

XI – UMA ENTRADA EM CONSTRUÇÃO

Este breve passeio pelo universo – ainda restrito – da música espírita serve como um tributo a todos os que acreditam na força da música como elemento propiciador de um ambiente melhor para os que habitam este planeta azul. Cantadores anônimos, ensaiando músicas para as crianças nas “escolinhas” do ensino espírita; cantadores anônimos afinando as vozes do coral que se apresenta num encontro de artes qualquer; agora, também, os autores, os compositores, os artistas que se preparam para encarar o grande público com a mensagem espírita! A estes é que dirigimos este trabalho.

Luiz Antônio Millecco Filho e outros, em obra recente, tecem considerações relevantes sobre a contextualização da música:

“Toda expressão cultural estabelece uma estreita relação com o processo histórico. Principalmente a partir deste século, com o avanço tecnológico em matéria de gravação e difusão de som e imagem, as canções populares têm tido um papel preponderante em todo mundo. A vida cotidiana de nossa gente, suas alegrias frustrações, esperanças, dores e festas, tudo isso é transformado em canções. Podemos contar nossa história através dos cantos de nossa cultura. As músicas atravessam fronteiras, diminuem distâncias geográficas. Se isto, por um lado, informa sobre outros cantos, outras visões de mundo, por outro, torna possível a massificação alienante. Este intercâmbio tem tido um efeito de influência mútua, de consciência planetária, de estreitamento efetivo entre os homens. Vivemos um momento curioso e inédito no mundo.” (in *É Preciso Cantar*, p.31)

É preciso entender este processo, pois a música está imbricada na história e a história da música retrata uma crise de música ocidental. Novas linguagens estão sendo buscadas, apesar das limitações impostas pelo mercado musical. Além disso, é preciso saber de que forma atua o mercado da música, para não sermos vítimas dessa “massificação alienante”, muito embora não queiramos cair no patrulhamento ideológico de certas tendências da intelectualidade.

Devemos saber ainda que “o mercado pós-moderno é baseado em ciclos rápidos de posição e reposição da história do gêneros, a liquidação dos estoques da loja ocidental, a queima dos estilos,

Lyotard disse que a moda é o classicismo de uma época sem permanência, sem verdade. Se as linguagens perderam a tônica, a moda dá o tom.” (Wisnik, in O som e o Sentido, pág. 216).

Dentro desse contexto a canção espírita deverá ser atual, sem deixar levar pelos modismos. Sem dúvida, um desafio.

Que os cancionistas espíritas consigam se libertar das amarras de um movimento fechado em si mesmo para descobrir a linguagem universal da Doutrina Espírita e com ela adentrem a este mundo musical em transformação.

Este o panorama que projeto para o futuro. Livres e conscientes, os portadores da mensagem espírita farão inseri-la nas canções que as próximas gerações cantarão no seu dia a dia!

Bibliografia

AIZPÚRUA, Jon. El Espiritismo La Creacion Edicions CIMA. Caracas, Venezuela, 1995.

FONSECA, Flávio. Música Espírita, “In” Revista Cristã de Espiritismo, Especial Música – Ano I, n, 1, Ed. Escola Ltda., São Paulo, SP, 2001.

Lewgoy, Bernardo. Os Espíritas e as Letras: Um Estudo Antropológico Sobre Cultura Escrita e Oralidade do Espiritismo Kardecista. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo, 2000.

MILLECO FILHO, Luiz Antônio, Brandão, Maria Regina Esmeraldo e MILLECCO, Ronaldo Pomponét. É preciso Cantar – Musicoterapia, Cantos e Canções, Ed. ENELIVROS, Rio de Janeiro, RJ, 2001.

QUINTEIRO, Eudósia Acuña. A Arte Dentro dos Centros Espíritas, “in” Apostila do VII FECEF – Festival da Canção e Encontro da Arte Espírita- Franca (SP), 1998.

STOOL, Sandra Jacqueline. Entre Dois Mundos: o Espiritismo da França e no Brasil. Tese de Doutorado, USP, 1999.

TATTI, Luiz. O Cancionista – Composição de Canções no Brasil. EDUSP, São Paulo, SP, 1996.

WISNIK, José Miguel. O Som e o Sentido – Uma Outra História das Músicas. Cia. Das Letras, 2ª ed., São Paulo, SP, 1999.

11 - APOMETRIA

Sebastião Catai

GENERALIDADES

A enfermidade humana, nos seus mais variados ângulos, provoca no homem a necessidade de entendê-la e tratá-la. Ao longo do tempo, a pesquisa tem sido uma atividade constante de muitos cientistas que, remota, na verdade, há muitos séculos de busca incessante. Como resultados desse trabalho o homem pesquisador conheceu muitas causas que levam as pessoas à enfermidade e, felizmente está percebendo que não só na matéria serão encontradas as razões das nossas dificuldades, mas sobretudo em algo mais além, isto é, no nosso espírito, ou melhor, como nos ensina Kardec, na nossa alma. Podemos, na verdade, encontrar não só as causas, mas também a resolução e a cura.

Não só a Doutrina Espírita está conseguindo abrir as portas dessa área de estudos, o Espírito. Ele é motivo de observação muito antes de Kardec. Muito antes dos umbrais dessa passagem o homem, curioso, desvenda o que não acreditava ser possível. Já conhecemos alguma coisa da influência do espírito sobre a matéria e algumas consequências dessa relação. Sabemos que os resultados dessa relação podem ser muito bons ou muito ruins. As enfermidades físicas, psíquicas e da própria alma estão nesse segundo caso.

Cientistas conhecidos e famosos trabalharam ou trabalham, nessas pesquisas, outros não tão famosos também vem fazendo sua parte, isto é, participando das descobertas e desenvolvimento dos conhecimentos relativos às aflições humanas, assim como procurando os remédios e meios de aliviar esses sofrimentos. Como estamos interessados em trabalhos mediúnicos-espíritas que venham a ajudar as pessoas nos seus problemas obsessivos ou auto obsessivos, problema grave da relação espiritual, temos procurado recursos que facilitem o empenho e dinamizem os resultados nesse sentido. Vínhamos nessa busca há muitos anos, mais de quinze, quando em 1994, ouvimos falar da apometria e que um grupo em Porto Alegre realizava seus trabalhos de desobsessão empregando essa técnica.

ORIGEM DA APOMETRIA

A curiosidade levou o homem à lua e que acredito nessa faculdade humana acabei, não indo à lua, mas acabei descobrindo algo, para mim, tão importante quanto aquela viagem extraordinária. O grupo em Porto Alegre era dirigido por um médico, espírita, Dr.

José Lacerda de Azevedo. Ele desenvolvera o método apométrico a partir de observação que fez quando participou, a convite, no Hospital Espírita de Porto Alegre, onde trabalhava não só como médico, mas também como espírita que era, de uma demonstração de tratamento hipnométrico. Esse nome fora dado pelo Sr. Luiz Rodrigues, um porto-riquenho, que morava no Rio de Janeiro, que acreditava que se método tinha a ver com a hipnose. A técnica que ele empregava era realizada desdobrando-se o espírito do paciente com uma contagem lenta que começava com o número da idade da pessoa e continuava reduzindo até chegar em zero, quando o desdobramento ocorria e o paciente era encaminhado para hospitais do astral acompanhado por espíritos médicos. No retorno, o resultado, do atendimento, sempre era muito bom e os enfermos se sentiam muito bem. Médico competente e pessoa muito observadora o Dr. Lacerda percebeu, nessa época, em 1965, ao assistir as demonstrações, que estava diante de extraordinária técnica no passado, arquivadas, para aplicação em momento oportuno. A hora de dar seguimento ao seu trabalho em existência anterior havia chegado.

Sabe-se que a técnica hipnótica produz ou induz o paciente a uma sensação de sono. O Dr. Lacerda entendeu que a hipnometria não se ajustava à técnica do Sr. Luiz Rodrigues, pois que nada tinha a ver com sono. O fenômeno por ele exposto se tratava de um desdobramento instantâneo dos corpos sutis (corpos espirituais), produzido pela forte e bem treinada vontade do operador, independente do uso da hipnose. Notou ainda que eram utilizadas apenas as possibilidades anímicas, inerentes a todo ser humano. Compreendeu também que não eram usados os antigos método magnéticos de dissociação de corpos sutis, muito usados por psiquistas do passado. Era, na verdade, uma nova descoberta e por isso precisava de um nome que definisse melhor. Dessa necessidade surgiu a Apometria, palavra composta de duas palavras gregas, apo, que significa além de, afastamento ou separação, e metron, medida, medição. Uma maneira nova de designar o desdobramento entre o corpo físico e os corpos espirituais do ser humano.

O Dr. Lacerda, com seu grupo, dedicados à pesquisa e experimentação, chegaram a resultados inesperados em trabalhos com pacientes (pessoas perturbadas ou enfermas espiritualmente). Ficaram surpreendidos com os resultados pois que ficou imensamente facilitando o diagnóstico de sintomas além de respostas imediatas e positivas nos tratamentos. Muitas vezes o paciente se sentia recuperado com um único atendimento. As pesquisas, as observações nos atendimentos continuaram e após vinte anos de ajuda através das técnicas apométricas o Dr. Lacerda publicou, 1988, seu livro Espírito e Matéria, Novos Horizontes para a Medicina. A obra, que deve ser estudada e não apenas lida oferece um verdadeiro tratado da ciência do espírito e do psiquismo humanos e extraordinária fonte de conhecimento. Em 1993, foi publicado o segundo livro. Energia e Espírito, que soma com o primeiro e proporcionam, juntos, possibilidades extraordinárias de descobertas dos segredos da cura e por consequência da felicidade humana. A obra literária foi resultado de muitas reuniões de atendimento aos enfermos assim como testes de comprovação da eficiência das técnicas apométricas.

A apometria, ao ser estudada, leva-nos ao início do século passado. Outros estudiosos do psiquismo realizaram pesquisas através de demorados processos de hipnotismo e magnetismo. O objeto de desdobrar o espírito do corpo físico por processos induzidos levou-os a conhecer os corpos sutis do espírito. Foram os ilustres cientistas Barão de Reichenbach, entre 1850 e 1865, o primeiro que exteriorizou uma parte do agregado humano, em termos científicos. O coronel Albert de Rochas, estudioso e autor de várias obras sobre psiquismo marcou o ponto de rumo, tal seja, a orientação essencial positiva e experimental. Ele estudou e desdobrou o duplo etérico (corpo astral) e chamou-se de aeromoa 1. O Dr. Hector Durville, em 1909, desdobrou o corpo chamado por ele de aerosoma II. Outros pesquisadores de valor continuaram o trabalho. Foram eles. L. Lefrance e Charles Lancellin, mas foi H. Baraduc que conseguiu dissociar o aerosoma III. Esse novo elemento já não apresentava a forma humana como os primeiros, mas ovóide e luminosa. Seria o corpo mental concreto ou inferior (alma inteligente) Em 1912, L. Lefranc, dissociou o IV aerosoma, percebendo que sua forma assemelhava-se a uma chama de halo muito brilhante. Era o corpo casual, detentor da vontade e da memória.

Após o período da guerra civil de 1914, em 1918, Charles Lancellin desenvolveu novo processo de desdobramento, mais eficiente, e com isso conseguiu mais completa dissociação dos elementos da alma humana. Ele conseguiu dissociar os elementos V, VI, VII, alma moral, intuitiva e conscencial, considerando que o atima ou centelha divina seria o VII elemento, perfazendo o total de 9 corpo físico.

O trabalho perseverante desses estudiosos criou base seguras para outros pesquisadores. Os métodos usados em experimentos eram morosos e visavam sempre a comprovação científica das informações e conhecimentos legados pelos antigos iniciados. Surge então o Dr. Lacerda e com ele a apometria que para nós representa a prática proveitosa das experiências dos pesquisadores que o antecederam. A técnica permite trabalhar com o fenômeno anímico e facilita explorar o plano astral, espiritual e psíquico.

A apometria é uma ótima técnica de desdobramento do agregado anímico espiritual e também instrumento de trabalho energético. Todos que trabalham com a mediunidade podem produzir muito com ela. Essa atitude não é a única pois que ela tem outras aplicações que permitem um atendimento mais claro das percepções das causas de enfermidades e distúrbios nos demais caminhos terapêuticos: O médium que exerce sua mediunidade submetendo-se às técnicas opométricas aumenta seu rendimento. Seu contato com o plano espiritual se torna muito mais fácil. O vidente desdobrado em trabalho de ajuda pode não praticar vendo e narrando de onde estiver como também, e é comum, praticar de amparo as entidades que precisam sintonizar-se com o próprio ou com outro médium. Exerce assim, muitas vezes as funções de doutrinador. O médium desdobrado e consistentes, com a experiência que tem, vê e ouve espíritos durante o transe de desdobramento. Além de se deslocar no espaço, visita, então, lares, colônias do astral, regiões umbralinas durante as sessões, assim como prática de resgates de espíritos sofredores com caravanas de socorristas. O médium desdobrado

acompanha espírito de enfermos desdobrados, em corpo astral, enquanto estes são atendidos por médicos da espiritualidade. Nessas condições pode relatar tudo do atendimento, diagnósticos, cirurgias astrais, enfim detalhes da promática do paciente. Os pacientes desdobrados são atendidos com maior eficiência, profundidade e rapidez pelos médicos desencarnados. Os diagnósticos são minuciosos, precisos, Nas cirurgias astrais emprega-se alta técnica e sofisticada aparelhagem, em hospital do astral superior. Médicos mortos de doentes em corpo astral, médiuns e pacientes visitando hospitais invisíveis, com salas e aparelhagem complexa, tudo parece fruto da imaginação fantasiosa, beirando a ficção científica. Mas não é. Não há como escapar à evidência de que com a opometria, o processo terapêutico se amplia e diversifica. Não obstante tudo isso, ela operacionaliza a regressão de encarnados e desencarnados às vidas anteriores, e ao mostrar o passado ao enfermo, revela sua vinculação cármica com outros espíritos. Os efeitos dos tratamentos são naturalmente duradouro pela profundidade com que são realizados.

Forças utilizados na Apometria

Na realização dos trabalhos com apometria é necessário que compreendamos o que temos a nossa disposição oferecido pela natureza para atuarmos com eficiência. Não basta apenas a vontade de servir por é importante saber como servir. A ingenuidade assim como a leviandade podem prejudicar o rendimento do atendimento. Sabemos que o espaço cósmico é um reservatório infinito e inesgotável de energias a nossa disposição. Essa disponibilidade, que torna virtual propriedade nossa é, muitas vezes, ignorada por nós. O seu estado não nos é familiar e por isso teimamos em não reconhecer essa possibilidade. Essa energia inesgotável é uma força em estado potencial, campo que não atendemos, e está em repouso e poderá ser moldável. Ela é sensível às forças que atuarem sobre ela. A ferramenta motriz que move, molda e direciona – com poder ilimitado – essa energia é a nossa mente sob a ação da vontade. Além da força cósmica utilizada pela apometria sabemos também que a mente, essa usina de força de natureza radiante eis que, por isso, o pensamento pode se transmitir à distância e ser captado. Se o pensamento é onda em propagação tem de ser regido pelas mesmas leis que está sujeita a energia eletromagnética. A energia mental tem vetor de fluxo, o pensamento tem direção e um ponto de aplicação - que é o objeto do pensamento. Esse fluxo age sobre a energia cósmica livre, plasmando-a. Em consciente ato de vontade qualquer um de nós pode, pela extraordinária capacidade energética do corpo físico, comandar mentalmente a aglutinação dessa energia e assim provocar um acúmulo ou intensificação dessa potencialidade que gerará um estado um estado de desequilíbrio, em relação ao meio, e então a energias estará pronta para ser projetada, ou manipula da maneira que se desejar, de modo a criar coisas. É assim que os espíritos superiores constroem casas, mobiliários, veículos, no mundo astral. Eles gastam poucas horas para conseguir isso enquanto nós levaríamos muitos mais se fossem construir aqui no plano.

Apometria Aplicada

Assim como eles, também nós somos espíritos, cujo instrumento de expressão e consciência é a mente, embora muitas vezes não aceitemos essa condição, dessa maneira temos também condições de operar no mundo astral, conforme nossa vontade e a energia mental liberada. Esse poder de fazer, modelando ou desagregando, que possuímos nossa dimensão, é parecido com o que temos sobre o mundo físico, enquanto encarnamos. Esse poder transforma também o mundo que nos rodeia pois que o transformamos à vontade; construímos, destruimos dentro das atuais condições físicas, volitivas, ambientais e energéticas. Sempre é, antes fruto da nossa imaginação que se materializa pela vontade.

A ação da energia mental não apresenta diferenças significativas, conforme o espírito seja encarnado ou não. A diferença está no fato tempo. No mundo físico tudo é mais lento para ser construído pois é necessário que se vença a matéria e a inércia de sua massa. O conhecimento e a aplicação prática dessa possibilidade constituem o segredo do êxito que se obteve até agora no trato com os espíritos. No livro de André Luiz, Obreiros da Vida Eterna, na cap. Um visitante ilustre, é descrita a formação de uma paisagem onde deveria se materializar um entidade da dimensão crítica. No seu livro Matéria e Espírito, O Dr. Lacerda relata como trabalhava, ou melhor como manipulava grandes quantidades de energias do manancial cósmico. Também no nosso grupo de trabalho espírita, temos essa experiência vivenciada a cada reunião. Criamos, roupas limpas, alimentos que oferecemos a grupos de espíritos famintos e maltrapilhos assim como curamos suas feridas aliviando suas dores. Depois disso, já acalmamos em suas necessidades, são doutrinados.

Nesse processo de manipulação das energias cósmicas, nós somos os mediadores que as atraímos, aglutinamos e condensamos e depois as misturamos com as nossas energias vitais (força Zeta) e após transformar a frequência vibratória delas em frequências assimiláveis pelos espíritos enfermos, por transdução, nos aplicamos essa massa sobre eles para aliviar suas dores e sofrimentos. Servimos como transdutores quando recebemos, transformamos e projetamos as energias.

Contagem por pulsos

A aglutinação que se realiza nessa energia ocorre em função e em obediência a uma vontade firme e experimentada. Ela se faz paulatinamente, ao compasso de contagem lenta. Cada número pronunciado, é pulsado energético destinado a produzir um segmento do que se pretende criar; assim, avançado a contagem 1..2..3..4, pausadamente, parte por parte, se chega ao resultado final que de tão rápido chega a ser assombroso. Nessa forma de trabalhar energias cósmicas e mentais não deve haver mistérios. A contagem cadência o fluxo de impulsos ou pulsos energéticos, nada mais, não há mística em torno do número usado de vezes, nem no tom de voz, nos atos ou gestos do operador. Não

há ideia de ritual ou ritualização do ato volitivo. Trata-se apenas de um ato simples e amoroso de querer.

Vantagens

Sob o Enfoque científico, a técnica apométrica é basicamente simples. Nas sessões de desobsessão pensa-se tratar de obsessores, espíritos que sofrem, apenas pela dialética. Procura-se consolar, caridosamente, convencendo-o de que dor é uma ilusão. Diz-se muitas vezes que espírito não tem corpo. O espírito que sente e sofre tem dificuldade de entender isso. Ele não quer saber se a matéria existe ou não, assim como nós quando estamos sofrendo dor de queimadura queremos o remédio que nos alivie o sofrimento eles também querem e precisam de algo que os tranquilizem e curem. Na nossa apométrica, há muitos anos, empregando as técnicas, curamos grandes levas de espíritos maltrapilhos, esgotados, verdadeiros esqueletos, de forma animalescas, trazidos para receberem as energias vitais que necessitam. Orientamo-nos então. A bondade de Jesus é mostrada, a oportunidade e possibilidade de progresso que terão, também é mostrada. São encaminhados para regiões melhores do astral, após serem tratados. E eles seguem devidamente amparados pelos trabalhadores espirituais assim como médiuns desdobrados, algumas vezes.

Tratamento

Obsessão, auto obsessão, novas síndromes

A enfermidade do espírito, seja encarnado ou não, precisa ser tratada, na casa espírita, com caridade, isto é, com amor, paciência e perseverança. Além dessa consciência é importante também que os espíritas que realizam esse trabalho observem que no mundo espiritual tudo funciona e acontece como no mundo físico. Na verdade, todos sabemos, o nosso mundo é apenas uma pálida realidade do mundo dos espíritos. Por isso nos trabalhos de ajuda devemos conhecer os lugares de tratamento, como hospitais do astral para onde devemos encaminhar espíritos enfermos. Sempre sob comando energético nosso, sem ser necessário e concurso e ajuda de Espíritos Superiores, que nem sempre podem estar à nossa disposição. Devemos evitar o hábito, de transferir essa assistência para os espíritos, sem nos importar com o que possa acontecer com os desencarnados atendidos – achando que os espíritos socorristas são onipresentes e onipotentes. Mandar os espíritos em sofrimento para o espaço acreditando que tudo está resolvido será, no mínimo, ingenuidade nossa. Podemos cometer grave erro, agindo assim. Seria como se o doente de um hospital do nosso mundo fosse atendido e em seguida colocado na rua para que se completasse sua recuperação.

Se o tratamento de espíritos enfermos inclui cuidados especiais como os citados acima, também é certo que devemos lembrar que o desencarne não santifica aquele que passa para o lado de lá. É correto agir sabendo que o homem conserva, no outro lado, a mesma consciência que o

animava, quando vivo. Quando liberto da carne ele pode piorar, numa degradação muito mais frequente do que se pensa. Se odiava, ao se ver desencarnado, a pessoa se lança contra o desafeto com toda sua força. O corpo físico age nessas situações como se fosse uma barreira de proteção ao espírito encarnado, que certamente ficaria a mercê de seus inimigos invisíveis. Nem sempre essa proteção funciona como deveria e pela persistência o agressor, usando de recursos especiais, consegue atingir sua vítima. É difícil os vivos se verem livres dos desencarnados. Estes por não poderem agir diretamente sobre o corpo físico atuam no astral, dimensão em que vivem e se movimentam, assim como os desencarnados também agem nesse campo. Sua atenção é para perturbar, provocar moléstias, discórdias, tragédias e, eventualmente causando a morte.

As síndromes psicopatológicas como a obsessão simples ou complexa, a auto obsessão, pseudo obsessão e os casos de presença de campos magnéticos negativos, sem a assistência de obsessores desencarnados, os casos de aparelho parasitas colocados no sistema nervoso ou ainda os casos de instrumentos fixados no corpo, visando provocar enfermidades localizadas, assim como os fenômenos anímicos auto obsessivos como a ressonância com o passado; recordação tormentosa, fragmentária, de encarnação anterior; correntes mentais auto induzidos; estigmas físicos e psíquicos que formam núcleo obsessivos: desajuste reencarnatórios, enfim tudo que leva o espírito ao contínuo sofrimento muitas vezes são doenças que surgem de modo misterioso, com sistemas que desnorteiam o diagnóstico médico. O tratamento apométrico devidamente observado tem esclarecido esses casos e também conseguindo resolvê-los.

Quando essa perturbação é realizada por espíritos, seres muito inteligentes e maldosos, ela é de difícil trato na sessão de desobsessão. É necessário quase sempre o uso de técnicas especiais para contê-los e doutriná-los. No livro *Matéria e Espírito*, Dr. Lacerda, há um caso muito interessante e do qual, ao transcrevê-lo, aproveitamos para falar sobre o uso da física quântica na apometria.

MECÂNICA QUÂNTICA

-Obsessores competentes (magos negros)

Faremos um resumo do caso atendido pelo Dr. Lacerda, na Casa do Jardim, em Porto Alegre, fins de 1984. “Durante uma reunião, depois de exaustivo atendimento de numerosas pessoas enfermas, ele se defronta com um espírito obsessivo que ostenta as terríveis características de mago negro. Não é violento e nem aparenta ódio. Com serenidade de quem se presume antecipadamente vencedor, sorri, seguro do seu poder. Diante de tais demonstrações o Dr. Lacerda percebe que tem diante de si um caso que vai exigir muito de sua experiência e da sua capacidade de servir. Esses espíritos acumulam grande conhecimento sobre a magia e suas técnicas, das quais tem incrível experiência; muitas vezes são mestres, também, na arte de torturar criaturas, além de conhecer Física transcendental e, sobretudo, magnetismo. Com ar de superioridade, maneiras polidas e calmas,

zomba de quem o desafie. Dificilmente são contidos, pois se protegem com mais variados recursos, inclusive campos de força, equipamentos sofisticados guardados em suas bases montadas no astral inferior e protegido por séquitos de guardas e vigias. São muito perigosos, por conhecerem, profundamente, avançadas técnicas de manipulação de energias vitais humanas. Quando incorporados, vão sugando energias do médium enquanto falam. Com esses espíritos o procedimento tem de ser objetivo, direto. A dialética somente, embora amorável, só faz com que se riam e mofem de tal ingenuidade, como acontece nas sessões normais de desobsessão. Para anulá-los é preciso anular a iniciação que tenham recebido, desativando-se seus poderes magnéticos de que se tornaram possuidores e dos quais vem abusando, ao longo, não raro, de milênios. O correto é levá-los imediatamente ao passado, ao templo onde receberam a iniciação, e de lá retirar, destruindo em seguida, todos os objetos de culto que lhe serviram para obtenção dos poderes. Com essas informações vamos voltar à reunião com o espírito que ainda sorri diante dos médiuns, transbordante de confiança. Ele estava resistindo a todo tipo de técnica empregada pelo dirigente da sessão. Na ao paralisava. Ele conseguia desviar todas as projeções magnéticas empregadas para sua contenção. As dificuldades permaneciam apesar das tentativas e foi quando uma das entidades trabalhadoras da casa, vovó Joaquina, que se apresenta na “roupagem de preta velha” incorpora em uma das médiuns e com sua maneira sábia e amorosa diz, com jeito de quem quer ajudar, se o Dr. Lacerda conhecia o que era “spin. De início ele não compreendeu bem. Que espinho? Por quê? Não pensava ainda no número quântico. Ela insistiu forçando-o a pensar mais e foi então que ele compreendeu tudo. Então ela disse-lhe para dar uma inversão no spin ao mesmo tempo que espalmando a mão na direção do espírito ajudou-o no procedimento. O Dr. Lacerda começou a contagem comandando a formação de intenso campo magnético que provoque a modificação no momento angular dos spins do corpo astral do mago defasando-os em 45°. Quando termina a contagem de sete pulsos, o efeito é rápido. O mago negro como que se desestrutura e demonstra como um bloco, ficando inconsciente. Vovó Joaquina aproveita o momento e o conduz para local de recuperação em sua cidade astral.”

O caso é bem o exemplo de que conhecimentos e leis de Física e Mecânica Quântica se aplicam em ambas as dimensões, tanto físicas quanto astrais. Parece-nos que nada acontece fora das leis da Física Quântica, pelo menos no astral. Os médiuns confirmam esse fato e respondem sempre a elas, em qualquer situação; quando se submetem a campos magnéticos para desdobramento, incorporações, sintonias, aglutinações de energias, contenção de entidades maléficas, ressonância e toda e qualquer aplicação de energias sob comando do operador. Neste caso em particular uma outra questão que surge é a respeito do conhecimento da vovó Joaquina. Sem dúvida se confirma aqui a multiplicidade de encarnações e o aprendizado em cada uma delas. Fica ainda a pergunta sobre quanto ela teria aprendido sobre a Física pois que esta, para nós, surgiu a partir do início do século passado.

No caso relatado, e como já ocorrido outras vezes, não só nós trabalhamos, os quais, o Dr. Lacerda, quando ainda encarnado, dirigia, como também no Grupo Espírita Renovação e Amor o emprego da Física Quântica se dá na inversão de spins. Quando aplicamos energia por pulsos,

conforme orientado pela entidade, modificamos o momento angular do spin, fazendo com seu veto, que é paralelo ao vetor do spin do núcleo, se incline em relação ao plano da órbita do elétron e, conseqüentemente em relação a direção do vetor do núcleo. Essa mudança do momento angular afeta todo o equilíbrio da matéria causando, no espírito, perda de energia e, portanto, força de atuação e também em outras estruturas, como bases ou aparelhos, dissociação de seus componentes por perda de energia de coesão.

O salto quântico também é usado para mudar o padrão vibratório das entidades, elevando-o para que elas, em nível mais alto, aceitem em paz, palavras de doutrinação e harmonia, para que possam se enquadrar no plano adequado à sua realidade, já que estavam sob forte influência telúrica. Outro emprego do salto quântico é possível quando se deseja promover o deslocamento das entidades ao longo do tempo, em especial, para regressões ao passado.

Como o emprego de energia é uma constante nos trabalhos apométricos, desde a indução do desdobramento, passando pela dissociação dos corpos espirituais até a cura de suas enfermidades fica claro que estão praticamente vinculadas as demais técnicas e procedimentos aos fenômenos estudados na Física Quântica. Como? Pela emissão de energia a partir dos organismos dos médiuns e do dirigente, que recebendo energia cósmica a qual altera as órbitas de seus elétrons que, ao retornarem, emitem energia modulada para fins específicos, e somando suas próprias energias vitais, remetem ao mundo espiritual um caudal de forças físicas e mentais de incomensurável valor.

DESDOBRAMENTO: Na Visão de Allan Kardec e André Luz

A apometria é regida por leis que a definem e controlem. A primeira delas se refere ao desdobramento espiritual. O desenvolvimento da apometria se deu em vista dos conhecimentos da doutrina espírita deixados por Allan Kardec, André Luiz e tantos outros. A respeito do desdobramento apométrico podemos indicar alguns livros da obra do codificador que esclarecem o assunto assim como de André Luiz. No Evangelho Seg. o Esp., cap. 28, na parte final, onde fala do sono, das preces antes de dormir, diz o seguinte, “Enquanto os sentidos estão entorpecidos, a alma se liberta em parte da matéria e goza de suas faculdades de espírito “e vai visitar os lugares onde pode dar livre curso às suas tendências”. Outra referência “E o espírito vai se retemperar entre outros espíritos (...) é o retorno do exilado à sua verdadeira pátria; é o prisioneiro momentaneamente libertado”. No L.M. cap. VII, item 114 ele diz “tudo que foi dito sobre as propriedades do perispírito depois da morte se aplica ao perispírito dos vivos” No O.P., cap. IV, Kardec, nos esclarece que “a faculdade emancipadora da alma e seu desprendimento durante a vida podem dar ensejo a fenômenos análogos aos que apresentam os espíritos desencarnados. Se fosse necessário que Kardec desse seu aval para a existência do desdobramento, bastaria apenas uma afirmação sua, no entretanto sua obra está cheia de referências. Ainda no L.M., item 119 respondendo à pergunta 3 o espírito disse “A alma pode se dividir quando transportada para um lugar diferente daquele onde se encontra o corpo. Pode acontecer que o corpo

não durma”. Essa divisão, pode ser entendida, hoje, como a dissociação de corpos espirituais que se realiza durante os trabalhos apométricos com espíritos incorporados em médiuns, sejam eles encarnados ou desencarnados. Mais de cem anos se passaram para que pudéssemos entender isso e aplicássemos como recurso de tratamento espiritual. Outra referência importante é a que se refere a evocação de pessoas vivas, no L.M. cap. XXV o espírito adianta o que ocorre hoje nas sessões de desobsessão apométrica. Nós os evocamos e eles comparecem assim como comparecem espíritos desencarnados. Há limites? Sim há. Nesses casos além de podermos sintonizá-los em um médium também podemos dissociar seus corpos perispirituais e sintonizá-los cada um em um médium e aí tratar seus problemas muito mais profundamente.

Na obra de André Luiz, apenas no livro Entre a Terra e o Céu há mais de vinte citações. Citando seus personagens ele diz o seguinte: “Antonina em seu veículo sutil, surgiu à porta da câmara, vindo ao nosso encontro, página 49.” Mais uma “Nesta hora, muitas irmãs da terra chegam em visitas a filhinhos desencarnados”. Ação magnética –

Para fins de esclarecimento distinguiremos em três as formas de desdobramento, não falaremos da projeção:

- 1- Natural – ocorre durante o sono. Todos podem sair do corpo.
- 2- Espontâneo: você está no estado de vigília, em casa, consciente, e pode surgir no centro espírita.
- 3- Por ação magnética ou apométrica: é o que é induzido, provocado. A diferença está no emprego de energia externa para provocar o fenômeno e também que você poderá não ter consciência do que ocorre. Alguns percebem.

Leis da Apometria

1ª Lei do Desdobramento: Toda vez que, em situação experimental ou normal, dermos uma ordem de comando a qualquer criatura humana, visando à separação de seu corpo espiritual – corpo astral – de seu corpo físico, e, ao mesmo tempo, projetaremos sobre ela pulsos energéticos através de uma contagem lenta, dar-se-á o desdobramento completo dessa criatura, conservando ela a sua consciência.

Técnica – Nesta Lei geral se baseia a apometria. No campo dos fenômenos anímicos a técnica de sua aplicação representa uma verdadeira descoberta. Ela possibilita explorar e investigar o plano astral, com bastante facilidade. Não dá condições, é evidente, de nos aprofundarmos até abismos trevosos do interior do planeta, nem nos permite a ascensão a píncaros espirituais, mas com ela podemos assistir os desencarnados na erraticidade, com vantagens inestimáveis tanto para eles como para os encarnados que lhe sofrem as obsessões.

A técnica é simples. Com o comando, emitem-se impulsos energéticos através de contagem em voz alta – tantos (e tantos números) quantos forem necessários. De um modo geral, bastam sete – ou seja – contagem de 1 a 7.

2ª Lei do Acoplamento Físico: Toda vez que se der um comando para que se reintegre no corpo físico o espírito de uma pessoa desdobrada (comando acompanhado de contagem progressiva) dar-se-á de imediato e completo acoplamento no corpo físico.

Ela é o inverso à lei do desdobramento.

Técnica – Se o espírito da pessoa desdobrada estiver longe do corpo, comanda-se primeiro a sua volta para junto do corpo físico. Em seguida, projetam-se impulsos (ou pulsos) energéticos através de contagem, ao mesmo tempo que se comanda a reintegração do corpo físico.

3ª Lei da Ação à Distância pelo Espírito Desdobrado: Toda vez que se ordenar ao espírito desdobrado do médium uma visita a lugar distante, fazendo com que esse comando se acompanhe de pulsos energéticos através de contagem pausada, o espírito desdobrado obedecerá à ordem, conservando sua consciência e percepção clara e completa do ambiente (espiritual ou não) para onde foi enviado.

Nota importante: esta Lei é aplicada, de ordinário, em sensitivos que conservam a vidência, quando desdobrados.

Técnica – Ordena-se ao médium desdobrado a visita a determinado lugar, ao mesmo tempo que se emite energia com contagem lenta. Ele se desloca seguindo os pulsos da contagem, até atingir o local estabelecido. Como permanece com a visão psíquica, transmite, de lá, descrições fiéis de ambientes físicos ou espirituais, nestes últimos se incluindo a eventual ação de espíritos sobre encarnados.

Este tipo de desdobramento exige certos cuidados com o corpo físico do médium, que deve ficar em repouso – evitando até mesmo que seja tocado.

4ª Lei da Formação dos campos de força: Toda vez que mentalizarmos a formação de um abarreira magnética, por meio de impulso energético através de contagem, formar-se-ão campos de força de natureza magnética, circunscrevendo a região espacial visada na forma que o operador mentalizou ou imaginou.

Técnica – Mentalizamos fortemente um barragem magnética e projetamos energias para sua concretização, através de contagem até sete. Há de se formar um campo de força simples, duplo ou triplo, e com frequências diferentes conforme desejarmos. A densidade desses campos é proporcional à força mental que os gerou. Costumamos empregar esta técnica para proteger ambientes de trabalho, e, principalmente, para a contenção de espíritos rebeldes.

5ª Lei da Revitalização do Médium: Toda vez que tocarmos o corpo de um médium (cabeça, mãos) mentalizamos a transferência de nossa força vital, acompanhando-a de contagem de pulsos, essa energia será transferida. O médium começará a recebê-la, sentindo-se revitalizado.

Técnica – Pensamos fortemente na transferência de energia vital de nosso corpo físico para o organismo físico do médium. Em seguida, tomamos as mãos do médium ou colocamos nossas mãos sobre sua cabeça, fazendo uma contagem lenta.

6ª Lei da Condução do Espírito Desdobrado, de paciente encarnado, para planos mais altos, em hospitais do astral: Espíritos desdobrados de pacientes encarnados somente poderão subir a planos superiores do astral, se estiverem livres de peias magnéticas.

Técnica – É comum ao desdobrar-se um paciente a fim de conduzi-lo ao plano astral superior (para tratamento em hospitais) encontrá-lo, já fora do corpo, completamente envolvi do em sudários aderidos ao seu corpo astral, por laços, amarras e toda a sorte de peias de natureza magnética, colocados por obsessores interessados em prejudicá-lo. É necessário que se realize a limpeza.

7ª Lei da ação dos desencarnados socorristas sobre pacientes desdobrados: Espíritos socorristas agem com mais facilidades sobre enfermos se estiverem desdobrados, pois que uns e outros, desta forma, se encontram na mesma dimensão espacial.

Técnica – Estando o paciente no mesmo universo dimensional dos espíritos protetores (médicos, técnicos, enfermeiros e outros trabalhadores), estes agem com muito mais profundidade e rapidez. Os diagnósticos tendem a ser mais precisos e as operações cirúrgicas astrais também são facilitadas, pois quase sempre o espírito do paciente é conduzido a hospitais do astral que dispõem de abundantes equipamentos, recursos altamente especializados, com emprego de técnicas médicas muito mais avançadas e aperfeiçoadas.

8ª Lei de ajustamento de sintonia vibratória dos espíritos desencarnados com médium ou com outros espíritos desencarnados, ou de ajustamento da sintonia destes com ambiente para onde, momentaneamente, forem enviados: Pode-se fazer a ligação vibratória de espíritos desencarnados com médiuns ou entre espíritos desencarnados, bem como sintonizar esses espíritos com o meio onde foram colocados, para que percebam e sintam nitidamente a situação vibratória desses ambientes.

Técnica – Quando se quiser entrar em contato com desencarnados de nível vibratório compatível com nosso estado evolutivo, presente no ambiente, projeta-se energia em forma de pulsos rítmicos, ao mesmo tempo que se comanda a ligação psíquica. Por essa técnica se estabelece a sintonia vibratória entre sensitivo e desencarnado, facilitando grandemente a comunicação. Ela abre canal sintônico entre a frequência fundamental do médium e do espírito; emitidos por contagem, os pulsos energéticos fazem variar a frequência do sensitivo do mesmo modo como acontece nos receptores de rádio, quando giramos o dial do capacitor variável até estabelecer ressonância com a fonte oscilante (estação) que se deseja. Se o espírito visitante tiver padrão vibratório muito baixo ou se estiver sofrendo, muito, o médium baixa sua tônica vibratória ao nível da entidade, e fica nessa situação.

9ª Lei do deslocamento de um espírito no espaço e no tempo: se ordenamos a um espírito incorporado a volta a determinada época do Passado, acompanhando-a da emissão de pulsos energéticos através de contagem, o espírito retorna à época do Passado que lhe foi determinada.

Técnica – Costumamos fazer o espírito regressar ao Passado para mostrar-lhe suas vivências, suas vítimas, sua conduta cruel e outros eventos anteriores à existência atual, no objetivo de esclarecê-lo sobre as leis da Vida. Há ocasiões em que temos que lhe mostrar as injunções divinas que o obrigam a viver em companhia de desafetos, para que aconteça a harmonização com eles, além de outras consequências benéficas à sua evolução. O conhecimento, aqui ou no plano espiritual é Luz. Tão logo se esclarece, sentindo, sobre o funcionamento da lei do karma, qualquer sofredor desencarnado dá um passo decisivo em sua evolução, pois se elucidam suas vivências passadas com todo o cortejo dos não menos dolorosos efeitos. Também usamos essa técnica, e com grande proveito para conduzir magos negros ao Passado, a fim de anular os campos energéticos que receberam em cerimônias de iniciação.

10ª Lei da dissociação do espaço-tempo: Se por aceleração do fator tempo, colocarmos no futuro um espírito incorporado, sob comando de pulsos energéticos, ele sofre um salto quântico, caindo em região astral compatível com seu campo vibratório e peso específico cármico Km negativo – ficando imediatamente sob a ação de toda a energia Km de que é portador.

Técnica – Chamamos de Km o peso específico do karma do indivíduo, isto é, a energia cármica de que está carregado. Constitui a massa cármica a resgatar; de uma determinada pessoa: por ser assim individual, consideramo-la específica. O fator m indica a massa maléfica desarmônica. Esta lei é importante porque nela se baseia uma técnica para tratamento de obsessores simples, mas renitentes. A técnica é simples. Basta projetarmos energia magnética por pulsos rítmicos e através de contagem, sobre o espírito incorporado, ao mesmo tempo em que se lhe dá ordem de saltar para o futuro. Esta técnica só deve ser usada em espíritos desencarnados, visando a esclarecê-los. O salto quântico acontece imediatamente, e o espírito passa a se ver no novo ambiente, sentindo-lhe a profunda hostilidade. Dá-se o abrupto encontro com toda a massa cármica negativa, com grande incômodo para o culpado.

Para desligar o espírito do médium, devemos fazê-lo, antes, retornar lentamente para a época presente porque ao ser projetado para o futuro, o espírito passa a viver em uma nova equação de tempo, de vez que o futuro ainda não foi vivido por ele, mas seu karma negativo continua a sobrecarregá-lo. Como este Km ainda não foi resgatado, também não foi distribuído ao longo do tempo: fica condensado e acumulado sobre seu corpo astral, comprimindo-o. Se, de repente, o desligarmos do médium, toda a massa negativa (ainda não espalhada em outras encarnações) precipita-se sobre ele de uma só vez. E ei-lo reduzido a ovoide. É como se o espírito possuísse um caminhão de tijolos a ser descarregado ao longo de sucessivos amanhãs, mas que tivesse atirada essa carga de uma só vez, sobre sua cabeça, por acidente. O esmagamento seria inevitável.

11ª Lei da ação telúrica sobre os espíritos desencarnados que evitam a reencarnação:

Toda vez que um espírito desencarnado possuidor de mente e inteligência bastantes fortes consegue resistir à Lei da reencarnação, sustando a aplicação dela nele próprio, por largos períodos de tempo (para entender a interesses mesquinhos de poder e domínio de seres desencarnados e

encarnados), começa a sofrer a atração da massa magnética planetária, sintonizando-se em processo lento, mas progressivo, com o planeta. Sofre apoucamento do padrão vibratório, porque o planeta exerce sobre ele uma ação destrutiva, deformante, que deteriora a forma do espírito e de tudo o que o cerca, em degradação lenta e inexorável. Os fenômenos de deterioração da forma, sendo relativamente rápidos, também são passageiros. Vistos da eternidade, tem a duração de uma enfermidade curável. O espírito, mais tempo ou menos tempo, reintegra-se ao fluxo reencarnatório e assim, vivendo e morrendo, vivendo e morrendo, reconquista o caminho perdido. Muito mais séria – porque irresistível – é a pavorosa deformação que sofrem os espíritos que transgridam sistematicamente a Lei da reencarnação. Não é fenômeno comum, pois somente entidades sumamente negativas e dotadas de mente poderosa – como, por exemplo, os magos negros – têm condições e temeridade bastante para desprezar e recusar a vida. Tão lenta é essa degradação que nem mesmo o espírito que a padece costuma percebê-la. O que é de suma gravidade, já que a deformação, segundo tudo indica, não tem reversão. Já observamos muitas entidades com esses sinais de decadência.

12ª Lei do choque de tempo: Toda vez que levamos ao Passado espírito desencarnado e incorporado em médium, fica ele sujeito a outra equação de Tempo. Nessa situação, cessa o desenrolar da sequência do tempo tal como o conhecemos, ficando o fenômeno temporal atual (presente) sobreposto ao Passado.

Técnica – É a mesma descrita nas leis anteriores; emprego de pulsos energéticos através de contagem.

13ª Lei da influência dos espíritos desencarnados em sofrimento, vivendo ainda no passado, sobre o presente dos doentes obsessados: Enquanto houver espíritos em sofrimento no passado de um obsessado, tratamentos de desobsessão não alcançarão pleno êxito, continuando o enfermo encarnado com períodos de melhora, seguidos por outros de profunda depressão ou de agitação psicomotora.

Técnica – Em primeiro lugar, procede-se ao atendimento dos obsessores que se encontram em volta do paciente, retirando-os para estâncias do astral especializadas no tratamento de tais casos. Não se deve esquecer que obsessor; ou qualquer sofredor, só deve atender uma vez. Quando bem-feito o tratamento, com assistência espiritual de vida, todos os espíritos malfazejos são retirados definitivamente – num único contato. Deixar obsessor solto após breve esclarecimento evangélica é um erro, e não basta apenas um simples diálogo de alguns minutos para demover perseguidores renitentes. Muitas vezes esse trabalho além de inútil é também prejudicial. As vezes o encarnado, sente o alívio do afastamento desses espíritos, mas ainda continua a receber as emanações de faixas vibratórias de várias frequências, oriundas do passado, que refluem e se tornam presentes, por ressonância vibratória. São quase sempre faixas de ódio e dor. O paciente sente, angustia indefinida, sofrimento e desespero e só terá paz se tudo for trazido ao presente e passado à limpo. Vamos tratando encarnação por encarnação limpando essas faixas do passado.

Mais uma vez devo lembrar Allan Kardec para que se concretize a fé raciocinada que ele nos ensinou. Na base doutrinária que ficou do seu trabalho, ele diz “lembramos somente que o conhecimento do perispírito é a chave de uma infinidade de problemas, até agora inexplicáveis”. Hoje, embora sua obra continue sendo a base e a estrutura do extraordinário edifício da Doutrina Espírita, muitas informações se agregam a ela como tijolos que reforçam as paredes de um prédio ou então como frutos de uma árvore que não para de crescer e produzir.

Para que se possa realizar atendimento com maior profundidade nos tratamentos das enfermidades espirituais; obsessão, parasitismo, simbioses, etc., é necessário que se adote critérios de buscas das causas determinantes desses incômodos, tanto físicos, como psíquicos. Essa busca, a apometria realiza através da pesquisa feita no agregado humano, isto é, nos corpos que compõem esse agregado, a saber; o corpo físico, corpo etérico, corpo astral, corpo mental inferior, corpo mental superior, corpo búdico e corpo átomico. Esta divisão setenário do Ser é consequência das pesquisas já citadas anteriormente e aceitas por todos os que realizam trabalhos espíritas com apometria.

O desdobramento realizado no paciente permite-nos acesso aos corpos espirituais que contém informações importantes para o esclarecimento do seu problema, ou seja, corpo astral, mental inferior e mental superior.

SISTEMAS TERNÁRIO E SETENÁRIO DO AGREGADO HUMANO:

Não nos demoraremos nas considerações do sistema ternário pois acredito que o assunto seja o domínio de todos os que se ocuparem desta leitura, mas procuraremos falar, embora resumidamente de cada um dos sete corpos desejando despertar, no leitor, o interesse mais aprofundado sobre o assunto, pois que alguma coisa já foi desvendada, porém muito há ainda para ser desenvolvido. O nosso desejo é que o interesse despertado cause nos companheiros espíritas o mesmo interesse ocorrido no Dr. Lacerda e mais recentemente no companheiro de jornada, autor de vários livros sobre apometria e dissociação dos corpos espirituais, José Godinho da Silva, figura expoente na divulgação da doutrina espírita e da apometria como ferramentas de ajuda aos espíritos, encarnados e desencarnados, que sofrem.

A concepção setenária é milenar e tem origem na antiga tradição oriental. Para ela o agregado humano (homem-espírito) compõe-se dois extratos distintos:

A- Tríade Divina ou Ternário Superior ou ainda Individualidade ou Eu Individualidade composta pelos corpos Átomico, Búdico e Mental Superior.

B- Quaternário Inferior ou Ego-Personalidade

Composta pelos corpos Mental Inferior ou Concreto, Astral ou Emocional, Duplo Etérico ou Corpo Vital e Corpo Físico ou Somático.

Os corpos físicos e elétrico são corpos materiais, que perdem-se pela morte. Os demais são espirituais e o ser os vai perdendo gradativamente na medida que evolui até se tornar espírito puro.

O CORPO FÍSICO

Carcaça de carne, instrumento de suporte passivo, recebendo a ação dos elementos anímico-espirituais, constituído de compostos químicos originários do próprio planeta. São milhares de vidas organizadas e administradas pela vida e comando do espírito. O único estudado e relativamente conhecido pela ciência oficial. Nele, somatizam-se os impulsos desarmônicos oriundos dos demais corpos, níveis ou subníveis da consciência, em forma de doenças, desajustes ou desarmonias, que são simples efeitos e não causa.

O CORPO ETÉRICO

Descoberto por Albert de Rochas 1893

Aerosoma I

Alma vital, vitalidade prânica, reproduz o talhe do corpo físico, estrutura tênue, invisível, de natureza eletromagnética densa, mas de comprimento de onda inferior ao da luz ultravioleta, quase imaterial. Tem por função estabelecer a saúde automaticamente, sem interferência da consciência. Distribui as energias vitalizantes pelo corpo físico, promovendo sua harmonia. Ele é o mediador ou elo plástico entre o corpo físico e o astral ou conjunto perispírito. Essas ligações acontecem ou se fazem por cordões ligados aos centros de força.

O corpo etérico é constituído por ectoplasma – sua base é o éter cósmico. É fundamental nos fenômenos de teletransporte (efeitos físicos) e acoplamento ou sintonia mediúnica. Ele possui individualidade própria e tem consciência um tanto instintiva e reduzida, podendo ser dividido em sete níveis ou camadas, grande número de doenças e desarmonias estão alojadas no Duplo Etérico, influenciando daí, o corpo físico. Sua cor é azul do lado esquerdo e alaranjado do lado direito e, quando em intensa atividade, tende ao azul-cinza-violáceo. Todos os seres vivos possuem duplo etérico, embora nem todos tenham o corpo astral e o mental. As criaturas dotadas de mediunidade devem ter o máximo cuidado com alimentos ou bebidas ácidas, entorpecentes, sedativas que podem afetar esse corpo. Pode ser afastado do corpo físico por pequenas distâncias, através de anestesia, transe mediúnico, sono, coma alcoólico, hipnotismo, etc... mas tende a reintegração.

O corpo etérico vibra em média 1 cm, acima do corpo físico. Sua função mais importante é transmitir para a tela do cérebro todas as vibrações das emoções e impulsos que o perispírito recebe da alma além de absorver a vitalidade ou prânica do mundo oculto emanada do sol, misturando-a com várias energias vitalizantes do planeta e distribuindo-as ao soma. Seu automatismo é instintivo e biológico, não inteligente.

No desencarne do ser, ele tem a função de drenar dos níveis mais altos para o cadáver, as energias residuais, aliviando, dessa forma, ao desencarnante as sobrecargas desnecessárias e evitando sofrimentos nos futuros charcos de lama acida do baixo astral, onde o mesmo teria que drenar esses sedimentos negativos. No desencarne por suicídio, acidente ou síncope cardíaca, há como que um choque violento, pela desintegração dos motos vorticócos (chackras), o que provoca o rompimento dos cordões fluídicos, impedindo a imediata e necessária drenagem de que se falou.

O CORPO ASTRAL – EMOCIONAL

Descoberto em 1990 pelo Hector Durville – França

Aerosoma II

Primeiro invólucro espiritual mais próximo da matéria. Sensibilidade geral, instinto, emoções passionais. Luminosidade variável, branca argêntea, azulada etc. É o (M.O.B.) Modelo Organizador Biológico, é o molde que estrutura o corpo físico. Observável por fotografias, vidências, moldagens, impressões digitais, tácteis e aparições fantasmagóricas. Todos os espíritos que incorporam em médiuns, possuem esta estrutura corpórea sutil, necessária à sua manutenção no mundo astral. Já os espíritos que não possuem este corpo em virtude de sua evolução, se comunicam com médium via intuição mental.

Observa-se que nos casos de mediunidade reprimida, isto porque, aqueles médiuns que se recusam sistematicamente a educar sua mediunidade e colocá-la a serviço do semelhante no trabalho de bem, acumulam energias nesse corpo e no duplo etérico, deformando-os e prejudicando-os.

O corpo astral tem ainda a função da sensibilidade, dor ou prazer, registro das emoções sob vontade, desejos, vícios, sentimentos, paixões, etc., que nele são impressos pela força do psiquismo. Ele é usado no mundo espiritual para incorporações mediúnicas. O corpo astral pode desencaiar (desdobrar) do corpo físico por anestesia, coma alcoólico, droga, choque emotivo ou desdobramento apométrico da mesma forma que o duplo etérico. É com ele que, nos trabalhos com a técnica da apometria, projeções astrais conscientes ou por sonho, viajamos e atuamos no tempo e no espaço. Desdobra-se em 7 subníveis conservando sua consciência e faculdades.

CORPO MENTAL INFERIOR OU CONCRETO

Descoberto pelo Dr. Baraduc entre 1909 e 1912 – França Aerosoma III

Alma inteligente, mentalidade, associação de ideias, sua aura ovalada envolve todo o corpo. Pode ser registrado por fotografias ou percebido pela vidência. É o corpo que engloba as percepções simples, através dos sentidos comuns, avaliando o mundo através do cheiro, peso, cor, tamanho, gosto etc. é o repositório do cognitivo. É o primeiro banco de dados onde a mente física busca as informações que precisa, seu raciocínio é seletivo. Ele registra aquilo que, exterior à nossa pele, impressiona o nosso

sistema nervoso. Está mais relacionado com o Ego inferior ou personalidade encarnada. Quando em desequilíbrio gera sérias dificuldades comportamentais tais como comodismo, busca desenfreada de prazeres mundanos, vícios, etc. Normalmente sua forma é ovalada e tem cores variáveis podendo desdobrar-se em 7 subníveis com os mesmos atributos que lhe são inerentes.

CORPO MENTAL

Descoberto em 1912 por Hector Durville – França

Aerosoma IV

Memória criativa, pode ser percebido pela vidência. Ele é o segundo grande banco de dados de que dispõem o ser. Ele elabora estrutura princípios e ideias abstratas, buscando síntese ou conclusões que por sua vez são geradoras de novas ideias e assim por diante infinitamente. Se no corpo mental inferior somos capazes de avaliar a forma de um cubo, no mental superior realizaremos os cálculos de seu volume.

Quando ligado a coisas superiores, ocupa-se de estatutos e pesquisas visando o aprimoramento do ser. Quando apegado às vivências inferiores em conexão com seus atributos de poder, mando e domínio do meio, cria sérias dificuldades à personalidade encarnada, pois costuma fragmentar-se em subníveis, liderando linhas de perturbação com os demais, que se ausentam, ignorando a realidade da personalidade encarnada. Tem a forma rosácea com nove pétalas quando harmônico e saudável, tom cromático de chamas amareladas ou laranja com várias outras nuances de cores, e cada pétala tem significado por estar ligada ou retratar as vibrações cada um dos sete níveis, (sendo que o Átma, o Astral e Duplo Etérico são representados por duas pétalas cada. O búdico está representado pela pétala superior em forma de cálice contendo dentro três pétalas menores representando as três almas, Moral, Intuitiva e Consciencial). Por ser equipamento do raciocínio criativo e tecnológico, além de todo nosso embasamento filosófico. É o corpo que faz avaliações, formula teorias, relaciona símbolos e leis. O corpo mental superior trata do subjetivo, da imaginação, está mais relacionado com o eu superior ou Crístico, com a individualidade. É o corpo causal. É causa, detentor da vontade e imaginação, é normalmente o gerenciador dos programas e ações do ser. Apega-se facilmente ao mando e poder, é o nível que tem o atributo do domínio o ser vive, podendo por alguma contrariedade reagir a esse meio.

O CORPO BÚDICO

Engloba aerosomas V,VI, e VII descobertos por Charles Lancelin – França.

Composto pelas três almas – Moral, Intuitiva e Consciencial – veículos e instrumentos do espírito. Suas linhas de força formam o corpo do mesmo, matéria hiperfísica, de sutil quintessenciada. Tem como atributo principal o grande núcleo de potencialização da consciência. Lá as experiências e

acontecimentos ligados ao ser estão armazenadas e é de lá que partem do reciclar permanente as experiências mal resolvidas.

Alma moral – discernimento do bem e do mal. Tem a forma de um sol em chamas. É o veículo do espírito que impulsiona-o à obediência às leis do local onde vive.

Alma intuitiva – intuição, inspiração do gênio científico, literário e artístico. Iluminismo. Em forma de ponta de lança triangular irradiando em torno, chamas ramificadas, animada de movimento rotatório lento, antena captadora e registradora das informações que vibram no cosmo, instrumento da inspiração.

Alma consciencial – em forma de pequeno sol muito brilhante, radiações retilíneas, centro da individualidade espiritual. Consciência coordenadora e diretora da vida, elo de ligação com a Centelha Divina.

De um modo geral o corpo búdico é pouco conhecido. Longe de nossos padrões físicos e de nossos meios de expressão, não há como compará-lo. É o verdadeiro perispírito, ao final do processo evolutivo, quando os demais a ele se fundiram. É nele que se gravam as ações do espírito e é dele que partem as notas de harmonia ou de desarmonia alo impressas, ou seja, as experiências bem significadas estão ali arquivadas e são patrimônio do espírito. As experiências mal resolvidas são remetidas de volta à personalidade encarnada para novas e melhores significações. E por ser, no espírito, o grande núcleo de potenciação de sua consciência cósmica, suas impulsões terão seus feitos visíveis e somatizados no corpo físico ou no psiquismo da personalidade encarnada. Tudo o que é inferior tende ao movimento descendente e o soma passa a ser o grande fio terra do ser em evolução. Quando em trabalho de limpeza dos cordões, intensa luz multicolor jorra até os corpos inferiores. Observados pela visão psíquica (vidência) o búdico e o Átmico formam maravilhoso e indescritível conjunto de cristal e luz girando e flutuando no espaço.

O CORPO ÁTMICO

Espírito Essência ou centelha Divina – Idiogênese diretriz e formativa, princípio fundamental e coordenador. Esfera multifacetada, verdadeiro sol irisado de luzes policrômicas. Inexplicável, Indescritível, imanente, transcendente e eterno. Eu Cósmico.

Mônada ou semente pulsante da vida.

O quadro anexo mostra a configuração dos corpos espirituais.

Com os dados obtidos nos corpos citados acima, o trabalho se torna muito mais profundo e os resultados, além de mais rápidos também mais eficientes. Evidentemente que não basta apenas conhecimento das técnicas apométricas de tratamento, o grupo (médiuns e doutrinadores) deve estar muito afinado com o objetivo da sessão bem como entre si.

PERSPECTIVA DA APOMETRIA

A apometria, como avança dos recursos usados pelos espíritas nos tratamentos das enfermidades espirituais, já é uma realidade comprovada pelos resultados conseguidos até hoje. Após 35 anos de observações constantes nas aplicações de suas técnicas pode-se afirmar, com toda segurança, que ela não é apenas uma esperança, mas sim a certeza de resultados positivos em todas as oportunidades em que for empregada. Provavelmente não vá se restringir apenas aos trabalhos espíritas nas sessões de desobsessão. Certamente seu conhecimento se introduza nos consultórios médicos e psicólogos para facilitar, também aí, o diagnóstico da ciência. À medida que a ciência evolui e o espírito é “descoberto” por ela, acredito que, recursos como a apometria serão cada vez mais usados nos tratamentos das enfermidades tanto físicas quanto psicológicas. A perspectiva é a de que outros cientistas assumam seu desenvolvimento e aplicação, bem como que os espíritas de maneira geral percebam que o espírito, razão principal da doutrina, é fonte extraordinária de informações e, por isso mesmo, deve continuar sendo motivo de estudos cada vez mais profundos. O espírito, assim como o átomo, certamente há de nos surpreender; estudando os, estaremos, cada vez mais, na direção do Criador.

O presente trabalho foi realizado apoiado na experiência pessoal do autor, em reuniões mediúnicas de desobsessão e principalmente nos dados extraídos dos seguintes livros;

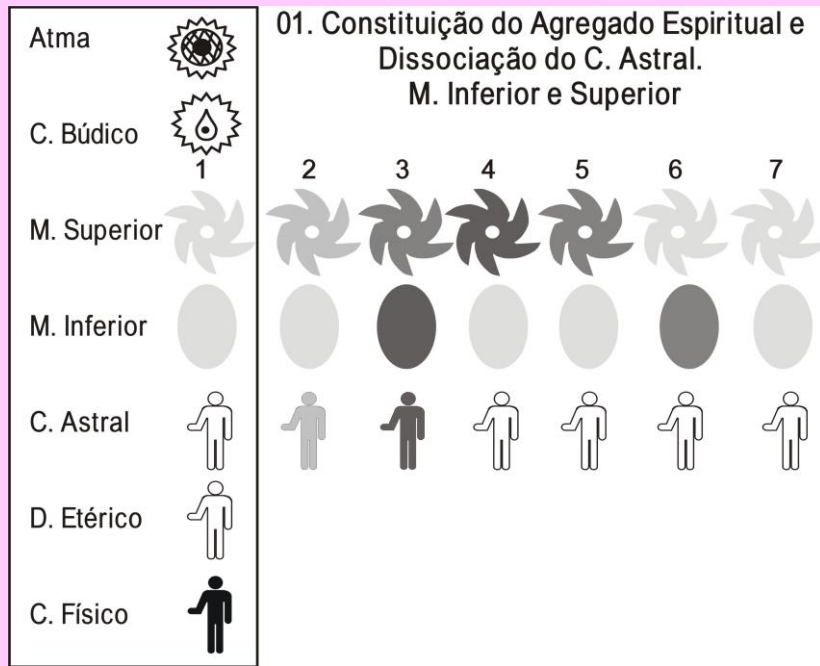
ESPÍRITO E MATÉRIA – Novos Horizontes Para a Medicina. Pallti 1991 ENERGIA E ESPÍRITO – Ambos de autoria do Dr. José Lacerda de Azevedo

EDICEL 1993

APOMETRIA – A Nova Ciência da Alma – Ed. Letra Viva 1997 OS PORTAIS DA FELICIDADE – ambos de autoria do Sr. Losé da Silva Godinho

Darmaluz 2000

APOMETRIA – Novos Horizontes da Medicina Espiritual – O Clarim 1997



12 - Seremos Todos Espíritas? Da utopia ao Sonho

Wilson Garcia

Introdução

Por um bom tempo, fiquei raciocinando se o subtítulo – da utopia ao sonho – não deveria estar invertido – do sonho à utopia. Felizmente, o tempo não se alongou muito, a ponto de inviabilizar a construção deste trabalho. A conclusão a que cheguei é que, afinal, pouco importa a ordem dos fatores, uma vez que, segundo parece, o sonho de tornar a humanidade espírita sequer poderia ser classificado como um sonho possível e não alcançaria também o nível da utopia. Poderíamos vê-lo simplesmente como desejo, plano em que a vontade de tornar o próximo detentor das mesmas crenças que nos alimentam se torna possível e, de uma certa forma, compreensível (mas não natural). Em alguns casos, o “sonho” alcança o estágio de pesadelo, é verdade, mas é quando o indivíduo já está ultrapassando o tempo da racionalidade e penetrando nos domínios do fanatismo, onde a lógica se faz difusa e a ética obedece à ótica.

Se tomarmos a utopia como a imaginou Thomas Morus, entre os diversos sentidos que daí adviriam poderíamos pensar num planeta de paz e compreensão, respeito e tolerância, onde as interações humanas se dariam no plano da ética absoluta. Apesar do reducionismo dessa colocação, diante da complexidade que preside a sociedade e as relações entre os seres humanos, complexidade que se aprofunda quando nós, espíritas, incluímos aí o mundo invisível como complemento da sociedade humana, apesar desse reducionismo, dizemos, poderíamos ter em vista um mundo em que toda a sociedade tenha conseguido solucionar não apenas seus problemas hoje considerados básicos – educação, habitação, saúde, segurança, etc. – mas também aqueles advindos das profundas diferenças entre os indivíduos, nos planos intelectual e moral, e entre as sociedades. Entraríamos, por exemplo, no nível idealizado por Kardec, do predomínio intelecto-moral? Digamos, a princípio, que até poderíamos considerar que sim. Mas, surge a pergunta: seria de fato isso o que se pretende, quando se empregam esforços, quando uma certa parcela de adeptos do Espiritismo direciona ações para ver implantada a sua vontade de tornar espíritas a todos os homens? Parece-nos ser, este, um bom motivo para estudos, análise e debates.

As discussões em torno da ideia retroalimentada (indivíduo-centro espírita federativas-indivíduo) de uma conquista geral de mentes e corações para o Espiritismo contemplam uma gama considerável de sentidos que podem ser explorados em seus conteúdos diversos. Embora não tenha

sido objeto de uma pesquisa consistente – e o mereceria – a questão alcança não apenas o campo da comunicação, em que uma insistente parcela de adeptos tenta marcar presença em considerações teórico-críticas e mesmo uma ação pela busca de meios de comunicação de massa, mas atinge também o meio privilegiado da prática espírita – o centro – fazendo com que muitos dos esforços que ali realizam sejam canalizados para o convencimento do adepto à ação.

Vale, portanto, questionar as causas e as possíveis consequências desse esforço, deixando um pouco de lado a ideia reducionista do proselitismo e procurando apreciar a questão em seus termos utópicos e no que ela pode conter de influência recebida, pelos indivíduos, em sua vivência em uma sociedade globalizada. Até que ponto o sonho de uma mundialização massiva do Espiritismo responde a um incentivo presente na própria realidade dos meios de comunicação, que exploram a competição e a tornam até certo ponto uma moda a ser seguida? Quanto existe de intenção de supremacia e dominação na vocação dos adeptos de tornar a sua doutrina hegemônica? Até que ponto o estímulo dado nos centros espíritas reflete a influência do meio social e se torna outra influência a reforçar o sentido competitivo explorado pela mídia através de mensagens persuasivas muitas vezes irresistíveis?

Nosso tema tenta responder de alguma maneira a essas questões, tomando por base alguns estudos atuais no campo da sociologia da comunicação, procurando interpretar a ideia de um conhecimento libertador dentro de uma sociedade contraditória, incentivadora da potencialidade individual e ao mesmo tempo limitadora dessas potencialidades. Buscamos, também, refletir sobre o espaço espírita do centro, onde as mensagens transitam dentro de um modelo comunicativo que considera a emissão, sem quase sempre analisar o próprio emissor no contexto em que está inserido, e o receptor, em suas possibilidades de criar e recriar em cima das próprias mensagens.

A GÊNESE DO MITO E AS INFLUÊNCIAS DAS MENSAGENS

As atitudes voltadas ao convencimento do outro para as nossas ideias e crenças são comuns e, talvez, rotineiras na sociedade. Se há alguma coisa que poderíamos qualificar como natural parece ser essa. As crenças políticas, econômicas, ideológicas, religiosas, etc., que perpassam os seres humanos em seus mais variados contextos assumem na hierarquia dos valores internos uma posição destacada, pois compõem aquilo ser denominado cultura da segurança. Munido desses valores, o indivíduo se sente em condições de um agir em sociedade suficientemente satisfatório, sustentando-se na convicção de que um mínimo necessário para sua sobrevivência psíquica, para conquistar outros espaços e concretizar novas realizações. Daí, portanto, sobrevir-lhe o desejo de convencer o outro para suas crenças e ideias. Conquistar aliados reforça a crença, dá-lhe ainda mais substâncias, confere validade o esforço de ampliação dos próprios domínios.

Ao mesmo tempo, porém, que este mundo internalizado de valores confere segurança e sustenta o indivíduo em sua vida de relação, esconde os perigos existentes nas próprias condições de sobrevivência psíquica oferecida pela sociedade. “Nada é estável – afirma Thompson –, nada é fixo, e

não há entidade separada da qual estas imagens são o reflexo: na idade de saturação da mídia, as múltiplas e mutáveis imagens são o self”.

O mundo das imagens oscilantes, marca registrada dos tempos atuais, é também o dos mitos construídos e das ideologias veiculadas através de mensagens persuasivas. Mitos e ideologias se misturam identificados e muitas vezes concorrem para o mesmo fim. O sonho se um Espiritismo universal está representado pelo “mito da humanidade espírita” construído pelo adepto cujos valores se firmaram internamente.

Sem a pretensão de analisar criticamente a própria natureza do mito, entendemos que ele parte do plano individual para o coletivo ou social e se transforma no mito de uma comunidade, carregando consigo a mensagem com a qual a coletividade se comunica. O mito da humanidade espírita, assim, é uma maneira como a comunidade se expressa em determinados momentos, para dizer que acredita naquilo que difunde, mas o faz de forma enfática, implícita: “o mundo ficará melhor”, se os indivíduos se tornarem espíritas: “a felicidade estará mais próxima” com as práticas espíritas disseminadas pelos quatro cantos do planeta. Implica acreditar que o Espiritismo é a própria condição (única?) para um mundo mais justo e fraterno. Mas implica também entender que ele é melhor que as outras doutrinas e nesse ponto torna-se inevitável uma comparação, uma vez que “se melhor” é estar à frente de possuir mais condições que, o que, os outros em certa medida remete ao conteúdo da doutrina, mas, também, à forma como esta se expressa através das práticas. O mito, portanto, tende a fortalecer a crença e ao mesmo tempo em que fortalece a crença confere um poder maior à comunidade: quando difunde o mito o indivíduo sobrevive e se realiza; se o mito persuade o outro, de certa maneira a comunidade cresce quantitativa e, em princípio, qualitativamente. A difusão do mito é, então, por todos os meios vantajosa.

Mas o mundo pós-moderno das imagens oscilantes tem as suas ciladas. Sua ambiguidade esconde o lado, muitas vezes perverso, da padronização de ideias, em que indivíduos e comunidades confusos nem sempre discernem a gênese dos conteúdos que defendem. Aqui, há muito a se analisar. É da característica da sociedade contemporânea explorar a ideia de que a competição pertence à natureza do homem e contém mais aspectos positivos que negativos. O estímulo à competição aparece subjacente em mensagens que circula nas diferentes mídias, e nem sempre surge dissimulado. Somos todos persuadidos de que competir faz parte do cotidiano e essa competição está presente na moda, nos esportes, na literatura e até mesmo nos lares, como se fizesse parte do ser e como se o ser só pudesse se realizar através das vitórias que tornam visível para a sociedade a sua identidade. Também por isso, essa identidade se faz mutante e instável. Em contexto dessa ordem, o mito da superioridade alcança o adepto das diversas doutrinas como estímulo à competição umas com as outras, competição que recebe ainda outros estímulos através do conteúdo das próprias doutrinas. Parece claro que o Espiritismo não foge a esta regra, embora seja preciso reconhecer que estes conteúdos estimulantes nem sempre tenham sido construídos para funcionar como elementos direcionadores de uma competição real.

É de se perguntar, por exemplo, se quando Emmanuel (Espírito) afirma que a melhor contribuição que se pode dar ao Espiritismo é a sua própria divulgação não estaria, em certa medida oferecendo um estímulo que resulta em reforço à competição em determinado nível? E se isso não se repete quando os próprios Espíritos responsáveis pelas obras ditas básicas colocam o Espiritismo como o ápice até aqui de um processo evolutivo das doutrinas judaico-cristãs? Não se está de modo algum afirmando que haja uma intenção de estímulo competitivo nestas mensagens, mas consideramos justos questionar se a partir delas não estão sendo construídos sentidos competitivos, nas diversas interpretações feitas em especial por lideranças reconhecidas pela própria comunidade espírita, nos seus níveis nacionais ou locais (considerando-se muito fortemente o local privilegiado das práticas – o centro espírita).

Caberia questionar se o indivíduo espírita estaria em condições de sobrepor-se ao meio através de um esforço que refutasse o sentido da competição, antepondo-se assim as pressões que sofre ele as mensagens exercem. A resposta seria sim e não. Ou seja, negar simplesmente essa possibilidade seria conferir os plenos poderes ao social e nenhum àquele que o integra como agente das práticas sociais. A questão, contudo, é saber até que ponto ele o consegue. Entra aí uma consideração relativa ao processo de inclusão/exclusão do indivíduo, além de um reconhecimento de que as regras que integram os códigos sociais de uma comunidade – caso específico também da comunidade espírita – implicam em sua observância. Na medida em que o mito da humanidade espírita alcança um certo consenso, embora parcial, na comunidade em que ele é difundido vira regra. Se os indivíduos aceitam a regra, são inclusos e se veem dessa maneira. A recusa da regra implica na sua exclusão explícita ou implícita. O processo de inclusão também considera a capacidade do indivíduo de possuir um repertório de termos próprios da doutrina para se tornar capaz de interagir no meio. A não aceitação de uma regra torna esse processo problemático e pode até inviabilizá-lo.

A COMPETIÇÃO PERMEANDO A CRENÇA

No âmbito das religiões, onde o Espiritismo está colocado segundo um certo consenso parcial, as competições encontram amplo espaço para proliferação. Em algumas delas, que consideram esta competição necessária, objetivamente estabelecida e a classificam até mesmo como uma guerra entre o sagrado e o profano, portanto, entre as trevas e a luz, o adepto recebe como uma obrigação (“agradável a Deus”) a incumbência de derrotar o outro através de duas medidas igualmente drásticas: (1) persuadi-lo do “erro” em que se encontram – meta primeira, que se completa com a capitulação do outro – ou então (2) deixá-lo ciente de ter “conhecido” a “palavra de Deus”, o que significa, em última instância, o próprio sinal de sua condenação futura. A ordem para essa ação está objetivamente explicitada em algumas religiões, enquanto em outras aparece implícita nos conteúdos, assim como a

eleição dos “adversários”, que são definidos com clareza quase sempre, embora se modifiquem conforme os contextos e as realidades de cada época. No nível da religião, o sonho de converter toda a humanidade nem sempre se traduziu por ações subjetivas. No ocidente, o catolicismo contém a ideia do universal e sua mais direta concorrente no Brasil dos tempos atuais tem sido a Igreja Universal do Reino de Deus. Assim, não é por acaso que a expressão “universal” concentra em si um forte estímulo aos adeptos para a competição.

A visão de mundo que cada uma dessas crenças possui e produz reforça uma certa identidade entre elas. A pergunta a responder seria se o Espiritismo resultante das práticas e dos sentidos construídos a partir da recriação da doutrina não pode ser aí também incluído? Qual é o mundo, portanto, que surgirá se o sonho de uma humanidade espírita se concretizar? Quais seriam suas características, estrutura, funcionamento? Que tipo de sociedade adviria daí? O mundo plácido, ingênuo, idealizado para o futuro pelas Testemunhas de Jeová prevê uma contemplação passiva e eterna da natureza e o bom senso nos diz que esse mundo é de improvável construção. Nele, animais e homens conviveriam em uma tal ordem de harmonia que a marca daquilo que os distinguiria seria a perfeita obediência que os animais voltariam ao homem. O mito da humanidade espírita, nos seus termos objetivos, parece girar em torno das mesmas características, o que o tornaria pouco atrativo e improvável tanto quanto.

A análise do mito reserva um espaço para a problematização das profundas diferenças que marcam os indivíduos e singularizam as interações humanas. Conquanto essas diferenças sejam contempladas teoricamente no corpo da doutrina espírita, elas tendem a desaparecer em presença do mito ou até por força da construção do mito, que em si mesmo constitui uma maneira de empobrecer a teoria da evolução, não apenas porque é reducionista, mas por esconder as diferenças. Uma ética da convivência considerada a diversidade de caracteres individuais, nos níveis moral e intelectual, diversidade essa que desaparece com o mito da humanidade espírita, menos por ter sido resolvida e mais pela presença de um certo romantismo. Destaque-se ainda o conteúdo etnocêntrico do mito: tornar a humanidade espírita implica desde já uma desconsideração para com os valores culturais de cada povo e de cada sociedade. Este é um aspecto que merece aprofundamento.

Conclusão

A comunidade espírita não pode ser entendida senão como uma parcela da sociedade geral. Dessa forma, o sonho mítico que entende e (pre)tende um agir no sentido de conquista para sua crença e suas ideias a humanidade é estimulado por elementos presentes no cotidiano social e os conteúdos doutrinários. É justo concluir que o sonho contempla um forte anseio de poder, seja ou não para exercer qualquer tipo de dominação, uma vez que uma suposta conquista da humanidade conferiria uma condição total para o estabelecimento de rumos segundo a ideologia específica. Fora isso viável, restaria resolver uma outra questão: como se desenvolveriam no interior dessa nova sociedade, entre

outras, as interações humanas, considerando que a simples percepção dos conteúdos espíritas, como tem sido exemplo as relações no interior da própria comunidade espírita, não é suficiente para garantir a paz e a harmonia, um dos maiores anseios contidos no sonho. Em suma, não podendo oferecer esse sustentação também, derruba a crença de que os princípios são melhores e de que o mundo ficará melhor se todos forem espíritas. Essa constatação não deve ser vista como esforço de reduzir o grau de qualidade do conteúdo doutrinário, mas como uma evidência de que, a despeito do valor reconhecido deste conteúdo, os indivíduos, como tais ou coletivamente em contextos sociais, não são suficientemente hábeis e competentes para torná-los em código eficiente de regulação das interações.

Bibliografia

BARTHES, Roland, Mitologias, 11ª, Ed. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2001.

CARONTINI, E. & PERAYA, D. O projeto semiótico, Ed. Cultrix, São Paulo, 1979.

KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos, 2ª Ed. EME, Capivari, 1997.

MARTELLI, Stefano. A religião no sociedade pós-moderna, E. Paulinas, São Paulo, 1995.

THOMPSON, John B. A mídia e a modernidade, 2ª, Ed. Vozes, Petrópolis, 1999.

THOMPSON, John B. Ideologia e cultura moderna, 5ª, Ede. Vozes, Petrópolis, 2000.

*Jornalista, escritor e publicitário, com pós-graduação em Jornalismo e Comunicação.

Mestrando da Faculdade Cásper Líbero em Comunicação e Mercado.

13 - Sobre o ICKS - Instituto Cultural Kardecista de Santos

Livros e outros aspectos práticos para os leitores

Nosso e-mail ickardecista1@terra.com.br,

Telefone de contato (13) 32842918.

Endereço: Rua Evaristo da Veiga 211/213 – Santos –SP.

O ICKS foi fundado em 3 de outubro de 1999, por Jaci Regis, é uma instituição cultural criada para divulgar a Doutrina Kardecista. A Doutrina Kardecista é a designação de um segmento que encara o legado do Espiritismo, como um processo dinâmico de compreensão dos problemas humanos, sem conotações místico-religiosas.

O pensamento não se cristaliza, se expande, mas permanece ligado ao autor inicial. Por isso, o pensamento de Allan Kardec, seja atualizado, mantido ou refletido estará sempre na base da Doutrina Kardecista. Pretendemos, com modificações e inovações, manter vivo, contemporâneo e atualizado o pensamento de Allan Kardec.

O ICKS publica mensalmente o jornal digital ABERTURA e edita livros. O ICKS é associado à CEPA – Associação Espírita Internacional. Também disponibilizamos livros em pdf de forma gratuita.

Livraria virtual do ICKS

Temos diversos livros impressos à disposição de nossos leitores, como pode ser visto aqui, entrem em contato pelo e-mail: -ickardecista1@terra.com.br .

Livros do ICKS a venda pela nossa Livraria virtual

Novo Pensar – Deus Homem e Mundo	Jaci Régis
Uma Nova Visão Do Homem e do Mundo	Jaci Régis
Comportamento Espírita – português	Jaci Régis
Comportamiento Espírita – espanhol	Jaci Régis
A delicada Questão do Sexo e do Amor	Jaci Régis
Caminhos da Liberdade	Jaci Régis
A Mulher na Dimensão Espírita	Jaci Régis e outros.
Romance – Muralhas do Passado	Jaci Régis
Caderno – Doutrina Kardecista Modelo Conceitual	Jaci Régis
Caderno Cultural -Reencarnação	ICKS
CDs e Anais dos Simpósios -SBPEs	ICKS
Kadu e o Espírito Imortal (juvenil)	Cláudia Régis
Desafios do Kadu (coquetel)	Cláudia Régis

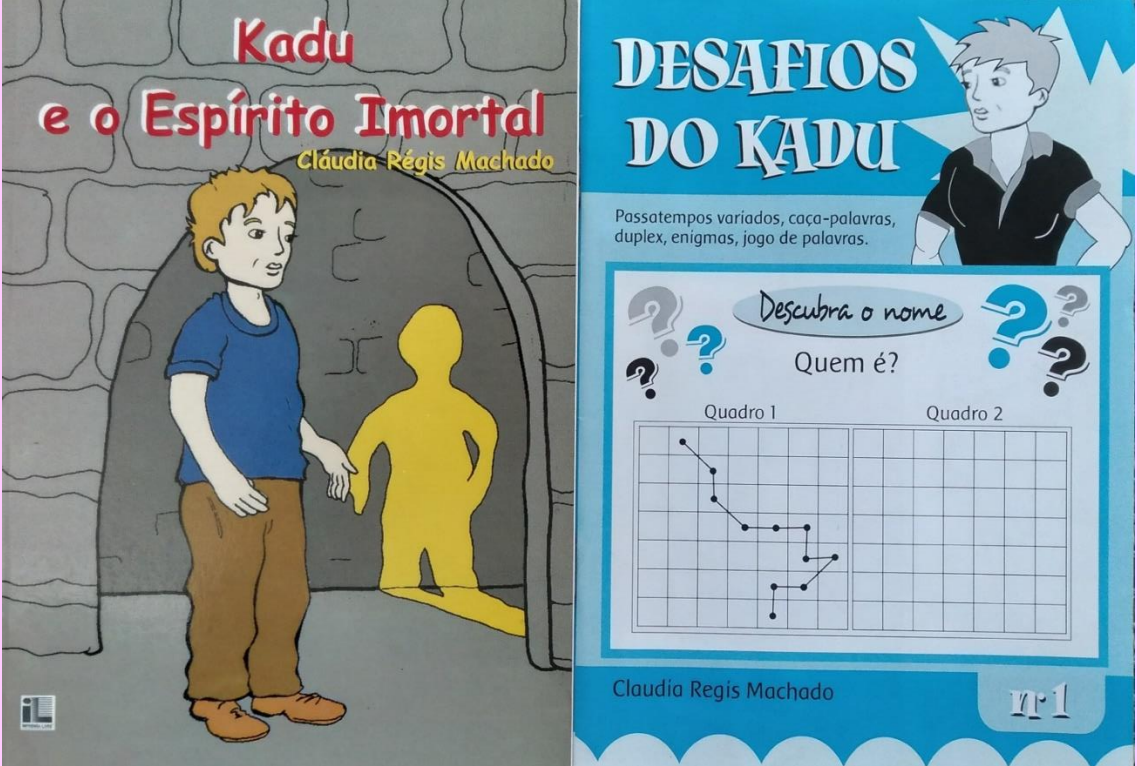
Se houver interesse em algum de nossos livros basta enviar um e-mail ao ickardecista1@terra.com.br – para entregas no Brasil não cobramos o frete. Pagamento por PIX.

Livros de Jaci Régis

Jaci Régis – Economista, Jornalista e Psicólogo, fundador e Presidente do ICKS – Instituto Cultural Kardecista de Santos até 2010 e do Jornal Abertura, desencarnado em dezembro de 2010. Autor de vários livros listados anteriormente. Foi Presidente do Centro Espírita Allan Kardec e da Comunidade Assistencial Espírita Lar Veneranda ambas as casas espíritas de Santos.




Livros de Cláudia Régis Machado



Blog do ICKS



<https://icksantos.blogspot.com/>



Temos livros produzidos pela ICKS - pesquise aqui!

quinta-feira, 10 de agosto de 2022

o Tempo por Alexandre Cardia Machado

O Tempo

Palavra simples, tempo, algo difícil de explicar que, no entanto se torna fácil de perceber quando sentimos a falta de tempo.

O que a física moderna nos diz sobre o tempo é que o mesmo só existe à partir do big bang, ou simplificando, o tempo só existe depois que o universo foi criado a concepção criacionista, como a espírita, ou numa perspectiva materialista prefere dizer à partir do caos inicial oriado pela expansão da matéria.

Para nós, simples espíritos imortais o tempo é um bem importantíssimo, o nosso próprio tempo. A humanidade criou convenções para medir a passagem do tempo, segundos, minutos, horas e assim por diante, o fez a partir de observações, físicas, como o dia, a noite, a mudança das estações.

Desde que nascemos e quem sabe, mesmo antes disso, já trazemos esta noção, de que ora estamos encarnados, ora estamos na ematicidade, podemos dizer que passamos um tempo aqui e outro lá.

Logo se quisermos evoluir como espíritos, adquirindo mais conhecimento e aprofundando nosso senso moral, precisaremos administrar o tempo, o nosso tempo. Não adianta reclamar da falta dele, temos que otimizar a utilização dele, pois de outra forma, não conseguiremos completar nossos projetos.

Nossas encarnações passam por fases, infância, juventude, período produtivo, normalmente na idade adulta e posteriormente um tempo com menos responsabilidades produtivas, mas que podem ser muito bem utilizadas para doar tempo para o lazer, para o bem comum, para o aperfeiçoamento do espírito e também à beneficência. A chamada terceira idade se destina a isto.


Nos tempos passados, enquanto ainda não havíamos atingido o período da histórica chamada de civilização, os mais velhos, se destinavam a atividades de ensino. Contando os contos de tradições, cuidando dos mais jovens, enquanto guerreiros e caçadores coletores saíam para obter comida. Hoje vivemos num mundo totalmente diferente, existem milhares de opções para a terceira idade, existe um mercado específico para estas pessoas.

Agora, independente da fase de vida que estejamos, ainda temos tempo e nos cabe tentar usá-lo a nosso favor. Nossos projetos vão mudando a cada fase de nossa vida, a cada momento desta trajetória. De tal forma que precisamos também a cada período nos replanejarmos, adaptarmos para conseguirmos completar nossos desejos.

Encarnamos para sermos felizes e o que nos faz feliz? Fazemos uma lista daquilo que pensamos que nos deixa feliz e tratamos de trabalhar nisso.


Uma das coisas que me fazem feliz é o estudo da Doutrina Espírita, no Livro dos Espíritos, na sua Introdução assim Kardec nos escreveu, como uma espécie de alerta? "Portanto não nos enganemos: o estudo de Espiritismo é intenso, toca em todas as questões da metafísica e da ordem social, e é todo um mundo que se abre diante de nós. Deve-se espantar que é preciso de tempo, e muito tempo, para adquiri-lo?". Bem sabendo disso, não deixemos para depois.

Abertura online



[Acessar a Abertura clicando na foto do jornal](#)

Livros editados pelo ICKS



[Lista do ICKS](#)

Esquecer este blog

[Neste blog você encontra mais de 550 artigos de diversos articulistas do jornal Abertura e muitos trabalhos apresentados nos SBPEs – Simpósios Brasileiros do Pensamento Espírita.](#)

Jornal Abertura

Jornal fundado em abril de 1987, produzido pelo ICKS.



Atualmente o Jornal Abertura só existe na forma digital. Para acessar as edições online, no site da CEPA – Associação Espírita Internacional



Aberturas 2024:

<https://cepainternacional.org/site/pt/cepa-downloads/category/42-jornal-abertura-2024>

Aberturas 2023:

<https://www.cepainternacional.org/site/pt/cepa-downloads/category/31-jornal-abertura-2023>

Aberturas 2022:

<https://cepainternacional.org/site/pt/component/phocadownload/category/22-jornal-abertura-2022>

Aberturas 2021:

<https://www.cepainternacional.org/site/pt/cepa-downloads/category/20-jornal-abertura-2021>

Aberturas 2020:

<https://www.cepainternacional.org/site/pt/cepa-downloads/category/26-jornal-abertura-2020>

Aberturas 2019:

<https://www.cepainternacional.org/site/pt/cepa-downloads/category/28-jornal-abertura-2019>

Aberturas 2018:

<https://cepainternacional.org/site/pt/cepa-downloads/category/37-jornal-abertura-2018>

Série Literária - Abrindo a Mente

Ebook 1 - Uma Breve história do Espírito de Alexandre Cardia

Machado



Baixe aqui:

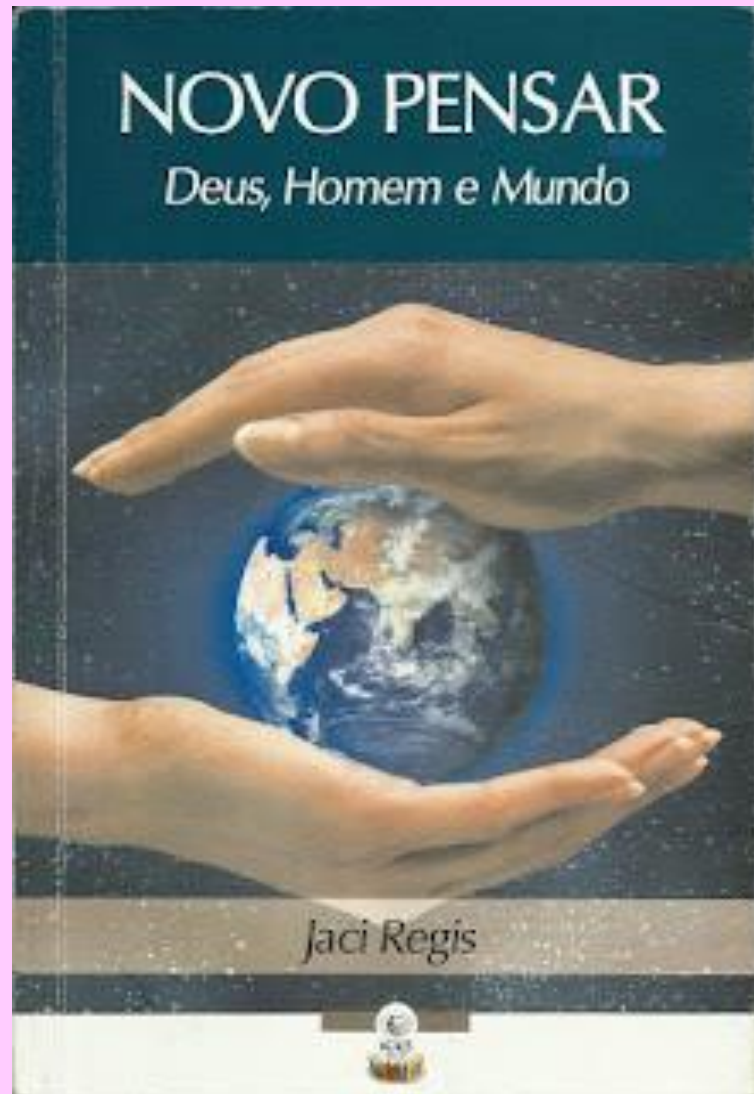
<https://www.cepainternacional.org/site/pt/cepa-downloads/category/27-icks-colecao-abrindo-a-mente?download=200:uma-breve-história-do-espírito-alexandre-cardia-machado>

Versão em espanhol:

<https://cepainternacional.org/site/es/component/phocadownload/category/27-icks-colecao-abrindo-a-mente?download=246:una-breve-história-del-espíritu-alexandre-cardia-machado>

Ebook 2 – Novo Pensar Sobre Deus, Homem e o Mundo de Jaci

Régis



Baixe aqui:

<https://www.cepainternacional.org/site/pt/cepa-downloads/category/27-icks-colecao-abrindo-a-mente?download=223:novo-pensar-deus-homem-e-mundo>

Ebook 3 – Amor, Casamento & Família de Jaci Régis



Baixe aqui:

<https://cepainternacional.org/site/pt/cepa-downloads/category/27-icks-colecao-abrindo-a-mente?download=245:amor-casamento-e-familia>

Ebook 4 – Emissões Energéticas na Prática Espírita – Uma Contribuição do SBPE



Baixe aqui:

<https://cepainternacional.org/site/pt/icks-colecao-abrindo-a-mente#mycontent>

Outras publicações online do ICKS

Doutrina Kardecista - Modelo Conceitual (reescrevendo o modelo espírita) de Jaci Régis.



Baixe aqui edição em português:

<https://cepainternacional.org/site/pt/cepa-downloads/category/32-icks-modelo-conceitual-jaci-regis?download=225:icks-modelo-conceitual>

Baixe aqui edição em espanhol:

<https://cepainternacional.org/site/es/publicaciones??download=226:icks-modelo-conceptual>

Caderno Cultural - Número 5

Análise da evolução do conceito de Reencarnação ao longo das obras de Allan Kardec do Grupo de Estudos do ICKS

Trabalho apresentado pelo ICKS no XXI Congresso Espírita Pan-Americano de CEPA em Santos -SP em 2012.



Baixe aqui:

<https://cepainternacional.org/site/pt/cepa-downloads/category/36-icks-caderno-cultural-reencarnacao-analise-da-evolucao-do-conceito?download=240:icks-caderno-cultural-reencarnacao-analise-da-evolucao-do-conceito-pdf>

O Poder e o Movimento Espírita

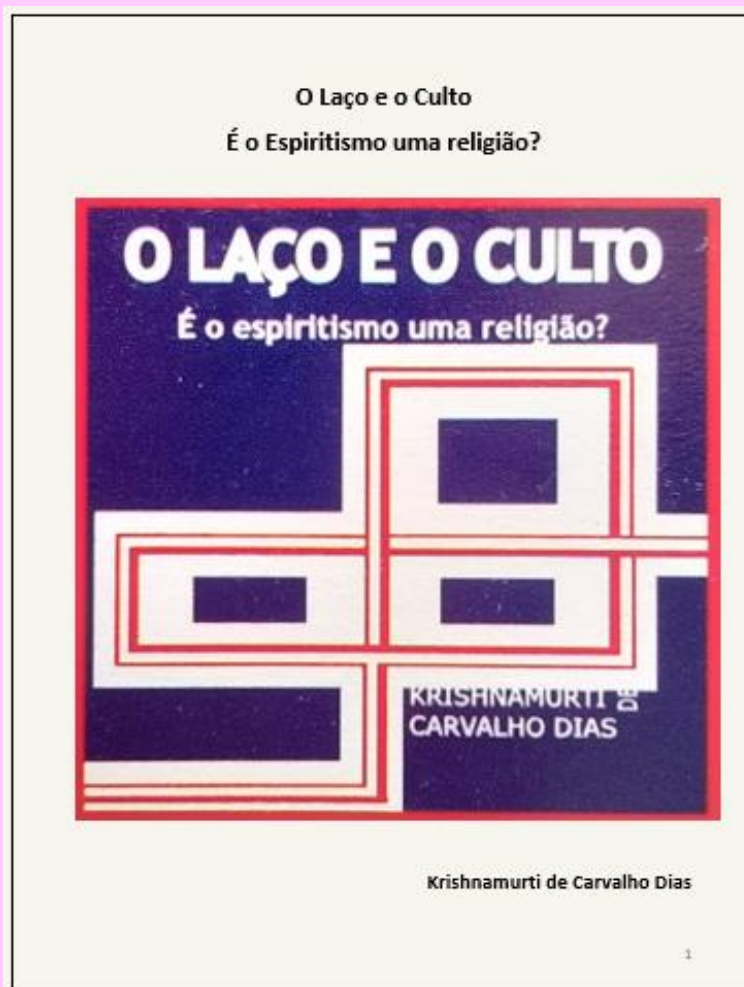
Autores: Jaci Régis e José Rodrigues



Baixe aqui:

<https://cepainternacional.org/site/pt/mais-livros/o-poder-e-o-movimento-esp%C3%ADrita-detail>

**Ebook 5 - O Laço e o Culto – É o espiritismo uma religião?
De Krishnamurti de Carvalho Dias**



Baixe aqui:

<https://cepainternacional.org/site/pt/cepa-downloads/category/27-icks-colecao-abrindo-amente?download=301:o-laco-e-o-culto-krishnamurti-de-carvalho-dias>